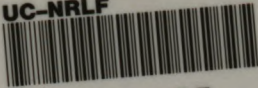


UC-NRLF



QB 544 407







Alberto Ferreira

BOM SENSO
E
BOM GOSTO

QUESTÃO COIMBRÃ

Vol. IV (1866)

Colecção Portugália

14/3/1968
cut
DP
504
CL
VI 31
Ande





VOLUMES PUBLICADOS

Série «Movimentos Ideológicos»

1. *A Crise da Consciência Pequeno-Burguesa* (I—O nacionalismo literário da geração de 90)
por Augusto da Costa Dias
2.^a edição.
2. *Temas Oitocentistas — II*
(Para a história de Portugal no século passado)
por Joel Serrão
3. *Notas para a História do Socialismo em Portugal — I*
(1871-1910)
por César Nogueira
4. *Notas para a História do Socialismo em Portugal — II*
(1895-1925)
por César Nogueira
5. *Notas acerca da Geração de 70*
por Flausino Torres

Série «Filosofia e Religião»

1. *As Polémicas de Camilo — I*
Recolha, prefácio e notas de Alexandre Cabral.

Série «Política»

1. *Obra Política de José Estêvão — I (Escritos, debates parlamentares e outros discursos)*
Estudo introdutório, selecção e notas de José Tengarrinha.
2. *Obra Política de José Estêvão — II (Discursos parlamentares)*
Prefácio, recolha e notas de José Tengarrinha.
3. *Discursos sobre a Liberdade de Imprensa / 1821*
por Augusto da Costa Dias

Capa de JOAO DA CAMARA LEME



Literatura

8

Séries

- 1 — História
- 2 — Economia e Técnica
- 3 — Política
- 4 — Direito
- 5 — Ciências Sociológicas e Psicológicas
- 6 — Movimentos Ideológicos
- 7 — Ensino e Meios de Cultura
- 8 — Ciência e Pensamento Científico
- 9 — Filosofia e Religião
- 10 — Literatura
- 11 — Arte
- 12 — Biografias

ALBERTO FERREIRA

BOM SENSO

E

BOM GOSTO

Questão Coimbrã

Textos integrais da polémica

Recolha, notas, índices e bibliografia

por

MARIA JOSÉ MARINHO

VOL. IV (1866)



Portugália Editora | Lisboa

DP504
C6
v31

Do Autor:

Condições Sociais do Pensamento Moderno — Revista «Vértice», 1954.

Diálogos com a Realidade — Separata da Revista «Vértice», 1959.

Ensaio: Da Filosofia para a História — Textos «Vértice», 1962.

Problemas da Filosofia — Revista «Vértice», 1964.

Diário de Édipo — Portugalía, 2.ª edição, 1965.

Ensaio na Primeira Pessoa — Revista «Vértice», 1966-67.

A Questão Coimbrã — Separata de «O Tempo e o Modo», 1966.

«Perspectiva do Romantismo (1834-1865)», in *Bom Senso e Bom Gosto, Questão Coimbrã*, vol. I (1865), de colaboração com Maria José Marinho — Portugalía, 1967.

A Guerra do Vietname: depoimento — Editorial Estampa, 1968.

«A Primavera da Geração de 70 (1860-1865)», in *Bom Senso e Bom Gosto, Questão Coimbrã*, vol. II (1866), de colaboração com Maria José Marinho — Portugalía, 1968.

«Cem Anos Depois (1865-1869)», in *Bom Senso e Bom Gosto, Questão Coimbrã*, vol. III (1866), de colaboração com Maria José Marinho — Portugalía, 1969.

Índice

Peças Fundamentais da Polémica) (De Março a Junho de 1866)

- 5 XXXIX *Delenda Tibur*
 Luciano Cordeiro
- 15 XL *Horácios e Curiáceos*
 A. M. da Cunha Belém
- 31 XLI *Literatura Liliputiana*
 Urbano Loureiro
- 77 XLII *A Imprensa na gaiola*
 Pedro Dinis?
- 97 XLIII *A Águia no Ovo e nos Astros — 1.ª parte*
 Um Lisboaeta Convertido
- 145 XLIV *A Águia no Ovo e nos Astros — 2.ª parte*
 Um Lisboaeta Convertido
- 183 Textos Adicionais da Polémica
- 245 Bibliografia e Cronologia da Polémica — Comentário crítico

Índice das gravuras

- 48 Frontispício do opúsculo *Folhetim da Voz Académica*
- 96 Luciano Cordeiro
- 144 Frontispício do opúsculo *Horácios e Curiácios ou Mais Um Ponto e Vírgula na Actual Questão Litteraria*
- 192 José Feliciano de Castilho
- 240 Frontispício do opúsculo *A Águia no Ovo e nos Astros, sive A Eschola Coimbrã na Sua Aurora e em Seo Zenith*

***POLÉMICA
BOM SENSO
E BOM GOSTO***

Questão Coimbra

I

PEÇAS FUNDAMENTAIS
DA POLÊMICA

De Março a Junho
de 1866

39.ª PEÇA DA POLÊMICA

DELENDIA TIBUR [1] | Luciano Cordeiro

[1] Tipografia da Rua da Vinha, 53, Coimbra.

Folhetim publicado na *Voz Académica* de Coimbra, a 26 de Março de 1866, e depois publicado em folheto. É atribuído a Luciano Cordeiro. Hostil a Castilho, defende a posição de Antero e Teófilo, denuncia os «vultos burguêsmente ordeiros e de clássica sisudez» reunidos em Tibur, perifrasedo com que se designava, no fundo, o vasto e complexo agrupamento de filiação regeneradora, apostado em manter o país ermado, imune ao grande movimento de ideias que então explodia pela Europa. O texto é curto mas significativo. Tem como subtítulo: *Primeira aos homens da cigarra e do ermo. Dedicada a todos os Ramalhudos Ortigões e à escola do á-bê-cê repentino.*

I

VIVIAM aí na santa graça dos inscientes e boçais, e com grave ofensa da *boa crítica*, do *bom senso* e do *bom gosto*, uns fazedores de poemas, de linhas rimadas e não rimadas, uns fabricantes de obras *originais*-traduzidas, vultos burguêsmente ordeiros e de clássica sisudez, que agrupados à sombra das espantosas vanidades de um outro de maiores proporções do que eles, envolvidos nas nuvens de incenso de seus próprios turíbulos, se acreditavam piamente senhores de parques terrenos da literatura pátria.

Indivíduo que ali quisesse ir plantar as suas florinhas mais queridas não ousaria fazê-lo sem que lhes pagasse — a eles, os monopolistas do palco e do prelo — os foros e arras da bajulação servil e lhes aceitasse o espargimento mortífero do elogio parvo e interesseiro.

Conheciam os pobres homens — por tradição pelo menos — aquele famoso epigrama de Scribe:

Nous sommes une douzaine d'amis intimes, qui nous portons, qui nous soutenons, qui nous admirons, une société par admiration mutuelle.

Tomaram-no a sério, e traduzido — que bons tradutores são eles — adoptaram-no para divisa.

Já naquela famosa *Revista Contemporânea*, monstruoso e ridículo panteão de quantos nomes vinham inscritos no frontispício, dizia o celebérrimo Sr. Andrade Ferreira:

«Esta crítica é a crítica de camarilha, a crítica de predilecção, a quase geral entre os nossos escritores, crítica que se restringe a um círculo acanhado e comezinho, e que forma um mundo seu e especial dos elementos da sua estima, das ligações da sua intimidade, das tendências da sua simpatia, e que não vê nem sonha nada de notável, nem sequer de esperança além dos horizontes desse mundo criado pelos hábitos da conveniência ou pelos laços de amizade, que não escuta, que não distingue sequer um eco simpático ou uma nota harmoniosa fora dessa orquestra de amigos e predilectos que executam alternadamente a música uns dos outros e se aplaudem reciprocamente dentro das eminências que ergue a sua imaginação, as quais os têm como circunscritos a uma existência convencional, dentro de cujos limites supõem subsistir, resplandecente de glória, o universo inteiro. (...) Nos climas temperados do louvor banal o talento não passa de uma espécie de sensitiva que um sopro mais forte dobra e cresta.»

Foi o homem dos saraus literários que falou.

Foi o sacristão boçal que traiu os mistérios que iam no templo.

Aí têm bem *desfraldada* a bandeira do grupo *homérico* dos *Patos*, dos *Chagas*, dos *Froes*, dos *Roussados* e quejandos.

Algumas semanas atrás grande balbúrdia profanou o *ermo*¹, e afugentou a *cigarra* que anda agora, coitadinha, exposta por aí às vaias e risos das turbas, que é mesmo uma dor de alma ouvi-la chorar-se.

Trouxera o correio de Coimbra grande número de exemplares de uma carta ao Sr. Conselheiro António Feliciano de Castilho, em que o seu autor, um *fedelho*, um *heresiarca*, um *rapazelho*², um pobre diabo de um homem que se chama simplesmente Antero de Quental, e que tem o enorme defeito, não de ser *belo* e jovem como o Sr. Ortigão³, mas que possui uma robusta inteligência, e uma independência honrosa e honrada, ousava revoltar-se contra as sagradas bulas do vaticano das janelas verdes, e reduzir «a tão diminutas proporções que era como se a nada os reduzíssemos» os diplomas conferidos pelos homens dos Brasis, com o *mano* — conselheiro também — à sua frente.

Lemos, como toda a gente, a carta sacrílega e confessamos que nos incomodaram as gargalhadas sinistras, o assobiar medonho da tempestade que começou de revoltar no deserto⁴ e se repercutia cá fora em impropérios e grosserias de ignorantes e medíocres e iludidos.

¹ Quintalejo do Sr. Castilho, onde viceja a *olaia*, e descanta a *cigarra* de Anacreonte. Vid. todas as obras em prosa ou em verso — em verso e prosa — do ilustre metrificador.

² Delicados epítetos das bulas da excomunhão do papa de Tibur.

³ Espantosa descoberta dum espantoso crítico chamado Ricardo de Guimarães.

⁴ Por *ermo*. Variante do Sr. Castilho. Vid. todas as suas cartas de parabéns, que muito se assemelham a cartas de convite para funerais.

Iludidos, sim, porque, é mister dizê-lo, nessa cousa a que chamam a escola de Castilho, e què é a entronização do elogio parvo e da verrina injusta, que é a substituição ridiculamente monstruosa da boa crítica, do bom senso, do bom gosto e da *boa fé* pelo *ipse dixit*, há também pobres homens, dotados de inteligência, de estudo e de grande vontade que se deixam iludir pelos aplausos do vulgo boçal, e não os discutem, ou fingem deixar-se iludir porque vêem que desgraçadamente é aquele o meio mais fácil e pronto de angariarem reputação.

Há simples e bons — há também *necessitados* do favor público.

III

Mas quem acendeu o facho da guerra?

Em verdade merecem os Srs. Antero de Quental, Teófilo Braga e outros a perseguição que lhes movem os homens da cigarra, os mercantões ronceiros das letras?

O estilo rico, opulento e belo das *Odes Modernas* ou das *Tempestades Sonoras* parecer-se-á com o estilo obeso e oco dos gongóricos académicos do século passado?

Será realmente aquele o imbróglio estupendo de que falam os tradutores e imitadores da escola do á-bê-cê repentino?

Leiam essas obras — ponham de parte prevenções absurdas ou insinuações estultas, e respondam-nos.

Cantando a papoula, o manjerição e o malmequer, traduzindo Ovídio, escrevendo o *Poema da Mocidade*, a *Paqueta*, ou as *Folhas Soltas*, teria a nossa literatura

pátria atingido o *non plus ultra*, e roçado pelo belo ideal do sentimento ou da imaginação?

Não haveria mais a cantar, mais a escrever, novas formas e novas fontes a descobrir?

IV

O *absoluto*, o infinito, o amor, o eterno, o belo, enfim, serão na verdade coisas tão feias, tão horrendas e perigosas que mereçam a lapidação destes guarda-barreiras da literatura pátria?

São.

São, para os que não podem compreender essas palavras, atingir essas ideias; são, para os que estudaram latim com algum bom frade doutros tempos e que só mais tarde ouviram falar de Hugo, Schiller, Goethe, como de poços sem fundo. São, para os que saídos ontem da escola primária decoraram apenas os nomes de Virgílio, Horácio, Ovídio, sem se importarem com o que escreveram ou escrevem uns *loucos*, uns *mediocres* chamados Hugo, Milton, Shakespeare, Pelletan, Michelet, etc.

Mas não é só isto que levantou contra os independentes escritores a cruzada castilhiense. Houve alguma coisa mais. Houve coisa mais vergonhosa. Houve as vaidades irritadas e irritantes das teocracias literárias, dos ídolos de si próprios, dos tiranetes das letras, houve o enorme delito de não se terem esbarreteado os Guilherme Tell literários perante os chapéus dos Glessler folhetinistas, tradutores e imitadores.

Não vieram receber de joelhos o aspergimento do elogio castilhiense — eis tudo.

Ora aí está o que motivou principalmente a contenda.

Ora aí está o que arrojou para a arena os homens do *portuguesíssimo* com histriões por vanguarda para terem por si as gargalhadas dos boçais.

V

Para certos literatos de Lisboa, diz-nos alguém, o estilo da escola de Coimbra é apenas um pretexto, uma armadilha ao vulgo.

Assim é.

Não para todos infelizmente, porque alguns há tão pobrezinhos de inteligência, tão ignorantes das belezas e abundâncias da língua pátria, que impossível lhes é o arcarem com a sublimidade de certas ideias, com as dificuldades de certa linguagem.

Se não encontraram aquela *no ermo* do Sr. Castilho!

Se não estudaram esta nos botequins, nas praças e nos saraus literários do deserto!

Coitados!

Mal transpuseram os umbrais da escola primária, tinham apenas alinhavado uns *versinhos* para as *sortes* do S. João e logo o *papá* — cidadão eleitor, já se vê — a dizer ao amigo boticário: «Meu filho é uma inteligência», e o boticário a bradar a um grupo de sabedores do sítio: «O filho de Fulano é um talento», e os sabedores a cochicharem a um noticiarista do bairro: «Fulaninho, filho de Sicrano, é um engenho.»

Passam-se dias. Conclui o rapaz quatro quadras para serem publicadas *a pedido*, vai com uma carta de apresentação a casa duma notabilidade, dum destes semideuses de profana cabeleira, recita-lhe os versos e ao cabo da quinta linha, ouve as palavras sacramentais: «Basta-me isso. Oh, é um génio!»

«Hei-de escrever-lhe uma carta, um prólogo, uma conversação preambular.»

A carta, o prólogo, a conversação preambular é tudo.

Querem que o rapaz — que já sabe que se pode ser génio cantando o manjeriço e a papoula e os olhos verdes da vizinha da trapeira — vá folhear grossos volumes onde possa aprender *nublosas inutilidades?*

Ai Molière! Molière!

40.ª PEÇA DA POLÊMICA

**HORACIOS
E CURIACEOS [1]**

A. M. da Cunha Belém

[1] Tip. da Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, Lisboa, 1866.

Esta peça da polémica tem como subtítulo: *Ou mais um Ponto e Vírgula na Actual Questão Literária*. Cunha Belém esforça-se por se colocar na posição que julga equânime: critica as «obscuridades e transcendentalismos germânicos» e censura Castilho por ser um dos responsáveis pelo elogio mútuo. Acrescenta algumas considerações pertinentes sobre a crítica em Portugal. Concebe a poesia segundo a perspectiva romântica do ruralismo sentimental: doce, meiga, jovial ou satírica, melodia nascida do povo e a ele especialmente destinada.

A momentosa luta, que vai travada no campo da literatura, tem apresentado desde o seu começo singularidades tão dignas de menção que nós, soldados bisinhos que mal podemos entrar com denodo na refrega, nos comprazemos pelo menos em registrar aqui.

Nasceu de pouco esta controvérsia pessoal, que depois assumiu a magnitude de uma questão de princípios, sendo os escritores estranhos à primordial contenda os que mais concorreram para a colocar no seu verdadeiro e útil terreno!

Tem-se dito e discursado muito sobre o assunto; as armas aceradas da crítica veemente e apaixonada, as blandícias do louvor cortesão e lisonjeiro, os epigramas da sátira, e até as invectivas do rancor não são misturadas aos sólidos argumentos da boa razão; mas entre tantas análises e apreciações, nascidas de tão diferentes engenhos e de tão provadas aptidões, não apareceu ainda proposto um alvitre a aceitar como remédio para salvar a literatura da decrepitude que parece ameaçá-la, auferindo assim os bons resultados, que deviam ser legítima consequência da questão controvertida.

Se é permitida a comparação clínica, toda a discussão tem corrido acerca do diagnóstico da enfermi-

dade; nem uma palavra porém se disse ainda quanto ao tratamento! Pois conhecido o mal,urgia dar-lhe remédio.

Historiemos a questão em poucas palavras.

As abstracções consubstanciadas nos escritos literários, especialmente dos Srs. Teófilo Braga e Antero de Quental, haviam merecido as repetidas e chistosas censuras, mais ou menos incisivas, do gracioso folhetinista Sr. Pinheiro Chagas, que aproveitava sem trégua aquele assunto para afiar o gume da sua espada satírica. Veio por este tempo a lume o mimoso livro do mesmo folhetinista *Poema da Mocidade* e com ele uma carta chamada de crítica literária do Sr. A. F. de Castilho, em que o notável escritor se referia de um modo um pouco epigramático às tendências de germanismo filosófico dos dois mencionados e aliás muito talentosos mancebos, a quem não sabemos por que razão se deu o epíteto colectivo de *escola de Coimbra!*

Dáí a origem da contenda! O Sr. Antero de Quental veio a terreiro mostrar que o Sr. António Feliciano de Castilho gozava de uma reputação imerecida, que o valor das suas obras era postigo e que a verdadeira aurora literária raiava, de envolta com a independência e hombridade de carácter, nas *inovações* de tal chamada *escola de Coimbra*. Contestou o Sr. Júlio de Castilho, defendendo o bom nome de seu illustre progenitor, reclamou para ele o lugar que lhe competia na reforma literária inaugurada por Garrett, deu-nos em extensa lista notícia de todos os homens mais ou menos notáveis que, tanto no País como no estrangeiro, têm prestado culto e homenagem ao talento do Sr. Castilho, e tratou em escambo de mostrar que todos os escritos e transcendentales filosofias do Sr. Quental eram meras frandulagens literárias, ouropéis de falso brilho e nenhum valor. O Sr. Manuel Roussado então fez espirito à custa da *Escola Coimbrã* num ligeiro opúsculo, bem

como o Sr. Pinheiro Chagas num chistoso folhetim do *Jornal do Comércio*. Apareceu nova contestação do Sr. Quental, que contradizia em alguns pontos capitais as suas primeiras asserções; e por fim o Sr. Teófilo Braga veio dizer-nos que o merecimento do poeta da *Primavera* era ser cego e que as verdades só produziam efeito no nosso país com o acompanhamento do escândalo.

Eis a primeira fase da questão.

Até aqui houvera verdadeiramente uma luta inglória de homens contra homens, em que cada contendor tratava de dar realce apenas aos defeitos do adversário, sem cuidar de prestar-lhe homenagem aos merecimentos; troca de apreciações apaixonadas, que podiam macular as reputações mas não avançavam nem um passo no bom terreno em que a discussão podia ser útil para os destinos da literatura.

Saiu então a lume uma carta jocosa sob o pseudónimo de Amaro Mendes Gaveta, que, entre as liberdades de poesia satírica, e prestando culto ao mérito dos diferentes gladiadores, censurava a cada um, já pelos defeitos que lhes encontrava, já pelo inoportuno empenho com que haviam travado aquela luta improfícua; e estabelecia como sol da reforma literária, em torno ao qual giravam como satélites todos os outros astros, o vulto imortal do visconde de Almeida Garrett.

A partir daqui, a questão tomou mais largos horizontes, e logo o excelente opúsculo do Sr. Ramalho Ortigão veio em boa prosa e com sólida argumentação provar cabalmente o que o poeta satírico havia apenas esboçado; e, dando a cada um o lugar que de direito lhe compete, mostrou que o Sr. Castilho, homem tão eminente nas letras, era dos maiores cúmplices na decadência delas, pelo culto quase exclusivo da forma, pela má direcção da crítica literária de que era chefe, e enfim porque, conhecendo hoje a enfermidade, não tra-

tava de investigar a causa como bom filósofo, mas, pelo contrário, architectava frases elegantes e graciosas que iludiam a questão em vez de a resolverem.

Veio por fim um outro escrito firmado com o pseudónimo *Ermita do Chiado* que, com crítica incisiva e por vezes veemente mas sempre chistosa, apreciou o mérito de diferentes escritores da actualidade, tentando mostrar que eram os magnates da literatura contemporânea, Castilho e Herculano, os directos progenitores da hoje tão invectivada *escola coimbrã*, a qual tanto se afasta da simples elegância e da amena clareza de Garrett, o verdadeiro reformador das nossas letras.

Tal é a segunda fase da contenda, que corre travada!

Se nos é lícito aventar opinião em controvérsia de tal magnitude, diremos, com franqueza e lealdade, que a discussão nasceu inoportunamente, porque o estado da nossa literatura não é tão assustador como aos pessimistas se afigura; mas que, visto haver corrido o certame, bom é que dele se colha algum proveito, buscando remédio ao mal que constrange a árvore literária a dar frutos pecos e dissaborosos entre alguns bem sazonados.

Não é a *escola de Coimbra* ou os obscuros germanismos de alguns escritores o pior mal que ataca as letras, pois esse de per si se nos afigura curável!

Tão singela coisa é a poesia, tão amena e suave na essência, que naturalmente expele essas nebulosidades com que tentam assombrar-lhe a alvura da sua clâmide. Filha do povo e nascida especialmente para o povo, a poesia é destinada a cantar os affectos meigos, os sentimentos doces, ou a mascarar com os risos da jovialidade as censuras da sátira. Desviá-la destes seus destinos é falsear-lhe o fim, é mentir-lhe a essência, é roubar-lhe a melodia íntima, e convertê-la em frio apontado de frases rimadas e metrificadas.

Numa época em que as sublimidades da grande epopeia do trabalho e da actividade humana se narram em boa e elegante prosa, em que se escrevem poemas sentidos e harmoniosos em prosa corrente e pura também, ir vestir em formas métricas as abstracções da filosofia transcendente, é ficar muito aquém das metrificadas regras da gramática grega de Porto Real; será fazer maus versos quando muito, mas nunca praticar com as musas na sublime inspiração da poesia.

Que destinos estão reservados ao transcendentismo germânico nas questões filosóficas e psicológicas não o sabemos nós; mas onde decerto a filosofia transrenana não deve ter influença é nas várzeas amenas da boa literatura, que se há-de comprazer sempre, afastada de tão abstrusa nebulosidade, com a contemplação da Natureza em todas as suas mais belas manifestações e com o estudo dos affectos íntimos que nascem do coração.

Não nos devem assustar por isso as tendências pseudofilosóficas dos talentosíssimos escritores que constituem a nova escola literária de Coimbra.

Poucos em número, enlevadas as suas vaidades juvenis pelo prazer de seguirem um caminho menos trilhado, ao que eles chamam com a mais bondosa singeleza *innovar*, terão dentro em breve contra si o consenso unânime no menospreço dos seus escritos, e nos ditames da própria consciência que, alumada pela madureza do bom senso, lhes mostrará o erróneo caminho que seguem, ainda mal para os seus elevados dotes intellectuais! Será então ocasião de verem que a pretendida inovação não passa de uma aberração do bom gosto, como a dos pintores chineses que, para se não curvarem à simplicidade do natural, nos pintam homens de olhos quadrados, monstros de formas quiméricas e flores de cores impossíveis!

Não confundamos porém as tendências que tem a filosofia a invadir os domínios da literatura com uma outra pecha, que em mau gosto corre parelhas com esta, e à qual se não têm eximido talentos muito provados e circunspectos: qual é a de substituir à frase chã e comezinha o acervo de palavões campanudos, retumbantes, prolixos e nauseabundos, encobrando a ideia, que nada tem de filosófica nem de transcendente, com uma obscuridade artificial, só filha da escolha dos vocábulos obsoletos ou extravagantes, e da enrevezada colocação das palavras no architectar da frase. Este vício, que, Deus louvado!, vai passando de moda, não é de hoje, nem da escola de Coimbra; grassou já muito mais intenso e assustador em tempos que não vão longe, sacrificaram-se a ele em anos já passados alguns escritores aliás muito notáveis e que, abjurando a tempo as falsas doutrinas, seguem actualmente o rito ortodoxo da gramática e do senso comum!

Mas, à parte a aberração da denominada *escola de Coimbra*, estará a literatura de hoje isenta de toda a mácula e florescente com toda a seiva que lhe devia assegurar o talento de muitos dos seus cultores?

Estamos certos que não!

A facilidade com que entre nós se fabricam reputações literárias, a impunidade com que se adormece à sombra dos colhidos loiros, o deleite com que tanto os grandes como os pequenos ouvem reciprocamente o canto da sereia denominado *elogio mútuo*, a má fé ou nímia condescendência na crítica literária são decerto a principal origem da astenia que apresenta a nossa boa literatura. Desde o vulto mais eminente até ao mais modesto critiqueiro, quem é que se atreve a dizer desasombradamente a verdade na apreciação de uma obra literária que emane de alguns dos nomes que têm já enfeudados os direitos ao louvor público? Os magnates

empunham o turbúlo, alguns maldizentes anónimos zumbem insolências desentoadas, que desprestigiam o valor da censura ainda que justiceira, e nestes extremos a crítica, ou convertida em blandícia de cortêsão ou em descompostura de soalheiro, apresenta-se sempre ou de manto de seda e com a máscara da hipocrisia ou de mangas arregaçadas e chinelo no pé, falseando em ambos os casos a sua missão.

O Sr. António Feliciano de Castilho, o venerando decano dos nossos escritores, a quem as letras pátrias devem tão bons modelos de elegância de linguagem e tantos primores artísticos de metrificacão, é também um dos primeiros, se não o principal cúmplice, do mau caminho por onde a crítica anda transviada! Ocupando o lugar mais eminente da nossa república literária, S. Ex.ª compraz-se em escutar os elogios e louvores até dos seus mais ínfimos cidadãos, retribuindo em moeda que de maior valor seria se não fosse pela maior parte falsa; e o deleite de escutar lisonjas a quem podia (e devia) ter as severidades de mestre de tal modo prende a independência da boa crítica dos outros que todos insensivelmente se deixam ir levados na plácida corrente destes mentirosos louvores; louvores que oferecem demais a mais a comodidade de ninguém precisar esforçar-se por avançar na senda da perfeição. Foi assim que nasceu o *elogio mútuo*, e o *elogio mútuo* é o tubérculo que entisica a nossa literatura!

Todos conhecem isto, mas ninguém tem valor para romper com as falsas conveniências estabelecidas pela sociabilidade literária!...

Garrett foi o nosso grande vulto, Garrett foi o génio descomunal do século, que imprimiu o cunho da sua individualidade a todos os géneros da literatura que ensaiou, e que foram, segundo cremos, todos os conhecidos, desde o cancionero popular até ao poema, desde

a farsa até à tragédia, desde o folhetim humorístico até ao romance histórico, desde as fábulas jocosas até às mais sentidas e mais líricas estrofes; Garrett foi o reformador literário, que o Sr. Castilho acompanhou de muito perto, conservando lugar eminente junto daquele grandioso vulto, tendo brilho próprio ao pé daquele sol deslumbrante, ilustrando o seu nome junto daquele nome imortal. É isto: sobeja glória para S. Ex.^a e não carece das louvaminhas dos pequenos quem tantos títulos de nobreza literária pode exhibir. Ser o segundo onde Garrett é o primeiro vale decerto muito mais do que ser o primeiro onde nós, e outros pouco maiores que nós, somos os últimos!

O lugar que o Sr. Castilho ocupa deve-o ao seu grande talento, ao seu trabalho, aos seus esforços, que concitam a admiração, o respeito, o acatamento religioso, maiormente se lembrarmos a terrível enfermidade que desde tão verdes anos privou a S. Ex.^a do sentido por onde mais se recebem as impressões que, elaboradas pela inteligência, dão os frutos do belo e do admirável. S. Ex.^a é o mestre da língua, conhece como ninguém todos os recursos e todos os segredos dela, e fiamos que o idioma português há-de viver enquanto viver o último dos livros de Castilho.

Porque não castiga pois S. Ex.^a os excessos do seu génio naturalmente blandicioso? Porque não corrige utopias que o mundo alcunha de piegas? Porque não despreza incensos que nem valem por si nem pelos turbulários que os oferecem e não entra desassombrado no caminho da boa crítica?

Na carta ao editor Pereira, que acompanha o *Poema da Mocidade*, carta admirável de linguagem mas que realmente não devia figurar como estudo crítico de tão conspícuo e eminente escritor, lembra S. Ex.^a, como teriaga para o veneno que vai inoculando nas letras

pátrias, a leitura dos bons modelos da antiguidade, vertidos em boa e vernácula linguagem, como S. Ex.^a está tentando com o Virgílio; o que é já para nós garantia de que teremos do mantuano a mais primorosa tradução.

Ora lealmente, se a posição e o nome ilustre de Castilho o não colocassem ao abrigo de toda a suspeita, aquela carta pareceria aos mal-intencionados uma dupla rede lançada para pescar um editor na pessoa do Sr. A. M. Pereira; já pelo convite ao mesmo senhor de se tornar chefe de uma associação editora (utopia irrealizável ainda mesmo depois de um tratado literário com o Brasil, e de todos os portugueses e brasileiros saberem e desejarem ler); já pelo apregoado remédio das versões latinas, de que S. Ex.^a se confessa ao mesmo tempo preparador.

Se compararmos a doutrina desta carta com o que o distinto poeta disse na *Conversação Preambular* de elogios a Tomás Ribeiro por ter desprezado no seu poema as formas clássicas dos antigos, chegando a apregoar o *D. Jaime* como o livro modelo para as escolas, somos quase forçados a concluir que, ou S. Ex.^a zomba com os leitores, ou de tal modo despreza a opinião pública, seguro da sua reputação, que não atende ao que escreve.

O crítico do *D. Jaime* e da *Mocidade* malbarata o tempo em questiúnculas tão insignificantes como a das letras maiúsculas no começo dos versos. É este um cavalo de batalha que não deixa nunca de vir figurar entre os incidentes que S. Ex.^a inflora com os primores do seu estilo feiticeiro. Mas que proveito advém daí para o livro, para o autor e para a literatura? Os versos são mais ou menos versos por terem as iniciais em caixa alta ou em caixa baixa? Pode isso passar além de uma questão de bom gosto tipográfico? Não sabem

todos que os Gregos eram tão avaros de maiúsculas que nem depois de ponto final as empregavam, usando-as só em nomes próprios e no começo dos períodos? Que aumentou isso às belezas da *Ilíada* ou da *Odisseia*? Que deprimiu o uso contrário às sublimidades da *Eneida*, da *Jerusalém Libertada*, dos *Lusíadas*, do *Paraíso Perdido*, da *Henriada* e de todos os monumentos épicos? Quem ignora que das nações cultas é a Espanha a única que segue o uso de começar os versos com letra pequena, o que não torna Espronceda, Rivas ou Zorrilla superiores a Musset, a Lamartine, a Vitor Hugo?

Esta questão, semelhante à de um mestre de meninos que na Beira ouvimos sustentar as vantagens de vir nos silabários o Ç cedilhado antes do não cedilhado, dá a medida das preocupações do espírito do eminente escritor e do desprezo com que ele encara as verdadeiras e leais apreciações críticas.

Sejamos sinceros! Em vez de S. Ex.^a gastar o tempo com isto, não valia mais apontar com paternal carinho, mas com magistral censura, os defeitos dos poemas criticados? Não lucrariam mais o autor, a crítica e as boas letras? *Gosto disto porque me agrada* é uma frase boa na boca dos pequeninos como nós; na do mestre não tem significação; corre-lhe o dever de dizer francamente *gosto por isto; não gosto por aquilo!* Os defeitos, que todos os livros os têm, especialmente as primeiras tentativas, embora banhadas pelos jorros da inspiração como os dois poemas citados, são a vegetação luxuriante dos arbustos, que precisam ser cortados para que a árvore se forme perfeita e elegante, para que a seiva se não desperdice em ramos inúteis em vez de ir nutrir o tronco principal; e o crítico consciencioso é o cultivador solícito, que poda, limpa, corrige e ampara a árvore tenra. Tudo que não for isto não é cultura, nem é crítica!

Ora, vindo o exemplo de tão alto, claro está que é naturalmente contagioso aos que consideram com justos títulos o Ex.^{mo} Sr. Castilho como o primeiro vulto da literatura actual. Daí toda a mentira da crítica, daí toda a tibieza das criações, todo o desalinho e descuido com que os autores se apresentam em público, especialmente se vêm já acobertados pela reputação adquirida em anteriores provas! Daí essa tal ou qual decadência da nossa literatura.

Que fazer em tais conjunturas? Desanimar em face do mal incurável? Revolver com o pé o cadáver em putrefacção, pelo feroz prazer de lhe aspirar as últimas emanações, e passar avante com indiferentismo?

Se os homens na sociedade têm deveres a cumprir para o bem-estar geral, cada um conforme as suas forças, também o homem que cultiva as letras deve concorrer para o maior brilho delas com todos os seus esforços, embora impotentes, mas que lhe deixem tranquila a consciência! Pois porque morreu Garrett, porque não há quem o substitua, há-de deixar definhar a literatura pátria? Pois porque não podemos juntar capitais tão opulentos como o que ele nos legou, havemos de esbanjar todos os produtos da nossa actividade? Não deve o Sr. Castilho tomar a iniciativa, hastear o pendão e seguir o bom caminho, levando após si todos aqueles que o têm seguido na senda errada? Não devia o Sr. Alexandre Herculano, o terceiro vulto da nossa reforma literária, acompanhá-lo neste empenho? Não é pecaminoso em S. Ex.^a o isolamento a que se votou na vida pública como na literária? Não é terrível e pernicioso o exemplo e o conselho de desalento vindos de tão alto? Não brada ao céu este voto de celibato intelectual que torna infecundo engenho tão notável? Que faz do talento do ilustre historiador um outro Eurico ascético e solitário, sem buscar sequer o glorioso martírio de

morrer pela pátria? E Mendes Leal, e Rebelo da Silva, e Latino Coelho, e Tomás Ribeiro, e Pinheiro Chagas, e Vidal, e Bulhão Pato, e Camilo Castelo Branco, e Andrade Ferreira, e Ramalho Ortigão, e César Machado, e depois deles todos os escritores, não devem fazer uma nova cruzada para o brilho das letras portuguesas?

A sociedade do *elogio mútuo* foi o mal: crie-se como remédio a sociedade da *censura mútua*! Sejam inexoráveis os críticos, que nisso cumprem o seu dever; sejam justos, que os próprios criticados lhes quererão bem! Dêem o exemplo começando a censura pelas obras dos maiores vultos, e os mais pequenos já não se verão vexados pela crítica, nem a julgarão efeito de má vontade!

Pois quê! Podem na vida política os amigos, íntimos no trato familiar, atacar-se áspera e desabridamente na arena das discussões parlamentares ou jornalísticas, sem que isso lhes quebre a amizade particular; podem os advogados nos tribunais invectivarem-se mutuamente na defesa das causas que lhes são confiadas, sem que por isso sofra interrupção a boa fraternidade de colegas e de amigos, e só os literatos hão-de ser tão ciosos e obcecados de susceptibilidades nas suas recíprocas afeições que recebem quebrá-las só por dizerem a verdade, sem acrimónia mas também sem lisonja?

Partisse o exemplo donde devia partir, e ver-se-ia com que celeridade ele se inoculava em todos os membros da república literária, levando a todo o corpo a vida, a actividade, o estímulo e a emulação que lhe falta!

Ao Sr. Castilho compete a iniciativa. Aconselhe embora a leitura dos modelos da antiguidade, que especialmente vertidos por S. Ex.^a serão sempre muito para consultar, aconselhe também as obras tão portuguesas de Garrett, não seja cioso do morto! Aconselhe igual-

mente, dizemo-lo sem lisonja — que bem vê S. Ex.ª não ser o nosso fraco —, aconselhe igualmente a leitura de muitas das suas obras, portuguezas de lei também e onde há muito que aprender; aconselhe enfim as de outros escritores vivos; mas seja antes severo do que indulgente no juízo que fizer delas, embora receba em retribuição a mesma severidade na apreciação dos seus escritos. O seu talento e o seu bom nome não se podem arreacar da provação, e ainda quando o dardo da censura lhes entrasse fundo nas carnes, a glória que se conquista por entre espinhos vale mais do que a que se obtém por meio de flores.

O que não presta, o que se deve evitar é a continuação desta polémica infecunda, que faz lembrar uma conferência entre dois charlatães que em vez de discorrerem sobre a doença e seu tratamento empenham-se em mostrar erros e defeitos um ao outro, desprestigiam-se aos olhos do público e por fim... deixam morrer o doente!

A. M. DA CUNHA BELÉM

NOTA — Este escrito, que não fora destinado para se publicar em folheto, estava composto de há muito, sem sair à luz por circunstâncias imprevistas: durante este espaço têm aparecido novos opúsculos acerca da questão, sendo os principais entre eles *Vaidades Irritantes e Irritadas* do Sr. Camilo Castelo Branco, e *Guelfos e Gibelinos* do Sr. Vidal. Não é nos estreitos limites de uma nota que se pode falar de obras de tão notáveis escritores; diremos só que ambos os novos campeões atacam as absurdas extravagâncias da *escola Coimbrã*, rendendo preito e homenagem ao talento, aos monumentos literários e aos serviços do Ex.^{mo} Sr. A.

F. de Castilho. Em tudo isto estamos nós de acordo e muito de acordo com os illustres contendores; mas o que não podemos levar a bem ao nosso distinto poeta e correctissimo prosador é que não seja mais leal e sincero nas censuras, aquilatando como mestre e como juiz o merecimento real das obras e dos autores.

Daqui a pôr mãos iconoclastas no vulto venerando do venerando ancião vai muitissima differença!

C. B.

41.ª PEÇA DA POLÉMICA

LITERATURA LILIPUTIANA [1]

**Urbano
Loureiro**

[1] Tipografia Lusitana, Porto, 1866.

Esta peça é um capítulo do livro *Perfis Burlescos* de Urbano Loureiro, que já tinha intervindo na polémica. Como o nome indica, trata-se de uma visão memorialista e satírica da época; no segundo capítulo, sob o título de *Literatura Liliputiana—Caso Histórico para Ser Cantado em Verso de Parelha*, o autor aborda, mais uma vez, em termos jocosos, a *Questão Coimbrã*. Embora não possua a penetração da punhalada crítica das *Farpas*, aproxima-se-lhe pelo espírito. No império liliputiano a gargalhada é a forma porventura mais adequada de responder à «tolice que tem cabeça de touro»... A crítica irónica não estava ainda madura. Será necessário esperar pela *Campanha Alegre*, de Eça de Queirós.

I

Em que se diz onde estamos, e se fala de Lilipute, dos seus habitantes, letras e costumes, de modo a fazer acreditar que o autor é lá nascido.

ESTAMOS no Lilipute, na terra dos pigmeus, dos homens insignificantes, dos racionais de cinco polegadas de tamanho.

E foi há muito pouco tempo, se rezam verdade os meus apontamentos, festejava-se a primeira exposição internacional naquele florentíssimo império.

Preciso advertir que isto nem é romance nem coisa que tal nome valha no vocabulário da literatura amena. Se o leitor não timbra de escrupuloso em assuntos de história, chame ao que tem debaixo dos olhos — quadro histórico.

Sempre gostei de método em objectos que se hajam de tratar ou discutir, por simples e naturais que se nos representem. Eu, sem base em que assentassem apenas me lembro de duas questões momentosas, de grande alcance para a Humanidade: a do Sr. Antero de Quental com o ilustre poeta Sr. Castilho sobre o cepticismo, idealismo, ateísmo e lamechismo; e a de dois bacharéis distintos sobre o sexo provável do substantivo *cólera*.

Abstraiamos, porém, de rodeios. Como quer que isto seja um quadro, tratemos de lhe esboçar o fundo com mais ou menos arte, para depois entrarmos no delinea-mento dos actores, que têm de figurar nos primeiros planos do caso histórico e altamente notável.

Diga-se a verdade em toda a sua nudez. O Lilipute, para a maior parte dos meus leitores, não passa de uma formidável mentira. Isto é doloroso, e grandemente doloroso para quem vê com os olhos marejados de lágrimas a descrença apoderar-se hoje de um, amanhã de outro e ao cabo de todos os espíritos fortes que vigoram nas ciências, na diplomacia, nas artes e na indústria. O Lilipute existe como é verdade existir uma família de gigantes, que se chama povo português, como é certo haver montanhas na Lua, estrelas no ar, toupeiras na terra, peixinhos na água. O Lilipute existe, que entre nós contamos alguns membros da ilustre raça que o povoa; se pura, se cruzada com a da marca de Judas, não questiono!

Enfim, o Lilipute existe com suas leis e costumes extravagantes, com sua viação acelerada, com sua Academia de homens lidos, e com muitas outras coisas, que me não lembram agora.

E já que falei na Academia liliputiana, aproveito o ensejo para dizer que a mesma está em vésperas de mimosear a literatura com um dicionário de língua bunda, obra em que se ocupa vai cento e trinta luas. Então será que o nome do grande império tome lugar distinto na galeria das nações civilizadas, e que eu tenha de entoar hinos em louvor dos pigmeus, mau grado os egoístas.

Para honra da minha pátria cumpre-me declarar que o dicionário da Academia liliputiana será um pálido reflexo do da nossa Academia, a qual, tendo entrado na arena com aparências de leão, acabou por *azurrar*.

A nossa Academia dispõe doutros elementos, de que não pode dispor a liliputiana. Ainda assim, nas horas vagas discutem-se ali pontos de filosofia transcendente, de matemáticas puras e penetra-se nos recônditos arcanos da mineralogia, da conchologia, da astrologia e da zoologia. Não falo na economia política, porque os sábios do Lilipute ainda não têm notícia desta ciência.

O que é notável é o afã com que os liliputianos cultivam a ginástica ou para melhor dizer o salto e a cabriola; disto fala o sábio Gulliver na relação da sua primeira viagem. É o oposto do que sucede na Europa e muito particularmente connosco. Em Portugal, o homem que voa, que dança, que faz maravilhas no trapézio, é politiqueiro, é Alcides; no Lilipute, o homem que tenha feito o «salto perigoso» não só tem feita a sua independência, mas é cumulado de honras e fitas, que se vendem a preços razoáveis por conta do Estado, num depósito *ad hoc*, chamado Secretaria da Fazenda. Neste ponto acode-me aquele verso:

O Fábria, cada roca tem seu fuso!...

E assim, contam os pigmeus o salto da alfândega, o salto do balancé, o salto das estradas, o salto da política, o salto das barreiras, etc. No império liliputiano, se é grande a variedade de saltos, maior é ainda o número dos salteadores.

Agora, archive-se aqui a última palavra da indústria liliputiana, que tanto diz — Exposição Internacional — com maiúsculas, e abramos capítulo, dedicado ao majestoso assunto [1].

[1] Segue-se um subcapítulo, o segundo, *De como se fez o palácio de cristal e tratou da exposição. De como se formou um regimento de janizaros e se voltaram contra o grande cometi-*

III

Literatura liliputiana. De como no Lilipute são mais os pontífices que os meninos do coro. A Atenas dos homens pequenos e a escola-patarata. Coisas deles e dela.

Tornaremos a princípio.

Foi por ocasião da 1.^a exposição no pagode das indústrias. Se teimo em falar da exposição e do pagode é porque ambos marcam uma época notável nos fastos da história liliputiana.

Foi por esse tempo e acabavam de publicar-se vários volumes de coisas em verso e prosa, odes e novelas, poemas e dramas.

A literatura, entre aquela gente de cinco polegadas, anda numa dobadoira, usando da frase vulgar; sofre martírio que mal se explica. Nós, os Portuguezes, que somos como que um foco pensador no Ocidente da Europa, sentimo-nos tomados de doloroso pasmo ao saber a anarquia, a desordem, que reina lá fora em matéria de letras. A gravidade da minha história não permite o uso do calemburgo.

No Lilipute o sujeito que rabisca duas quadras, compõe um juízo crítico, escreve um necrológio, faz um folhetim, acha-se habilitado para tudo, menos para vender tabacos, e proclama-se pontífice duma escola sua particular, cujas belezas modestamente apregoa, no prefácio, no prólogo, nas duas palavras, na explicação prévia, nos prolegómenos, na prefação do volume arremessado das entranhas da imprensa à roda dos expostos literários. É costume.

mento os órgãos da opinião pública. De como foi celebrada a festa. Trata-se de uma sátira à construção e inauguração do Palácio de Cristal do Porto. Não contém qualquer referência à polémica.

Agora vai ver o leitor o que é o orgulho entre criaturas pequeninas, que se reputam gigantes, e moralizará o caso. O orgulho literário no Lilipute é, ofendido, mais para temer que a língua da mulher entre nós.

A não sei quantas milhas de distância da capital do império, há uma aldeia, que por via da sua Universidade é a Atenas ou a Coimbra liliputiana.

É aí que os sábios se acotovelam, meditando no quadrado da hipotenusa e na quadratura do círculo, na pedra filosofal e no moto-contínuo; na fragilidade divina e na poesia do Direito; e é também aí que dois sujeitinhos, apenas entrados na adolescência, têm apparecido com a pálpebra caída e o ar sorumbático, falando sós, escrevendo arvezadamente e chamando-se fundadores duma nova escola.

E os fundadores da nova escola, aérea ou patarata, Bernabé das Odes e Tomé das Folhas-Verdes, em torno dos quais gravitam não sei quantos planetas imperceptíveis a olho desarmado, ou saíram ou estão a pique de sair bacharéis, o que a meu ver não adianta nada; que «bacharel» quer dizer o mesmo em toda a parte.

E vestem os ditos astros esquisitamente uma túnica de linho, calçam uns sapatos de linho, adornam as cabeças de coroas de loiro, fungam rapé meio grosso, trazem cabelos até às espáduas e usam óculos de vista cansada com aros de cobre; chamam-se poetas-filósofos e julgam beber do fino.

A sua linguagem, no dizer dos críticos liliputianos, alheios à escola, é bárbara ou empolada até ao ininteligível, a sua filosofia coxa e bordalenga, as suas ideias ou chatas e anasadas, ou fofas e vãs. Porém isto quer-me parecer inveja pouco estranhável em gente do quilate da de que me ocupo.

Tal como existe, a escola aérea divide-se em duas escolas distintas, cada qual com o seu pontífice ou

mestre; a do belo-patarata, a cuja frente se colocou Tomé das Folhas-Verdes, e a da reforma-patarata, a cuja testa se pôs Bernabé das Odes. Ouçamos um e outro:

Diz o primeiro:

«O *belo* é a forma do sentimento na infância da arte. É o *eidos* que não sabe abstrair palpitando no mármore de Paros em arrojado misticismo. O *belo*, corroído por todos os vícios, pede à morte o desgarramento do sólio em evoluções fantásticas. Não bebe o amrita senão mais profundo o Pártenon. Deixai avassalar os pusilânimes das teogonias a desventura ruidosa e perguntai depois em que fibras do coração rebentam as taças ambrosianas da Sibila. O belo é o influxo, é o yodjana, é tudo nas abóbadas em que se reflecte o verbo poético, recurvo, crenelado e vandàlicamente poluído. Na formação do mundo encontra-se representado e com magia descrito. Fantasmagoriza-se debaixo da miríade resignada dum carneiro sem mancha, porque é o *fiat* da criação no mais audaz dos simbolismos, e cai postrado, *een kecari*. O *belo* é a criação.»

Isto diz o pontífice Tomé, o fundador do belo-patarata, orando à turba dos seus discípulos nas ruas da Atenas liliputiana.

Agora fala o outro da reforma:

«Afigura-se-me um caos a existência mundana. O Homem deve lançar mão dos morteiros para arrasar o templo! O Homem é senhor; mostra o diploma transcrito nas órbitas majestosas e passa. Erga-se e destrua. A história do porvir nas pétalas do futuro percorre em giro de vertigens e tomba no abismo. Somos todos iguais. Não há rico nem pobre, não há rei nem vassalo. Na jerarquia desmembrada corre o leão vomitando crateras de gelo. A ruína, a morte é o grande pensamento. Jeová quer dizer mentira. Os altares de jaspe serão

amanhã pó. Tripudiemos no holocausto, riamos à voz do morteiro!»

Aí está. Foi o pontífice Bernabé das Odes que teve a honra de falar. Discursou como filósofo; ouçamo-lo como versista:

«A poesia é a intumescência suplementar do coração inteligente. Para o coração não há regras sem algemas. A harmonia é dos ouvidos e o poeta não tem nada que ver com a cabeça ¹. As regras, as metrificações escreveram-se para os fósseis de peito de granito e alma de diamante bruto. Poetas, olhai para a regeneração do mundo, segui Klopstok; pregai a reforma, a aniquilação e a igualdade. O espírito é o cosmos; o poeta é grande pelo espírito!»

Bernabé não era como o nosso frei Tomás. Bernabé das Odes praticava o que nos seus escritos e nos seus sermões aconselhava. A razão disto encontro-a num volume, a bem dizer microscópico e sobremodo ímpio, que por acaso me veio à mão; o qual volume prova, além do que deixo dito, que para pontífice duma escola não há mister de conhecer as regras mais elementares da gramática nacional ².

E pois que temos conhecido os dois mais importantes membros da escola patarata, mudemos um pouco de rumo, que há mais de quem falar.

¹ Esta sentença vai de acordo com a opinião que geralmente se faz do estado intelectual dos poetas. *Poeta*, no Lillipute, é sinónimo de tolo.

² Cumpre lembrar que estamos em Lillipute e que falo dos lilliputianos, criaturas que estão um pouco acima dos nossos calcanhares.

IV

Em que se trata duma nova escola e dum novo pontífice. Vingança dum António Félix e cólera dum Bernabé. Preparam-se grandes coisas.

Ora, na capital do império, a pequena distância de Tibur, no retiro de certa gruta, havia uma escola de calênderes literários, cujo pontífice, puxado em anos, poeta de tomo, se chamava António Félix.

António era um chavão na arte de fazer odes, madrigais, idílios, anacreônticas, e de há muito se tinha acostumado a receber homenagens e a dar a beijar o seu anel pontifical, a quem, por linhas tortas ou direitas, se lhe avizinhava, lembrando uma charada ou um acróstico. O velhinho, com muita velhacaria, zombava a ocultas dos papalvos a quem, frente a frente, enchia do vento do elogio, convencidos da própria superioridade nos espíritos rombos dos seus compatriotas.

António Félix era um oráculo. Também não havia memória de quem o tivesse algures contraditado.

Uma vez um dos sacristãos, que lhe acendiam devotamente a lamparina da sua admiração, entrou, esbofado, na gruta, sobraçando um livro.

— Que temos? — disse o pontífice, sorrindo com benevolência.

— Uma heresia!! — bradou o outro, dando sete vezes com a testa no soalho e fazendo três reverendíssimas com os polegares atrás das orelhas espalmadas para fora.

— Deixa ver...

O volume, em verso, era composição de Tomé das Folhas-Verdes. António Félix, depois de ter passado os olhos pelas primeiras laudas do prólogo, tornou a sorrir, mas de forma a anunciar tempestade, e murmurou:

— Corja de brutos!

Havia naquele instante uns poucos de alfinetes a cruzarem o espírito do Homero liliputiano: a irreverência de se lhe não ter dedicado o livro; a irreverência de não ter sido consultado sobre o merecimento do livro; a irreverência para com a sua «Arte de Medir», porque tinha escrito uma; a irreverência para com tudo o que era convencional, como queimar-se-lhe incenso, aclamá-lo pontífice; etc. Isto calou no ânimo do distinto cantador, como lá lhe chamavam, desejo insaciável de vingança. António Félix perdoava a falta de senso, a falta de gramática e a falta de medição no verso, das quais faltas se acusava o volume do pontífice ateniense; agora o que ele não perdoava era a falta de respeito para com a sua pessoa, cujo talento se não discutia, mas aceitava como dogma.

É até onde pode chegar o fanatismo daquela gente pequenina!

António Félix tomou da pena, e resfolegando despeito pelas ventas dilatadas, escreveu pouco mais ou menos o seguinte ao afinador político dum dos órgãos da opinião pública no Lilipute.

Amigo:

As letras pátrias são todo o meu desvelo na solidão do retiro, em que se me escoa a areia da ampulheta da vida, bago a bago. Já agora acabarei por estas grutas e fragas, entretendo colóquio místico e mudo com as avezinhas do céu, e com as olaias e vegetais da terra.

O meu bom amigo sabe o alvoroço com que uso receber os obreiros das letras nacionais, e que todo me tenho regalado de ver o bom andamento delas, como filhas prezadas que são minhas.

Hoje trouxeram-me um livro de que eu ainda não havia notícia na minha solidão. Riram-se-me os olhos

de contentamento e abriu-se-me a alma em júbilos do céu ao ver um filho da nossa Atenas concorrer ao opíparo banquete das letras. Entrei nas primeiras páginas da obra e o mesmo foi colorir-se de vapores enevoados a abóbada imensa em que se me revia o espírito. Do que li, coisas houve que não quis entender, coisas houve em que não quis penetrar.

Chorei a cegueira do irmão, que se deixou deslumbrar pelos ouropéis duma filosofia peca, e dum estilo empoladamente enigmático; presumo que o autor chorará também a minha miopia, que não consente que eu o enxergue nas vaporosas regiões para onde ergueu o voo. Paciência! Choremo-nos um ao outro.

Por mim daqui faço votos para que a andorinha desça com todas as suas penas ao ninho donde fugiu a devassar os páramos da água.

*Confrade e amigo
António, pontífice*

E como a um canto da carta se lesse: «Retiro da minha mata», alguém quis inferir que o pontífice vivia na tapada. Maldade!

Isto, despido de qualquer comentário, foi apregoadado por todos os órgãos do país. A imprensa de Lilipute, além de se dar ao respeito, não costuma intender na seara alheia. Faz muito bem.

António Félix respirou.

Na Atenas foi lida a missiva em pleno areópago. Os olhos dos discípulos estavam postos nas faces afogueadas dos mestres.

E Bernabé das Odes ergueu-se na tribuna, majestoso de cólera, e limpou com o canhão da sua túnica de linho um pingo de rapé, que lhe tremia, não sei se de cólera,

na ponta do nariz, e disse, dominando o silêncio geral, estas sacramentais palavras:

«Treme o colosso nos alicerces, porque irrompem os vigamentos frágeis tornando-se contra a praxe dos caudilhos do rotineiro. A *águia* arreceia que a *andorinha* lhe devasse os pãramos. Deixai, que a reforma começa a produzir frutos sazonados! (*Bravos.*) Esta já não é a voz do homem que se julgava divindade, é o último esforço do ídolo para se sustentar na peanha de cerdeira! (*Risos e palmas.*) Ainda um empuxão e ele e o prestígio que tantos anos lhe levou a conquistar cairão no pó do efêmero, do convencional, do risível! O arroio que a muitos se afigurou do mais puro cristal, discorrendo nas argelinas em meandros perfumados, ainda lhes há-de aparecer charco e lameiro. A teia de aranha prende a mosca e o ar tenuíssimo confrange os mais santos pensamentos num ergástulo insalubre. (*Muitas palmas.*) Finalmente esperemos, com a face tisonada pelas insónias, o brado incestuoso dos vândalos!»

Uma ovação, como havia memória de poucas no areópago de Lilipute, esperava o distinto mestre, não menos orador e poeta que filósofo. E, sendo de novo e a grandes brados aclamado pontífice, foi levantada a sessão.

Num prefácio de um livro de prosa rimada que viera à luz na Atenas liliputiana tomou Bernabé das Odes o desforço; porque a injúria de António Félix era à escola e não ao indivíduo. Entre, pois, muitas coisas ininteligíveis, dizia ele, o novel fazedor de versos, isto que eu pude apurar em linguagem corrente e clara:

«Tudo tende a acabar. Eu entrevejo a estrela de alva na penumbra do ocidente. Os medidores de linhas hão-de ir à tumba com o seu reumatismo sem deixarem sucção. A arte é para quando nos não lampejar no espírito aniquilado um raio de verdadeira poesia. A arte é para

imitadores e copistas e não para reformadores e filósofos.»

E assim por diante.

O que noto neste pique e despique é ainda um vislumbre de recato em cada qual guardar o nome do seu adversário. Mas o ensejo ofereceu-se e a castanha rebitou.

V

Em que se expõe o mandamento da escola das ninharias, e se apresenta um adepto, sobraçando um poema. Leitura do mesmo. O herói faz versos; vê uma donzela e apaixona-se. A noite pas-seia solitário, e descobre a mencionada, que lhe vem poisar ao lado.

A escola, de que se constituíra pontífice-mor ou infalível o velho António Félix, que mordida a pequena humanidade liliputiana com todos os dentes menos com o do siso, era denominada escola de ninharias, dos calênderes, e mais conhecida por escola dos defumadores.

Não batia à porta da gruta rã alguma literária, que não saísse boi, com grande risco dos narizes circunstantes.

O mandamento, em que se resumiam os estatutos da escola, era este, que todo o calênder, discípulo ou mestre, menino do coro ou pontífice, tinha jurado praticar:

— *Defuma os outros para que os outros te defumem a ti.*

Está averiguado que o elogio de Lilipute é o caminho mais direito para qualquer mediocridade lograr em vida as honras do Capitólio.

Aquilo por lá corre assim à revelia. O literato que não se alistar calênder acaba de ordinário por pegar à rabiça de um arado, ou por amolgar a cabeça na esquina de uma rua. Ainda bem que não temos cinco polegadas de tamanho, nem o Lilipute é a nossa pátria.

Entremos no conto.

Declarada a rivalidade entre as duas escolas — patarata e defumadora —, tinha cada qual guardado para si o despeito, esperando monção favorável para desfaldar as velas do desabafo lícito. Chegou.

Um dia veio ao pontífice um calênder, que era da tropa de linha, empunhando um rolo de papel manuscrito.

António Félix estava como absorto à sombra duma olaia, escutando a voz de uma cigarra. Vestia Sua Infallibilidade *robe-de-chambre* adamascado, calçava moiras e trazia mitra na cabeça; aspecto venerando.

O calênder chamava-se Manuel e tinha um sobrenome que vinha a dizer ferida, pústula, e que para o caso será Dores.

Depois dos salamaleques de estilo, disse-lhe o mestre com o seu eterno sorriso:

— Dar-se-á o caso, meu amigo, que venha a desfadar-me com os seus gorjeios deste meu viver monótono?

— Vinha pedir ao cantor divino — e acenou com as mãos postas atrás das orelhas —, sublime entre os sublimes, cujo talento é o mirífico sol que nos alumia nas trevas, alguns preciosos instantes de atenção para uma lengalenga em que a pobreza da rima é talvez o maior adorno.

As grandes composições métricas no Lilipute são modestamente chamadas — lengalengas. Quanto à rima, é ela na escola das ninharias o razoável padrão por

onde se aquilata o merecimento de qualquer escrito metrificador. E tornou o mestre:

— Diga, diga. Arroube-me o espírito nas delicio-síssimas harmonias de que possui os segredos. O que é para mim de muita pena é a ausência dos nossos bons irmãos e amigos. Mas não demore por mais tempo os cânticos, em que todo me vou mergulhar.

Manuel das Dores desenrolou o tubo de papel manuscrito e, depois de ter dirigido ao ídolo três reveren-díssimas, começou.

Era aquilo a que nós cá chamamos «poema da mo-cidade» e repartia-se em 4 partes ou cantos.

Ora eis o entrecho da obra. João José representava no Lilipute em ponto pequeno, está visto, o papel que entre nós representa muita boa gente em ponto grande: o do poeta-coxo sentimental.

Como era de adivinhar, o moço procurava uma mu-lher, cujo perfil, não burlesco, sonhara. Isto entre nós pareceria cediço, velho e relho; lá porém, na terra de Gulliver, tinha o cunho da originalidade. João José, nome que soa como João Manuel ou João Fernando, à imitação de todo o herói de romance francês, era *gentil* de formas e tinha a *fronte rasgada, as feições nobres, os olhos negros, a boca breve, na mente fogo, no olhar lampejos e o rosto pálido*.

E segue o poeta Manuel das Dores a p. 24 da sua lengalenga, ocupando-se ainda do herói:

*Tal o João. Aos vinte anos
para o teatro do mundo
entrou, Zé triste segundo,
acanhado e papelão;
pois nunca — notável caso! —*

*deixou no meio da cena
como pato uma só pena,
como vate uma ilusão.*

Andava triste o rapaz; do mais bruto levava quinau em matéria de amores.

(Nota: Isto que eu atiro para aqui prosaicamente era dito na lengalenga em termos líricos.)

Um dia, a p. 26 do livro, resolve João José passear por o campo:

*E, vai depois, a um postigo
duma casita decente
que lhe ficava de frente,
gorda moçoila assomou.
O sol bateu-lhe de chapa
no bem nutrido semblante;
e um sorrisinho pedante
nos lábios lhe doudejou.*

.....

*«Encostou a mão no rosto
e ficou-se pensativa.»¹*

João não encostou a mão no rosto, mas deixou pender o queixo, de todos os gestos conhecidos o mais eloquente para exprimir assombro. Não que era aquela a imagem que ele tinha sonhado nos seus sonhos de poeta!

¹ As comas indicam tradução literal dos versos da lengalenga de Manuel das Dores; tão literal que se pode tomar por cópia. Os versos que não forem assim, como estes, classifiquem-nos de — tradução livre...

.....
 É noite. A Lua está no céu e João José na Terra.
 Prelúdios. Fala-se na ninfa, no mavioso cantor... P. 29:

*«que os segredos namorados
 conta à rosa purpurina.»*

Fala-se na tentação que encerram as noites de estio... P. 30:

*«curva-se o pálido lírio
 ao vendaval da paixão.»*

E acrescenta-se:

*«Ai noites d'intenso ardor
 o vosso encanto é traidor!»
 Dom, Dom!*

Pois àquelas horas, pela noite de Estio... P. 31:

*«vagueia, colhendo flores,
 a pura, a ingénua donzela»*

a própria sujeita do postigo.

Em Portugal a coisa mudava um pouco de figura. Fossem lá dizer à mais varonil das nossas Emas, que se abalançasse a descer ao jardim para apanhar flores, quanto mais... P. 31:

*«junto ao rio que desliza
 banhando o pé dos salgueiros!»*

Repito, cada terra com seu uso. No Lilipute, a mulher, apesar das suas cinco polegadas, é animosa e destemida. Vai ver-se.

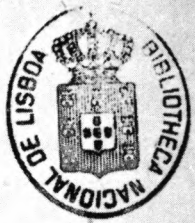
66/
F 1266

FOLHETIM DA VOZ ACADEMICA

DELENDIA TRIBUR

Primeira aos homens da cigarra e do ermo

Dedicada a todos os ramalhudos Ortigões da escola do abe repentino.



Viviam ali na santa graça dos inscipientes e boçaes, e com grave offensa da *bou critica*, do *bom senso* e do *bom gosto* uns faseadores de poemas, de linhas rimadas e não rimadas, uns fabricantes de obras *originaes*—traduzidas, vultos burguezmente ordeiros e de classica sisudez, que agrupados á sombra das espantosas vanidades d'um outro de maiores proporções do que elles, envolvidos nas nuvens de incenso de seus proprios thuribulos se acreditavam piamente senhores dos parcos terrenos da litteratura patria.

Individuo que ali quisesse ir plantar as suas florinhas mais queridas não ousaria fasel-o sem que lhes pagasse,—a elles, os monopolistas do palco e do prelo,—os forros e arrhas da bajulação servil e lhes aceitasse o aspargimento mortifero do elogio parvo e interesseiro.

Conheciam os pobres homens,—por tra-

A donzela colhe flores... P. 31:

*E João embasbacando
de capote e cachenez*

não sabe o que há-de julgar daquilo; quando, sem mais
nem menos...

*«... vai a fada graciosa
poisar.....»*

vai poisar-lhe ao lado, apertar-lhe a mão, e a p. 32...

*dizer-lhe com voz lenta quatro coisas:
(tão lenta que a disséreis de poeta,
quando, pra martelar seis quadras fúnebres,
pelos dedos da mão reconta as sílabas
temendo dar em prosa silabadas.)*

Esta desenvoltura da donzela seria muito para escandalizar numa terra de senhoras vizinhas como a nossa. O ponto é que os dois namorados pegaram à fala e chegaram a fazer declarações amorosas.

Depois... P. 34:

*escondida na deveza
a cigarra namorada
doce trinado soltou;
e a paixão ardente, acesa,
louca, louca, endiabrada
no cigarro se ateou.*

Depois..., depois, ouve-se ao longe uma valsa, talvez «O Beijo» e o poeta canta umas quadras. Depois, vai ele, a p. 37, e *fita a sua musa graciosa*, e vai ela e fita-o a ele... P. 38:

*«e nos lábios do poeta,
ligeira, qual borboleta,
seus lábios poussa... e fugiu!»*

Leitor, se uma coisa destas se visse nos nossos livros, que nome teria no vocabulário do autor dos *Ensaíos Críticos?* Talvez o de *patacoada*. No Lilipute não sei que nome tenha. O que é verdade é que me vejo embaraçado para combinar a desenvoltura e atrevimento da menina com a descrição que o poeta faz dela um pouco atrás, a p. 27:

*seu olhar meigo, expressivo
só candura reflectia
era o arcanjo da poesia
era a estátua do pudor.
... ..
Disséreis a casta diva
que o paganismo ideou.*

A explicação disto creio que está em o livro ter sido escrito no Lilipute e para os liliputianos.

O primeiro canto termina por aqui. O pontífice abraçou com todas as suas ganas o Manuel das Dores, e este, quando pôde respirar, continuou.

VI

Em que prossegue o namoro até que o poeta é obrigado a partir. Mágoa da donzela. Entra em cena um brasileiro liliputiano e faz das suas.

A casta diva, que andava pela beira-rio a colher flores, que depois veio poisar à direita do trovista lamecha e dar-lhe um beijo na boca (!), chamava-se... chamava-se Custódia.

E tinha olhos verdes... que eram como olhos de couve.

*E se o leitor quer saber
o que esse olhar nunca fez
no poema leia a quadra
da lauda cinquenta e três.*

O namoro ia por diante; e dos dois, quem era namorado era o poeta.

Mas um dia chega uma carta e com ela a notícia da morte próxima dum tio do João José. Não havia remédio senão partir; fazia-se mesmo preciso, para o autor se não ver embaraçado na continuação da lengalenga. Partiu deixando à solitária quatro regras. P. 55:

*— Adeus, mulher, vou-me embora
vou-me embora, tenho dito;
e ficas, pomba, mosquito,
sem talvez em mim pensar!
Vou sentir maleitas, frio!
Vou bater de frio o queixo,
e ao lembrár-me que te deixo
há-de o frio exacerbar!*

Custódia, ao ler as quatro regras do amante, parece que até chorou! Pobre menina! Ao menos assim o dá

a entender o Manuel das Dores a p. 58 da sua lengalenga, quando diz:

*Aquilo é que foi saudade
na pequena apaixonada
quer ela estivesse à mesa
comendo carne cozida
com pimentos e salada;
quer em rubras cor's acesa
afagasse cuma olhada
o puro, o casto licor,
sentia n'alma um espinho,
crescia a pena co vinho
e chorava então d'amor.*

Uma vez foi a Custódia desafogar a sua pena para o postigo e viu passar um barão pé-de-boi, cavalgando um alazão. É tal a minha queda para o verso, que mesmo em prosa rimo. Um dia hei-de aproveitar esta queda num poema épico em 20 cantos, depois de ter provado a mão numa lengalenga de 10. Verão.

O pé-de-boi olhou para Custódia e ficou embaçado. A missão daquela mulher neste mundo parece que era de embasbacar todos quantos olhassem para ela. No entretanto a moça olhou-o, mas distraidamente, e não fez caso.

(Nota: No Lilipute, como em todos os pontos da Terra, também há pés-de-boi e brasileiros; brasileiros, no Lilipute, é sinónimo de banana.)

E o outro continuou a passar pela porta da donzela, e sempre embaçado e sempre de alazão. P. 59:

*É ricaço, é brasileiro,
«dizia-lhe a mãe ao ouvido;
vê lá que extremoso amante!
vê lá que gentil marido!»*

Da escoreiteza do 2.º verso lavo as mãos. Pertence a Manuel das Dores, como os dois seguintes. O *gentil* é palavra muito da predilecção do poeta-calênder.

E um dia, sem dizer tir-te nem guar-te, apeia-se o brasileiro à porta da Custodinha, cochicha com a mãe no portal, monta a azêmola, digo, o alazão, e parte. A mãe leva a filha ao postigo e apontando para o sujeito, a p. 60, diz:

— *É ricaço, é brasileiro
veio pedir-me a tua mão!*

E volve a rapariga:

— *Pois só dou a mão de esposa
a quem der o coração.*

Daf por diante a mãe não fazia senão pintar-lhe caruagens, bródio, luxo de uma banda, fome, pobreza, aborrecimento da outra.

Venceu!... P. 65:

*Bem como o terno pisco descuidado
que preso na esparrela se sentiu,
Custódia, a ingrata, no alçapão doirado,
pisco inocente, repoisou, caiu.*

Caiu pensando que se levantava. É certo que ficou sendo a carne e o osso do osso e da carne do pé-de-boi, como nós diríamos. Agora duas fileiras de pontinhos.

.....
.....

Uma tarde, estava o sol meio encoberto, e João José, o poeta, cavalgando num lastimoso macho, subia a encosta, que levava à habitação da donzela. Chegou.

Tudo só! Tudo fechado! Nem galinhas na capoeira, nem cevados na corte... P. 68:

... ..
*e na parede arruinada
do limitado quintal
só se topava o tortulho
tristemente a vegetar:
e a couve-flor espigada!
e no telhado musgoso
uns indícios de tristeza
de tristeza e solidão...
que às vezes as próprias telhas
parecem ter coração!*

João bate à porta e ninguém lhe responde; isto é, responde-lhe uma cegonha, que estava na varanda, mas o poeta não faz caso, não era aquela a deusa dos seus pensamentos; por isso... P. 69:

*Tornou a bater, e nada!
mas na choupama vizinha
uma cara de fuinha
por um buraco espreitou;
e como se conhecesse
muito de perto o poeta,
desta sorte lhe falou:
— É malhar e sem proveito
(e sorriu contra vontade)
mudou-se a gente da casa,
já não mora quem procura!
— É bem fraca novidade!
— Mas parece incomodado!
— Ora pois, é lei do fado!...
Toda a maleita se cura.*

— *A Custodinha, gordeifa,
que par'cia um pimentão
casou-se cum brasileiro
que trouxe mais de um milhão.*

— *Mas que tem vocemecê?
não 'sta má entalação!*

*O trovador cum desmaio
caiu redondo no chão.*

Depois tornou a si do desmaio e saiu. O autor, que provàvelmente se esqueceu de que o poeta viajara a cavalo, diz que ele se foi sentar ao pé do rio, junto dum salgueiro, a recordar águas passadas... P. 74:

*Ficou-se ali o trovista
a bater de frio o dente;
afinal ergueu a fronte,
sacudiu o paletó,
e murmurou, soluçando
esta quadra bela e triste:*

— *Ingrata, fugiste,
deixaste-me só
no alto do monte
sem pena nem dó.*

Depois...

«desceu lentamente a encosta!»

com admiração e tudo; e foi não sei para onde, que o autor não nos diz, ocupado em fechar o 2.º canto e em abrir o 3.º

VII

Em que Custódia aparece num baile, e vê João José acabrunhado. Em que os dois falam e dançam a polca. Em que o barão pé-de-boi mostra que não é nenhum tolo.

Estamos num baile. D. Custódia (tem *dom* porque já é senhora), triste como a noite e magra um pouco, não falta, «envolvida nos mantos roçagantes de fina seda». Pobre senhora!... P. 83:

*«Assim que entrou nos pórticos doirados
do templo da ambição
viu caírem-lhe aos pés, dilacerados,
os véus da ilusão.
Presentiu um futuro de tristeza;
desfez-se a sedução;
e dissecou-lhe o sopro da riqueza
flores do coração!»*

Parece-me que Manuel das Dores queria dizer — *dessecou-lhe*; foi lapso. Continua ainda na citada página:

*Mas embora emagreça, embora seque e mirre,
(mirrar, disse eu, porém é força de expressão)
Mas embora com tudo o que a rodeia embirre
lembrando com saudade os tempos que lá vão;*

*embora de aturar o parvo brasileiro
clame contra o cometa ou astro que os uniu;
contra o grande poder que em nós tem o dinheiro,
e contra o fado mau que às bodas presidiu;*

*embora, qual da Fabia o trágico Tarquino
surge o vate com gesto e voz d'arremeter
o que segue a clamar: «Custódia, eis o pepino,
com que eu me vou ferir; espera, se quer's ver!»*

*embora! o mundo inteiro a vê, a adora, a inveja,
e chama-lhe gentil e queima-lhe carvão;
Tem dinheiro? — é feliz. Quem é que não deseja
ser Custódia de tal a troco dum milhão?*

Entretanto dança-se na sala ornada de espelhos dourados, de jarras de porcelana e de lustres de cristal. Tudo alegria, tudo movimento.

*E Custódia? — amarroada
pensa no tempo que foi,
em que risonha e corada
tinha a aparência de um boi.*

Fujamos o mais possível a citações. Custódia ergue os olhos e dá com eles em João José que lhe diz:

— Faz-me o favor de uma polca?

Oh! Custódia ficou passada. João José tinha os olhos inchados de lágrimas. Depois a música deu sinal para a polca e D. Custódia levantou-se... P. 88:

*«Lá vão os dois pelos salões esplêndidos!
Oh! ao vê-los assim ambos tão pálidos
a atravessar a turba, todos sentem
o frígido terror correr nas veias.»*

Depois começa a polca, e em seguida tudo aos pulos. Depois abre-se a porta do palácio onde era a festa e... P. 89:

*«o turbilhão risonho gira, espraia-se
no esplêndido jardim.»*

O esplêndido jardim achava-se às escuras, a não admitirmos que fosse iluminado pelos...

«..... reflexos trémulos
do fulgor que emanava das janelas.»

É certo, porque o afirma no seu livro Manuel das Dores, que João José e Custódia vieram para o jardim a dançar. E vai e diz o poeta, p. 90:

— *Era uma noite, e veio um anjo e deu-me um beijo...*

«vivi no sonho fúlgido
morri ao despertar.»

E vai D. Custódia não resiste e cai num banco, dizendo que tem muita pena.

E vai ele, o macaco do João José, que vinha preparado para tudo, pega-lhe na palavra e recita-lhe em tom lamuriento, uma poesia em oitava ritma, pedindo-lhe um beijo. Depois muda de tom e diz-lhe que fuja, e vai ela e diz-lhe que não foge... P. 95:

«Oh! deixa-me!
— Adoro-te!
— Sou esposa...!
— Perjuras
não pode abrigá-las o altar do Senhor!
— E o mundo?
— Qu'importa?
— Sonhadas venturas
a troco da infâmia... pois bem; quero amor!»

E sem embargo de parecer um pouco elástico o primeiro verso, Dona Custódia poisou um beijo nos lábios do João José. Note-se que D. Custódia é quase sempre o agente e João José o paciente da oração.

Mas nisto... p. 95:

*Ante os olhos de Custódia
surge atroz aparição!
Sem pinta de sangue, fecha-os...
cai desmaiada no chão!
Era o barão!!!...*

E vai e diz ele a João José no estilo de carta de desafio em romance francês... P. 96:

— *«A vida dum de nós é impossível
enquanto outro existir. Seja o duelo
o árbitro supremo. Escolha as armas.»*

O *outro* não escolheu as armas porque estava enfiado, mas ficou de aparecer de madrugada... sem dizer aonde.

Aquela gatinha de Lilipute bate-se por qualquer coisa. Em Portugal, se o negócio fosse doutro modo, anjo bento!, que mortandade! Tornava-se preferível uma epidemia!

É tristemente certo que os Liliputianos ainda não estão civilizados.

VIII

Em que se encontra D. Custódia num convento e João José numa cabana. De como termina a lengalenga e de como António Félix exalta o autor. A tramóia.

Achamo-nos no último canto. A inocente D. Custódia está num recolhimento com alguns arrâteis de tecido gorduroso de menos. Vede-a, a pobre moça... P. 102:

*«Quando alta noite sobre as lajes húmidas
d'húmido claustro pavoroso e só
vagueia triste, solitária, trémula,
rosa desfolhada, que tombou no pó.»*

Desgraçada criatura que, triste e solitária, vagueia no claustro, qual outra rosa esfolhada, que tombou no pó! Ai, mísera!

O que havia porém acontecido no duelo? Nada mais nem menos que João José ter matado o pé-de-boi!...

Tolhido de remorsos, o poeta lamecha foi para casa e escreveu a Custódia, afirmando-lhe que tudo tinha acabado.

E não esperou resposta. Safou-se, e na Primavera seguinte vamos nós encontrá-lo, graças à polícia de Manuel das Dores, numa cabaninha num lugar quase deserto, alimentando-se de raízes de mato e de folhas de morangos.

Estava o homem tísico, diz o calênder das ninharias, e tinha-se feito anacoreta. Eu, por mim, creio mais que estivesse doido.

Ora o acaso, que é a mão direita dos romancistas canhestros, fez com que o recolhimento de D. Custódia fosse ao pé da cabaninha; de modo que João José viu a amante e ela não o viu a ele. Histórias!

E era alta noite, quando vieram chamar D. Custódia. E diziam:

— Acuda, acuda a um pelingrino! Depressa enquanto é tempo!

Custódia, mal acordada, enfiou uma saia pelos ombros, e foi. Era João José o pelingrino, João José que andava com o nó na garganta, pôde recitar 4 quadras em despedida, exactamente como o galo no seu testamento.

E assim acabou a triste lengalenga.

António Félix, que tinha até ali soltado a furto algumas exclamações, enxugou uma lágrima consagrada à memória do poeta e atirou-se aos braços do Manuel das Dores; por bem pouco lhe não meteu duas costelas dentro.

A alegria expansiva em certa gente é perigosíssima. Aviso a incautos.

— Ó meu amigo — exclamou ele —, ó meu caro amigo! Que doces, que inefáveis instantes me não trouxe a esta solidão! Como eu me sentia enlevado nas asas da sua musa pitoresca! Sim, deixe que o abrace ainda uma vez!

António Félix tornou a cingir nos braços Manuel das Dores que ria e chorava de contentamento; nem já se lembrava que o velho era pontífice dos defumadores.

E diz-lhe o poeta:

— Ó senhor mestre... obrigado!

E torna-lhe agora o mestre:

— Pois quem é aqui o agradecido, quem o penhorado, exímio cantador, cisne maviosíssimo? Quem senão eu? E como poderei pagar ao rouxinol, que baixou a visitar-me neste deserto, as alegrias com que tanto me aligeirou o espírito por novas e reiteradas fadigas?

— Ó senhor!...

— Diga-me; se eu lhe arranjasse para o livro uma tramóia crítica?

Tramóia crítica, em português comezinho vem a dizer juízo crítico.

— Eu não sou merecedor de tanto — volveu o ver-sista mastigando em seco.

— Que diz, irmão?! A modéstia não é da nossa escola. A mim cabe-me julgar como pontífice. Terá o seu livro uma tramóia da minha lavra. Sossegue.

Manuel das Dores bateu com a cabeça no chão em em ar de assentimento, abanou com as mãos postas atrás das orelhas, e saiu recuando.

António Félix continuou a admirar a voz da cigarra na copa da sua olaia.

IX

De como os órgãos da opinião pública falaram do livro e a trâmóia de António Félix é uma descomponenda aos pataratas. De como se venderam muitos exemplares do livro.

No dia seguinte ao da leitura da lengalenga ou poema, foi Manuel das Dores cumprimentado em termos líricos por inúmeros calênderes.

Até os órgãos da opinião pública falaram!

Dizia um:

«*Nova publicação* — Consta-nos que o distinto literato Sr. Manuel das Dores vai brevemente publicar uma lengalenga notável, como é de esperar de tão abalizado talento.

«Será mais um florão para a coroa do ilustre mancebo. O livro diz-se que trará uma bem elaborada trâmóia do Sr. António Félix.

«Parabéns às letras pátrias.»

Roncava outro órgão:

«*Novo livro* — Parece que o fecundo escritor Sr. Manuel das Dores trata de dar à estampa uma excelente lengalenga, que é ansiosamente esperada pelos seus numerosos admiradores e amigos.

«O Sr. Manuel é um jovem de grandes esperanças em cuja fronte brilham as mais belas e doiradas espigas que um poeta jamais soube colher no trato das musas caseiras.

«Afirma-se que o livro se adornará com uma tramóia do illustre pontífice dos defumadores, Sr. António Félix.»

Não se fez esperar o livro; appareceu; e a tramóia crítica lá vinha. E numa peça curiosa escrita à moda de epístola a não me recordo que personagem distinto no tráfico das letras e dos livros.

Seguem alguns parágrafos notáveis da missiva de António Félix:

Amigo e Senhor.

Dou-lhe os parabéns pela obra com que vai preñar a literatura liliputiana; etc.

Desculpe se o incomodo, mas gosto de conversar com quem me entenda. Este costume é já antigo na família e creio que vem de um viver para aqui solitário e delirante,

jovem Lílio abandonado.

É natural meu ser palreiro, como as aves que me rodeiam, etc.

Ora, eu há muito que não percebo a nossa literatura, tão confusa se me afigura, ou tão entranhada anda pelas etéreas filosofias, e por tão alto se livra¹. Fale-me, quem me quiser pasmado, à guisa de alguns escrevedores contemporâneos, no belo e no bom, no ideal e no intangível, etc.

V. S., Sr. Fulano, é que é um grande homem, porque se não fez editor para ganhar dobrões a rodo, senão para fazer o obséquio de impingir ao respeitável público

¹ Note-se que António Félix, o pontífice infalível, já começa a vingar-se da irreverência dos pontífices guedelhudos da Atenas liliputiana.

livros úteis. Os editores-negociantes são uns vândalos, que, aos escritores, «depois de os roubarem e despirem os matam no meio do pinhal». Vocemecê é outra fazenda, porque é um editor honrado, um acendedor de gás intelectual, que aprendeu a ler pelo método repentista. Vocemecê sabe onde está a cara, e há-de passar com os seus clientes à história «se me não engano.» Etc.

Oh! quem me dera a mim vê-lo «num armazém de livros contíguo e místico a uma tipografia de primeira plana expedindo literatura e ciência para todos os pontos de Lilipute e do Brasil, e ainda para muitas das ilhas Baratarias, etc.!» E depois, no armazém tornado areópago, sempre um entrar e sair de literatos, de sábios discutindo, elogiando, censurando, porque este é assim e aqueloutro é assado. Então veríamos acabar com a moléstia da nova geração, como se fossem parreiras ou batatas, em que desse o mal ou o arejo. Então seria eu reconhecido superior e pontífice, e a minha infalibilidade não andaria sovada aos pés de meia dúzia de fedelhos amortalhados em chochas filosofias. Etc.

Para o mal ou arejo, que traz entanguidos os ditos fedelhos, recomendo a leitura das minhas traduções, de que não faço público elogio por modéstia.

Talvez se observe que as obras por mim vertidas para o meu idioma já o haviam sido por outros escritores; mas é que esses não poderiam fazer outra coisa em termos e com a precisa limpeza¹.

Agora está a concurso uma cadeira de instrução primária. Lembro ao Sr. Ministro o digno autor desta

¹ António Félix neste ponto lembrou-me o Sr. Castilho no poema do Sr. Pinheiro Chagas.

O ilustre poeta, a propósito de Vergílio, depois de desancar os créditos literários de Franco Barreto, Lima Leitão ou Odorico Mendes, Leonel da Costa, Cândido Lusitano e Barreto Felo, acrescenta: «É porque nenhum destes era poeta. Como podiam,

lengalenga, o Sr. Manuel das Dores. É um mancebo fino, de muita memória e bastantes conhecimentos, etc....

Talvez me apontem Bernabé das Odes e Tomé das Folhas-Verdes. Incrível guerra esta em que se atiram nomes!!... Ai as paixões! Ai a inveja e o medo!

Eu destes dois moços não digo coisa alguma porque, em seu journadar pela estrada real da literatura, nem sei aonde vão nem o que pretendem; etc.

A lengalenga de Manuel das Dores é uma obra que há-de sobreviver-lhe e sobreviver-nos. Que beleza! Que mestria! Que doçura!

O céu estava toldado
 Por nuvens cor d'çafrão!
 Era o hino da saudade,
 Era a voz da solidão!

Acima disto... só eu!... etc.

Paro aqui. O Sol vai-se escondendo e são horas de me recolher à cova onde há anos habito.

Sem mais, etc.

No retiro da minha mata virgem.

De V. Mcê.

António, pontífice e mestre.

É para notar que numa capital como a do Lilipute houvesse ainda matas virgens. No entanto, é o que se lê.

pois, representar-nos um tão formoso gigante da poesia!» E duas páginas adiante diz que TEM PEJO DE DIZER que está a trabalhar no que nenhum desses, cujos nomes menciona, fizera a preceito... «porque não eram poetas».

O Sr. Castilho, sem ofensa, parece-me que não estaria deslocado na capital de Lilipute.

A carta fechava por este *post-scriptum*:

«Terá o amigo o incómodo de dizer aos que variarem as minhas opiniões, que não estou resolvido a tornar-lhes resposta, porque tenho mais que fazer. *Quod scripsi, scripsi*.

António.»

Foi este juízo crítico, tramóia, como lá se diz, que deu a importância ao livro. O pontífice dos defumadores com a sua abalada infalibilidade, na opinião patarata, ainda pode no espírito dos seus constituintes, se não tudo, o suficiente para se venderem trinta e cinco exemplares da lengalenga. Não era isto de tão pequena monta no Lilipute, onde os homens de letras passam o melhor do seu tempo a ler e a comentar as suas obras, e os que não são de letras mal aprenderam a ler.

Cada volume do poema trazia o retrato do autor.

X

Em que os de Atenas se mostram furiosos. De como se vingam e como se lhes responde. Declaração de Guerra.

Chegou o livro à Coimbra liliputiana, deixem-me assim chamar à Atenas dos homens de cinco polegadas, e o mesmo foi que rebentar uma bomba por sobre as guedelhudas cabeças dos escolásticos aéreos.

Que ousadia da parte do velho pontífice, escrever que os sábios da nova geração tinham o mal das parreiras e o arejo das batatas! Que atrevimento chamar-lhes, a eles, meia dúzia de fedelhos amortalhados em chochas filosofias!! Que arrojo pôr a boca nos dois vultos gigantes da escola-patarata, dizendo que os não entendia nem sabia por onde iam!!! Oh! Isto é para pro-

vocar o rubor da indignação à face do quadrúpede mais cobarde e menos aceso de brios!

Ora deixa estar!... Ou os pontífices da escola transcendentemente, eminentemente reformadora, não fossem Bernabé das Odes e Tomé das Folhas-Verdes!

Oito dias depois da aparição do livro na Coimbra liliputiana, eram convocados os senhores membros da escola para uma sessão magna.

O fim da reunião assentava sobre qual partido havia a tomar naquele assunto de Estado, em que o bom nome da escola-patarata clamava por desafronta, se não por vingança.

Variaram os alvitres com as pessoas. Houve sujeito que optou pela propinação de cabeças de fósforos a António Félix; e por mais de uma vez se falou em punhais e bacamartes.

— Senhores! — disse por último o pontífice Bernabé das Odes, traçando demostênicamente a sua túnica de linho. — Não é por ora caso de tanto ardimento, que peça às vozes os baixios dum suicida! Deixemos tropejar a impotente cólera em esgares, que porfiam de marasmo! Abramos com negligência as pálpebras ao sol das alvoradas paladinas, que tanto brilham no crepúsculo, e ponhamos um século na supremacia a que nos havemos conjurado tácitamente. De tudo isto venho a concluir, senhores, que o melhor meio de desafronta é um folheto, uma coisa em que se digam todas as verdades opacas e téticas ao pontífice dos defumadores num estilo terso; vibrante, assolador, mefistofélico!...

Uma salva de apoiados acolheu o alvitre do ilustre pedagogo.

Aprovado que foi, um *quidam*, notável por sua imensa guedelha ruiva, propôs o digno Bernabé para a confecção do folheto e logo se repetiu uma salva apoiadora.

Então o sábio Tomé das Folhas-Verdes, presidente que era da sessão, falou por esta forma:

— Aqueles senhores que aprovam ficam sentados, aqueles senhores que rejeitam põem-se de pé.

Tudo ficou sentado; vai depois Bernabé das Odes agradeceu em termos empolados a honra que lhe era conferida e tudo se despediu na melhor ordem.

O folheto apareceu. Era uma carta a António Félix, uma diatribe que cheirava mais a descompostura furiosa do que a resposta de filósofo, que sabe ter-se na conta do que deseja inculcar. Nós também temos disto por cá entre os irmãos gazeteiros. Estes, depois de haverem lastimado o rebaixamento da imprensa, acabam de ordinário por se insultar; o que, a meu ver, está acima de toda a lógica.

O folheto apareceu, e o ponto menos arrebatado dele era o que negava infalibilidade ao pontífice António Félix.

Porque, se S. S.^a levantou a mão para a escola-patarrata, foi por ela lhe não fazer salamaleques; porque essa escola é independente, porque só visa ao bom e belo aéreo; porque despreza falsas grandezas, porque aborrece as ninharias, porque tem nessa conta as obras de António Félix e de toda a sua escola; porque vai com as luzes do século, porque despreza o mundo, porque não está para dar satisfações!

Apareceu o aborto, e com ele se exagitaram os espíritos nos arraiais contrários. Dois dos mais entusiasmados fumadores foram incumbidos da resposta. Um, criança ainda, jovem sobrinho ou neto do pontífice, para tomar a coisa a sério, outro, Calisto Rosado para a meter a riso. A criança exhibia os títulos e nomes dos cavalheiros liliputianos que tinham reconhecido no tio ou avô a infalibilidade negada; o segundo, com a cha-

laça e jogo encoberto, principiava por analisar os escritos do filósofo Bernabé e acabava por lhe chamar patação.

O fogo ia-se ateando à chamiça. De Atenas veio a terreiro um sujeito chamado Germano ou coisa semelhante. De lá, da capital, saiu-se um intérprete da opinião pública por nome Teixeira. De cá tomou a palavra, de azorrague em punho, o grande Tomé das Folhas-Verdes, o pontífice do belo-patarata. De lá saltou Manuel das Dores, querendo ridicularizar o negócio; e assim prosseguiu a rixa até que apareceu o novo contendor Bonifácio Leituga, pregando frechada nuns e outros.

Quando a questão chegou a este ponto já estava séria. Tomé das Folhas-Verdes tinha recebido por correio uma carta do sobrinho ou neto de António Félix na qual a criança o ameaçava de lhe ir puxar as orelhas. Esta carta foi lida pelo mencionado Tomé aos da escola na ocasião em que se apresentava, pálido de cólera, o pontífice Bernabé, com o opúsculo de Bonifácio Leituga debaixo do braço.

Bonifácio Leituga atacava de rijo Bernabé das Odes.

A palavra que, no final da leitura do último escrito, rebentou espontânea de todas as bocas foi:

— Guerra!

E no dia seguinte despedia-se um próprio com um officio para o sobrinho ou neto de António Félix, officio concebido nestes termos:

Sr. homem:

Considerando que a escola filantrópica ateniense (pomposa designação da escola patarata) recebeu de V. Mcé., na pessoa de um dos seus membros, o maior insulto que pode fazer-se a um liliputiano;

Considerando que da escola dos defumadores, cuja V. Mcê. é membro inato, por mais de uma vez têm partido descomposturas, que repugnam à sua índole pundonorosa;

Considerando que a dignidade e a honra da classe pedem um desforço monumental;

Considerando isto e outras coisas mais:

Acordam os da junta que se declare a guerra entre as duas potências, filantrópica e defumadora, havendo VV. Mcês. por bem declarar as armas, o dia, a hora e o lugar para o combate.

Dada em Atenas.

Os Pontífices

Bernabé das Odes

Tomé das Folhas-Verdes.

Esta solene declaração de guerra causou extremo alvoroço nos defumadores da corte liliputiana.

Chegou a resposta. Era aceite o desafio. Por armas escolhia-se a lança e por campo de batalha Vale de Cavalos; dia, o oitavo depois de entregue na Atenas o officio presente; hora, a quarta, depois do meio-dia. Para tudo tomar um carácter cavalheiresco, assim a modo de torneio, os combatentes deviam montar as suas alimárias ou ginetes.

Na Coimbra liliputiana foi recebido por desprezadores do fútil e do convencional, com sombra de mofa, a última da missiva que rezava das alimárias. Entretanto não havia retorquir sem desaire, e fazia-se mister tratar dos preparativos.

Que fogo! Parece incrível que em feitos tão pequenos se gerasse entusiasmo daquela força. Pois é verdade.

E neste comenos, Bonifácio Leituga recebia convite de Bernabé das Odes para tomar lugar entre os adversários da escola-patarata, que era desejo seu, dele Bernabé, lavar a sua honra conspurcada no sangue ainda quente e na bilis ainda palpitante dele, Bonifácio Leituga.

Bonifácio Leituga era brioso; aceitou.

XI

De como os pataratas foram à guerra e se tomaram rijamente com os calênderes. De como Bernabé das Odes se tomou com Bonifácio Leituga. De como ficaram no campo alguns burros, entre mortos e feridos.

Aproximava-se o dia do combate, que era uma terça-feira, de mau agouro para os supersticiosos do Lilipute.

E na véspera saiu de Atenas um esquadrão de trinta combatentes cavalgando em burros por falta de ginetes, levando à sua testa, de chuço em punho e dente arreganhado, Bernabé das Odes e Tomé das Folhas-Verdes. O aspecto de ambos e da turba era caricatamente guerreiro.

O dia seguinte amanheceu-lhes em Vale de Cavalos, e para logo acamparam, não sem terem descoberto da outra banda do vale as bestas dos contrários pastando em liberdade.

Ao meio-dia a turba jantou do que havia levado no bornal.

Às duas horas da tarde veio ao centro da campina um plenipotenciário dos calênderes, e dos pataratas foi outro. Conferenciaram por largo espaço de tempo. Uma das cláusulas do combate era não se atirar à caveira,

cláusula que foi aceite de parte a parte, com mostras de gratidão para os plenipotenciários.

Tinha corrido a notícia do combate e nos montes circundantes assomava o povinho, ávido de cenas trágicas.

Pelas três horas formou-se tudo em linha de batalha. Era o mais notável de todos os contrastes. Dum lado, figuras esguias, afiambradas, de bigodes, luneta e chapéu alto, cavalgando em ginetes e a custo empunhando lanças que pareciam rocas. Do outro lado, caras amareladas, cabeleiras hirsutas, barbas virgens de pente e navalha, mancebos de óculos azuis com aro de cobre, túnica sebenta, coroa de louros e botas cambadas, montando em jericos e empunhando chuços. Ainda assim, tanto duma como doutra parte havia o quer que era de imponente, de terrível, que gelava.

À frente dos calênderes via-se, trajando de milício, com sua barretina de penacho e suas luvas de camurça, o autor da lengalenga, o Manuel das Dores. De lá eram 37 os combatentes. Bonifácio Leituga não faltara.

E pelos montes e pelas árvores não se viam senão cabeças; e um rumor, como de público impaciente pela demora do espectáculo, rompia da multidão.

Bateu a hora solene.

Bernabé firmou-se nos estribos de pau, agarrou nas orelhas da burra, e fazendo-a voltar para os discípulos clamou:

— Irmãos! Até que nos vamos desagrar das perfrases insultuosas cuspidas nesta minha e vossa escola, grande em seu começo, que maior deve de ser em seu fim! Até que tenho ocasião de medir as armas com as do réptil, que se atraveu (sic) em empeçonhar-me o estilete na face mádida pelo calor do génio! Até que vamos fazer pagar caro o atrevimento de nos virem roubar, como tropel de iconoclastas, aos nossos estudos,

às nossas meditações, às nossas filosofias puras! Irmãos! Ei-los diante de nós! O seu traje é um insulto às nossas ideias de reforma! Para a frente, irmãos!... Ordinário, marche!

E o esquadrão de jumentos pôs-se a caminho num passo arrastado, como de boi que se dirige para o matadouro.

A esse tempo dizia Manuel das Dores aos da sua comitiva, depois de ter arqueado *gentilmente* os braços e limpado com as costas da luva de carmuça as bagas de suor que lhe manavam da testa:

— Soldados! Do cimo destes montes e destas árvores mais de quatro mil pessoas vos contemplam! Aquelles que tão insultuosamente se têm erguido contra nós, contra o nosso pontífice, estão além, cavalgando ridículos bucéfalos! É preciso um exemplo!... Dizei-me quem será grande entre nós, quem será distinto neste Lilipute, se aquela confraria de orates logra colher os loiros nesta peleja?... Soldados! Lembrai-vos das palavras do grande mestre na ocasião da partida. Ele disse: «As entranhas palpitantes das vítimas agouram-me vitória. Três gafanhotos correram para o norte, e uma ovelha branca balou três vezes.» Calênderes, temos os deuses por nosso lado. Venceremos! Todavia não apon-teis à cabeça!... Ordinário, marche!

E o esquadrão dos defumadores começou a mover-se, ao tempo que o outro parava a respeitável distância, e o pontífice Bernabé dizia:

— Sentido, irmãos! Tudo menos atirar à caveira!!

E, com entono:

— Chuço em riste, vamos!

Deitaram os jumentos num chouto desapoderado, quando de lá se mandava e executava idêntica manobra com os garbosos ginetes.

Alguns segundos mais e os dois esquadrões batiam, terríveis, um de encontro ao outro.

E mil gritos, fundidos num só grito, partiram dos pálidos e imóveis espectadores daquele combate de galos.

Nuvens de poeira assombravam o quadro.

Era tragédia, tudo aquilo, tragédia de que há-de respeitar memória eterna em Vale de Cavalos.

Ao primeiro choque, rolaram na erva, banhados no próprio sangue, mordendo o próprio freio, quatro jumentos e outros tantos potros. Começava cedo a mortandade.

No meio da confusão geral dois homens se procuravam: Bonifácio Leituga dum lado e Bernabé das Odes do outro. Finalmente avistaram-se, e o olhar torvo, com que se mediram, foi nova declaração de guerra.

E os quadrúpedes recuaram três passos, como feras que preparam o salto, e correram a trote um para o outro. E, a dois terços do caminho, a jumenta de Bernabé tropeçou e por um triz não alijou de si a carga; mas seguiu.

O embate do chuço do filósofo com a lança do crítico foi de respeito. O chuço do filósofo resvalou, atirando à distância o chapéu alto do adversário; a lança do crítico fez o mesmo à coroa de louros do filósofo. Meros cumprimentos...

Renovado o ataque, à terceira ou quarta arremetida, a jumenta do Bernabé das Odes baixou as orelhas, desentranhou um gemido cavernoso, o pêlo das costas estacou-se-lhe, e, sem dar acordo de si, tombou para o lado. Estava mortalmente ferida na testa.

— A pé — bradou terrível o patarata, espumando de raiva —, a pé, dom cavaleiro!

Bonifácio Leituga atirou-se abaixo do bucéfalo, que partiu rinchando.

Nestes entrementes estrebuchava a burra de Bernabé nos derradeiros transes e cerrava as pálpebras por toda a eternidade. Misera vítima das paixões liliputianas, aqui te consagro mentalmente uma lágrima!

Cruzaram-se de novo as mortíferas armas.

E a maior parte dos combatentes brigava de pé!

E os ecos vizinhos acordavam lúgubres com o estridor da peleja, de mais por mais encarniçada! E o chão via-se alastrado de cadáveres ensanguentados, de briosos cadáveres de burros! Nova lágrima do historiador sobre esses cadáveres.

E Bonifácio Leituga, quando já o cabelo se lhe empastava na testa, recebeu no ombro uma leve chuçada!

Quem o havia de dizer? Estava o quadrúpede vingado... e Bernabé das Odes também!

CONCLUSÃO

Escondia-se pálido o Sol no poente e daquela tragédia apenas restavam algumas caveiras de burro.

Quem vencera, não era fácil de decidir. Perguntásemos a uns e outros que, defumadores e pataratas, ambos entoavam vitória. Mortos, à parte burros e ginetes... nem um só. Feridos... Bonifácio Leituga e não sei que guedelhudo sujeito.

Enfim, a coisa foi falada e as duas escolas, as duas seitas rivais continuaram na sua espinhosa tarefa, uma de executar posições respeitosas e salamaleques difíceis diante do infalível, outra de pregar filosofias por que, a meu parecer, se regem os indígenas da Lua.

Isto deu-se no Lilipute, que se preza de civilizado, que sustenta polícias de olho vivo, e que faz exposições universais nos pagodes da indústria. A nós outros parece-nos o caso bem pouco de se acreditar, mas foi facto.

A gente pequena sempre é muito ridícula!...

42.ª PEÇA DA POLÊMICA

A IMPRENSA NA GAIOLA [¹]

[¹] Imprensa de J. C. de Sousa Neves, Lisboa, 1866.

Esta peça, um poemeto de escasso interesse, embora tivesse saído anónima parece da autoria de Pedro Dinis, visto que Castilho lhe escreve uma carta agradecendo-lhe essa intervenção. O folheto que copiámos na Biblioteca Nacional tinha o nome de Pedro Dinis manuscrito no rosto. Só foi publicada a 1.ª parte.

I

O BAILE

*Fabricao Fábrio dirigia as cenas
A contento de gregos e troianos:
Com um senso comum, raro hoje em dia,
Num chinelo metia Aprigio Fafes.
Se punha mira em castigar costumes,
Ou calçar o coturno a seus actores,
Seu fim era também tornar a cena
Poule aux oeufs d'or, e rede armar aos pintos.
Tomando o pulso à quadra em que vivia,
Vendo a matéria dominar em tudo,
Ele tinha razão, não o condeno;
Se havia culpa, vinha de mais alto.
Um dia sonhou ele que a Fortuna
Às vezes vem, por tortuosas vias,
Dar alma e coração a seus dilectos.
Com esta ideia acorda, e o braço estende;
Maquinalmente a campainha toca:*

Mefistófeles vem ao seu chamado.
— Amigo — The diz Fábio —, hoje a Alemanha
Filosofia ensina ao mundo inteiro:
Tu, que hás sido nas terras de além-Reno
Fabricante de amor e juventude,
Algum elixir tens de malas-artes
Que a minha fantasia inspirar possa?
Mefistófeles diz: — Fabrício amigo,
Tu sabes quão propício hei sido sempre
Ao povo lusitano e ao seu progresso;
Eu sou que inspiro os génios benfazejos
Que estas praias visitam, que no alforge
Trazem férreos carris, arames, docas,
Bancos, navegações, créditos móveis,
Grandes fomentos, pós insecticidas,
E muitas coisas mais gratuitamente:
Portanto ordena; eu prestes obedeço.
— Benévolo demónio — torna Fábio —,
Eu não te peço a vã filosofia
Que na Germânia nebulosa é fumo
e entre nós vai fazendo alguns orates!
Tão-pouco amor, tão-pouco juventude
Eu quero para mim; mas esta cena,
Que vês, anda a tinir, e vai-se a pique;
Transforma-me isto pois num Eldorado,
Num Potosi, ou Califórnia aurífera.
Mefistófeles ouve, e uma peneira
Nos olhos põe de Fábio, e a rir se ausenta.
Então Fabrício entra a falar consigo,
E a debuzar a respeitosa carta,
Que passamos a ver; assim dizia:

«Preclaríssimas damas de unha preta,
Versadas no Alcorão do Amor infido,
Vos envio saudar como às que preso:

*Eu passo muito bem, muito obrigado,
 E este povo de Lisboa é meu criado.
 Um dos espinhos do oneroso encargo,
 Que a meus ombros tomei, é dar com tino,
 Ligeiro pasto a esta sociedade
 Papilionácia, doudejante, móbil.
 A taça do prazer já mostra o fundo;
 Marrare é d'extra-moda; as Cortes murcham,
 E vertem Cristais d'Alma em vãos discursos;
 O Grémio palra, a Academia é muda.
 Como pois panem dar et circenses,
 A este povo que em mim seus olhos fita?
 Lucubrei muita noite a sono solto,
 Mas dei no vinte: inveni, inveni, digo,
 Vou congregar, em abafada estufa,
 As florinhas que Amor bafeja e colhe.
 A cidade dos doges, noutro tempo,
 Fama ganhou por suas entrudadas:
 Com máscaras também, disse eu comigo,
 Chamemos a atenção da Europa culta.
 Já destinei local: é velho templo,
 Solar da Inquisição hoje dedicado
 Ao progresso da Arte; nele habitam
 Tália ao rés-do-chão; e Gil Vicente,
 O Plauto português, na água-furtada,
 Porque o génio, entre nós, vive nas trapeiras.
 Rijas festas aqui vão dar-se, ó belas.
 Dois colossais espelhos de Veneza
 Reflectirão o Carnaval de Lísia;
 Oh! Se eu pudesse reflectir como eles,
 Não lhes cedera tão brilhante encargo.
 Qual na prisca cidade das lagoas,
 Medito amalgamar o fausto e a pompa,
 Que o Sol logo em nascendo vê primeiro.
 Aqui tereis os luxos do Oriente:*

*Divãs, corins, e pérsias alcatifas,
 Lavabos e toilettes, luz e flores,
 A flux o néctar, célicos manjares:
 Pastéis de bacalhau, peixe que ostenta
 Boa língua e bom fígado, ao reverso
 De muitos literatos de água doce,
 Pintos na grelha, pintos escaldados,
 Peruas, e borrachos, patos mansos,
 Pingu de lavrador, e as tão gabadas
 Mãozinhas de carneiro apetitosas;
 Até na paga encontrareis dobrada.
 (Esta escapou de Satanás à Pera.)
 Das igrejas virão vasos etruscos
 Adornar camarins; alamedados
 De laranjeiras, mirtos, rododendros,
 Serão os lanços da marmórea escada.
 Lustres custosos, obras d'arte esplêndidas,
 Representando faunos e amorinhos,
 Da França há-de trazer propícia fada.
 Por toda a parte enfim róseas grinaldas,
 E em nichos de marfim, sobre áureos plintos,
 Cassoletas vertendo audaz perfume:
 Pivete, nardo, jockey-club, almíscar,
 Ambar, beijoim; nem faltará canela,
 Para dente de cão, fina e cheirosa.*

*Anos de Reis, consórcios de Monarcas,
 Nunca hão-de ver tais galas e primores,
 Quais para vós reservo respeitoso.
 Hei-de tornar o Pátio das Comédias
 Mais peregrino e primo que o palácio
 Do génio tutelar das Bagatelas.*

*E finalmente, ó filhas de Tália,
 Se alguma d'entre vós cair na cena,
 Hão-de pôr luto Gil Vicente e o mundo,
 E de negro o frontão há-de tocar-se.*

*É nobre usança, em públicos teatros,
 Quando algum dos artistas desce à tumba,
 Nas janelas dispôr funéreos trapos,
 Da dor oficial modesto emblema,
 Sinal de gosto amargo dos infelizes.
 Da Arte é este um privilégio raro,
 Que a pessoas Reais se não concede.
 Mas se suspeita houver de algum delito,
 Há-de ser vosso corpo aberto a ferros,
 E profanada a feminil entranha,
 E o póstumo pudor aos pés calcado.
 Sim, damas, há-de haver grande honra fúnebre,
 E, logo depois dela, o desacato*

*Para aumentar vosso deleite intrínseco.
 Surpresas mil já tenho prevenidas:
 Ora vereis, vestido com riqueza,
 Fusco habitante do celeste império,
 Por fora um china sécio e merencório,
 Por dentro fulvo Adónis, pulcro, amável;
 Ora vereis o nunca fatigado
 Gentil Estofador, glória das salas
 Do Casino, do Price, e da Floresta,
 E flor dos cancanistas. Excitadas,
 Ao som da trompa, dançareis contentes
 Lundum, chula, cancan, fado e caxuxa;
 E afoitas podereis alçar a perna,
 Com a ponta do pé bater no lustre,
 Que tudo isso é normal, propício à Arte.*

*Vereis entrar na sala um nobre vulto,
 Nos olhos cego, e lince no talento,
 Moderna encarnação do Génio antigo.
 Pela mão conduz o louro Apolo,
 E as Camenas o cercam, festejando-o;
 Vergílio, Anacreonte, Ovídio, o seguem.*

*Absorta diz a turba, que o contempla:
 Quem será este vate, a quem as Musas
 Com tal primor obedecer parecem?
 Será Milton, o anglo, cujas filhas
 Eram os olhos seus, uma escrevendo,
 Outra o vaso da tinta sustentando?
 Ou será redivivo o padre Homero
 Cuja terra natal é o mundo inteiro?
 Então vereis, do báratro saídos,
 Uns zotes ainda há pouco desmamados,
 Mas já com cara e fumos de juizes,
 Pedradas atirando ao nobre cego,
 Que por ser tal não pode ver mosquitos,
 Mosquitos literários, que sòmente
 Sabem zumbir cuidando que cantaram,
 Mosquitos, infusórios, que de um sopro
 Com o pó confundir ele pudera.*

*Vereis então, do gás que a casa alumbra,
 Sair um vulto em nuvens embrulhado,
 E apontar para o céu, dar três suspiros.
 E depois, invocando a nova Escola,
 (Farmácia de bom senso e de bom gosto)
 Estes carmes soltar ao som da lira:*

*Descei do Olimpo, estrelas bífidas,
 Que luzir vejo em chão etéreo;
 Vinde dançar; dançai comigo
 Nocturna ronda em cemitério.*

*A vossos pés, minha harpa eólea
 Vou dedilhando em mudez triste;
 Livre ser quero, e a liberdade
 Do ruivo Apolo em vão me assiste.*

*Amor é deus, Amor é nada,
Amor é vento, é aquilão
Que assopra o peito, onde a Natura
Deu ventre e orelha a um alejão.*

*Mas só de Amor as leis conhece
Quem do Infinito espreita o arcano,
Como a maçã caindo grave,
Sobre a cabeça do anglicano.*

*Ondas no céu, no mar estrela,
O Sol e a Lua em terno giro,
Frase escabrosa e sem gramática:
Eis o sublime a que eu aspiro.*

*Escute o mundo absorto e pasme;
Vós me emprestai as unhas pléctricas
Que nem eu mesmo entender possa,
Deste alaúde as vozes tétricas.*

*Eis senão quando, pela sala rompe
Um cavaleiro, envolto em preta capa,
Como se usa na quebra dos escudos.
Traz na mão uma carta (a qual vai lendo)
Com timbre brasileiro, e quatro golpes
No Lazareto havidos por cautela:
Carta de que ele mesmo autor parece.
Súbito pára, tira da algibeira
Um cacho de bananas, come e assenta-se;
E depois de refeito exclama impávido
(Com cara assim de quem armar procura
Tempestade sonora em copo de água):*

*Nobres patricios, que de longe abertas
As bocas tendes ante as minhas falas;*

*Que de olorosos, gratos cumprimentos,
Dos paquebotes onerais as malas.*

*Do Sol nas costas, nesse exílio d'ouro,
Com telescópios dum alcance atroz,
Lá descobris o que ninguém descobre,
Nem entre os getas, nem cá entre nós.*

*Do mundo as cenas, como as do teatro,
São grandes longes e pequenos nadas;
Fingem-se bosques e paisagens lindas,
Com três borrões e quatro pinceladas.*

*E se não vede: vós pasmais ao longe;
E aqui ao perto ninguém pasma assim;
Vós no outro mundo a me bradar — ripita;
E neste mundo tudo a rir de mim!*

*Uma dama vereis encadernada
Toda em cetins, com visos de loireira,
Acompanhada, mas de braços soltos,
Por um bisnau, que se não é parece
Marido seu; o qual notando o espanto
Com que a turba o remira, assim lhe fala:
Esta mulher que vedes não é minha,
Esposa, dizer quero, é minha alfaia;
A contento a tomei, dando de luvas
Vinte libras à mãe. Foi garantida
Por um ano; é mulher d'escape d'âncora.
Quando me aborrecer, ponho-a na rua;
Pois aqui entre nós, só fiz com ela
Consórcio livre sem sanção divina,
Isso que traz discorde a Academia,
Casamento Civil, numa palavra.*

*Homem também vereis de aspecto grave,
 Todo vestido de virtude antiga,
 Trazendo à cinta o gládio de Virgílio,
 E às costas o alvião de Cincinato.
 Chegando, pára; encara o mundo, e torce
 O nariz com desdém, e toma o fôlego,
 E sorve o pó de cartapácios híbridos,
 E depois fala assim, franzindo a testa:*

*Novo Timon, só vos requeiro palmos
 Nove de terra, em cemitério agreste;
 Por companhia uma caveira fria;
 Por travesseiro um tronco de cipreste.*

*Não perdoando a quem de mim discorda
 Meus contendores trato como cães.
 E que são eles? São uns ichacorvos,
 Vis holandilhas, proves ermitães!*

*Se à pátria falo (e nisso honra lhe faço)
 É só de longe, e com palavra rude:
 Descargo a bile, mostro-me enfadado,
 E a isso chamo — cívica virtude.*

*Sem ser vaidoso, já sonhei dos homens
 Andar aos ombros em vistoso andor;
 Hoje em minha alma nutro só despeito
 E até aos homens vou perdendo o amor.*

*Se loiros tive, se colhi aplausos,
 Eram mais altos os anelos meus:
 No altar da pátria, meu saber imenso
 Merece o incenso, que se queima a Deus.*

*Penetro o empireu; falo com o Eterno;
Sei os principios d'O que não tem fim;
Vejo os defeitos da família humana:
E por fortuna não me vejo a mim.*

*Se eu, por desgraça, numa linfa pura
Visse meu todo, físico e moral,
Morria breve, qual morreu Narciso
Amor jurando ao sedutor cristal.*

*Já fui dos crentes; hoje em mim só creio.
A musa minha já não canta, ralha.
Como os romanos, das antigas eras,
Volto à charrua, mas sem dar batalha:*

*E se me apertam, demando o Letes,
A ver se o fogo da minha alma apago,
No meu caminho deixo um igneo sulco,
E os reis e os povos com meus pés esmago.*

*Na pena tenho o génio das Procelas;
Posso mandar os homens ao profundo:
Porém já agora não arranco a espada,
Porque não quero que se acabe o mundo.*

*Vereis também official imberbe
Entrar azafamado, e ali de um jacto
Riscar o plano de uma longa história
De guerras e façanhas portuguesas.
Hoje as histórias fazem-se aos pulinhos,
Sobre o joelho, ou mesmo sobre o vento.
O Governo não quer que pensem muito
Os cronistas dos fastos lusitanos,
Para poupar os cacos esp'rançosos,*

*Por quem a pátria chama, as Cortes berram:
As histórias por isso hão-de ser frescas
(Talvez da carochinha) e... custam contos!*

*Nesta feliz galvanizada estância,
de virgens loucas não, mas de senhoras
Nomes havereis. Aqui não há polícia,
Que devesse os segredos melindrosos
Do nosso toucador. Aqui sois livres,
E em tudo iguais à fina-flor das gentes.*

*Esta igualdade, que ora vos inculco,
Não é como a de irmãos, que o são no nome,
Ou chamando-se irmãos (com três pontinhos)
Refugam os amigos; e se há ceia
Dão a uns mesa lauta, a outros volantes
Bandejas com refrescos e bolachinha,
Depois de lhes haver sugado os votos.
Uma caraça as condições nivela
Melhor que um avental. É com caraça
Que neste mundo muita gente sobe.
Com caraça ali, pois, vereis sentada
Gentil beleza de conduta equívoca
Junto de grave lente, ou douto beca;
E ao pé da Lourinhã a Lusa Atenas,
Longes que muita vez o acaso encurta.
Vereis o jovem rábula, ignorante
Dos usos cortesãos, fazer ensaio
Das finezas que às damas de unha branca
Medita nos salões dizer prolixo.
Vereis o conselheiro anoso e sério,
A quem Amor já nega o brando influxo,
Trinar requiebrós e balar ternuras,
Entre beldades vãs, ídolos surdos,
Qual rato de botica entre redomas.*

Vinde tais quais a Cípria vos há feito,

*Sem pó-de-arroz, nem branco de baleia:
Deixai carmins, estuques, e arrebiques,
As falsas belas, que de balde intentam
Corrigir da Natura as mãos avaras:*

*Não vedes por aí tantas formosas
Damas, com finos pés e mãos macias,
E faces que parecem umas rosas?
Pois descascadas são umas enguias,
E senhoras de roca: se as nortadas
Descortezes lhes erguem o balão,
Mostram mimosas peças carregadas
Com pólvora inocente de algodão.
Usam falso rubor, tranças postiças,
Põem alvaiade, pintam os cabelos,
Como os homens retingem as suíças:
E compram a beleza aos Serzedelos.*

*De um poeta sei eu que na ditosa
Vigília nupcial, um beijo casto
Acanhado foi dar na esposa tímida:
Eis senão quando os lábios se lhe apegam
Do pastel ao folhado, e alguns pedaços
De cal e de carmim consigo trazem.
Buscar vai o infeliz um canivete,
É da cara-metade as faces raspa:
Junta no chão um monte de calça,
E vê que o rosto branco, aveludado,
O cheio, o rechonchudo, é tudo estuque.
De chambre, no seu traje de frasqueira,
O desiluso foge espavorido,
E é fama que ainda hoje o mundo corre.
Se alguém do belo sexo o encontrasse,
Fazendo anúncios ganharia alvissaras.*

*Meu principal intento é de vós outras
 Fazer Exposição. Expõe-se o gado,
 A flor, a couve, o pau, a pedra, o chifre:
 Porque não há-de expôr-se a Formosura,
 Que no mundo, aliás, sempre anda exposta?
 São moda Exposições, e última moda
 Dar honras imortais a seus autores.
 Isto é, porém, segredo. Se se aventa
 Nas regiões lunáticas tal cousa,
 Ou me deixam morrer em triste olvido,
 Ou dão-me uma anasarca de comendas.
 Podem até, por mal, fazer um santo
 Deste pobre de mim, trocar-me o nome,
 E chamar-me — barão de S. Fabrício —
 Por ter iniciado (é o termo próprio):
 E eu não posso, meu Deus, com tanta glória.*

*Vinde pois tais e quais, sem atavios;
 E entre risos de eunucos boquiabertos
 Perlustrareis vaidosas estas salas,
 Qual nos estaus dourados do Oriente
 Passeia com desdém sultana honrada.
 Por fineza maior porei patente
 Meu camarim vistoso, convertido
 Nessa noite em retiro de pacatos;
 Ali vereis do confort os primores:*

*Num recinto ameno e fresco,
 De florinhas alfombrado,
 Guéridons, divãs, consolés,
 E painéis, tudo dourado.*

*Na bacia alabastrina
 De uma fonte perenal
 A verter água de rosas
 Um Cupido de cristal.*

*Postas d'escabeche,
Molhadas em vinho,
A cada cantinho
Cardume de Amores;*

*E em cada escaninho
Os fagueiros lumes
Que acendem os Numes
Com damas e flores.*

*Farei enfim que as horas pressurosas,
Em paz, sem regedor, vos corram plácidas;
E ao som do bronze, anunciando as Cinzas,
Respondam do batuque os sons alegres.*

*Os intervalos há-de preenchê-los
Desordens e motins, jogos de força.
Há-de haver bofetão, eu vo-lo afianço;
Talvez até que os sábios deputados
Aqui venham provar sua facúndia,
Aos murros, qual em pleno parlatório
Já se têm decidido questões graves.
Que cuidais vós? Não há-de haver sopapo?
Baile sem cachação não é d'entrudo.*

*Não darei prémios, como no cantante
Café se dão às mais donosas máscaras.
Mas no auge da polca, ou da mazurca,
Uma cabaça arrojarei à sala
Com dourado letreiro, em que se leia:
«Abóbora à mais bela.» Eu serei Páris.*

*Porém vós heis-de vir sécias, galantes:
E não devo eu também ir mascarado
Ao vosso encontro, ao patamar da escada,
Ao átrio deste templo de bom gosto,
Fazer da casa as honras e as zumbaias?
Mas que fato hei-de eu pôr do assunto digno?*

Posso ir de manto cor de madreperola,
 Vestido de luar; mas eu prefiro
 Transvestir-me de IDEIA, ignota deusa,
 Deidade indecifrável, nebulosa,
 Envolvida ora em crepe, ora em volante,
 Com diadema de sóis ainda não vistos,
 Mas que já mundos novos alumiam.
 Não será esse um traje desusado,
 Um sonho no país dos impossíveis?
 Pois assim é que intento ir aguardar-vos,
 Ao pescoço levando, por decência,
 A veneranda Estola do Infinito.
 E depois, nesse tom de Ode moderna,
 Que faz chorar, e rir ao mesmo tempo,
 Determino entoar esta cantata:

*Ninfas gentis, que ao baile
 Dais vida e movimento,
 Vós sois, ó castas divas,
 Meu gáudio e meu tormento.*

*À vossa sombra plácida
 As Artes têm favor:
 Vossos balões espalham
 Não luz, mas sim calor.*

*Tália, sob vosso influxo,
 Lucros aufere e glória;
 Pesa-se a glória a libras,
 E as libras são vitórias.*

*À mesa dos Expostos
 Assenta-se Talia;
 Do pão dos inocentes
 Lhe cabe uma fatia:*

*Faltava-lhe a manteiga;
Vós lha viestes dar:
E por dez réis, oh!, quanta
Lhe dais mesmo a dançar!*

*Eu pois e a Musa gratos
Ao bem que nos fazeis,
Se vós folgais, folgamos,
Sofremos, se sofreis.*

*Assim, portanto, ao baile
Dando requinte e alento,
Vós sois, esquivas belas,
Meu gáudio e meu tormento.*

*Esquecia dizer: a entrada é grátis.
Vede que nem sequer pagais o piso!
O Governo, antiquíssimo emprásio
Desta casa, que as Musas patrocina,
É quem abre os salões, quem vos congrega.
Este convite, que ora vos envio,
É todo Oficial. Eu nada mando:
Apenas de um ministro sou vigário.
A ele, só, pois, agradecei a entrada.
Oh! Ditoso o país, onde o Governo
Aos bailes seus convida gente fina!*

*Onde jaz, Portugueses, o momento,
Que do imortal Governo a glória encerra?
Nem sátira sequer... Raça d'ingratos!
Nem isso... nem um seixo, um embrechado,
Um tijolo singelo... A vós meu canto,
A vós, imprensa do universo o envio
Lira da pátria minha, onde hei cantado
De alto rocim as hípicas virtudes,*

*Antes que neste escolho, em palco estranho,
Quebrada te abandone, este só grito
Alevanta final e derradeiro:*

*— Nem o Governo, que as modestas Graças
Convida a seus saraus, conhece o Luso.
E com isto termino. Adeus, ó belas;
Vosso venerador — Fabrício Fábio.»*

*Enquanto Fábio a carta assim traçava,
Do estelífero assento descendia
Mercúrio, sublimado mensageiro
De divos e de deas, doce amigo
E sócio de Esculápio inseparável.
Bela dona o seguia (talvez Vénus,
Afeiçoada à gente lusitana)
Em aberta vitória; e embalsamando
Os ares vinha Arceu na retaguarda.
De espanhóis todos três vinham vestidos,
Vendendo chocolates, e mais não digo.
Disfarçados assim os deuses descem,
Às vezes, a folgar entre os humanos.*



Luciano Cordeiro

43.º PEÇA DA POLEMICA

**A AGUIA NO OVO
E NOS ASTROS
(1.ª Parte) [1]**

Um Lisboaeta
Convertido

[1] Tipografia do Comércio, Rio de Janeiro, 1866.

Com o subtítulo *Sive a Escola Coimbra na Sua Aurora e em Seu Zénite*, José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, sob o pseudónimo de *Um Lisboaeta Convertido*, vem de novo, desta vez em estilo jocosos, cheio de subentendidos e com imaginativa veia satírica, por vezes de mau gosto, castigar a «escola de Coimbra». Dados fundamentais: as nebulosidades filosóficas e a ridicularização dos poetas Teófilo e Antero.

Livro de propaganda, destinado a dois enormes fins: o 1.º, restituir a glória da invenção ao verdadeiro fundador da Escola; o 2.º, demonstrar, por meio de comentários a uma das mais primorosas produções da Escola, que só naquela religião heterodoxa pode haver salvação;

Eureka! Eureka!

HEGEL, cap. VI

Il.^{mas} e Ex.^{mas} Srs. Reformadores da Escola Coimbrã:

DESDE dilatados evos, o meu *eu*, inundado de alegria irrepreensível, encarava, num quietismo contemplativo, mas com um entusiasmo incoercível, o verbo insignificativo de V. Ex.^{as} cujos rostos arcangélicos me esvoaçavam na mente, em suas individualidades abstractas nas unidades absolutas! V. Ex.^{as}, fazendo cair muitas escamas das minhas córneas, em sonhos me surgiam, transmitindo o Verbo carnificado, e sintetizando uma criação toda subjectiva.

Eu reconheci, não cedo, mas enfim, cansado de tantos erros, reconheci quão transcendentais V. Ex.^{as} não eram num mundo de conhecimentos que, como por sobre Atlante, gravitam sobre os húmeros ebúrneos desses videntes da História.

Ou V. Ex.^{as} manejem no seu carne o patético ou a ironia, esses dois pólos de toda a evolução caótica; ou sobre as andas do finito mergulhem pelas regiões do infinito; ou componham idílios que flutuem; ou perscrutem os sigilos do antropomorfismo; ou se remontem à inspiração hínica; ou remurmurejem a complexidade do direito augural e simbólico; ou cravem as barreiras da plástica e da estética; ou desenvolvam a passividade e relatividade no verticelo mais pudico da flor; ou realizem a tricotomia mais característica da poesia da Humanidade; ou se acendam em paixões irrepressíveis; ou adormeçam no citado quietismo de alegrias intelectuais, como disse Hegel, se é que disse; ou perquiram, em sua altivez genética, o ideal messiânico da idade genesiaca; ou me pintem a Diotima de Platão, a Sulamite do epitalâmio bíblico, as três elevações de Beatriz — V. Ex.^{as} são sempre imensos.

O *eu*, que voa de mim para V. Ex.^{as}, embebeda-se na sua poesia mística, porque o *eu* sente ser de volta a idade profética, e a idade apocalíptica; embriagou-se no hino, forma a mais pura do lirismo subjectivo; e a minha alma, que se elevou pela mística unitiva até absorver-se em V. Ex.^{as}, foi a passagem da fábula sagrada de Psiqué, ideada nos jardins de Academus, e converteu-se numa antítese misteriosa, que só o homem como símbolo em si pode realizar.

Todo o meu *eu* foi para lá, e ei-lo o mais humilde dos alunos de V. Ex.^{as} Porém a rectidão do tal meu *eu* força-me a entregar a palma de inventor a um ente maravilhoso, ao aedo divino de Lava-Rabos, aquele que

vozeou na floresta do Dódona, e por uma transumanção da sua carne a fazer-se Verbo, primeiro abraçou com a mística unitiva o IDEAL, esse visível *eidos* (sem lhe faltar letra alguma), com que as mães gregas descobriram a calipedia.

Sim, Ex.^{mos} Srs. Agora é já desse modo que eu entendo a ARTE; essa que conseguiu determinar o absoluto pelo sentimento; espiritualizar a poesia, elevando-a da apoteose da plástica à contemplação estética do BELO: e criar a religião nova, com o título de neo-Rosendismo.

A dependência entre o absoluto e a relatividade, as relações conduzindo para ele, confundindo-se com ele, tal é o pensamento profundo da *Arte moderna*, da poesia do futuro.

É neste pressuposto que eu, *na pequenez do meu nada*, na esperança de que me compreendam, e confienciando com V. Ex.^{as}, lhes dedico estas páginas toscas, como quem é

De Vossas Excelências
Admirador muito obrigado

UM LISBOETA CONVERTIDO

Rio de Janeiro, 1 de Abril de 1866

GENESIS DA ESCOLA COIMBRÁ

MAS eu cá, se é certo o que a minha memória me recorda, era também, envergonhado o reconheço, soldado, embora muito raso, do empestado exército dos alfacinhas. O meu *eu* comungava com o *eu* lá deles. A minha alma não tinha cor. Não era harmoniosa a minha síntese. Nem o meu subjectivo nem o meu objectivo haviam outrora, pela escadaria da transcendentalidade, subido às regiões coruscantes do Ideal. Na minha auriflama não se haviam inscrito ainda as estupendas invenções de que o mundo anda boquiaberto — *Homem!* — *Arte!* — *Consciência!* — *Beleza!* — *Verdade!* — *Ideal!*

E a voz dos Apóstolos ecoou em meus ouvidos. E eu prestei atenção funda ao evangelho de Coimbra. E fiquei convencido e convertido.

As grandes crises sociais trazem consigo estes fenómenos. Eu já sei que quase todos os meus patrícios estão convertidos: conversão em grande. À vista de tantas velharias esfarpeladas, da ruína de quanto existia, da niilidade dos homens grandes, da aposenta-

doria de Deus, da descoroação dos monarcas, concordo na urgência de dar cabo de tudo o que por aí teima em restar; e navego assim para as praias do futuro, cujo principal desiderando deve ser o de falarmos todos de uma forma tão reciprocamente inteligível como se cada cidadão se exprimisse em português e tivesse a resposta em malaio.

Esta invenção deixa a perder de vista a do clorofórmio, do daguerreótipo e do vapor. Nunca mais se entendendo os homens uns aos outros, acabarão assim com as brigas, e este mundo será um céu aberto.

Quanto porém ao mérito da invenção famosa (a César o que é de César), concordo também no que já li: pertence ele às margens do Mondego, sim, mas a período mais longínquo. Bem bastam aos modernos glórias de brilhantes discípulos; não usurpemos ao Mestre a coroa que a posteridade agradecida lhe cingirá sobre a vasta frente, que uma lousa avara hoje cobre, para mal da Humanidade.

Devera eu ser, na minha qualidade de velho, *laudator temporis acti*; mas por isso mesmo que a geração nova aí vai apagando os vestígios da que já caiu no golfão da eternidade, convém que as reminiscências de quem conheceu o Messias o salvem do esquecimento; e eu conheci-o; e tenho guardado, como tesouro precioso, de que jamais consenti em desapossar-me (nem mesmo concedendo cópias), algumas das grandes produções daquele estro monumental.

Por ser ainda bisonho na escola a que me converti, falta-me resolução para chamar ao meu livro *Berezith*. Basta-me, para os efeitos, o termo *Génesis*¹, propriis-

¹ Já acabei de confessar que ainda estou lázudo, e timorato; quando amadurecer, então me farei *intemerato*. Eu vejo, nas portentosas páginas de Coimbra, o termo *Génesis* trocado em *A Génese*. Ouvi e li mil vezes, *Génesis*; ouvi quatro ou cinco

simo para esta primeira secção da minha obra, onde o leitor se remontará à origem da escola de Alexan... digo, de Coimbra. Não a escrevo do país de Madian, nem no deserto, mas é o mesmo; espero que por isso não perca de valor.

A história ei-la aqui.

Os que actualmente cursam a Universidade de Coimbra não tiveram a fortuna e o gáudio de conhecer o nosso muito grande, e nunca assaz louvado inventor, o engenhosíssimo Rosendo; o vate excelso que inovou a poesia rançosa; o espírito sublime, para quem os mais tremendos disparates se tornavam títulos de glória imarcescível; que soube romper audacioso com a teocracia da escola clássica; que dela só aceitou certo dístico de Boileau, amontoando as ficções mais nobres, e divertindo-se, e divertindo-nos com mil... *invenções*:

*Ainsi de cet amas de nobles fictions;
le poëte s'égayé en mille inventions.*

Não o conheceram, não. Pois perderam muito. Aquele homem célebre, aquele mastodonte do futuro, que vivia ainda há poucos anos, foi, por quase meio século, as delícias de toda a gente de *bom senso*, e de todos os maganões de *bom gosto*, que residiam na cidade do Mondego, e nas povoações circunvizinhas, até uma e duas léguas de distância. Já é.

vezes *Genési*; mas *Génese*, ainda me não custumei. Pouco me importa com o que vai lá pelas outras línguas: tal palavra em português nunca foi senão masculina, mas isto era bolor de clássicos rabugentos. Como a nova escola proscreve o português, e só compulsava livrinhos franceses, achou nele *La Génèse*, e, zás, fez a transplantação: *A Génese!* Ainda muito favor fez ela em alterar o vocábulo para esdrúxulo (bem esdrúxulo é tudo isto); mas aceitou esta forma, porque em verdade os termos dactílicos são mais apropriados para os efeitos flamígeros.

Não havia função de capelo, anos de senhorita, romaria ao Senhor da Serra, ou magusto de estudantes cábulas, em que não fosse perna obrigada o nosso grão Rosendo, vate-improvisador de uma *originalidade* anté-rica, e de uma fecundidade inexaurível.

Já se vê que eu aludo sòmente aqueles tempos remotos em que o Rosendo brandia único a sua espada coruscante contra tudo e contra todos, tornando-se um ferocíssimo leopardo literário. Hoje, se cá voltasse, teria, como Deus, de abdicar, excedido aí e eclipsado por qualquer *pantero de quintal*.

Mas tornando ao nosso herói. Muitas vezes tive eu ocasião de o aplaudir, maravilhado de ver até onde chegava o poder do criador!

Faz-me hoje suma pena o não haver então colhido notícias para a biografia daquele herói justamente famoso. Se houvera sonhado os destinos que o *Deus da história* reservava no seu bojo a este após-tolo, ter-me-ia honrado, recolhendo piamente os elementos para me tornar o Plutarco deste varão ilustre, deste pai-avô do futuro.

Verdade seja que eu não só me recordo de algumas particularidades de sua brilhante vida, mas conservo diversos dos seus... evangelhos; e entendo que, na actualidade que nos cega, já nada disto se deve guardar como até hoje sob os sete selos. Hoje a religião nova ascendeu das catacumbas para as religiões da luz. Ponhamos tudo em pratos limpos.

Declaro, tinto de rubor, que nem sei o lugar do seu nascimento, o que aliás dá ao nosso vate um não sei quê de misterioso, e quase mítico. Disputou-se muito sobre o intemerato incunábulo daquela possante criatura; e já uma predestinação o aproxima nisto do seu colega, o outro pai da poesia.

Sete lugares pugnam pela subida honra; porque o seu berço varia com as seguintes versões: Coimbra (*Esmirna*), Figueira (*Colofonte*), Pedrulha (*Quios*), Santa Eufémia (*Argos*), Lourinhã (*Atenas*), Lava-Rabos (*Rodes*), e enfim Chão do Couce (*Salamina*). Se eu fosse já homem de *invenções*, poderia, para aumentar as paridades e a simetria, procurar mais duas terras para significar as vaidosas aspirações de *Cumas* e *Pilos*; mas nem mo permite a fidelidade da história, nem a gravidade do assunto.

Sim, os sete lugares que esmerilhem lá isso; mas que não haja guerra por causa do lusitano Homero; que seria lástima ocasionarem-se choros por quem tanto fez rir em toda a sua vida.

A mais passa ainda a minha incrível ignorância. O homem por força havia de ter nome; mas ainda nisto a predestinação tinha aproximado este vulto dos grandes vultos humanos. Quem, falando de Homero, escreveu jamais Francisco António *Homero*? quem disse João dos Santos *Moisés*? Manuel Maria *Platão*? ou Eustáquio da Silva da Fonseca e *Sócrates*? Não senhor; cá para a posteridade só se nos filtrou o Homero, o Moisés, o Sócrates e o Platão. Pois também ainda Rosendo era vivo, e já na posteridade da sua idade, se dizia o *ROSENDO, tout court*. (Não vá o leitor cuidar que é este o apelido do homem, *Rosendo Tucúr*. Isto é uma simples prova da minha erudição; eu, para bravatear também de alemão, fiz-me também fortíssimo em francês.)

A profissão de Rosendo era a cirurgia, e por isso alguns o denominavam o *Cirurgião Rosendo*; mas tenho para mim que era isso outra predestinação; aquele dizer corresponde a este: o *rapsodista Homero*.

Há mais honra em ser filho do que neto de Apolo; e por isso o meu imortal fez cruces à sua filiação de Esculápio. Outros dizem que deixou a cirurgia, porque

ela primeiro o deixara a ele, e ninguém o chamava. Bom: o certo é que se entregou de corpo e alma à vida de trovador errante.

Não tinha *ubi* certo. Pernoitava... onde lhe anoitecia. Almoçava com quem lhe dera a cama. Jantava onde quer que lhe cheirasse a bons bocados. Tomava chá em toda a parte. (Já se vê que este ente divino comia e dormia, como nós outros.)

Não pagava imposto algum, directo nem indirecto; não pagava coisa alguma desta vida. Nunca teve bolsa, nem precisão, nem ideia de tal. Aí temos pois outra predestinação, a ser certo que Homero ganhava a subsistência cantando de porta em porta.

Mas não. Rosendo era melhor que um boémio, um cigano, ou um frade mendicante: era uma abelha, um silfo, um príncipe do país das fadas; repartindo os seus favores sem pesar em ninguém; tendo achado, e guardado para si, o segredo da pedra filosofal, e derramando a alegria onde quer que assomava com o seu rosto prazenteiro que até nunca envelheceu:

il s'égayait toujours en mille inventions.

Era uma espécie de *Castro Urso*.

A sua alcunha... Sim senhor, tinha uma alcunha; e em vez de tomar isto por desprezo, considere-o o leitor como ainda predestinação. Pois quando lê *Meonio Vate*, *Progenitor da Poesia*, ou *Paraninfo de Aquiles*, não fica logo sabendo que se trata de Homero? Acaso, ao proferir os vocábulos *Estagirita*, ou *Príncipe dos Peripatéticos*, se insulta a Aristóteles? Há diferença entre *O velho Acteo*, e Sócrates? Dizendo-se *O mais sábio dos romanos*, não se dá a sinonímia de Varrão?

Dar-se-ia por injuriado um romano, quando o chamassem *Romúlida*, *Quirite*; um coimbrão se o apelidassem de *filhote*; um fluminense de *carioca*, ou um lisboeta de *alfacinha*? Há quem ponha em dúvida que sejam locuções sinónimas: *inventor da filosofia alemã* e Teófilo Braga?

Fique pois entendido que estas variantes, longe de representarem contumélia, são magna honraria. A alcunha do Rosendo, entre o corpo académico, era o: *causa nostræ lætitiæ*.

Era um bem-aventurado.

Como a alma já tem cor, e outras condições mais ou menos físicas, hão-de me dar licença para uma comparação coimbrã: a alma do Rosendo foi um centauro; compunha-se a um tempo de duas entidades mui diversas: era um grande ratão, e um grande génio; um menino sem idade e um meninó como nunca se vira. A cor daquela alma era *rosada*, outra notável predestinação para um homem que nascera *Rosendo*.

A respeito do verdadeiro feitio do seu espírito, havia dúvidas e alterações entre os filósofos, e entre algumas serventes de estudantes: uns tinham-no por doido, outros por *bon vivant*, que adoptara o papel de excêntrico e o representava sem nunca se desmentir.

A poesia do Rosendo até ao traço chegava.

Pois que se vestia do que achava para o canto por casa dos amigos e conhecidos, viam-no sempre vistossíssimo, e como que em perpétuo carnaval. Andava a todas as modas ao mesmo tempo, para agradar a todos os gostos. Como verdadeiro fundador da escola lavava a cara uma vez por semana, e tomava banho, por desobriga, uma vez por ano, a despeito do nome da terra que com mais probabilidade tivera a fortuna de lhe ser berço.

A nuvem, o sonho, o calidoscópico não são mais caprichosos do que era a sua aparência, e tudo lhe ficava bem: era um homem muito feliz.

Num Outubro, quando os estorninhos académicos concorrem de todas as partes para a sua poética cidade, apareceu-lhes ele, todo pulcro e radioso, com um traje armado todo de sua mão. Até para aquilo lhe dera Deus habilidade. De umas ceroilas tintas com oca engendrara umas calças de ganga; de um retalho de chita de ramalhões de uma coberta, um colete; dos destroços de um capote escocês, uma casaca; de uma meia de seda, uma gravata séria; e da pele de um cão amarelo engraxada, um chapéu armado, com presilha de vidrilhos, e o laço nacional em cima. Se não fosse esta esta última coisa, parecia o nosso homem uma *ode moderna*.

(Também tinha isso: que era muito patriota; neste ponto é que se não podem medir com ele os seus rivais de hoje.)

Completava este pitoresco arranjo com um caldeirão de prata, de oito tostões, no bolso do relógio, trazendo pendente, à guisa de cadeia, a tralhoada de um candeeiro de três bicos: balde, espevitadeira, apagador, e tenaz, tudo tão areadinho que parecia ouro.

Casou já velho com uma inglesa, que não era nova, nem rica, nem remediada, nem bonita, nem feia, nem poética, nem prosadora; mas que descontava todas estas qualidades negativas pela excentricidade nacional com que o escolhera e preferira dentre todos os portugueses. Já também lá está na terra da verdade!

Infelizmente, deste consórcio não ficou descendência. O que por aí barafusta agora, são puramente filhos intelectuais.

De Rosendo restam apenas, em memórias e canehnos de alguns curiosos, poucas trovas, das inume-

ráveis que de dia e noite golfava aquele vulcão poético.

Bom serviço faço às letras pátrias, além de tributar uma justa homenagem póstuma ao grande homem (que sem isto se iria pelo Letes abaixo), coligindo e publicando o mais que pude apurar de autêntico, dentre as poesias que se lhe atribuem. É isso o que vou executar.

Outros, incitados pelo meu exemplo, lograrão talvez a fortuna de trazer a lume cópia mais avultada de poemas do Rosendo; mas a mim ficará sempre a fama de ter sido o primeiro desenterrador destas preciosidades.

Um motivo de consciência me induziu sobretudo a fazer *hoje* esta publicação.

Nenhuma alma bem nascida poderia presenciar sem lástima e indignação que, na própria Coimbra!, se esteja usurpando ao verdadeiro criador da escola do IDEAL (quando tão poucos anos têm ainda corrido sobre a sua sepultura, e por todo o Portugal há ainda tantas testemunhas que o viram e ouviram) a glória de criador deste género mirífico.

Que são *Visões dos Tempos* e *Fiat Lux? Savonarolas* e *Beatrices? Poesias do Direito* e *Odes Modernas*? Que são *Elmanices da Cunha* e litografias de um Correggio, bacharel em Teologia e Direito, oculto na caraça de papelão, de Mota? São apenas imitações pálidas dos reptos sublimes do imortal Rosendo.

Pois, só porque um grande homem jaz debaixo dos torrões, e já não pode puxar pela sua justiça, hão-de vir, no próprio Capitólio dos seus triunfos, negar-lhe a prioridade, e (oh nova predestinação homérica!) talvez até a existência?! Sim, porque o leitor sabe que Vico e Wolf e Braga, e outros videntes, afirmam que Homero nunca existiu.

Para convencer ao leitor de quanto é justa a minha indignação por este roubo sacrílego e covarde aos manes

de um homem memorável, juntarei aos versos de Rosendo alguns dos que em idêntico estilo se têm composto nestes últimos tempos; e os imparciais, confrontando os documentos, que decidam quem foi, ou quem é, o verdadeiro fundador da altissonante ESCOLA COIMBRÁ.

SONETO

A certa dama, cara de cana e dentes de espeto

MOTE

Marília, o meu coração te é grato.

*Ó musas, tende piedade!
Ajudai-me a fazer este grande soneto!
E vinde todas vestidas de preto,
E venha Apolo vestido de frade.*

*Venham todas as freiras falar à grade;
Venha a abadessa com mitra e espeto;
E todas as mais criadas vestidas com pele de ginetto;
Que é para aliviar a sua saudade.*

*Heróicos do universo! Ai! Que me esquento.
Que vejo! Um rato! Não, não é um rato;
É um aranhão peçonhento!...*

*Porém, que é isto! Um carrapato,
Que, jogando o voltarete, ganha um tento!
Marília, o meu coração te é grato.*

O grande soneto, com os versos grandes, que se acaba de ler, prova desde já que o grande génio de Rosendo era mui superior à ridicularia de estar contando as sílabas dos versos.

Ainda há dois dias se lia, naquele manifesto de guerra que a minha escola coimbrã arremessou ao mundo, «*que os novos escritores entendem fazer por si o seu caminho; que não querem mestres, nem regras; que se revoltam contra a autoridade dos papas e dos pontifices*», etc. E como prova da sua *liberdade*, da sua *independência*, entraram a fazer versos heróicos, que heróicamente variam desde 3 até 24 sílabas, sem pausa nem regras de espécie alguma.

Mas, além das ultteriores provas, já aqui se demonstra que este serviço é do Rosendo. Era um poeta livre de todas as peias; cõscio da sua dignidade; independente... do senso comum. Fazia os versos a esmo, e fazia ele muito bem. Com isso *evitava a monotonia*, e patenteava *praticamente o intemerato* do seu carácter, e os títulos de sua *carta de alforria*. (E era varão de tal incorruptibilidade que nunca os sujeitou à bênção de nenhum papa, nem à chancela de nenhuma chancelaria.)

Não há dúvida de que os novos apóstolos medem os seus versos por igual medida. Por exemplo, o Sr. Teófilo Braga na *Visão dos Tempos*:

- *Tentava a grata sombra da árvore da encosta.*
- *A recebê-los veio com íntimo transporte.*
- *O mel era mais doce que o leite d'Amaltea.*
- *Enlevado a contempla. Nunca tão formosa.*
- *Que desce em breve à paz do frio jazigo.*
- *Cálido anseio, delírio, ais, blandícias, etc.*

Pertence o Sr. Quental à mesma escola; por exemplo:

- *Este e aquele deixá-lo no meio da rua.*
- *E como o que numa mina vai de bruços.*
- *Cólera e vento de morte da Sibéria.*

e centenas de outros assim; mas náda de confusões: o ano de 1825 é antecessor do de 1865, e conseguintemente a invenção não é dos rosendistas de agora.

Não foi pois original o Sr. Antero, nem nisto nem quando escarneceu do *Tratado de Versificação*, nem quando, em conformidade com as suas *teorias liberaes*, compõe versos que a párvoa Humanidade chama prosa péssima.

Sim! O criador da poesia de todo o tamanho foi o nunca assaz decantado Rosendo.

MOTE

Debaixo dum laranjal

DÉCIMA

*Estava um certo maganão,
As direitas, que não às tortas,
A calçar as suas botas
Metido num caldeirão
Feito no grande Japão
Com asas de cristal
Que lhas fez o Vidigal
Quando cantou uma modinha
Junto com certa menina
Debaixo dum laranjal!*

Na mimosa poesia que antecede, o estudo atento revela outra verdade. Este rimar de *botas* com *tortas*, e do *menina* com *modinha*, evidencia que o rimar *ad libitum* foi introduzido pelo grande Rosendo. O Sr. Antero, que repele como modelos Homero e Virgílio, cur-

va-se ante este modelo, quando rima *homem* com *dólmén*, *dólmén* com *dormem*, *corações* com *mãos*, etc., etc.

E nem se julgue ser isto só tendência do Sr. Quental; é canõne da teologia coimbrã. O mesmo se pode afirmar do Sr. T. Braga, o qual rima *juntos* com *muitos*; *desvario* com *caiu*; e *caiu* com *frio*; e *Quio* com *reflectiu*; e *oásis* com *diz*; *poço*, *colosso*; *choro*, *meteoro*; *rocha*, *roxa*; *visse*, *fixe*; *vertigem*, *virgem*; e muitas outras coisas por esta guisa. *Liberté, fraternité ou la mort!*

Mas o inventor foi Rosendo. O seu a seu dono.

OUTRA DÉCIMA AO MOTE PRECEDENTE

*Continua o maganão
A sair de certo lado
E por trás dum tabuado
Pilha certo coração
Apresenta-o logo na mão
E o salpicou com sal;
Retirou-se para um arraial
Para ali tocar fagote
Metido dentro dum...pote
Debaixo dum laranjal!*

Esta imagem do *coração pilhado*, *apresentado na mão*, *cortado e salpicado com sal*, foi aproveitadíssima, e disseminada pelas *Odes Modernas*. A p. 61:

*Cada pedra, que cai dos muros lasso
Do trémulo castelo do passado,
Deixa um peito partido, arruinado,
E um coração aberto em dois pedaços.*

(Não faz lembrar as *fatias*, da *Pedreida*?) Mas continuemos: Que acontece a este *coração partido*? Vede p. 18:

Do coração partido nasce um lírio!

E depois diz-nos que corações destes, partidos por pedras, abertos em dois pedaços, e deitando lírios pelo meio, não se encontram em parte nenhuma, senão nas *Odes Modernas*, ut a p. 130:

*Por mais que profundeis, não heis de uma hora
Chegar jamais ao coração.*

E se chegásseis, ficaríeis estupefactos com os corações destes senhores, pois os achareis salpicados com sal, ou em posições ainda infinitamente mais raras. Veríeis com pasmo corações descansados, estatelados numa cama, e roncando no travesseiro, enquanto o leito dos tais cujos se não revolve e despedaça. (*Od. Mod.*, p. 138):

*Os corações, que estavam descansados,
E tinham travesseiro
E leito, no que vai ser revolvido
E ser despedaçado.*

Acerca da décima que antecede, só temos a acrescentar que o seu mote, com pequenas variantes, tem ocupado os principais génios da escola. Sob a variante:

Que dá vida ao laranjal,

também o glosou o Sr. T. Braga, como se vê a p. 113 das *Tempestades Sonoras*.

MOTE

Viva a bela sociedade!

DÉCIMA

*Dois amantes assanhadiços,
Deram nas ventas um ao outro,
Um parte para o Porto,
Outro vai apanhar carriços.
Reúnem-se, metem-se nuns cortiços
E vão falar a um frade,
Que estava amerzendado numa grade,
Comendo belos caracóis,
E dizendo por bemóis:
Viva a bela sociedade!*

Estes *amantes assanhadiços*, que andam e desandam, indo *um para o Porto*, e *outro apanhar carriços*, fazem lembrar *as nuvens* que também *andam e desandam*; mas estas cá têm mais merecimento porque, de banda a banda, deixam ver o céu:

*Desfeito como nuvem que desanda,
Deixará ver o céu de banda a banda.*

Lá, no Rosendo, os amantes deram nas ventas um ao outro, partindo um para o sul, outro para o norte,

*Que é lá onde, escondidos na frieza,
Vegeta o musgo e se concentra a alma*

(O. M., p. 23.)

Mas, em todo o caso, o frade tem razão: *Viva a bela sociedade!*

*Evoé! Oh padre Lyeo!
Saboé! Evan, Bassareo!*

filosofia magnífica que o Sr. Quental resume nestes versos (p. 30):

*Ou bela ou triste, horrível ou sublime,
Santa ou maldita, a vida é sempre grande!*

MOTE

Tesouros de mil venturas

DÉCIMA

*Ó Lemos! Tu és o meu bem.
Nem me pedes eu te lembre
Dá-me tu leite-creme
Por que tenho grande paixão
Dar-te-ei um tentilhão;
Oh! que magnífica assadura
Comeremos naqueles dias
Em que se pregarem as bulas
E iremos todos às enguias
Tesouros de mil venturas!*

Esta décima gastronómica, pintando-nos uma assadura magnífica, e um tentilhão, e pratos de enguias, e a grande paixão pelo leite-creme, e as mais coisas que se não-de comer naqueles dias, toda esta papança,

que faz vir água à boca, é o que as *Odes Modernas* (p. 28) assim na sua coercível síntese compendiarão:

*Festim que Deus no mundo
Para os homens armou!*

Este *armou* vale quanto pesa.

Talvez se reflecta que o nosso lava-rabense tem alguns bordões de estilo. Aqui vemos *grande paixão*; e a palavra *grande* vem grande número de vezes, como outras; mas eu não me atrevi a alterar uma vírgula no texto, e nem sequer a pontuá-lo. Quanto a estes bordões, persuado-me serem uma das belezas da escola. Assim se acham em cada página do Sr. Quental: as escamas dos seus olhos, coisas diversas a rolar, ébrio, ideia, culto, verbo, lírio, delírio, vida, átomo, etc., etc., afora os vocábulo técnicos do dogma cabalístico.

No Sr. T. Braga ainda é mais sensível esta beleza.

VISAO DE UM TEMPO

QUADRAS

*Por trás da Porta Otomana
Estão trezentos bacamartes
Com que Pedro Malasartes
Defende a Cúria Romana.*

*E eu lá vi a Deus num monte
Dando grande conversa a Moisés;
E Moisés vir pelo monte abaixo
Correndo muitos judeus aos pontapés.*

Isto é poesia bíblica, com suas tendências genésicas; mas não totalmente apocalípticas.

Afigura-se-me ter sido como comentário desta visão que uma *ode moderna* (p. 78) nos mostrou

*Essa nuvem sombria onde se esconde
O Senhor do Sinai e as doze tábuas.*

Mas isto do moderno é vinho de outra pipa: erudição do finito e infinito! e cheia de finita e infinita ciência. O que Moisés recebeu do Senhor do Sinai foram as *duas tábuas* da lei. *Doze tábuas*, foi o código dos decênviros, gravado em bronze, e exposto no *Forum*. Portanto formule-se esta receita, na farmacopeia do *Ideal*:

RECIPE:

Senhor do Sinai — 2 dracmas
Doze tábuas — 4 escrópulos
Literatura Coimbrã — 2 litros
Caldeie e mande

DR. QUENTAL

FRAGMENTO DUM SONETO NO DOUTORAMENTO
DO SR. ANTONIO JOAQUIM BARJONA

(Infelizmente deploram os bibliófilos ter perdido o
1.º quarteto.)

.....
.....
.....
.....

*Vem um homem vestido de folha de coentro
Metido numa casca de melão
E Minerva põe no telhado o coração
De sete bedéis e meio e um sargento.*

*E vem toda a nossa Academia
Já muito depressa a salto e salto
Para ouvir a bela sanfonia.*

*E diz um ao outro: «Eu não falto».
E canta uma pega com uma cotovia
Os louvores de Brajona no mari alto.*

Este Brajona, este mari alto, inovações tão urgentes como as do *áuguro*, do *sete-estrelas*, do *de donde*, do *antiste*, do *longiquo*, hão-de vir, como estas e outras que tais, na nova edição, que está no prelo, do Dicionário de Bacelar.

Alguns pichosos censuraram a Minerva por ter posto o coração no telhado. Insânia! Nas *Modernas*, Medeia faz, *com as flores melhores do coração*, filtros pretos, que são a confusão! Anda uma coisa pela outra.

Lá quanto ao penúltimo verso, direi que se uma pirâmide pode conversar com uma carcaça desenterrada de mastodonte, não é muito que uma pega cante com uma cotovia.

VISAO DOUTRO TEMPO

*Vi voar um pelicano¹
Nas asas dum corvo cru*

¹ Estas passarolas são de grande consumo no galinheiro da escola, e especialmente as águias. Por exemplo, nas *Od. Mod.*:
— A Verdade é águia augusta (p. 21).

Levando no alto...¹
Pendurado um castelhano

DÉCIMA

À missa de Frei Francisco
Há-de ir toda a gente da Pedrulha.
Ele prega o sermão dentro duma tulha
Que há-de fazer tudo em cisco.
Não meta lá o nariz o Bispo
Nem rosнем os verdeais.

-
- A *Liberdade* tem asas de águia, para ajudar ao choco da Unidade (p. 24).
 - Mas a *Tiranía* também é águia fatal (p. 89), ao passo que a *Hipocrisia* é mocho.
 - E também há *uma voz* que tem voo d'águia e sai de um cadinho (p. 17).
 - E *aos que choram!* há-de vir do céu! em meio de uma aurora! uma águia! que lhes leve os seus desgostos! (p. 22).
 - E cega-se a águia de Patmos (p. 27).
 - E é águia-bifronte a *Autoridade* (p. 78).
 - E quem há-de *abater os grandes e poderosos* é também uma águia cruenta (p. 107).
 - E também está triste a águia da França (p. 113).
 - E a águia da Rússia tem garras para cravar na *Liberdade* (p. 155), etc., etc.

Isto é Cícero, pugnando *pro domo sua*. Como o poeta, e com razão, se tem por águia, tudo quanto é grandioso, no bem ou no mal, quer ter por colega. E aqui está também o segredo do título da minha OBRA!

¹ Eis aqui uma visão muito imaginosa, e que bem pode ter inspirado aquela poesia das *Odes Modernas* (p. 106), que acaba:

Com medo de ser visto, e que se abraçe
no rabo do cometa.

*Aquela festa não é como as mais,
Há-de ser tudo comer e beber.
Comungam-se bifes de roer,
Depois dança-se nos Olivais.*

Isto lhe sisou o seu contrafactor; e até parece ter sido uma das inspirações que mais o inspiraram, para admiráveis poesias das *Odes Modernas*, como, entre outros lugares, se pode ver a pp. 39 e 84.

Essa *missa nova do Frei Francisco, onde não há-de meter o nariz o bispo*, exprime-se com esta, um pouco menos inteligível, variante quentálica:

*O Povo há-de fazer-se, então, bispo e levita.
E será missa nova a missa que disser:
E há-de achar ao sermão por tema o que medita
Hoje confuso (apoiado) e está na mente a revolver.*

Onde se lê que há-de ir à *missa toda a gente da Pedrulha*, generaliza-se, nas *Odes*, dizendo:

*Para a eterna missa da Harmonia
Eis o povo cristão aí disperso.*

Quando diz, da missa nova, que *aquela festa não é como as mais*, dá o porquê a *Ode Moderna*:

*Porque um veste a estola do infinito
Para deitar a grande bênção — Vida —
E a aurora é o sursum corda do universo
E a luz é o oremus, porque é hóstia o Sol!*

Quanto finalmente ao vocábulo *tulha*, é, em sentido não menos nobre, empregado pelo distinto imitador.

DÉCIMA

*Albarda a urso do norte
 E não te me faças camelo
 Que vou visitar o setestrello
 Cheio dum grande transporte.
 Dou uma galopada muito forte
 Pela estrada de Santiago,
 À procura dum lugar vago.
 Que quero pôr lá um planeta
 Com uma fâcia branca, outra preta.
 Mas primeiro dá cá um trago.*

Aqui vê-se que o setestrello nasce daquele *camelo*; e talvez também daqui nascesse o *setestrellos* do Sr. Antero, que *sabe que Tu hás-de comê-los*.

Nisto ainda poderão os intérpretes suscitar alguma dúvida; mas onde a não há é em ser a presente décima a ideia-mãe do *Fiat Lux*, do mesmo senhor, que darei na 2.ª parte deste livro. Examinem bem, e verão.

Há além disso reminiscências desta poesia por outras *odes modernas*. Assim (p. 96):

*E nasceu uma aurora desse lado.
 E essa face radiante era a que Judas
 Não chegara a tocar. Porém a outra,
 Que ele tocara, conservou-se escura.*

Então isto não é mesmo o *planeta com uma fâcia branca, outra preta?* É. Só o que lhe falta, é o *Mas primeiro dá cá um trago*. Porém esta lacuna de imitação compreendeu-a o Sr. T. Braga, quando (*V. dos T.*,

p. 169), depois de ter feito o seu apóstolo dizer muita trapalhada, acaba assim:

*Pois que ninguém responde aos meus acenos,
Fra Benedetto! um gole de água ao menos!*

Também ouvi censurar o *fácia*. É da escola. O Sr. T. Braga diz Caríbides:

Surgiu também no mar Caríbides e Sila

(V. dos T., p. 54.)

Só me resta defender de insanos ataques a ideia grande, muito grande, grandíssima, majestosa, sublime, monumental, mastodôntica e piramidal, de criar o Vate um planeta reluzente, e ir pô-lo em algum lugar vago. O Vate! Sabeis vós, simples mortais, o que é um Vate, côncscio da sua dignidade? Não é como esses pobres diabos

que do peito humano fazem cunho (p. 73),

nem como

Os leprosos que põem ouro nas chagas (p. 74),

excelente tratamento antimorfético. Não e não. O Vate é o Espírito. O Espírito é o fogo, e demais a mais incandescente (*ça va sans dire*). E é um Espírito que baptiza; e que baptiza ao lume; e lume da Ideia. E sabeis vós mais, ó ridículos ignorantes, qual é o resultado do baptismo de lume incandescente? É poder um mortal fazer coisas como estas da décima do Rosendo: pegar aí em qualquer grãozinho de areia, e ir a galope

pô-lo num lugar vago, mudado num astro reluzente.
Assim no-lo confirma o Sr. Quental (*Od. Mod.*, p. 44).

*Foi o Espírito, o fogo incandescente,
Que os baptizou ao lume da IDEIA,
Porque possam pegar no grão de areia,
E mudá-lo num astro reluzente...*

DÉCIMA

*Estava na gândara do Carqueijo
Um cavalo rabão esfolado
Virado para uma casa sem telhado
A falar com fala¹ de percevejo;
E saía um grande relampejo
Esbofado da alimária
E um poeta cantava uma ária
Embrulhado numa roupeta;
Depois pôs-se a andar de muleta
Para a casa de Dona Apolinária.*

Sem grande temeridade se pode presumir que, se não fosse ter lido esta décima, não se lembrava o Sr. Teófilo Braga de escrever o seu *Mastodonte*. E até nem sequer aqui teve cuidado, como na *Poesia do Direito*, de algum tanto disfarçar os plágios. Vista faz fé:

Aquele enorme *cavalo rabão esfolado*, corresponde ao

*do ingente mastodonte
alva gigante ossada;*

¹ Este hebraísmo — *falar com fala* — é muito imitado pelos Coimbrões, por ex. (*Od. Mod.*, p. 31):

E um bocado apenas para a boca.

só com a diferença de que o Rosendo não entenderia necessário dizer-nos que um mastodonte é ingente, e além disso que a sua ossada é gigante.

Põe-se a *Pirâmide* a cavaquear com o *Mastodonte*:

*Como... vens seco, mirrado,
Da penumbra do tempo, e assim te inquietas
À luz! Oh, conversemos do passado!*

Aí fica pois uma conversa entre um edifício e um animal. É exactamente como no texto o rabão

*Virado para uma casa sem telhado
A falar com fala de percevejo.*

E nem me digam que o meu antigo é menos correcto; que desadoro. Ele não diria que o bicho *se inquietava à luz*. Ele nunca diria que *no tempo há penumbra*, coisas antípodas, visto penumbra não ser mais que o efeito de alguma luz refracta sobre lugar sombrio. Ele clamaria contra quem escrevesse que a *penumbra seca, ou mirra* coisa alguma. Nada; o imitado excede aqui ao imitador.

Continua o antigo:

*E saía um grande relampejo
Esbofado da alimária.*

Ideia, reproduzida e variada pelo moderno, que faz dizer ao interlocutor:

*É minha voz o raio (relampeja)
O torvelinho varre o areal adiante,
como faminta fera que fareja.*

Confessemo-lo: o artigo disse melhor: *esbofado da alimária*, sem mais nada. Pois o verbo *varrer* pode aplicar-se ao movimento do torvelinho? Pois é lícita a comparação (e ainda para maior!) de um torvelinho de simum com um bicho a cheirar? Foi imitação, mas pouco feliz. Só o que *foi furiosamente feliz, fazendo finito e infinito efeito, foi a faminta fera que fareja*.
Diz Rosendo:

E um poeta cantava uma ária.

Diz o *Mastodonte*:

Perdida como a nota de alguma ária.

O autor da *décima* apresenta a figura embrulhada numa roupeta; o de *Mastodonte* num sudário. *Mutato nomine de te fabula narratur*.

O moderno compara um mastodonte e uma pirâmide com dois anacoretas! E, no intuito de completar um tão apropriado símile, põe a pirâmide, velhinha e coxa, a andar lá para muito longe, de muletas:

*Sejamos como dois anacoretas
A quem chamou de longe ignota fala,
E decrépitos vão já de muletas.*

O lugar paralelo do antigo é:

Depois pôs-se a andar de muleta.

Em qual há mais *bom senso* e mais *bom gosto*?

Finalmente num destes hinos recolhe-se uma figura a casa de D. Apolinária; no outro recolhe-se às areias uma *ossada informe*... deixando-nos só a meditar como é que a ossada gigante não tinha forma, mormente estando todos os ossos articulados, visto que falavam

rangendo. (Aqui um vizinho me segreda que a escola faz sinónimos as palavras *disforme* e *informe*.)

Não há pois um verso, uma ideia, da décima do Rosendo, que se não ache no *Mastodonte*, em estado de diluição.

Há, sim, alguns versitos mais, que todos me oferecem muitas dúvidas, tais como:

*Do Sol que luz na extrema do horizonte
Jorra através luz pálida, coada.*

Já sei que do Sol que luz jorra luz, mas *através!*...
Através de quê? Adivinhemos.

Também fico tonto vendo aqui e noutra lugar que este Sol que luz é ao mesmo tempo de luz pálida, de luz coada e desmaiado; e que bem assim jorra, dardeja e está em brasa. É o caos de Ovídio.

Item, que um ranger de ossos pode comparar-se a um concerto.

Item, que páramos podem servir de sala, e que para conversar uma pirâmide com um bicho precisa salões.

Item, que um colosso é mais que um império.

Item, que a Humanidade é criadora como Deus.

Item, que uma pirâmide vence o tempo, e está à sombra da árvore da ciência.

E dezenas de coisitas mais. Mas não nos afastemos do nosso propósito. Neste lugar é do grão Rosendo, o antigo, que eu devo de preferência ocupar-me; e só concluo, enfadando-me de que, depois de a Pirâmide ter dito ao Mastodonte:

Responde pois com o ranger dos ossos,

o ladrão do Mastodonte fizesse ao nosso idioma o epigrama de responder em português! Ainda se fosse alemão!



Havia mais um poema épico intitulado *O Futuro*. Suponho-o desgraçadamente perdido, o que deixa grande lacuna nos fastos da literatura coimbrã. Só me lembro que preambulava desta arte:

*Este mundo é um carro com quatro rodas
Duas vão direitas, e duas vão tortas.*

E porquanto os louros do aedo de Lava-Rabos não deixam dormir o Sr. Quental, parece que, em contração àquele poema do *Futuro*, anda caçando inspições para um poema do *Passado*; mas informam-me que luta com dificuldades inúmeras, pois ainda não assentou bem como há-de qualificá-lo. Destas incertezas vejo provas nas *Odes Modernas*, onde o mesmíssimo *Passado* é ora um deus ora um diabo. Por exemplo:

*O Passado! — Jardim de sombras e aromas!
Cota de cavaleiro,
E véu de santa, e manto de sacrário!
Mistério e heroicidade!
O Passado! O Passado! A nau gigante,
Firme, mas sossegada,
Porque o fio de bronze que a ligava
Chamava-se Virtude! etc. (p. 142)*

Isto até aqui não está dando vontade a um homem de ser *passado*, que é tanta coisa junta e tão bonita? Mas abrenúncio com a tentação da sereia, porque logo em outra (p. 90) o poeta nos diz:

*Vai indo, e vai varrendo a casa imunda
Que se chama Passado.*

E para de todo desvanecer a nossa ilusão, e pôr-nos zonzos, impreca (p. 76) da seguinte forma, contra aquele mesmo *Passado*:

*O Passado! essa larva macilenta
Misto de podridão, tristeza e sombras...
Mudou de roupa — mas o corpo ainda
É o mesmo... é pior, que cheira à cova!*

Esperemos a publicação do precioso livro, para melhor compreendermos estas coerências e estas sublimidades.

Mas eu confesso que preferia ver o distinto talento do Sr. Antero aplicado a concluir o poema encetado pelo seu predecessor, por isso que águas *passadas* não movem moinho, e eu gostava mais de que ele nos lesse a *buenadicha*, para não irmos assim às tontas, e como ele tão eloquentemente nos advertiu (p. 94):

*Caminhando prà estrela da alvorada
té que se desembrulhe esta meada.*

Consequentemente dirijo-lhe a minha petição, formulada numa quadra dos sertanejos do Ceará, segundo nos diz o Sr. Juvenal Galeno:

*Não te lembres do passado.
O passado já passou
Só te lembres do futuro,
Que ainda não principiou.*

Este derradeiro verso prova que no Ceará estão atrasados.



Darei finalmente uma produção importantíssima do mesmo valente estro. Nasce-lhe aquela importância, não só do seu valor intrínseco, senão da simpática circunstância de haver sido a derradeira poesia do benemérito literato, a qual nos manifesta que, apesar de já então estar o homem muito velho, nunca arrefeceu aquele estro até sua hora suprema, nem lhe perdeu a musa o condão anacreôntico de juvenildade.

Tinha casado em Ançã um sujeito chamado Lopes: a noiva chamava-se Ermelinda. Deram ao nosso cantor do Munda o mote

Instantes afortunados

a que ele fez as seguintes muito notáveis glosas, emudecendo poucos dias depois, visto que as Deusas da *Verdade*, da *Arte* e da *Nossa Consciência* não podiam por mais tempo dispensar cá pelas regiões do finito um tão infinito génio. Eis aqui as quadras, ou quartetos, ou odes antigas, ou o que melhor nome haja. Por serem mui extensas, não me demorarei em anotá-las profusamente. Quem tiver compulsado as páginas da escola, a cada verso estará achando semelhanças.

Ermelinda! Tu tens grandes agrados.

Ermelinda! Tu tens grandes carinhos.

Ermelinda! Tu tens no peito dois lobinhos.

Instantes afortunados.

Vêm petimetres muito asseados

a ver qual há-de vencer;

uns parados, outros a correr

Instantes afortunados.

Uns são peraltas empavesados.

*Outros dos cábulas dos estudantes.
Uns e outros são grandes gavizantes.
Instantes afortunados.*

*Todos vêm a correr mui estouvados
para verem a Ermelinda bela.
Vem um frade numa gamela¹.
Instantes afortunados.*

*Vêm dois bedéis de pés atados,
de bacalhau e espadim;
todos vêm tocando clarim.
Instantes afortunados.*

*Vêm de casaca oito frades bernardos.
Vêm em ceroilas oito de S. Bento.
Mas uns e outros cheiram ao unguento.
Instantes afortunados.*

*Vêm em ceroilas oito de S. Bento.
Trazem lanças de ponta aguda.
A menina leva uma aguda².
Instantes afortunados.*

¹ É claro que este reverendo vinha-se banhando na gamela. Isto emendou o Sr. Antero para melhor e mais cómodo, quando (*O. M.*, p. 26) nos revela com que intuito o Criador das coisas criou o oceano:

*Que Deus há dado aos homens, porque banhem
O corpo todo e nadem à vontade.*

Ora, visto fica que o Rosendo teria dispensado a gamela, se soubesse que o oceano tinha sido feito para o frade se banhar e nadar à vontade.

² Rima o adjectivo *aguda* consigo mesmo. Daqui se deprende que não houve originalidade nas *Odes Modernas*, ao rimarem *fim* e *enfim*, *nosso* e *nosso*, *esperança* e *esp'rança*, etc.

*De repente cos olhos inchados¹
aparece Morfeu cuma seringa;
e vem o Torres, que é grande pinga.*

Instantes afortunados.

*Já com a pressa vêm todos cansados.
Chichisbéus vêm à porfia.*

Com trompas e fagotes tocam a sinfonia.

Instantes afortunados.

*Ao longe se vêem já arrebatados
todos que vêm de cavalaria,
tocando timbales numa almotolia.*

Instantes afortunados.

*Com o calor vêm todos abrasados.
Trazem todos o rabo esfolado.
E tudo o mais vem muito inflamado.*

Instantes afortunados.

*Uns trazem os calções esfarrapados.
Outros trazem as ceroilas sujas.
As caras todas parecem de corujas.*

Instantes afortunados.

*Mas são todos muito malfadados
pois a menina a todos resiste,
pois só no Lopes acha certo chiste.*

Instantes afortunados.

*Todos querem ser namoriscados.
Fazem danças e piroletras,
uns com trejeitos, outros com caretas.*

Instantes afortunados.

¹ Deus queira que, inchado com o humor vítreo expandido, o olho lhe não estale, como sucedeu à lei do Sr. Antero (O. M., p. 99):

*Estala a velha lei como um balão inchado
Pela expansão dos gases.*

*Todos estão cos olhos afogueados,
lançando sobre ela o rabo do olho.
Uns são vesgos, outros têm cara de repolho.*

Instantes afortunados.

*Outros olham a furto e aos bocados,
Depois dançam a gaivota e o lundum;
mas cheira-lhe a cabeça ao atum.*

Instantes afortunados.

*Já com os coletes todos desabotoados,
com o cansaço e grande fadiga,
que até deitou uma lombriga¹.*

Instantes afortunados.

*Enfim todos estão inflamados
e jogam o soco até não mais.
Quebram candeeiros e castiçais.*

Instantes afortunados.

¹ Rosendo, na infância da arte, chama às coisas por seus nomes. Uma lombriga é uma lombriga. Nós hoje a denominaríamos um ente repressível, simbolicamente transubstanciado num unitivo lumbricóide. Ou pelo menos lhe chamaríamos *verme*, se lhe não chamássemos *insecto*, o que, segundo a ciência moderna, é uma e a mesma coisa (*O. M.*, p. 81):

*Deixá-la ir! Os vermes que a rodeiam
Querem comer-lhe o tronco — Estes insectos
São audazes... Porquê? Porque são cegos!
Hão-de gastar os dentes nessa lida.
Hão-de gastar depois ainda a cabeça.
Hão-de por fim gastar o corpo todo.*

Que imaginação! Que bom senso! Que estupendo bom gosto! Aqui temos vermes que são insectos; insectos que são audazes; audazes, porque são cegos. Aqui temos insectos com dentes; cabeça que sem dentes ainda rói; e quando já nem cabeça resta, os pés ainda a roer. Que remédio têm eles, pois que juraram *comer o tronco!* E ainda haverá quem diga não ter isto pés nem cabeça?! Tem cabeça e pés.

*Uns com os olhos arregalados;
outros com o bigode arrancado;
um já no chão estirado*¹.

Instantes afortunados.

*Já todos arrebatados,
a desordem se aumenta;
vão os feridos numa jumenta.*

Instantes afortunados.

*Outros, bem acondicionados,
vão dentro de uma liteira.
Vai um Prior e uma Parteira.*

Instantes afortunados.

*Os da vizinhança estão pasmados.
Acordem os Verdiais e o Meirinho;
mas um The quebra o focinho.*

Instantes afortunados.

*Mas enfim eles lá vão agarrados.
Dá-se parte ao Reitor.
Vão, ao toque de tambor.*

Instantes afortunados.

*Todos vão ser castigados;
mas a menina pede ao Prelado.
que é calvo e remelado.*

Instantes afortunados.

*Já todos enfim são libertados.
Vão todos tocando e dançando;
mas uns vão feridos, outros coxeando.*

Instantes afortunados.

*Todos enfim apaziguados,
eis que chega uma velha à carreira;*

¹ Este chão coberto dos corpos dos estropiados entende-se muito melhor que o chão das *Odes Modernas* (p. 28):

Do chão do infinito seara ardente.

vem de bofes, punhos e cabeleira.

Instantes afortunados.

Traz sobre o casco uns altos penteados.

Safiras e pérolas colhidas na mina¹.

Tudo isto para oferecer à menina.

Instantes afortunados.

Diz que é da família dos Amados;

e também traz consigo um filho,

que traz um tabardo, e um espartilho.

Instantes afortunados.

Depois de todos cumprimentados

pede a menina em casamento;

mas o filho é um grande jumento.

Instantes afortunados.

Já enfim de todos enganados

o filho furioso quer se vingar.

A velha se assusta, e põe-se a rosnar.

Instantes afortunados.

Todos os pretendentes ficam mamados.

Só o Lopes tem a primazia.

Fica inchado, que parece hidropisia.

Instantes afortunados.

Marca-se o dia dos noivados.

Lopes já se principia a enfeitar;

¹ Eis aqui a autoridade a que o Sr. T. Braga se agarrou, quando, na *Visão dos Tempos* e nas *Tempestades Sonoras*, mostrou a sua erudição, dando pérolas a Ofir, que nunca as teve, e era só famosa pelo ouro. Eram *pérolas colhidas na mina*.

Quanto às safiras, são umas gemas orientais!, que se encontram nos areais auríferos! É sabido que os rubis, ametistas, esmeraldas, topázios, etc., costumam andar a rolar nas ondas, pois, como muito bem diz o Sr. Antero (*O. M.*, p. 130), o coração é:

*O grande rio de areais auríferos
Arrastando safiras em cada onda.*

*mas tem um leicença a deitar*¹.

Instantes afortunados.

*Vão para o himeneu todos asseados.
Ermelinda leva um vale de merinó,
e na cabeça um grande totó.*

Instantes afortunados.

*Os irmãos vão todos empavesados.
O pai leva a farda da Bicha.
Também vai a D. Gavicha.*

Instantes afortunados.

*Todos os que são convidados
lhe mandam doces e vitelas.
O padrinho vai de espadim e fivelas.*

Instantes afortunados.

*Vão todos os cavaleiros e morgados
muito bem penteados de caracol,
uns de chapéu a três bicos e d'ourinol.*

Instantes afortunados.

*Outros muito bem fardados
levam suas madamas ao pé,
umas de fraldas bordadas, outras cheirando a rapé.*

Instantes afortunados.

*Todos os da Bicha vão armados;
levam suas gaitas e tambores.
Uns deitam foguetes e levam cobertores.*

Instantes afortunados.

*Vão todos a saltar mui bem formados.
Levam o zabumba e um pandeiro.
E o outro leva incenso dentro de um fogareiro.*

Instantes afortunados.

*Já são à igreja chegados.
O cura acende um grande farol,*

¹ Els aqui bem respeitada a grande lei dos contrastes, como prescreve a escola.

que é todo feito de cerol.

Instantes afortunados.

Já todos estão ajoelhados.

Trabalha o tambor, gaita e badalo.

Vem todo o povo de Ançã e de Bordalo.

Instantes afortunados.

Também se vêem amontoados

o povo d'Almalaguez e Rabaçal.

Vem o da Geria, Lava-Rabos e Louriçal.

Instantes afortunados.

Já enfim os noivos estão casados.

Ferve a amêndoa, o confeito e a pastilha.

A mãe toda se baba, e a madrinha se incasquilha.

Instantes afortunados.

Já sendo a casa todos chegados,

Comem de uma pipa e bebem de um caldeirão¹.

Vem o médico e o cura a cavalo no sacristão.

Instantes afortunados.

Os noivos são por toda a parte abraçados.

A função é com todo o esplendor.

Vem o barbeiro e tira-dentes com um andor.

Instantes afortunados.

Todos os do acompanhamento alvoraçados,

os tafuis e as madamas dão à perna;

um agarra, outro belisca, outro aperta².

Instantes afortunados.

¹ Novos contrastes sublimes. O comum é comer-se do caldeirão e beber-se da pipa, mas a nossa gente, para patentear a sua dignidade, faz tudo às avessas dos outros.

² Isto aqui lá parece fresquinho, sim senhor, e mostra o Lopes muito condescendente; mas é nada, comparado com a *Visão dos Tempos*, p. 105:

*A coxa trémula, o macio pêlo
E a pira de cristal onde arde a chama
Que encendeia sem ver-se, etc.*

*Todos enfim entusiasmados,
tudo é gaita, zabumba e assobio;
tudo anda à roda e de corruptio¹.*

Instantes afortunados.

*Já depois de muito cansados
Vão para o seu leito² Vénus e Cupido.
Ela se encolhe, ele se estende ao comprido.*

Instantes afortunados.

*Assim estão os festins acabados,
já da meia-noite para a uma hora.
Boa noite, meu senhor! Boa noite, minha senhora!*

Instantes afortunados.

*Já deste dia ficam convidados
para o baptizado e grande serenata.
já que Monsiú Lopes assim se afragata.*

Instantes afortunados.

Cætera desiderantur.

Importa porém confessar que a Escola Coimbra não só em Coimbra tem sido cultivada. O Brasil, tão insultado por ela, também conta estros, primos co-irmãos

É mais uma p. 111, que me não atrevo a transcrever, e mais muita coisa, e mais metade das *Tempestades Sonoras*, e mais quanto escrevem estes inimigos dos poetas antigos, por suas lubricidades.

¹ *Que, enquanto os pés na terra, em corruptio,
Lhes fogem impassíveis, firmes, altos,
Erguem os olhos, sem ver os sobressaltos,
Riscando as sociedades no vazio.*

(*Od. Mod.*, p. 43.)

² Naquele tempo ainda os leitos nupciais eram compostos, como aqui singelamente se vê, de colchão e enxergão, e lá atrás se viu, de cobertores. Nisto a escola tem progredido muito. Hoje, como o mostram as *Odes Modernas*, p. 57, têm os tálamos nupciais cúpula e mosquitoireiro, mas tudo isso pendente das tábuas do leito para baixo, a fim de cobrir... de cobrir... eu sei cá o quê?

dos que honram os sinceirais do Mondego. Pressuposta a devida vénia, aqui darei uma amostra. Tendo vindo a esta cidade uma domadora de feras, chamada Labarrère, o talentoso Sr. Nunes Garcia lhe dedicou a seguinte *Inspiração*:

*Na tua fronte cingir só deve
Os louros da immortalidade
(Autor.)*

*Tu, da vontade ENTE portentoso,
No teu SEXO!, és bem corajoso.
Serás tu o Sol?!
Ou és Lucifer?
Anjo tu não és
Oh brava mulher!
Deusa tu serás
Ou és Satanás?*

*Em ti vejo o prazer, vejo também pavor.
Vejo encantos, vejo também amor.
Serás tu o Sol?! etc.*

*Coa tua presença brutos se dobram.
Tanto s'infurecem como se domam.
Serás tu o Sol?! etc.*

*Como é que tuas feras te vendo falseão?
Teu TIGRE não uiva, nem ruge o LEÃO!
Serás tu o Sol?! etc.*

*Como é que subjugas a braviosa HIENA?
Tua predilecta, tua flor da cena!
Serás tu o Sol?! etc.*

*Tu, em comum com as feras bravias,
A elas aqueces e a nós tu esfrias.
Serás tu o Sol?! etc.*

*Da JAULA tua flor, teu amor perfeito,
É o teu URSO — teu amor de peito!
Serás tu o Sol?! etc.*

*Por teu semblante sempre risonho
Talvez dormite o bruto medonho.
Serás tu o Sol?! etc.*

*Tu, esplendor da raça humana,
No mundo és tudo, até soberana!
Serás tu o Sol, etc.*

*Se tu és dos eflúvios magnéticos
Confundes tudo e nos pões cépticos.*

Creio pois haver demonstrado que os actuais *inventores* não são os *inventores* da sua *invenção*; que são do novo culto ferventes apóstolos, mas sucessores do aedo, do homem divino, que baixou à terra, ao despontar a aurora do esplêndido futuro que é presente.

O aparecimento do homem grande é uma fatalidade. Vem quando é necessário dar uma forma, imprimir o seu carácter, a sua individualidade a uma generalidade que se evolve na força inconsciente do estado cósmico. Depois de ter realizado a apoteose fora de si, o homem completa-a na sua personalidade; é a ascensão do naturalismo ao antropomorfismo a lei de todas as religiões. Não tendo mais que divinizar, a inteligência, eterna na sua actividade incessante de Euménide, ante os problemas insolúveis do universo, eleva-se à abstracção, terramoto precursor do cataclismo, manifesto nas re-

giões de iluminados, entregues às contemplações espiritualistas, na reconcentração interior dos Essénios e Terapeutas. Na *Arte* a escultura inspira-se do grotesco: em Estrasburgo vê-se representado um asno, de alva, dizendo a *missa nova*, cercado de outros animais que o ajudam e servem de diáconos. O *Bobo* é uma personificação do grotesco¹. Mas aí é que está o merecimento. Nas aparências grotescas de Rosendo apalpa-se já a revelação do infinito pelo finito, antítese que só o génio do homem, como símbolo em si, pode realizar:

*Preceitos que mais obrigam
pedir quem pode mandar.*

Ergo, aqui deito âncora à primeira parte do meu livro, proclamando esta proporção: que *Rosendo está para a literatura coimbrã, como Viasa para o misticismo oriental*.

¹ *Poesia do Direito*, cap. IX.

HORACIOS E CURIACIOS

OU

MAIS UM PONTO E VIRGULA

NA ACTUAL

QUESTÃO LITTERARIA

POR

A. M. da Cunha Bellem



LISBOA

TYP. DA SOCIEDADE TYPOGRAPHICA FRANCO-PORTUGUEZA

6, Rua do Tesouro Velho, C.

1866

44.^a PEÇA DA POLÊMICA

**A AGUIA NO OVO
E NOS ASTROS
(2.^a Parte) [1]**

Um Lisboeta
Convertido

[1] Tipografia do Comércio, Rio de Janeiro, 1866.

Barreto e Noronha prossegue a análise satírica das obras de Teófilo, e principalmente de Antero, seguindo passo a passo os versos do poemeto *Fiat Lux*, a terceira obra impressa do poeta, publicada em fins de 1863. A primeira, uma colectânea de sonetos, data de 1861 (edição Sténio) e a segunda colecção de poesias é também de 1863: *Beatrice*.

Livro de propaganda, destinado a dois enormes fins: o 1.º, restituir a glória da invenção ao verdadeiro fundador da Escola; o 2.º, demonstrar, por meio de comentários a uma das mais primorosas produções da Escola, que só naquela religião literária pode haver salvação.

Eureka! Eureka!

HEGEL, cap. VI

A ESCOLA ROSENDÁ EM SEU ZENITE

GRAÇAS a Deus, está preenchida a primeira parte da minha tarefa civilizadora. Ninguém mais porá em dúvida o Génesis da escola Coimbrã; e a posteridade ficará sabendo que o legislador, o Licurgo, foi o grão vate Rosendo; e por isso proponho que a sobre-

dita escola se denomine indistintamente *Coimbrã*, ou *Rosendã*.

Desempenhei um dever de consciência; reabilitei o meu esquecido herói, o benemérito das letras e da filosofia. Estou satisfeito. Por muito menos se encaminhou para o Capitólio, para, como eu, dar graças a Deus, o meu predecessor Cornélio Cipião.

Já porém declarei não ter sido só para isto que pedi a palavra. Aspiro a muito mais. Eu já disse que a imensa luz que, recentemente projectada de Coimbra, me deu de chapa nos olhos fez-me abjurar os velhos e esfarapados princípios literários, encarniçar-me contra tudo quanto o mundo qualificar superioridade, e apostolar a lei nova como um possesso. Embora me chamem renegado; tenho muita honra nisso; e protesto portar-me com todo o ardor de um missionário fervente, de um reitor de catecúmenos.

Eu não quis que se roubasse a glória ao fundador; mas o meu ânimo recto ambiciona com igual afã que se faça justiça aos seus piedosos sucessores. Esta religião é um islamismo literário. O alcorão, o livro da lei, o que encerra as doutrinas, é o Evangelho do Rosendo; seria pois uma encarnação morta, em vez de ser uma encarnação viva.

É mister que o Verbo esteja sempre vivo. Viveu na origem, pois se fez carne de Rosendo para ensinar os homens do seu tempo; vive e viverá na prolongação dos séculos, pois se fez espírito para inspirar os seus apóstolos e a sua igreja; vive pelo culto, pois nós todos, os ulemás deste maometanismo, gritaremos em coro: «Só o Ideal é Ideal, e Rosendo o seu profeta.» Mas honra aos Osmanlis de Coimbra. Eles sabem, com igual mérito, perpetuar a religião nova. A frase *El-rei morreu; viva*

El-Rei, pode aqui respeitosa e parodiamente: *O Rosendo morreu; viva o Rosendo!*

Mas, porquanto estes verdadeiros crentes, apesar de pisarem o bom caminho, têm o seu tanto de nebuloso e estapafúrdio, eu, que mergulhei audacioso pela cerração daquelas névoas, resolvi traduzir tudo em português mortal (que é o falado pelos simples mortais), e manifestar em notas e comentários urgentes o que há de grandioso e sublime na moderna escola do Ideal. O mundo, quando a entender, pasmará; e do Tejo ao Neva, do Austro ao Bóreas, o universo se coimbrizará, e dará o seu voto para o lugar vago de deuses aos meninos do Quebra-Costas.

Para esta minha utilíssima análise, escolherei uma obra portentosa, uma profecia infalível, a pedra angular do futuro.

E não se cuide que me ocuparei aí de qualquer coisa à toa; será de nada menos que DA CRIAÇÃO DO MUNDO, estupendo quadro de lanterna mágica do mufti, ou antes do profeta Antero de Quental, produção pasmosa, destinada a maravilhar e revolucionar a redondeza.

E que há aí com efeito mais imponente e majestoso que semelhante assunto?

O desejo de conhecer a formação do mundo que habitamos ocupou e deveu ocupar em todos os tempos os espíritos pensadores.

Cada religião fantasiou a sua cosmogonia.

Moisés (o outro meu predecessor) contou, no seu *Génese*, o trabalho dos seis dias.

Os filósofos e geólogos deixaram-se de inspirações celestes, e pediram à própria Terra, ao raciocínio e ao

Tudo ignorância: *Et terra erat inanis et vacua*.
cálculo, novos sistemas ou novas hipóteses.

Estava reservado para Portugal, e para a Serra do Buçaco, para o nosso século, e para o memorável sexagésimo terceiro ano dele, a verdadeira revelação cosmogónica; que por isso o profeta apropriadamente intitulou a sua obra: FIAT LUX!

Vai ler-se a doutrina arquibramânica, com que afinal se ilustra a Humanidade. *Vedas* e outros livros sagrados (não tanto como este) haviam já estabelecido a preexistência da Divindade, que, na origem das coisas, constituíra por si só tempo, espaço; ente único, eterno, infinito, sem corpo, sem partes. Era erro! Erro para o Demiurgo, de Platão, supremo autor da Natureza, que em sua mente concebia as ideias arquétipas do universo. Errou Virgílio, ao descrever-nos a sua

Mens agitat molem, et magno se corpore miscet.

Errou Moisés, desenvolvendo-nos o trabalho dos seis dias. Errou Espinosa, proclamando o Deus-Matéria, constituindo único o *Pan*...

*Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
que outra Criação mais alta se alevanta.*

Demócrito e Epicuro são suplantados. O caos, que neles representava as combinações variadíssimas de um acaso feliz, converteu-se num oleiro do infinito, amassando mundos entre o tempo e o espaço, e praticando outras mil coisas do arco-da-velha.

Veja o mundo!, aprenda!, e prostre-se!

O profeta escreveu (diz ele que em verso) a obra da sua sapiência; e em verso muito remontado e sublime; linguagem de águia. Eu, singelo periquito, mas seu

humilde discípulo, acompanharei o texto de uma versão em prosa, em que as inteligências vulgares possam mais facilmente penetrar; e onde me parecer que ainda isso não basta porei notas aperitivas da excelência do texto original.

ORIGINAL

FIAT LUX!

Et terra erat inanis et vacua.

*Tinham os astros já mil anos — tinham
 Talvez cem mil — ou tinham um minuto¹,
 (Pois quem sabe² contar horas ou séculos
 No relógio — que tem o firmamento
 Por quadrante — e³ algarismos sóis e estrelas⁴?
 'Stavam há muito ali⁵.)*

O velho⁶ Caos⁷

*O Oleiro⁸ do Infinito, que entre as duas
 Mãos⁹ — o Tempo e o Espaço¹⁰ — os amassara¹¹,
 Cansou por fim também¹² de fazer mundos,
 Não tendo¹³ já mais barro — nem mais raios¹⁴
 Com que o barro pintar.*

ESTUDOS CRÍTICO-FILOSÓFICO-COSMOGÓNICO-GENÉSICOS
 SOBRE ESTE CAPÍTULO APOCALÍPTICO

¹ Começa logo por esta sublimidade: uma apalpadela, uma incerteza entre cem mil anos e um minuto; e, logo abaixo, considerar num minuto uma temporada.

² Supunha a gente de espírito apoucado que anos, séculos, dias, e as divisões convencionais dos dias em horas, minutos, etc., tudo tinha o seu primeiro e único fundamento na astronomia. O profeta revela o contrário. Lá pelas estrelas, não se sabe coisa alguma dos tempos. Para outra vez nos dirá por onde é que se sabe; isto não há-de ir tudo de atacado.

³ Um escritor menos transcendente não teria omitido aqui a preposição *por*.

⁴ Para se saber que as *estrelas* não são sóis. Notemos bem estes *algarismos*.

⁵ *Ah!* onde? O profeta há-de o declarar para a outra edição.

⁶ Escritor menos original teria posto *antigo*; ou antes nenhum epíteto.

TRADUÇÃO

FAÇA-SE A LUZ!

*E a terra andava toda presumida
e não sabia nada.*

Existiam os astros, havia cem mil anos, ou mil, ou um minuto, enfim muito tempo, porque lá por astros não se sabe medir o tempo.

O Caos, que é o Oleiro do infinito, e tem duas mãos — o Tempo e o Espaço —, e que fora quem amassara os astros, estava cansado de fazer mundos, já não tinha barro para mais, nem luz com que os vidrar.

¹ Não sendo o *caos* senão a *matéria cósmica* em confusão; e achando-se a *matéria cósmica* (chamada *barro!* pelo profeta) já formada em mundos disseminados pelo espaço, o *caos* cessava *ipso facto* de existir. Assim parece; mas o profeta, que é mais profundo do que isso, continua a ver o *caos* onde ele, por falta de *matéria*, não pode existir. Misteriosa prova de um *bom senso* inatingível aos filhos de Adão!

² Se o *caos* é a *matéria* em confusão, ou o *barro*, como pode ser o *oleiro*? Como há-de ser ao mesmo tempo martelo e bigorna? Esta dúvida só pode caber em críticos terrestres. Lá nas *olarias do infinito*, o *oleiro* é o *barro*, e o *barro* é o *oleiro*. Não percebem? Pois aqui está a sublimidade do BOM SENSO. A ideia do *oleiro do infinito* é do *melhor gosto*. E não venham alegar que os *oleiros* fabricam *vasos*, e este não faz senão *bolas*; objecções tais são fúteis.

³ Adore-se a estupenda imagem das *duas mãos do caos*, quando a *essência do caos* é não ter parte alguma distinta. *Bom senso!*

¹⁰ As mãos, cá segundo os conhecimentos apoucados, são sempre irmãs uma da outra; mas lá nas *olarias do infinito* correm

Ora ¹⁵ limpando ¹⁶

As mãos que estavam sujas ¹⁷ do trabalho,
 E esfregando ¹⁸ uma palma contra a outra ¹⁹
 Soprou ²⁰ depois os restos ²¹, sem ver ²² onde ²³,
 Por esse abismo ²⁴ além.

Oh pó de mundos ²⁵!

Migalha ²⁶ dos banquetes ²⁷ do Princípio ²⁸!
 Triste parto ²⁹ das sombras, atirado
 Sobre ³⁰ o berço ³¹ de luz do firmamento!
 Morcego ³² horrível, meio tonto e cego,
 Caído ³³ no salão de lustres de astros ³⁴!

outros ares; as mãos são entre si diversíssimas. *Bom senso!* Bom de lei! Agora o mistério, que ainda não podemos penetrar, é como o *espaço* e o *tempo* podem ser *mãos do caos!* O profeta há-de explicar isto; e então se reconhecerá que era *bom senso* e *bom gosto*, tudo ao mesmo tempo.

¹¹ Os astros foram *amassados*, segundo a letra do texto, entre o *tempo* e o *espaço*; donde se segue (além de muitas outras coisas) que o *oleiro do infinito* não é como cá os *oleiros do finito*, que amassam o barro no amassadouro, e não entre as mãos. O que eles fazem com as mãos e com a roda é dar-lhe a forma — que umas vezes é frigideira, outras púcaro, outras panela, mas *bolas* nunca. Entretanto aqui há-de ser *bom senso*, lá nas regiões do *infinito*. Nós os mortais é que o não percebemos. Por isso nos pareceria mais acertado ter-se posto, em lugar de *oleiro*, um *fabricante de bolas de cisco*.

¹² Parece aos gramáticos acanhados que o *também*, aqui, não tem sentido algum, e não passa de calafeto para o metro. Se é assim, foi delicadeza do profeta, pois ele bem sabia que duas sílabas de mais ou duas sílabas de menos não são coisa em que se repare.

¹³ *Cansar de fazer mundos*, por não ter mais barro com que os *fazer*, parece disparate aos entendimentos comuns, que perguntam se o *caos* cessou de fazer *bolas*, pela *carência de matéria*, ou por *exausto de forças*. O profeta não lhes responde; e faz ele muito bem: a quem tudo quer saber, nada se diz.

Ora, pois, limpou o Oleiro do infinito as mãos embarreadas, esfregando-as uma à outra, e lançou com um sopro os restos pelo abismo fora.

Estes restos, que voaram pelo abismo fora, eram pó de mundos, e ao mesmo tempo migalhas dos banquetes do princípio, e também um triste parto das sombras, atirado sobre o berço de luz do firmamento, e ainda por cima morcego horrível, meio tonto e cego, caído no salão de lustres de astros!

¹⁴ Podendo esta palavra ser tomada em dois sentidos muito diversos: *raios de electricidade* e *raios de luz* (e até quase nunca se tomando, quando solitária, senão na primeira acepção), parece que pedia o *bom senso* que viesse ao menos um adjectivo solver a dúvida. Entretanto não é assim: aquela feliz expressão *com que o barro pintar*, não está indicando que se fala dos *raios de luz*?

¹⁵ Conjunção de uma grande elegância poética para aqui.

¹⁶ Que *bom senso* e *bom gosto* nesta expressão: *o caos! Nimpando! o tempo! e o espaço! que estavam sujos! do trabalho!*

¹⁷ Expressão muito limpa... de *bom gosto!*

¹⁸ *Esfregando o tempo contra o espaço*. Quem é que não percebe isto?!

¹⁹ *Esfregar contra* não estava no dicionário; mas podem-no agora pôr lá, que vai bem autorizado.

²⁰ O *caos*, sem embargo de não existir já, por haver perdido a matéria de que se compunha a sua essência, não só tem duas mãos, mas *assopra*. Bom senso!

²¹ — «De quê?», pergunta o leitor. — «Que lhe importa?», pode o profeta responder ao leitor. — «Eu não escrevo para você; escrevo para os da minha língua. Esses bem entendem que eu falo dos *restos do barro*.»

²² Daqui parece inferir-se que o *caos*, além de *mãos* e *sopro* também tem *olhos*. E isto, demais a mais, para um *caos* que já não existe, sempre é grande privilégio!

²³ Os gramáticos das dúzias haviam de querer que o autor pusesse aqui *por onde*, em vez de *onde*. Pois não puseste! Isso é

*O pó soprado*³⁵, *informe bola*³⁶ *escura*³⁷,
Como filho enjeitado, que se esconde
*Pela sombra dos muros*³⁸, *foi rolando*³⁹
*Pelos cantos do espaço*⁴⁰, *envolto*⁴¹ *em trevas...*⁴²
*Que o não vissem os sóis*⁴³.

*E foi descendo*⁴⁴.

bom para os miseráveis, que ainda acreditam em gramática e dicionário. O *bom senso* e o *bom gosto* pairam lá por outra esfera.

³⁴ Que entenderá o profeta pelo *abismo* por onde se foram os restos soprados pelas mãos esfregadas? Aqui dão-se a perros os comentadores. Um quer que por *abismo* se deva entender o *espaço*. Mas a isso lhe refila outro: que, se o *abismo* é o *espaço*, e o *espaço* é uma das mãos do sujeito, o *sopro* só podia fazer ir as *migalhas pela mão fora*. Aqui há mistério fundo. Cumpre-me confessar que não lhe meto o dente.

³⁵ Também aqui andam os comentadores a nadar, porque não entendem como aos restos da *matéria caótica* se possa chamar *pó de mundos*. Porque a palavra *pó* não quer dizer *sobejos*; e portanto não pode designar os resíduos que ficam depois dos mundos formados. Mas isso é lá para o *bom senso* deles; o do autor é um *bom senso* muito diverso, e eu pela minha fé robusta acredito, até sem o entender, que é ele quem tem razão!

³⁶ Agora confesso humildemente que também eu fico às aranhas, vendo o *pó do mundo* ser ao mesmo tempo uma *migalha de banquetes*.

³⁷ Que *banquetes do Principio* foram esses, de que sobejou, como *migalha*, o *pó de mundos*; isto é, o que o *caos soprou das mãos esfregadas*?! *Banquetes do Principio* dados por quem e a quem, e compostos de quê?

³⁸ Quem é este *Principio*, personificado tão epicuramente? E *Principio* de quê?

³⁹ Complica-se a coisa para a pobre inteligência humana. O *pó de mundos*, que era *migalha de um banquete*, é ao mesmo tempo um *parto triste de sombras*, e um *morcego*. Adoro reverente esta simultaneidade de coisas incompatíveis no mesmo objecto: *pó*, *migalha*, *parto* e *morcego*. Isto não pode deixar de ser muito *bom senso*, e muito *bom gosto*!

Do pó fez-se uma bola, e foi rolando pelos cantos do espaço, mas envolvida em trevas, para que os sóis a não vissem.

Aquela bola foi descendo,

* Atirado ao berço, ou para o berço, diria qualquer português das dúzias; mas os profetas são em geral muito hebraizantes, o que não deixa de contribuir para a sua veneração.

Há ainda além disso aqui outra beleza: os tais restos tinham ao mesmo tempo rolado e caído das mãos, mas agora se vê que foram também atirados sobre o berço.

* O texto, apesar de tanta luz, está escuro para mim. É o firmamento que dorme num berço de luz; ou o berço de luz é o próprio firmamento? Seja o que for. O importante é que ao pó-parto-morcego coube a dita de ter um berço, e berço de luz, que é firmamento. A própria ideia de acalentar a luz num berço têm seu *quid* de eminentemente poético.

* Não avento muito bem o porque se dá ao globo da terra a figura de um morcego; nem porque a este morcego se chama horrível, e meio tonto e cego. Aqui o bom senso e o bom gosto andam tão embrulhados no pitoresco e sublime que só Newton, o Comentador do Apocalipse, o deslindaria, se vivo fosse. Um esmerilhador pretende que a imagem é apropriadíssima, vindo de Coimbra, onde se chamava outrora, como diz Bluteau, *Lente de morcegos* ao que dava postila à boquinha da noite: *Vespertinus magister*, ou *professor noctuabundus*, adjectivo de Cícero. O nosso profeta é o lente noctuabundo, que à roda de si em tudo vê morcegos.

* Bom! Tínhamos um morcego no berço da luz; agora vêmo-lo caído no salão! E hão-de taxar o autor de exagerado! Chamou ao morcego meio tonto, e agora se vê que isto era modéstia, pois o bicho estava tonto e meio.

* O morcego caído no salão já era linda imagem; agora salão de lustres, melhor; e salão de lustres de astros, superfino. Que potência de imaginação!

* Tivemos em cima o pó de mundos; temos agora o pó soprado. Pode? Posso. Será talvez para manifestar o poder do excelso vate. Assim com uma cajadada matam-se dois coelhos.

Estranho, negro, horrível, monstruoso ⁴⁵.
E, quanto era maior a treva, ainda ⁴⁶
Mais o medo crescia que ⁴⁷ *o olhassem...*
E mais o horror de si o endoidecia...
E mais girava ⁴⁸, *imenso já de inchado*
De terror e delírio ⁴⁹!

Os grandes astros ⁵⁰,
Como um viveiro imenso de fulgores ⁵¹,

* Um géometra, metido a crítico, espantou-se de se chamar *informe* (ou *sem forma*) a uma *bola*, que é uma *forma* determinadíssima, e até de todas a mais perfeita. Mas nós já vimos (a p. 24) [1] que também uma *ossada* bem articulada era *informe*, na opinião do Sr. T. Braga. Segue-se daqui que os sábios da escola Rosendá não escrevem para géometras, cujo *bom senso* é muito material de mais.

Fiquemos pois nisto: que o *pó-migalha-parto-morcego* foi também promovido a *bola*.

* Bem se vê que ainda não era chegado o século das luzes: *Não tinha raios de luz, parto de sombras, morcego meio tonto, escuro, sombra de muros, envolto em trevas, maior a treva, trevas com medo de se ver tão negras, ave de noite eterna, asa de sombra*. Segue-se daqui, destas variantes da mesma ideia, destas *sombras* em triplicata, destas *trevas* em triplicata, deste *escuro*, que o autor se está revendo na sua própria obra, e tendo a delicadeza de emprestar ao morcego as suas próprias qualidades.

* É este para os comentadores um dos passos mais crespos do presente capítulo genésico. Sua-lhes o topete para poderem dizer o que se entende pelo

*... filho enjeitado, que se esconde
 pela sombra dos muros.*

Um dos intérpretes mais sagazes dos muitos que eu consultei faz a seguinte ponderação:

Não sendo costume *enjeitar filhos ao sopé dos muros*, os *filhos* de que o profeta aqui nos fala são necessariamente em sen-

[1] Este número de página refere-se ao folheto anterior de Barreto e Noronha. No nosso volume corresponde à p. 128.

e quanto mais tenebrosa se sentia, mais medo tinha de que a vissem, e mais se horrorizava de si, e mais inchava de terror e delírio, e mais girava.

Entretanto os astros cantavam luz.

tido figurado. Ora *enjeitados escuros*, que se largam à *sombra dos muros*, parece não poderem ser senão uns certos desgraçados, que não podem servir senão para fecundar a terra, os quais a gente asseada não baptiza; deixa-os ficar onde nasceram, e lhes aplica o verso de Dante:

Non t'occupar di lor, ma guarda e passa!

São uns *inocentes*, que não têm *cheiro de santidade*; e não se estranhe vê-lo na boca de um profeta. Ezequiel também o era, e foi-lhe mandado que os comesse, e não teve outro remédio, pois igualmente a ele fora dito:

Eu cá bem sei que Tu hás-de comê-los.

Se o intérprete deu no vinte, como agora me vai parecendo, admito o *bom gosto* do profeta!

* Este *foi rolando* é que atrapalha algum tanto a interpretação conjectural da nota precedente, porque os *enjeitados pelas sombras dos muros* não *rolam* nem podem *rolar*, salvo quando os escaraveiros os torneiam em maçãs.

Note-se porém que este *rolar*, na boca dos videntes, nem sempre significa rolar. Nas *Odes Modernas*, o autor anda sempre a rolar; di-lo-feis o poeta-dobadoura. Mas não senhor, este verbo rebolão é dos mais apreciados nos páramos da escola.

A ela creio filiado um venerando escritor, que em originalidade iguala ao nosso profeta. Denominam-no *O Mal das Vinhas*. Um dia, annunciando à venda uns certos espartilhos de aço, assim se exprimia:

«São flexíveis e por isso, como fica dito, podem e devem mesmo usar-se, pois conservando a rectidão do corpo chamada, sem pressão, mais perfeita a circulação se opera, que, reparem bem, é a alma da vida em todos os seus aparelhos, visto que, cessando ela, immediatamente principia a fermentação e após a dissolução, seguindo-se então no cadinho universal, em milhões

Atiravam de sol em sol ⁵² *as notas*
Do eterno concerto ⁵³.

E foi rolando ⁵⁴

Vertiginoso ⁵⁵ *e bêbado* ⁵⁶ *de horrores* ⁵⁷
O feio ⁵⁸, *ébrio* ⁵⁹ *da mesma* ⁶⁰ *fealdade* ⁶¹!
O mal possesso do seu mal ⁶²! *As trevas*
Cheias de medo de se ver tão negras ⁶³!

de minimíssimas partículas a evaporação e precipitação, ROLANDO-NOS assim para a massa geral donde saímos.»

Consequentemente, deixem rolar a bola, que vai bem.

⁶⁰ Os cantos do espaço, que é infinito, e não tem cantos, são uma expressão de infinito bom senso transcendental. Quem não perceber que perceba, ou peça a Deus que o mate.

⁶¹ Pela gramática dos Lobatos, e outros espíritos catacegos, não é líquido se o *envolto em trevas* é o espaço, ou o filho, ou o pó soprado. Deixá-lo não ser! É boa impertinência a dos tais gramáticos, que não hão-de permitir a um espírito superior voar por onde ele muito bem quer!

⁶² Parece, à primeira vista, que, depois de ter posto o escuro, podia dispensar muito bem o *em trevas*. Pois sim: mas à segunda vista reconhece-se que quanto mais, melhor. A gente de mau gosto chama a isto pleonasma, havendo até insolente que o qualifica de pleonasma. Não senhor, são hebraísmos.

⁶³ Um físico rabujento poderia emburrar nesta razão, e chamar-lhe tola. O físico diria: «Como é que uma coisa se envolve em trevas, para que o sol a não veja? Trevas são ausência da luz; onde o sol bate não há trevas.»

Vão-se passear os físicos rançosos! Isto está bom, bonito, e de muito bom senso.

⁶⁴ O penúltimo verso *foi rolando*; com a mais elegante simetria acaba este: *e foi descendo*. Um apóstolo do dicionário reflectiu-me que nestas duas coisas havia contradição: se a bola rolava não descia; se descia não rolava. Outro officio, meu amigo. Ela desce porque vem pela escada do Infinito abaixo, e rola porque o pó de mundos tem natureza de borracha; vem saltitando pelos degraus. Não há incompatibilidade... e que a houvesse

Finalmente la contradiction
est des mortels la douce passion.

E o pó-migalha-parto-morcego-informe foi rebolando com uma vertigem e bebedeira de horrores, por causa da sua própria fealdade, e da maldade que o endemoni-nhava, e da negridão que o vestia.

Também concordo em que, para filósofos... triviais, as ideias de *subir* e *descer* são inaplicáveis tanto ao *universo* como ao *espaço*. Para os profetas é outra coisa: esses sobem e descem por lá como num prédio de muitos andares. E demais (ponderar-lhe-la eu, mui ancho): «Vossemecês (os filósofos ainda não gastam Excelência) não fazem os seus mapas-múndi com um norte para a cabeça, e um sul para os pés? *Ergo*, o universo tem um *acima* e um *abaixo*.»

E viva o grão-profeta, que foi *descendo* pelos espaços... imaginários. Só a ignorância pode chamar àquilo *mau senso*.

«Esta enfiada de epítetos é o zénite da poesia:

ESTRANHO! Neste sentido, que galicismo enérgico e piramidal!

NEGRO! Que formosa repetição do que já tinha vindo dez vezes! Quanto deve aprazer, se é que *decies repetita placebunt!*

HORRÍVEL! Que honraria para o adjectivo, que já sete versos antes viera à cena (*morcego horrível*), assim merecendo as honras do *bis!* E que força, ó Deusa da Nossa Consciência!

MONSTRUOSO! Que beleza naquele vago! Sim, porque *monstruoso* (prodígio, contra as leis da Natureza) significa tudo quanto se quiser. Lobo disse: *um monstro de talento e de vícios* (Aí vai o tão-balalão); *monstro de atrevimento e valor*. Camões disse numa elegia (VIII):

*Pois quem com outro mérito render-te
presume, oh raro monstro de beleza!,
muito mais longe está de merecer-te.*

Na acepção também favorável se empregava esta palavra no latim, como se vê em Sílio (XVI, 333):

Juvenisque animum tam clara movebant monstra.

Este incerto, este indeterminado na significação da palavra *monstruoso*, é aqui de um alcance imenso. Só lhe poderão notar

*E o firmamento arfava⁶⁴ num delírio⁶⁵
De harmonia e ventura⁶⁶! O espaço⁶⁷ ardente⁶⁸
Suava luz⁶⁹ — girando no infinito⁷⁰ —
Pelos poros do céu... que são estrelas⁷¹.*

que a palavra corresponde exactamente à acepção em que do francês tomou a outra palavra: *estranho*; mas isso mesmo é intencional. *Estranho* no princípio do verso; no fim dele *monstruoso*. É uma espécie de pescadinha frita com o seu rabo na boca.

Há quem não ache isto do melhor gosto. Sobre gostos não disputemos: gosta o profeta, e gosto eu.

Sim, senhor; é um bom verso:

Estranho, negro, horrível, monstruoso.

E além disso, verso certo e estrondoso! Que mais lhe querem? Acham por aí muitos com estes requisitos? Oh, ruínas de contentar!

⁶⁴ Diz lá outro gramatiquinho: «Este *ainda* não cabia aqui.» Mas coube, respondemos nós; e está acabado.

⁶⁵ E também aqui refila o gramatiquinho contra o *medo que*, em lugar de *medo de que*. Outra vida, gramatiquinho! Mete-te lá com os poemas e livros humanos, e respeita os escritores inspirados, que voam por cima de toda a folha, e atiram com as do Lobato para ao pé dos *enfeitados pela sombra dos muros*.

Mais o medo crescia que o olhassem

é um verso tão flexível, até por causa do hiato, que se engole sem se sentir que se engoliu um verso.

⁶⁶ Girava, girava, não há dúvida. A tal *bola* tem seu quê de *gira*.

⁶⁷ ...*imenso... de inchado/De terror e delírio...*

Estudemos isto:

O terror (que é o medo no maior auge) faz *encolher* e não *inchar*.

Incha-se o animoso e o intemerato; o timorato encolhe-se. Por isso se diz: Fiquei com o coração mais pequeno que uma

E o céu palpitava, doido do contente; e o espaço ardente, girando no infinito, transpirava luz pelas estrelas, que são poros do céu.

pulga; Encolhi-me todo de medo; Fiquei mais pequeno que um grão de milho miúdo; Apertou-se-me o coração.

Arrais fala *das velas inchadas da presunção e da arrogância*; e já antes desta profecia se denominava *estilo inchado* ao que tem falsa elevação, pompa falsa.

Vieira, que denomina os soberbos *inchados como montes*, querendo, noutra parte, explicar como no pequeno vale de Josafat há-de caber todo o género humano, no *Dia do Juízo*, diz que então cada um se há-de achar *tão encolhido com o medo* que não-de caber todos lá muito bem, e mais que fossem.

Pois sim; mas tudo isso é um falar reles e indigno de um profeta altissonante... que não pode ver nada *encolhido*.

O globo, se se apoucasse com o *terror e delírio*, havia de fazer bonita vista! Pois não foi melhor ficar *imenso*, a poder de *inchado de terror e delírio*? O *delírio* também *incha*. E, quando não, é reparar no como todos os doidos (à excepção de um) são *inchados*!

Viva o *bom senso*!

³⁰ Os *grandes astros*... Tomem bem sentido em que foram só os astros grandes, porque a turba dos pequenos não tem voz em conclave; sobre as ruínas das teocracias exalta-se o novo poder das uranocracias.

³¹ Nada tão sublime, claro e brilhante como este *viveiro imenso de fulgores*. Os *fulgores em viveiro*! Era coisa que ficava por dizer, se não tivesse vindo ao mundo este profeta. E perdia-se muito.

E com efeito a ideia de *viveiro* vinha até hoje acompanhada da de um espaço fechado, de um cárcere, donde não podiam sair os pássaros, os peixes ou as plantas. Aqui temos os fulgores, a luz, fluido imponderável, a quem o Oleiro do Infinito quis levar para a cadeia do viveiro; e ela que faz? Deu-lhe uma rebentina; escangalhou as grades do viveiro e, a fim de mostrar para o que prestava, pôs-se, Leotard do Infinito, a fazer exercícios de zampillaerostação, pulando nos trapézios siderais. É bem feito: quem mandou ao Oleiro prender uma entidade livre e independente, consciência da sua dignidade? Muito prudente foi o Fulgor em não pregar uma estocada no Caos.

*Oh! como a ave*⁷² *da noite eterna*⁷³, *ao ver-se*
*Dentro do dia eterno... endoidecia*⁷⁴!
*Como rolando*⁷⁵ *tonta*⁷⁶ *a um lado e a outro*⁷⁷
*Batendo*⁷⁸ *as duas asas — Sombra e Espanto*⁷⁹ —
*Por todo esse infinito já não via*⁸⁰
*Um só buraco*⁸¹ *que a escondesse!*
*O Abismo*⁸².

⁷² Os astros atiravam *de sol em sol*. Perguntou-me um impertinente se este sol era o Sol; e, em caso afirmativo, se havia muitos sóis; e como é que os astros se iam encaixar dentro dos sóis, para se arremessarem pedradas de luz, e se sebastopolizarem uns aos outros?

Outro me observou, dando já diversa interpretação, que o autor podia dizer logo: *os astros atiravam, de uns para outros, visto que os astros são sóis*.

Repito, porém: esta ponderação não é minha, e eu não quero arriscar-me (ou, na linguagem do profeta, comprometer-me): é de um má-língua, que ousou chamar a esta frase um *galimatias*, e *galimatias de Alverca*.

Que vá ele buglar! Pois pode negar alguém a sublimidade disto:

Os grandes astros
Atiravam, de sol em sol, as notas
Do eterno concerto?

E quanto à nica de dizer que os *astros são sóis*, respondi-lhe que não seja parvo. Leia com mais atenção, e reconhecerá que a palavra *sol* aqui não significa nenhum corpo celeste luminoso, mas unicamente... nota de música; segundo se prova pelos vocábulos *nota* e *concerto*. O profeta disse *de sol em sol*, como poderia dizer *de ré em ré, de si em si, ou de dó em dó*.

Dó me causam a mim estas críticas desassisadas.

O texto está magnífico, e quer dizer (salvo erro) que os astros executavam um concerto, de uma oitava, nada menos — de *sol* até *sol*. Ora aí está o que é.

E aqui permita-se-me aproveitar a ocasião para falar de outro esplêndido vaticínio do nosso profeta.

A bola terráquea, ave de noite eterna, vendo-se dentro daquele dia eterno, rebolava de um lado para o outro, a bater a Sombra e Espanto, que são as suas asas, sem ver já um só buraco, por onde se metesse.

No *Instituto*, jornal de Coimbra, aparecem umas sumptuosas páginas do mesmo Sr. Antero de Quental, sobre o *Futuro da música*. Está visto que a predilecção dos vates é pelos futuros. Acaba o leitor de ver que, na criação do mundo, tudo era música, e até os sóis e os astros levavam o seu tempo a gargantear. O passado já passou. Quer o leitor saber qual será o futuro da música? Será... será... será não haver música nenhuma.

E a argumentação que nos leva a este prognóstico é a seguinte. O porvir é o definido; o presente é o vago; ora, sendo o vago o carácter dominante de toda a música, segue-se que esta não desembarcará nas praias do futuro. E está dito.

E não cuide o leitor que eu improviso, pois disso sou incapaz. A tal dissertação sobre a música não traz, sobre a música, vinte linhas; mas ei-las transcritas:

«Os caracteres essenciais da sociedade que tem de vir não podem combinar com a música. Esta, como uma língua que já não pode conter um pensamento complicado e que a exceda, lutará contra uma forma mais rigorosa, será cada vez menos usada, tomará um lugar secundário, e esquecerá por fim...»

«A música, incapaz de reproduzir um estado de espírito fixo, sereno e alegre... com os fantásticos ideais e para eles nasceu; com eles tem de morrer. Será o seu último gemido o extremo aí exalado pela moribunda alma antiga. O seu excesso de hoje é uma crise; agita-se para morrer. A última música será um gemido sobre a campa de uma idade finda.»

Então é aquilo ou não é? Portanto, do pólo positivo das oitavas dos *astros*, passaremos ao pólo negativo de não haver música nenhuma; paternal aviso aos tocadores de gaita e berimbau, pois o futuro não tolerará, quando muito, senão a rebeca.

“Safa, que um *concerto eterno* é de matar. Eu, se me dessem para comer só papos-de-anjos, ao terceiro dia brigava.

“Já vimos um verso acabado em *foi rolando*; dois versos depois, outro acabado em *foi descendo*; sete depois, mais outro

Todas as obras dos nossos profetas são pelo gosto deste estupendo capítulo apocalíptico, e merecem que mais sábios escoliastas do que eu as interpretem, para que o mundo não perca um iota de tão profundas meditações.

Eles nos preveniram de que doravante nada se dirá

acabado em *foi rolando*. Esta ideia de *rolar* ou *rebolar* da *bola* serve para repetição no relógio do Infinito. E que tem lá isso? Aí se prova que o profeta é verídico; fala sempre pela mesma boca.

“ Admiramos ali em cima o *morcego meio tonto*, com a meia tonteira *caído no salão*; e que em consequência de tal queda *foi rolando, foi descendo e foi rolando*. Agora aqui, voltamos para trás: apenas o enxergamos no estado de *vertiginoso*; isto é, agora é que descobrimos a perturbação do casco, o *vágado*, que já lá atrás tamanhas coisas produzira. Não há que dizer: os *crescendos* de pernas para o ar são um dos dogmas da religião. Quanto finalmente ao tal *vertiginoso*, após tantas descrições da vertigem, parece uma espécie de redundância; mas deixá-lo parecer; nem tudo o que parece é.

“ Quem diz que *bêbado* é termo baixo, vil, ignóbil, torpe, sórdido? Isso era lá segundo as poéticas velhas, e os tratados impertinentes de civilidade. Pelo contrário, nada há mais sublime que a *bebedeira*. Para o bêbado não há leis: *Potus et ex lex*. Vê os reis e a Humanidade abaixo de si; domina o mundo: *libera vina*. Todas as simpatias da escola estão seguras ao empinador do cangrião; *Gratius ei nihil est, quam bibere, potare, perpotare, poculum haurire, vino ventrem distendere*.

Deus nos livre da proscrição dos vocábulos, nem de aristocracias de vocabulário. Todas as palavras são filhas de Deus, e com direitos iguais, perante os escritores livres e conscienciosos. E então, porque é baixo um termo que designa, com só três sílabas, tantas e tamanhas excelências? Se nem os próprios ditirambos da Arcádia se atreveram jamais a escrevê-lo, é porque não sabiam o que era *bom gosto*. Está muito bem o que está; não lhe bulam, que o estroem.

“ Agora o que não percebemos muito bem é como a *bola* se *embeddou de horrores!* Aqueles *horrores* hão-de ser algum li-

como até hoje foi dito, porque temos apóstolos que nos guiem por entre os labirintos do futuro. E sabeis vós, leitores meus, quanto pesa, vale e significa um apóstolo, na boca do Sr. T. Braga (*V. dos T.*, p. 160)? Um apóstolo é uma pomba, e é um grito, e é uma sombra de palmeira (quereria dizer mangueira, não pode deixar

quido inebriante, que se venda engarrafado, ou aos tonéis, em alguma taberna imensa, talvez sita ao pé das *olarias do infinito*.

E não é temerário o culdo; porque onde há *oleiro*, há *infusas*, *cangirões* e *malgas*; o que tudo supõe a existência de *tabernas*.

“ O feio por excelência é o *globo morcego*.

“ Torna-lhe a dar com a balda da *camoeira*. Bem feito.

“ Quería dizer *da sua própria*; mas nem tudo cabe no verso; mete-se lá o que se pode. Quem o quiser melhor, que o faça.

“ O feio *ébrio da mesma fealdade* não no entendem todos; mas nisso é que está o seu merecimento.

“ O *mal possesso do seu mal* também já tiveram o desaforo de lhe querer chamar galimatias de Alverca.

Olha que censura tão espirituosa! Pois isto não se entende à primeira vista? E o *mal que está possesso do seu mal*, como quem dissesse, Deus me perdoe: *Tenho um defluxo que está cheio do seu mesmo defluxo*, ou *Tenho uma dor que encerra dor*, e outras muitas mais coisas elegantes, bonitas e claras.

Havia agora um profeta falar como toda a gente! Não se-
nhor. A *profecia vem sempre cheia da sua mesma profecia*. Está claríssimo!

“ ...As *trevas/Cheias de medo de se ver tão negras*.

Daquí se segue, por boas contas, 1.º — que as trevas também têm olhos, e tão bons que elas podem ver, e a si mesmas, nas trevas negríssimas; 2.º — que para a negridão não ter medo é preciso ser clara. Está claro, a despeito de tanta escuridão.

Mas ainda agora eu reparo. Esta poesia é a coisa mais medrosa que eu tenho visto: Morcego meio tonto com medo; esconde-se pela sombra; que o não vissem os sóis; mais o medo crescia; mais o horror de si o endoidecia; inchado de terror; vertiginoso; bêbado de horrores; *ébrio de fealdade; possesso do seu*

de ser), e é um sol, e é um que traz o dia, e é o obreiro (*errata* oleiro) do futuro, e muitas coisitas mais, rematando por ser um

Mártir calado no flagício escuro!

(Não cuide o leitor que se enganou, nem emende, que

mal; trevas cheias de medo; endoidecia de medo; uma asa era de espanto...

Ufa, tanto medo! Até eu já estou todo sentindo-me com pele de galinha. Ufa! Papão!

" Os entendimentos curtos não fazem ideia do que seja o *firmamento a arfar num delírio de harmonia e ventura!* Não tenho culpa disso. A expressão não pode ser mais nítida e diáfana.

" O termo *delírio* é empregado com profusão pelo profeta, em todas as suas obras: *Ex re nomen habet*.

" *Delírio de harmonia*, sim senhor; nunca viu? E nem o *delírio de ventura*? E também nunca viu nem imagina *firmamentos a arfar*? Não tem visto nada. E a vergonha da minha cara.

" Ainda agora vimos que o *Espaço* era um dos braços do Infinito, mas agora aqui já não é. Então que admira? E que se segue daí? E que o Infinito já deitou os bracinhos de fora.

" O epíteto de *ardente* para o *espaço* é de uma transcendência estupenda.

" Admire-se a originalidade: *O espaço a suar luz pelos poros do céu*. Pertence à escola um poeta que aqui há pouco publicou pelos jornais um soneto que endereçou a uma cantora, e no qual dizia que o *teatro suava flores à artista*. Era assim:

*Cantaste, artista implacável
Fizeste ainda mais esta vez brilhar:
A Norma fizeste a todos agradecer,
Foste bela e também agradável,*

*Suava o teatro flores à artista amável
Só por teu simpático cantar.
Tão belos agudos fizeste soar,
Que foi uma noite a todos encantável.*

é assim mesmo). Já se vê que um apóstolo é a botica do Xêxé.

Ora pois, os supraditos apóstolos apostolizam que desde já sejam tudo *invenções* e *inovações*; e são os primeiros que dão o exemplo. Nunca ninguém disse as coisas que eles inventam.

*Fostes exímia artista vitoriada
Por esse público tão generoso;
Ficastes nos corações gravada.*

*Para sempre esse nome mimoso
Há-de ser-nos artista lembrada
Como tesouro mais precioso.*

" *O espaço ardente suava luz, girando no infinito.* O espaço a girar no Infinito! Consta-me que o Michelet perguntou como era esta coisa. Dizia aquele filósofo: A palavra *Infinito*, embora a inteligência humana seja fraca para conceber a sua significação, só se refere a *espaço sem fim*. O espaço, por si mesmo, e independentemente dos corpos que o povoam e suas atmosferas, não é coisa que possa girar; mas sobretudo o espaço girando no espaço sem fim... Não o deixei acabar, e mandei-lhe dizer: *Et tu quoque, Brute!* A sublimidade não é para os teus dentes.

" Como é isto? As estrelas, corpos sólidos, são, no *éter*, *espaço*, ou *vácuo* (*si datur in rerum natura*), não buracos, que é o que quer dizer *poros*, mas precisamente o contrário disso. Cada corpo celeste está tapando e obstruindo por sua parte uma porção do vácuo.

Para a física rasteira, assim é; mas do alto do Buçaco, donde quarenta séculos contemplavam o profeta, do alto do Buçaco onde o profeta sonhava, avistou-se provavelmente coisa mul diversa. Cada estrela percebia-se que era um furo. Vitor Hugo (génio que todavia também não raro colmbriza) chamou à estrela um *prego de ouro* no firmamento. Os nossos Hugos de pechisbeque chamam-lhe *buraco*. E afinal de contas, haverá acaso grande diferença entre um buraco e um prego? Com este não se faz aquele?

Quem tiver *bom senso*, não o há-de negar.

Que mina para iguais explorações não seriam as páginas do Sr. T. Braga! Nem o Padre Alapida escreveria mais do que teria já hoje de escrever um consciencioso comentador deste... deste aedo também.

E as deliciosas e sapientíssimas imagens! Isso é o *non plus ultra* dos méritos coimbrões.

¹² O profeta, que chamara ao nosso globo morcego, agora nos revela como a *História Natural* andava... tonta; e para pôr as coisas no seu lugar, classifica o *morcego* de *ave*. O ser o morcego quadrúpede, mamífero, vivíparo, peludo e não plumoso, são bagatelas, ante as quais um estro independente não empaca. É *ave*, e acabou-se.

Recomendo aos Srs. Laemmerts que na sua *História Natural de Martin e Rebau*, coloquem os morcegos na secção ornitológica.

¹³ *Da noite eterna!* Se eterno é o que não tem fim, e se esta noite tinha de cair no dia, isto é se estas trevas tinham de ser dissipadas pela luz, faz sua confusão ver chamar eterna a uma noite, destinada a encaixar-se dentro do dia. Mas uma meditação profunda explica bem este passo: quer dizer *temporariamente eterna*.

¹⁴ Já em cima lemos do morcego

Que mais o horror de si o endoidecia.

Agora, aquele infeliz mentecapto, que já vinha meio tonto, cheio de medo e horror de si, inchado de terror, vertiginoso, feio, ébrio, possesso, e bêbado, torna a endoidecer, coitadinho, e fica doido sobre doido:

Dentro do dia eterno endoidecia.

O caso não era para menos. E eu, para não me suceder como ao morcego, vou rolando para diante.

¹⁵ Desde o princípio que não faz outra coisa; e até, segundo vejo, já me vai pegando a enfermidade.

¹⁶ Já lhe chamou bêbada, ébria, meia tonta, etc., e agora *tonta de todo*. Achou mole, carregou. É o *bom gosto* na sua mais alta expressão.

Abra-se aí à ventura uma das obras do Sr. T. Braga, por ex., os *Contos Fantásticos*. Em cada página choverão as assombrosas inovações, e aí vão ao acaso meia dúzia:

«A antítese fatal é que parodia a exaltação religiosa nos ritos grotescos da igreja!» (P. VII.)

«*Manon Lescaut* é uma das verdades eternas do sentimento humano (é do humano); a contradição do que mais se aspira e idealiza, a vontade negando-se, mobili-

¹⁷ Os lados do espaço não são para as vistas curtas.

¹⁸ *Rebolava* ou *batia as asas*? Fazia tudo, para não perder tempo. Não estejam aí a sanfoninar o profeta, que *bate as asas*, e *rebola* como muito bem quer.

¹⁹ Ora que vou chegando ao termo das minhas altiloquas lucubrações, devo neste lugar fazer uma observação retrospectiva, de incalculável alcance.

O Leonel da Costa, nas *Geórgicas*, fala-nos em *cavalos bipedantes*; e diz-nos a última edição de Moraes que *bipedante*, termo poético, significa coisa que tem dois pés. Esta poesia é pois *bipedante*, como se prova neste e noutros lugares. Cada uma de suas peregrinas ideias, para bem marchar na senda do progresso e na via do infinito, é sempre dada em duplicata, quando não em triplicata e quadruplicata; tem mais pés que uma centopeia.

Vimos atrás que o *Caos* tinha duas mãos diversas: *Tempo* e *Espaço*. A *bola-ave-morcego* tem duas asas também diversas: uma *sombria*, outra *espantada*. Aí temos uma imagem admirável, repetida. Bipedante!

Bom senso, bom de lei! (Se pintar algum objecto com dois olhos, pôr-lhe-á um de gordura outro como um repolho. Os membros gémeos e correspondentes devem ser sempre diversíssimos, segundo as leis sinderéticas da transcendência profética.) Continuemos porém a estudar as engenhosas duplicações:

Vimos que os *sóis* e *estrelas* eram *algarismos*, e também *massa de barro*, e também *lustres de salão*, e também *viveiro*, e também *dilettanti*, e também *poros do céu*. Hexapedante!

Vimos que a *terra* era *pó de mundos*, *resto de trabalho*, *migalha de banquetes*, *parto de sombras*, *coisa atirada sobre um*

zando-se nos múltiplos desejos que tumultam na alma!» (P. IX.)

«A assombrosa maravilha de arte é o *Neveu*, de *Ramau*.» (P. IX.)

«Nos seus contos há a alucinação profética da doidece.» (Tomem conta, que é o autor quem diz, e não eu.) (P. XI.)

«O amor, que esmalta a vida, é que abre o cálice das flores para as abelhas tocarem os nectários!» (P. 16.)

berço, morcego, bola, doido, gira, inchado, vertiginoso, feio, ébrio, bêbado, possesso, e ave. Ekkaidekapedante!

Oleiro do infinito; girando no infinito; não via no infinito. Tripedante!

Morcego meio tonto e bola tonta. Bipedante!

Morcego horrível, e pó horrível. Bipedante!

Cantos do espaço, e um lado e outro do espaço. Bipedante!

Foi rolando, foi descendo, foi rolando, rolava. Tetrapedante!

Envolto em trevas, maior era a treva, trevas medrosas. Tripedante!

Medo, horror, terror, horrores, medo, espanto. Hexapedante!

Endoidecia e endoidecia. Bipedante!

Inchado de delírio e o firmamento arfando num delírio. Bipedante!

O feio ébrio de fealdade. O mal possesso do mal. Bipedante por partidas dobradas!

Sombras que parem, e sombras que são asas. Bipedante!

Bola escura, envolto em trevas, negro, trevas negras. Quadripedante!

Estranho, monstruoso. Bipedante!

Noite eterna, dia eterno. Bipedante!

Poros, buracos. Bipedante!

Abismo e abismo. Bipedante!

Ainda suprimo uma porção, que o leitor escrupuloso facilmente reconhecerá. Ora esta paternal insistência, numa poesia que se lê de uma só expiração (48 versos), patentela o ardor com que o profeta almeja por nos incutir bem nos cascos o seu peregrino doutrinar.

«A andorinha, quando parte, voa na asa!, da rajada!, hiberna!, que a empurra!» (P. 18.)

«Despertar uma mulher, seria perturbar a cristalização de uma gota de orvalho, que se transforma numa pérola.» (P. 18.)

«Uma lágrima é a gota do óleo aromático da lâmpada escondida!; em vez de fazê-lo desaparecer!, envolto na nuvem etérea!, a lágrima trazê-lo-ia!, como um

“ *Ver pelo infinito todo*, é uma locução para confundir os metafísicos mais arrojados.

“ Aqui é que se nos afigura que o profeta claudicou.

Pois cada estrela não era buraco, segundo a sua anterior e expressa declaração? Pois se era, e se o morcego estava vendo tantas estrelas ao meio-dia, como é que não viu outros tantos buracos? Não tinha o morcego mais que afocinhar um deles, e alapardar-se lá dentro. É um reparo este, que inchado de medo me permito fazer, e com todo o devido respeito.

“ Neste fim é que se não fica entendendo nada, o que impõe à profecia o derradeiro selo de autenticidade. Como acabou aquele grão trabalho do Caos?! Que foi feito das suas mãos? Que destino tiveram as asas do morcego rolante? Que praticou ele quando, alongando olhos por todo esse infinito, à caça de buracos, não via nem um para pôr num olho?

Resposta: O ABISMO!!!

É um estupendo *quos ego*. No seu não dizer nada é que está o dizer muitíssimo. Não estais aí vendo as Fúrias suspendendo a pena? Este *Abismo* rompendo a força de seus brados? Pois eis aí: é tal e qual a *Ulisseia* (c. III):

*Rompe o Abismo a força dos seus brados,
onde as Fúrias a pena suspenderam!*

Sim, a verdadeira solução do problema é aquela, porque... porque *abyssus abyssum invocat*, do mesmo modo que o mal está possesso do seu mal, e finalmente porque toda esta mastodôntica profecia é mesmo de *abismar*.

grande astro, que leva após si miríadas de planetas.» (P. 18.)

«Dormia com um sono hipnótico! Parecia o envólucro de uma crisálida misteriosa.» (P. 19.)

«O semblante da Ema era santo como o frontespício de uma catedral da Idade Média! As flechas, as linhas arquitectónicas a infinitivarem-se para o alto, eram os seus cabelos! O olhar era misterioso como uma ogiva!» (P. 25.)

A moça «apareceu-me brilhante como Jeová na sarça ardente!» Bela comparação; além da verdade de ter Jeová aparecido a Moisés, que só lhe ouviu a fala.

«A vida assim é o vegetar do líquene na humanidade das lágrimas.» (P. 28.)

«Dançavam possuídas do mesmo furor que inspirava o corpo de Oberon.» (P. 38.)

«Voltou-se o cadáver de Branca sobre o peito, furtando à vista alucinada o verticelo pudibundo da flor, que eu fizera pender sobre o caule, e cair emurchecida.» (P. 42.)

«O horizonte fechava-se lentamente, como o véu de um templo que se corre.» (P. 43.)

«Palidez retinta.» (P. 44.)

«A lágrima ingénua que tremeluzia viva na pupila cintilante.» (P. 45.)

«O vento frígido sibilava na enxárcia; parecia uma serpente escamosa, quando assobia na floresta intrincável.» (P. 49.)

«O ranger dos remos fazia lembrar de hora em hora o estertor de uma grande agonia.» (P. 52.)

«O risco repercute-se na alma!, como o estampido!, de uma detonação!, que fulmina!» (P. 55.)

«O vazio da existência amputava-se para as distrações.» (P. 56.)

Aquele homem «trazia uma vestimenta velha, que fazia uma antítese perfeita com a sua idade.» (P. 57.)

Aqui d'el-rei. Eu ia, sem me sentir, cometendo um delicto, pois que a propriedade literária é uma propriedade como qualquer outra, e eu não tenho direito de transcrever inteiro o livro, apesar de estar aqui virando páginas à toa, sem mais razão para transcrever esses formosos trechos que todos os que deixo em branco. Leiam o livro, que vale a pena.

São magníficas, com efeito, as investigações dos Srs. Quental e Braga. Vá sempre mais um exemplo.

No *Jornal do Comércio*, de Lisboa, de 25 de Agosto de 1865, vem um mirífico estudo do Sr. T. Braga, intitulado nada menos do que «Do ciclo greco-romano na poesia popular portuguesa». Ouriçado, segundo o costume, de citações de obras estrangeiras, lidas ou adivinhadas, ao que é português consagra meia dúzia de linhas! E que linhas! Que tino! Que profundidade! Que maravilhas!

Sabeis vós aonde o vidente foi descobrir a influência da literatura bizantina na Idade Média, do ciclo greco-romano na poesia portuguesa? Foi... foi... nas frescas décimas a Ulisses, *No Cimo da Cotovia!* Um achado destes estava demandando uma inteligência sublime daquela ordem, mas, por fortuna do género humano, esta apareceu no dia em que mais a precisávamos.

Não quero estragar com a minha prosa tosca a beleza de um tão original original. Copiarei os trechos comprovativos da sobredita influência greco-romana:

«A tradição primitiva diz que Ulisses veio, na fatalidade de seus errares, fundar esta cidade de Ulisseia. O romance de Ulisses ainda anda em elaboração na mente do povo, o tipo do aventureiro solerte e divertido. Em Cascais se encontram muitas cantigas celebrando

o capitão grego; e a forma predominante dessas narrações era o anfiguri, por exemplo:

*Ulisses, herói matreiro,
Andava apanhando ninhos,
E vendia os passarinhos
Por avultado dinheiro.
De ser bom passarinho
A fama nos aturdia;
Mas consta que certo dia,
Numa rede que lançou,
Dois cochichos apanhou
No cimo da Cotovia.»*

E então! Não é tudo isto literatura bizantina? Como jazemos tantos anos na ignorância de uma ligação tão evidente e tão honrosa para a nossa literatura popular? Graças a Deus que hoje, de Cascais até à Praça da Figueira, e do Chafariz de Dentro até à Ribeira do Peixe — todos os portugueses reconhecidos sabem já quanto devem ao ciclo greco-romano.

E a convicção ainda ficará mais funda ao vermos, no mesmo artigo, corroboradas aquelas engenhosas e admiráveis doutrinas com estoutras linhas, que lá ressurtem adiante, pelo tal sistema *bipedante*:

«A lenda de Ulisses é inteiramente popular. A correcção de forma (!) acusa origem popular. É mais aventureira do que histórica. Os fadistas retratam-se em Ulisses do *cimo da Cotovia*:

*Ulisses, ardendo em brasa
Sobre o mar das Trebisondas,
Andava em cima das ondas
Como nós por nossa casa.
Não podendo fazer vasa,*

*Foi-se ter à Normandia,
Aonde tinha uma tia
Que lhe deu uma merenda
Com que foi pôr uma tenda
No cimo da Cotovia.*

«Como nestas décimas populares não há uma acção determinada, limitamo-nos a apresentar este fragmento... Parecerá talvez fora do natural esta assimilação que o génio popular faz das lendas eruditas do ciclo greco-romano. Não é.»

Não é; não é; não é!, gritamos todos nós em coro. Isto é tudo muito natural; isto é tudo poesia Rosendã ou Coimbrã, estreme e genuína; para ela devem ardentemente convergir todas as simpatias dos excelsos vates regeneradores; em tais dizeres é que há novidades novas, exigência absoluta da escola; eis aí como se inventa e se inova, e se antecipam as bênçãos do futuro entusiasmado. Os regeneradores Rosendões são bizantinos, e greco-romanos do ciclo. A frase agrada; é sonora.

É tempo de pôr termo a estes respeitosos estudos dos inspirados mancebos de Coimbra (se é que não antes de S. Miguel). A minha voz desautorizada não tem força para lhes manifestar quanto a geração vindoura está grata aos seus esforços. Eu bem desejara exprimir-me com uma elegância e sublimidade dignas do meu assunto; mas quero dizer *amor*, e não me chega à língua. Nestes termos, para pôr um remate condigno a estas investigações, ou antes fechá-las com chave de ouro, procurei nas páginas dos Coimbrões qual era o ente humano mais digno de veneração e de aplauso, a fim de pedir-lhe a mercê de encerrar o meu livro.

Achei. É o Goethe! Nas *Teocracias Literárias*, o Sr. T. Braga lhe chama o semideus da arte, acrescentando que a diferença entre Goethe e o Sr. Castilho é a

mesma que dá um zero por denominador. Aqui importa fazer outra literal transcrição. Diz o Sr. T. Braga:

«Uma das frases mais brilhantes da vida de Goethe, depois de se ter encarnado no *Fausto*, e contemplado! o ideal sereno! do mundo antigo! as formas encantadoras de Helena! o tipo supremo! do belo; depois de ter representado as lutas e revoluções com que o cristianismo abalou a alma humana! na sublime criação da *Noiva de Corinto*, o vulto! do pensador e poeta realiza em si a mesma perfeição plástica! sente que se transfigura! a fronte envolve-se numa majestade olímpica!»

*E os ecos das bombas
Estalam nas trombas
Dos rinocerontes.*

O autor diz que *se transfigura*.

Não senhor; sòmente *se anfigura*, porque tudo isto não é mais que o anfiguri, que ele nos denunciou na poesia popular influenciada pelo ciclo greco-romano. Está muito bom no seu género. É um manifesto prático de guerra contra a rançosa gramática, um arfete contra o feudalismo do senso comum.

Não importa. O essencial é coligir-se da opinião dos iluminados que o supremo tribunal de justiça humana, o semideus da arte, é Goethe. A ele pois suplico duas linhas para final desta Memória, e ele tem a bondade de mas deparar, numa carta que dirigiu a John Falk, e que anda apensa à tradução do aqui tão encomiado *Fausto*, por H. Blaze. Eis aqui uma versão fidelíssima. Ainda que pareça impossível, é o próprio Goethe quem fala, sem modificação de uma vírgula.

«A homens graves ouvi eu muitas vezes dizer, quando era rapaz, ser frequente levar um século a trabalhar para produzir um poeta, um pintor de génio. Mas,

segundo parece, a nossa rapaziada, hoje em dia, acabou com essas ideias antediluvianas. É um gáudio ver como eles tratam o seu século.

«Agora, já se não sai do seu século, como era natural, mas decreta-se absorvê-lo inteiro em si mesmo! E se não corre tudo à medida da fantasia dos tais adolescentes, insurgem-se contra o mundo, desprezam a multidão, e escarnecem do público.

«Há pouco tempo, recebi eu a visita de um estudante de Heidelberg, que poderia ter os seus 19 anos. Afiançou-me, com a maior imperturbabilidade, que ele já tinha profundado toda a ciência, e que, perfeitamente instruído no que doravante lhe cumpria pensar, resolvera abster-se de toda e qualquer leitura, não querendo mais do que desenvolver a seu talante as suas teorias sobre o universo, sem se importar nunca mais com línguas estrangeiras, nem sistemas, nem classificações, nem livros. Que sublime estreia a deste rapazelho! Se cada um recomeça a sair do nada, que estupendos progressos, dentro em pouco, nos não poremos a fazer!»

Heidelberg, Lieja e Coimbra são as três etapas da conquista do porvir.

OBRAS QUE É ABSOLUTAMENTE INDISPENSÁVEL CONSULTAR, PARA INTELIGÊNCIA DESTES LIVROS

N. B. — *Em línguas indo-germânicas, a oeste das vertentes do Muz-tag do Bolor-tag.*

EM GAÉLICO:

Ossian — Mac-Lachlan — Armstrong.

EM HOLANDÊS:

Justo Lípsio — Scaligero — Grocio — Heinsio — Vossio — Gronov — Haverkamp — Wyttenbach.

EM FLAMENGO:

Maerland — Willems — Snellaert — Van Ryswyck —
Ledeganeck.

EM INGLÊS:

Chaucer — Wyatt — Surrey — Heywood — Spencer
— Newton — Lorde Palmerston — Christie.

EM NORUEGUÊS:

Snorre Sturleson (Norges Konunga Sagur).

EM SUECO:

Folkvisor — Geyer — Afzelius — Atterbom —
Arwidson — Stephene — Cavallius.

EM ALEMÃO:

Grimm — Ryscher — Dunge — Creuzer — Hegel —
Lutero.

N. B. — *Em linguas semíticas, originárias do sudoeste da Ásia.*

EM CALDEU:

Xerxes — Osthane.

EM FENÍCIO:

Sanchoniathon.

EM ÁRABE:

Mohallah-ben-Rebia — Tharafah — Zoheir — Amr-
ben-Kelthuns — Djelal-Eddin — Ali-ben-Abbas — Al-
Hassan-ben-Mohammed-al-Wasan.

E em inumeráveis outros idiomas, outros muitos
autores, que, inchado de medo de profusão, aqui omito.

N. B. — Declaro ao ouvido do leitor que eu não sei nenhuma destas línguas, nem li jamais semelhantes autores. Esta minha erudição é tirada de um catálogo de livreiro, que um amigo me mostrou, ensinando-me a escrever os nomes correctamente¹. Nem se diga que, se para entender a minha obra, é mister haver lido estes autores, eu, que não li nenhum, sou o primeiro dos que não podem entender o meu livro. Isto seria um argumento arcádico.

¹ Outro livreiro me segredou agora que vai neste catálogo um autor que só escreveu sobre a sementeira de grãos-de-bico, outro sobre contribuições directas, outro sobre um novo sistema de ferraduras, e mais outro sobre a arte de frigir ovos sem caçarola. O público desculpará; como já estava composto isto na imprensa, era tarde para emendar; e até nem me lembra bem quem fossem os tais especialistas. Creio que eram Scaligero, Sanohonathon, Christie e Cavallius; mas não o juro.

II

**TEXTOS
ADICIONAIS
DA POLÊMICA**

De Março a Junho
de 1866

3 DE MARÇO DE 1866 — Pequena carta de Castilho. Mostra-se esperançoso de que a polémica tenha chegado ao fim.

Meu caro Camilo:

(...)

Por aqui nada há de novo que eu saiba.

Os Coimbrões parece que perderam a fala. Será tática? Veremos.

(...)

De V. Ex.^a
confrade amicíssimo e obrigadíssimo
A. F. de Castilho

Lisboa, 3 de Março de 1866.

★

3 DE MARÇO DE 1866 — Novo folhetim de João Félix Rodrigues no jornal *O Português*. Analisa a figura de Vieira de Castro.

A LITERATURA EM BARULHO

XVI

«Estou convencido que não deve ser o parlamento liça onde em estéril torneio de palavras se florem lanças, saldo acadêmico onde os períodos se arredondem pomposamente; ali, onde se discutem os destinos de uma nação, é, mais do que em outra qualquer parte, insuportável a eloquência palavrosa.»

(M. Pinheiro Chagas)

Perguntou alguém em que se parecia um discurso do Sr. J. C. Vieira de Castro com uma igreja. A resposta era fácil: em ter muitas imagens.

Mas que tais são as imagens do juvenil orador? Há quem assevere que toda a sua *beleza* está na extravagância inteligível do palavreado.

Sobre a *Biografia de Camilo Castelo Branco* escreveu o Sr. M. Pinheiro Chagas:

«Nunca um livro tão estranho vira luz pública em Portugal. Revelava-se um talento, é verdade, mas um talento logo de começo transviado, empolado, declamatório, substituindo a energia pela brutalidade, a ironia feita pelo motejo pesado, iludindo-se em tudo com o falso brilho, tomando sempre a nuvem por Juno, a declamação pela eloquência, os retóricos pelos oradores, Gôngora por Shakespeare, Vacquerie por Vitor Hugo.»

Sobre o mesmo livro escreveu o Sr. J. D. Ramalho Ortigão:

«Não te esconderei, meu caro Vieira de Castro, que, no decurso de uma só leitura que pude fazer da biografia (de Camilo Castelo Branco) me pareceu que um estilo mais parcimonioso, ornamentando menos, molduraria melhor a ideia, assim como reparei também que o emprego de alguns aticismos poderia ter sido sopesado e mais bem cabido. O desperdício de erudição por boa e sã que ela seja é sempre um vício.»

E o Sr. A. A. Teixeira de Vasconcelos escreveu:

«O Sr. Vieira de Castro afecta às vezes demasiadamente o estilo. Arrevesa-o para lhe dar sabor clássico, vai pelos montes e vales da exageração até a gente o perder de vista.»

A respeito da oratória do Sr. Vieira de Castro, ouçamos a opinião do Sr. M. Pinheiro Chagas:

«Por ora (1 de Setembro de 1865) não encontro no Sr. Vieira de Castro *nem o germen sequer de um orador parlamentar*. O juvenil orador, depois dos seus discursos, *que nada esclarecem, que a ninguém convencem, que a ninguém arrastam*, há-de sempre ouvir a voz da sua consciência que lhe segredará de manso: *Bavard!*

«Não conheço posição mais desastrosa do que a de um orador que está dizendo sem conseguir desfranzir os lábios dos ouvintes; pois o Sr. Vieira de Castro coloca-se frequentemente nessa posição! Os seus discursos são *intermédios*, quando não são *entremeses!*»

As autoridades do Sr. Pinheiro Chagas e Teixeira de Vasconcelos são insuspeitas para Tibur.

Não nos demoraremos sobre a ausência de conhecimento da história contemporânea que se nota no discurso do Sr. Vieira de Castro, na sessão de 20 de Novembro de 1865. O Sr. C. F. tratou admiravelmente essa questão, no opúsculo intitulado *Lorde Palmerston, a opinião e os factos*.

A todos os defeitos notados pelos escritores citados, acresce ao Sr. Vieira de Castro o seu imenso orgulho, orgulho que às vezes o torna soberanamente ridículo.

Ouçamo-lo:

«Eu fui expulso da Universidade, *depois de a obrigar a aceitar da minha mão o talento colossal de Augusto Barjona.*»

Ouçamos mais:

«*Da minha semente andam já colhidos pela pátria ubérrimos e abundantíssimos frutos.*»

E o famoso discurso dirigido a El-Rei o Senhor D. Luís I?

Vejamo-lo:

«Os filhos da Universidade, *ao tactearem nesta hora com a mão o solo do seu país, sentem lá dentro do coração de todo ele a febre vertiginosa do entusiasmo! Tremulam as bandeiras por sobre as dos castelos, ballam os galhardetes nos postos das esquadras.*»

Admirável! Sublime! O pior é não haver castelos em Coimbra, e não se poderem avistar dali, nem com um óculo, as *esquadras*. O Mondego humilde contenta-se com os barquinhos navegando à vara, e a respeito de *esquadras* não soube jamais o que isso

era. Este discurso do Sr. Vieira de Castro fez-nos lembrar aquele verso de um poeta contemporâneo:

Ao bom senso a razão fez crua guerra.

Paul Louis Courier escreveu: «*Dieu, librez-nous du malin et du langage figuré. Jesus, mon sauveur, sauvez-nous de la métaphore.*» O distinto panfletário, quando escreveu estas palavras, acabava necessariamente de ler algum escrito parecido com os do Sr. J. C. Vieira de Castro.

Nós morremos convencidos de que o Sr. V. de Castro não é o que se chama um orador. É que nós temos o *mau gosto* e o mau sentido de seguir a opinião de Cícero: *quid est eloquentia, nisi continuus animae motus?*

Satã

★

5 DE MARÇO (?) DE 1866 — Esta carta, que no manuscrito aparece com a data de 5-2-66, parece, como faz notar João Costa, resposta à epístola de Castilho datada de 3 de Março. Deve pois tratar-se de um outro engano.

Meu prezado Amigo:

(...)

Dos teutónicos sei que o Antero passa hoje por aqui de caminho para Vila Real, onde vai passar temporada com meu sobrinho, árcade também.

Se eu melhorar, brevemente irei abraçar o meu querido Castilho.

(...)

Am.º m.º do íntimo d'alma

Camilo C. B.

Porto, 5-2-66.

★

7 DE MARÇO DE 1866 — Resposta de Castilho. Refere-se ao folheto *Bom Senso e Bom Gosto. Análise Crítica, rápida, despreziosa feita ao folheto intitulado Garrett, Castilho, Herculano e a Escola Coimbrã*, assinado por *Sacristão de uma Ermida*, e resposta ao folheto de *Ermida do Chiado* (Osório de Vasconcelos).

Meu caro Camilo:

Obrigado pela sua cartinha. (...)

Recebeu V. Ex.^a as 10 cartas de meu irmão reimpressas aqui em 2 folhetos que eu lhe enviei pelo correio?

Salu uma resposta ao *Eremita do Chiado*; também se não sabe de quem é. A teima na anonimia é uma das canalhices mais características da nossa depravação actual.

Oigo que se publicou também aí, mas ainda cá não chegou, um folheto contra o *Poema da Mocidade*; não se lhe nomeia o autor. Tem notícias dele V. Ex.^a? [1]

Os Coimbrões parecem estar acuados. Já se lhes não ouve a mínima pouca-vergonha. Entretanto nunca fiando; as raposas açoitadas fingem-se às vezes mortas.

O infame do Teófilo sobretudo não me parece muito susceptível nem de contrição nem de atrição; aquillo é figadalmente mau.

(...)

De V. Ex.^a

o mesmo q. sempre e para sempre

A. F. C.

Lisboa, 7 de Março de 1866.



? DE MARÇO DE 1866 — Esta carta, que não tem data, deve ser, pelas respostas nela contidas, posterior à de Castilho datada de 7 de Março. Nela Camilo louva as *Cartas* do Conselheiro José Feliciano de Castilho e o folheto de Eduardo Vidal. O tom da correspondência torna-se cada vez mais cordial.

Meu querido amigo:

Recebi as 10 cartas do Ex.^{mo} José Feliciano. Magnificas! A 1.^a e 2.^a da 2.^a série fizeram-me rir até à tosse de esgana. Aquela ladainha é cómica a mais não poder. Este folheto do Vidal, que V. Ex.^a me enviou, está brilhantemente pensado e

[1] Talvez se trate do capítulo do livro de Urbano Loureiro, *Perfis Burlescos*, capítulo esse — «Literatura Liliptutiana» — que constitui a 41.^a Peça deste volume, pp. 31-75.

bizarramente escrito. Está-se fazendo esse moço um dos melhores entre os primeiros escritores. Pouca gente gasta tanta consciência e reflexão em coisas de letras.

Contra o *Poema da Mocidade* não sei qual seja o folheto aqui publicado. Eu já não compro, nem procuro, nem espero que daqui rebente cogumelo que não seja peçonhento. Dos malandrins tudescos não espere V. Ex.^a mais nada.

(...)

De V. Ex.^a
amiciíssimo deveras

Camilo Cast.^o Br.^o

★

9 DE MARÇO DE 1866 — Nesta nova crónica o jornalista de *O Português* continua a analisar ásperamente o opúsculo de Júlio de Castilho.

A LITERATURA EM BARULHO

XVII

«A pátria cedo ou tarde faz justiça ao verdadeiro merecimento; cedo ou tarde é grata aos serviços de seus filhos beneméritos.»

(Dr. Francisco António Rodrigues
de Azevedo)

Se as obras do Sr. A. F. de Castilho merecem a immortalidade, a posteridade há-de saber fazer-lhe justiça. A pátria, mais tarde ou mais cedo, sabe fazer justiça às grandes produções e aos escritores de espírito superior.

Descanse o Sr. Júlio de Castilho que, se as apreciações do Sr. Antero de Quental, acerca das obras em prosa e em verso do seu illustre pai, são de todo injustas, não hão-de conseguir que a posteridade deixe de aquilatar devidamente os escritos do mestre de Tibur.

A p. 13 do opúsculo do Sr. Júlio de Castilho censura-se o Sr. Quental, por ele se dar ares de Pelletan. De acordo. Mas, se Antero de Quental não é Pelletan, tenhamos todos também o bom senso de nos convencermos de que o Sr. Júlio de Castilho também caiu numa grande *inocência*, querendo dar ao Sr. A. F.

de Castilho as honras de Lamartine português! Não se é Lamartine apenas *imitando* e *traduzindo*; apenas inventando *métodos* condenados pelo país; apenas escrevendo bocadinhos de história, e querendo dar vida a *patranhas* como a do *Milagre de Ourique*; apenas dando regras sobre metrificacção.

Uma autoridade, hoje insuspeita para Tibur, o Sr. José Cardoso Vieira de Castro, disse, a respeito dos que escrevem métodos, o seguinte:

«Um homem que passa a vida a escrever *métodos* será muito boa pessoa, mas tem o seu horizonte fechado num diploma de camarista.»

E, com relação às regras, escreveu o mesmo Sr. V. de Castro:

«A infalibilidade das regras é o *sambenito dos espiritos ras-teiros e medíocres.*»

E não se esqueceu Vieira de Castro de falar dos tradutores e imitadores, dizendo:

«Milton era dos tais que se riam muito destes sábios de escabeche que só vivem à *sombra*. A prova está na bulha que fez em todos os países uma pasmosa aluvião de *tradutores e imitadores*, que se afrontaram com ele.»

O Sr. A. F. de Castilho apresentou, como facto histórico e verdadeiro, o da aparição de Cristo a D. Afonso Henriques. Que admiração pode isto causar se, em pleno século XIX, o Sr. Castilho sustenta a necessidade das *fraldas*?! Foi S. Ex.^a que escreveu as linhas seguintes:

«O monaquismo tem ainda hoje em seu favor o argumento de que não só tem durado mais do que nenhuma outra instituição, e existe ainda largamente em muita parte do orbe civilizado, mas, naquelas mesmas donde *presumiram* havê-lo extirpado, começa a renascer como já outras vezes lhe sucedera. Se nas universidades são ensinadas a moral e as leis, porque se afastaria o convento *que as ensina pela prática*? Se ao erro e à impiedade existe franca a imprensa, e a conversação, *porque se tolheria uma gota de bálsamo, onde tão ampla chaga está crescendo*? Oh, quando chegará esse dia *tão de bênção* para os interesses morais e religiosos como para os interesses fisicos e terrenos?»

Notemos apenas que o Sr. Júlio Castilho chama a seu pai *leão gigante, Dante, Lamartine, Napoleão e Vítor Hugo!* Talvez isso fosse lembrança por aniversário de anos. E que foi!

Diz o Sr. Júlio de Castilho que seu pai é um *democrata de convicções profundas*. E mais abaixo, na mesma p. 17, para demonstrar essa verdade, informa o leitor de que o Sr. A. F. de Castilho se estreou, como poeta, fazendo elogios à realza, pelo que mereceu *altíssimos valores* do padre José Agostinho de Macedo! Se os democratras de *convicções profundas* se estreiam fazendo zumbais à realza, como se estreiarão os aristocratas e os monarquistas?

Os poetas de convicções democráticas profundas costumam estreiar-se pelos hinos à liberdade. Perguntai como se estreou Garrett, o *divino Garrett*, como lhe chamou Camilo Castelo Branco.

No opúsculo do Sr. Júlio de Castilho, da p. 27 a 30, deparamos com uma longa lista de nomes. Julgámos que aquillo viria a propósito do *método repentino*, e que seria para as *criancinhas*, mas não senhor. Era a relação das pessoas que reconhecem o papado literário do Sr. Castilho!

Aqui, dê-nos o leitor licença de lhe apresentar as

*Verdadeiras colunas sobre que assenta
a verdadeira glória literária
do Sr. António Feliciano de Castilho*

António da Silva Túlio
Adrião Pereira Forjaz de Sampaio
Ernesto Biester
Jacinto de Freitas Oliveira
Manuel Maria Portela
José Maria da Ponte e Horta
Cláudio José Nunes
Júlio César Machado
Júlio Caldas Aulete
Miguel Osório Cabral
Francisco de Sena Fernandes
Visconde de Lagoaça
João Félix Pereira
Marquês de Valade
António Maria de Fontes Pereira de Melo
João Caetano dos Santos

Extraímos estes dezasseis nomes da lista dos *sábios nacionais* e estrangeiros que apresenta o Sr. Júlio de Castilho, para justificar a realza literária do Sr. A. F. de Castilho.



José Feliciano de Castilho

O Sr. Jacinto de Freitas Oliveira será sabio, mas parece que, como entusiasta do Sr. Castilho, não pode ser apontado. Quando o papa de Tibur representou aquella cena *da não preparação*, no funeral de José Estêvão, escreveu o Sr. Freitas de Oliveira:

«O Sr. Castilho, que todos esperavam que recitasse uma oração, por isso que se colocou em uma posição em que se indicava ter desejos de falar, declarou que não estava preparado!»

Este ponto de admiração dizia tudo!

No final do folheto do Sr. Júlio de Castilho temos um verdadeiro *sermão de lágrimas* por causa da *negra* ingratição dos distribuidores de mercês, que se têm esquecido do Sr. A. F. de Castilho, a ponto de lhe não darem, nem a carta de conselho, nem sequer a grã-cruz de Sant'Iago! Achamos deliciosa a *choradeira*, principalmente com as citações do padre António Vieira.

Manuel Borges Carneiro já em 1820 escrevia o seguinte:

«Que homem são fará hoje caso de insígnias que pendem no peito assim do homem benemérito como do peralvilho? Que tanto são prémios de merecimento, como prémios de torpezas e flagícios?»

Mas em Tibur chora-se pelas fitas e condecorações, apesar de o Sr. Camilo Castelo Branco já ter averiguado e anunciado que Bernardim Ribeiro nunca foi condecorado da Ordem de Cristo nem de nenhuma Ordem.

Mas o Sr. A. R. Saraiva não quer o Sr. A. F. de Castilho desgostoso por falta de mercês e já deu uma ideia a esse respeito. Ouçamo-lo:

*Senhor barão Castilho, estou às suas!
Hás-de me ser barão, tem paciência
(Podem-se com barões calçar as ruas),*

*Deixa em teu baronado que inda insista
Quero ver-te barão, torno a dizê-lo
Quem há hoje que a título resista?*

*Quer tu queiras quer não, há-de roê-lo:
Tempo em que mesmo os cães disso fugiam
Já muito atrás lá fica no Mindelo.*

*Barão te quero, pois, sem demora;
Tu vales mais que muitos
Muitos até por quem Angola chora.*

*Porque não há-de o vosso rei mentino
Nesses lombos fincar-te um baronato
Embora sejas magro e pequenino?*

Satan



14 DE MARÇO DE 1866 — Novo folhetim de João Félix Rodrigues. Analisa agora as *Teocracias Literárias* de Teófilo, a que se mostra favorável; censura a intervenção de Rui Porto-Carrero, e refere-se ainda em termos chistosos ao folhetim de A. A. Teixeira de Vasconcelos.

A LITERATURA EM BARULHO

XVIII

«La marée monte, monte...»

(M. Thiers)

Após o grito da revolta levantado pelo Sr. Antero de Quental contra a tirania e a infalibilidade de Tibur, o número dos revoltosos cresceu. Depois de Antero, Elmano; em seguida a Elmano, Teófilo Braga. As provocações e os epigramas do Sr. A. F. de Castilho, necessária, precisamente, produziriam desgosto para S. Ex.^a. O sofrimento teve limites, e sabe Deus até que ponto chegará o negócio. O caso é que os nossos literatos estão divididos, e que reina verdadeiro barulho na literatura. O Sr. Castilho esqueceu-se na crítica literária do *Poema da Mocidade* do Sr. Pinheiro Chagas, quando se dirigia aos Srs. Teófilo Braga e Antero de Quental, daquela conselho de Madame de Lambert: *«La raillerie est comme le sel, qu'il ne faut employer qu'avec precaution.»* E olvidou também o mestre aquelas suas palavras: *«Ainda que a altivez natural nos vede confessarmos que as malignidades alheias nos doem, a verdade é que elas fazem pior que doer: minam e matam.»*

Teófilo Braga entrou na questão, publicando um opúsculo intitulado *As Teocracias Literárias*, no qual sustenta que a individualidade, resultado dos progressos deste género, vai tornando impossíveis todas as soberanias, tanto na religião como no Estado,

como na arte; que as realzas literárias foram as primeiras que acabaram, porque se compreendeu, de pronto, que não era o modelo acadêmico, mas o sentimento puro, que nos havia de elevar à perfeição, dar-nos a percepção imediata das formas que traduzem o belo na vida; que o Sr. A. F. de Castilho ensina uma rotina arcádica, palavrosa, nula de ideias, de sentimentos falsos, que já se nota na mocidade que o admira; que o Sr. Castilho não é bom Homero, mas dormita sempre embalado ao canto das cigarras debaixo da olaia, e não sabe o que é o homem, nem procura saber a razão do movimento da sua época; que nenhum dos livros do Sr. Castilho vai à posteridade, porque a posteridade, sempre impassível, aceita somente o que *exerceu uma influência sobre uma época*.

Parece-nos que há verdade nas asserções do Sr. Teófilo Braga. A verdade, porém, nesta época, ofende os ouvidos castos da nossa *literatura amena*. Tocar na *arca santa* de Tibur é coisa séria e grave, bem o sabemos. Nós, porém, vamos tomando a liberdade de avaliar imparcialmente as coisas, como elas nos parecem devam sê-lo. Não estamos dispostos a guardar outras conveniências, a não serem as da decência e da boa sociedade. Nem nos deixaremos arrastar por simpatias interesseiras, nem por ódios acirrados e injustos. Sobranceiros a tudo isso, podemos avaliar as coisas como elas realmente são ou nos parecem ser. Não temos a estulta pretensão de ser infalível. Na humanidade tudo é infalível (*sic*).

Conhecemos o mundo e as misérias que o cercam. Temos visto a sociedade, essa odalisca presunçosa e ativa de si e dos acontecimentos que em redor dela se passam, sorrir de tudo, desdenhar até das agradáveis impressões do desvalido da fortuna que se conserva fiel às crenças da pátria, da liberdade, e da probidade! Sabemos que existe por aí um mundo de protestos fementidos de calculistas e de ambiciosos.

Conhecemos essa sociedade hipócrita, que condena a um eterno desprezo a mulher que a fome ou um sentimento nobre arrastou por fim, de precipício em precipício, até mendigar o óbolo infamante da prostituição. Sabemos que essa mesma sociedade, estampando na frente dessa mulher um ferrete ignominioso, é também a mesma que não se indigna de considerar e respeitar a mulher de fortuna que se rebaixa até prostituição, mas que se sabe elevar e fazer considerar, graças à sua posição social e ao seu oiro.

Conhecemos essa sociedade que parece não condenar a prostituição, mas sim a miséria e a fome. É bastante moral, uma tal sociedade! A quebra dos deveres, da parte da mulher do povo, é um crime; a da mulher nobre e rica é uma falta apenas! É uma falta que não obsta a que a mulher, sempre cónsua dos seus deveres, sempre constante no seu cumprimento, concorra com ela na sociedade, e até lhe dê o doce nome de amiga!

Tudo isto nos leva a crer não ser ainda neste século que o progresso substituirá pelas aspirações nobres e grandiosas a aridez do cepticismo e a torpeza do cálculo.

Desculpem-nos a digressão e continuemos.

Depois do opúsculo do Sr. Teófilo Braga, publicou-se um folheto do Sr. Rui de Porto-Carrero. Lemos e admirámos. Não merece gastar tempo com semelhante escrito. A respeito dele citamos apenas as seguintes palavras do barão de Holbach:

«Beaucoup d'hommes, par leur conduite, donnent si peu de signes d'intelligence et de raison que leurs facultés intellectuelles semblent fort au-dessous de ce qu'on nomme l'instinct des bêtes.»

Como o barulho entre a literatura ia aumentando, e já se anunciava a próxima publicação do segundo opúsculo do Sr. Antero de Quental, e o papa de Tibur se queixava, saiu a campo o Sr. A. A. Teixeira de Vasconcelos, com um famoso folheto na *Gazeta de Portugal*, pregando a paz. Ninguém atendeu a voz de conciliação, ninguém se calou aos rogos do *Prato d'Arroz Doce*, e das *Viagens na Terra Alheia*. Os contendores continuaram inflamados na peleja, e não prestaram ouvidos benévols à voz do illustre pacificador.

Não era ainda tempo de pôr termo à luta. Era preciso que Tibur continuasse a expiar a sua falta de consciência nas críticas literárias, aonde campeiam os elogios exagerados ao talento e à falta dele, ao saber e à ignorância, ao préstimo e à inutilidade.

Maravilharam-nos os elogios póstumos do Sr. A. A. Teixeira de Vasconcelos ao Sr. Pinheiro Chagas. Os escritos deste mancebo, tão distinto na nossa literatura, desagradaram ao Sr. Teixeira de Vasconcelos a ponto de obstar à sua publicação na *Gazeta de Portugal*. A liberdade de opiniões não é muito respeitada pelo Sr. Vasconcelos. A prova está em que o Sr. Pinheiro Chagas descalu das suas boas graças quando, com razão e justiça, escreveu as seguintes linhas:

«Os caturras! *Les Ganaches!* Como nos vamos rir! Como o látego do juvenil Aristófanes (Victorien Sardou, autor da comédia *Les Ganaches*) vai estalar os ares e fustigar Napoleão III, esse *caturra imperial*, que em pleno século XIX cerceia as liberdades da França! Que em pleno século XIX sufoca o livre discurso! Que em pleno século XIX repete mansinho no seu gabinete das Tulherias, a frase que Luís XIV dizia, no século XVII, no seu gabinete de Versalhes: *L'État c'est moi.*»

Em Tibur anatematiza-se quem pensa em ideias e filosofias. Na *Gazeta* excomunga-se quem ousa proclamar as liberdades públicas da França. O despotismo é o mesmo, as causas que actuam para ele é que podem ser diferentes, e mais ou menos odiosas.

No folhetim do Sr. Teixeira de Vasconcelos condena-se o estilo dos Srs. Teófilo Braga e Antero de Quental, pelo motivo de não chegarem à compreensão do director da *Gazeta de Portugal!* A isto respondemos com as palavras do Sr. A. Herculano: «Há quem ache mau o que não entende. Boníssimo alvitre. A crítica assim é um pouco fácil. É fácil de calcular: não percebe, logo não é bom.»

Satan



20 DE MARÇO DE 1866 — Outro folhetim da mesma série. Agora trata-se de referir o segundo opúsculo de Antero, *A Dignidade das Letras e as Literaturas Officiais*, a carta de Castilho em resposta a A. A. Teixeira de Vasconcelos (*Bellum*), a intervenção de Severino de Azevedo, a de A. Osório de Vasconcelos, a de Amaro Mendes Gaveta e Urbano Loureiro. Notar que Félix Rodrigues, ao analisar os folhetos, não respeita a ordem por que foram publicados.

A LITERATURA EM BARULHO

XIX

«Rien n'est perdu dans ce monde.
Tout se paye».

(Napoleão I)

O Sr. A. F. de Castilho nunca poupou ninguém aos seus sarcasmos e aos seus epigramas. Serviu-se muitas vezes da pena para escrever verrinas injustas. Pagou agora tudo. O Sr. Antero de Quental foi o instrumento de que a Providência se serviu para castigar o orgulho de Tibur.

O segundo opúsculo do Sr. A. de Quental intitula-se: *A Dignidade das Letras e as Literaturas Officiais*. A parte deste escrito em que se trata das obras do Sr. A. F. de Castilho é uma peça admirável. Revela-se nela a pena de um grande crítico. Muitos dos próprios admiradores do Sr. A. F. de Castilho tiram o chapéu ao Sr. Antero de Quental, e confessam que há na sua crítica coisas irrespondíveis, conquanto haja outras muito contestáveis.

Pode-se duvidar que nas *Cartas d'Eco a Narciso* não há senão a harmonia de frase encobrimdo a carência completa de pensamento?

Pode-se duvidar que na *Primavera* se palpa uma carência completa de funda inspiração, saída das entranhas mesmas da Natureza, que é a verdadeira essência da poesia?

Pode-se duvidar que a *Noite do Castelo* não passa de ser um verdadeiro castelo de cartas, e uma verdadeira noite de teatro; e que semelhante género calu miseravelmente em 1830 em França, enterrado como se enterram ninharias e pieguices — às gargalhadas?

Pode-se duvidar que *O Amor e Melancolia* está abaixo do que se chama bom gosto, e que é uma *banalidade*?

Pode-se duvidar que os *Quadros Históricos* não passam de um exercício eloquente de declamação?

Já o Sr. A. R. Saraiva, que está adiantado em anos, tinha dito coisas também pouco agradáveis para a *infantildade* de Tibur:

*Nessas Escavações que me enviaste,
Onde se encontram coisas tão bonitas,
Em outras, bem o sabes, que cincaste;*

*Na Epistola (ode phesios), e em coisitas
Por não mirar no espelho as carantonhas,
também disseste as tuas asneiritas.*

Já se vê que não são só os rapazes que duvidam da infalibilidade literária de Tibur.

A crítica do Sr. Antero de Quental acerca das obras do Sr. A. F. de Castilho fez esquecer o papa da sua declaração de que não *brigava!* Saiu por fim com uma carta ao Sr. Teixeira de Vasconcelos, a qual foi inserta na secção literária da *Gazeta*. Começou por exaltar o Sr. Teixeira de Vasconcelos, pelo facto de o ter elogiado! E com *rara modéstia*, o mestre declarou que os elogios que se lhe fazem são um *boníssimo exemplo!* Depois toma o partido de José Agostinho de Macedo, o *coluniador* de Camões, e chama, aos defensores da glória do autor *Os Lusti-das, gente das dúzias!* E, em vez de responder à crítica do Sr. Antero de Quental, chama neveiros aos escritos do mesmo Sr. Antero de Quental e de Teófilo Braga, e classifica de *visionários* e *orates* estes dois mancebos, buscando matá-los pelo ridículo.

Que mancebos pegassem na pena e, no fogo dos primetros anos, provocados pelo Sr. A. F. de Castilho, escrevessem com severidade, e até inconvenientemente, percebe-se e pode-se até certo ponto desculpar. Mas que o Sr. Castilho responda com insultos ao segundo opúsculo do Sr. Antero de Quental, opúsculo escrito com delicadeza, e em que nada se afirma que não seja acompanhado de razões fortes e concludentes, é que se não percebe bem, e dá a entender que por Tibur se anda um pouco estonteado.

Após a *carta-verrina* do Sr. A. F. de Castilho, publicada na *Gazeta*, veio de Coimbra um escrito em verso, intitulado *Carta de Boas-Festas a Manuel Roussado por S. de A.*

*Nunca se viu destempero
Nem maior nem mais grosseiro!
Quem te chamou a terreiro
Meu grande sensaborão?*

Para a outra vez é melhor ficar calado, não vir à feira com grosserias de tal ordem. E passemos adiante que *não vale a pena gastar cera com ruins defuntos*, segundo diz o provérbio.

Falou depois o Sr. A. Osório de Vasconcelos, num folhetim do *Journal do Comércio*. Mostrou-se enfadado com o barulho e, apesar de saber que o motor dele fora o Sr. Castilho, conspirou-se contra os Srs. Antero de Quental e Teófilo Braga.

O Sr. A. Osório de Vasconcelos não é partidário de novas ideias e reformações em literaturas. É conservador em assuntos literários, e não quer que se enriqueça com um só favo a colmeia das letras. No que lhe achamos graça é em chamar *trevas germânicas* à filosofia alemã! Diante do Sr. Osório de Vasconcelos, e à sua voz onipotente, vão cair, para não mais se levantarem, glórias e reputações como as de Kant, Fichte, Hegel, José Schelling, e muitos outros!

Continuaram os opúsculos no novo ano de 1866. Apareceu uma carta em verso de Amaro Mendes Gaveta que o *Diário Mercantil*, do Porto, disse ser obra do Sr. Francisco Palha e outros atribuem ao Sr. Cunha Belém.

O Sr. A. de Castilho não foi muito bem tratado pelo nosso Gaveta, e levou com toda a justiça a sua conta, bem como o Sr. Júlio de Castilho, por ser tão piegas como o *papá*. Ouçamos:

*Agora nós, Vate illustre
Que nos outros dás às cegas,
Que manchas o próprio lustre
Com coisas muito piegas!...
(...)*

*Ai! Deus! o que vai no mundo!
O teu método é história
E eu bem sei em que me fundo;
(...)*

*(...)
Em formas métricas dextro
Rico em primor de linguagem,
Falta-te às vezes a aragem
Da sublíme inspiração;
Es frio no sentimento...
E supras co fingimento,
A falta do coração...
(...)*

*Es poeta d'artificio
Não tens originalidade,
Não primas em correcção!
(...)*

*(...)
Se és decerto o rei do verso,
Não és o rei da poesia!
(...)*

*(...)
E entre estrofes divinas
Tens coisas tão pequeninas
Que é mesmo um louvar a Deus!*

*Da literatura moderna,
— Que tem no elogio mútuo
Uma espécie de instituto
Como o da maçonaria —
Empunhaste o grão malhete,
E ninguém te foi à mão!
(...)*

*O Antero então cai-te à perna,
Brada contra a corrupção,
Que do teu nome hoje em dia
Faz uma chancelaria!*

*Vem, ó Júlio de Castilho!
Vem mostrar de quem és filho
Na pieguice de escrever!
Aquela lista de nomes
Em que três laudas consomes
É coisa muito de ver...
(...)*

Amaro Mendes Gaveta quis beliscar em A. Herculano a propósito do casamento civil. É que talvez a origem política de Gaveta o arraste para o campo dos neocatólicos. O rífão diz:
O que o berço o dá a tumba o leva.

Depois de Amaro Mendes Gaveta, falou também em verso, no Porto, o literato Urbano Loureiro. Meteu a coisa a ridículo e disse:

*Uma pergunta em segredo
a respeito do Castilho!
— Sabem quem é o sujeito?
Um velhote de respeito,
Sempre coa mão no gatilho
dalgum dotrado epigrama;
que a pedido faz prefácios
Onde há pérolas e lama;
(...)*

*Que foi o autor infeliz
do à-bê-cê repentino,
que plo ciume ralado
Se trespassou cum pepino.
(...)*

Satan



21 DE MARÇO DE 1866 — Nesta carta Castilho refere-se ao folheto de Ramalho, mostrando assim que o conhecia e desmentindo as suas anteriores afirmações (ver *Textos Adicionais*, 2.º volume, p. 359). Esta referência devia-se ao facto de Gomes Monteiro haver recusado a publicação a um manuscrito de seu filho Eugénio, que Castilho recomendara aos bons officios de Camilo. O folheto a que, quase no fim da carta, se refere Castilho deve ser *Verdadeira Luz Derramada na Questão Literária e Supremo Remate a Ela*, pela *Sombra de Cícero*.

Meu caríssimo Camilo:

(...)

Aqui tem V. Ex.ª o porque eu tanto desejava que se organisasse uma *sociedade editora* a valer, lembrança que tanto fez rir, e tão leviana e desalmadamente, o Ramalho Ortigão.

Se houvesse uma companhia assim possante em cabedais; especuladora sim, mas ao mesmo tempo com alguma nobreza e dignidade; desejosa de lucros, mas desejosa também um pouco-

chinho de bom nome e de louvores merecidos, coisa para que os escritores tanto poderiam contribuir; se em suma essa empresa fundada com uns estatutos sérios, e com regulamentos honrados, timbrasse em merecer o nome de amiga e fatora do saber, havia de acarinhar e favorecer a todos os principantes de boas mostras, embora fizesse para isso alguns leves sacrificios de que aliás o futuro a havia de ressarcir; e se num ou noutro caso lhe saísse falido o cálculo, assaz e de sobra se poderia consolar desses detrimentos com os avultados ganhos que lhe haviam de deixar as obras dos autores consumados e populares.

(...)

Que folheto é um que me dizem ter-se agora publicado aí mas que ainda por cá não veio, relativo à questão literária? É pelo modo uma sentença afinal proferida sobre os autos findos pela sombra de Cícero. Quem é o autor? Quem é o representante do protótipo da eloquência?

(...)

De V. Ex.^a
o mesmo que sempre
A. F. de Castilho

Lisboa, 21 de Março de 1866.

★

25 DE MARÇO DE 1866 — Vigésimo folhetim de *A Literatura em Barulho*, dedicado a análise do opúsculo de Ramalho Ortigão *Literatura de Hoje*. Discute principalmente os aspectos mais reaccionários do opúsculo: crítica a Renan, comentários acerca da Revolução Francesa e Congresso de Liège, lamentando que «uma intelligência superior» seja capaz de exprimir tais opiniões.

XX

«A missão do crítico é muito diferente da do turbulento officioso de alheias composições literárias...»

(L. A. Palmeirim)

A *literatura bate-se*. Assim o anunciaram os jornais da Cidade Invicta. A questão complica-se. E o opúsculo *Literatura de Hoje*, do Sr. J. D. Ramalho Ortigão, apesar de ser uma crítica imparcial, deu ocasião a explicações que só terminaram no campo, batendo-se o autor da *Beatrice* com o ilustre crítico do Porto.

Temos profundo respeito por esses dois talentos, e sentimos que escritores tão independentes tivessem de se achar no campo face a face um do outro. Os homens de talento devem resolver as questões literárias com os argumentos da pena, e não com os da espada.

O opúsculo do Sr. Ramalho Ortigão é o escrito talvez mais imparcial e incontestavelmente o mais bem escrito de todos quantos se têm publicado, com relação à guerra entre a literatura.

Tem este opúsculo verdades que são incontestáveis.

Ouçamos:

«A verdade é que o *Método Repentino* é *inadaptável* nas escolas, *donde fugiu há muito tempo*; a verdade é que *pouquíssimos lêem as soberbas produções do Sr. Castilho*.

«Que é uma tradução da *Geórgica*? Uma ideia *velha e relha*, ressabida e decorada por todos os escolares, e uma palavra *hipoteticamente nova*: a ideia de Públio Virgílio Marão e a palavra do Sr. António Feliciano de Castilho.»

Ouçamos mais:

«A carta ao editor Pereira termina com algumas linhas pós-escritas em que o autor declara de antemão a quantos discordarem da sua opinião que lhes não responde. Eis a última palavra do escrito do Sr. Castilho: «*Lá brigar não brigo, que tenho mais que fazer*».

«Péssima palavra esta para aquilatarmos por ela o carácter e convicção de um escritor! Não briga! Pois neste século de livre exame e de livre discussão, neste século *em que a verdade se não toma dos lábios dos mestres*, senão do clarão desferido no roçar

das ideias sempre cruzadas e batidas com as espadas de um combate permanente, neste século de acção e reacção, de evolução e revolução, neste século em que vivemos, *quem não briga não escreve*.

«O tempo, para que o Sr. Castilho apela em uma carta ultimamente dirigida ao Sr. Teixeira de Vasconcelos, é o *último dos auxílios* a que pode refugiar-se a intelligência.

«O crítico, o poeta, o político, o filósofo e o mecânico, que hoje em dia se cala para dar tempo ao tempo, é *operário que está duzentos anos atrás da sua época, é como se não fosse para o movimento geral da civilização e do progresso.*»

Falando da carta do Sr. Antero de Quental, o Sr. Ramalho Ortigão chamou-lhe *cobardia*, pelo facto de se dirigir com aspezeza a um velho e a um cego. Foi certamente força de expressão. Mas o Sr. Antero de Quental entendeu dever seu mostrar que não era cobarde, e pediu satisfação pelas armas ao Sr. Ramalho Ortigão, e no campo mostraram ambos ser mancebos briosos, e capazes de sustentar com armas aquilo que dizem com a pena.

Na crítica das *Odes Modernas* do Sr. Antero de Quental foi o Sr. Ramalho Ortigão algum tanto severo, mas quase sempre justo. Longe, porém, de nós o concluir, como o Sr. Ortigão, que o Sr. Antero de Quental é mau poeta e é mau filósofo. Não consideramos maus poetas os que discorrem em vez de comover. Aí temos nós o Sr. A. F. de Castilho que só comove e discorre à custa de Ovídio e Virgílio, e que nem por isso *deixa de ser um grande poeta*. Maus poetas são os que, nem discorrem, nem comovem, como há por aí muitos, que vivem com o *placet* de Tibur.

Também não consideramos maus filósofos os que derribam. Para levantar, e edificar de acordo com a verdade, e com os bons princípios da filosofia, é preciso derribar primeiro o que é anómalo, absurdo e anacrónico.

Concordamos em que há incorrecção nos escritos do Sr. Antero de Quental. Mas lembramos ao Sr. Ortigão o que escreveu um dos primeiros críticos da França literária actual, M. Edmond Scherer:

«L'incorrection n'est pas toujours incompatible avec certaines qualités de l'écrivain et même du grand écrivain.»

Não nos maravilha que o Sr. Ramalho Ortigão, como folhetinista que é, eleve ao sétimo céu a ciência do folhetim, mas que considere a immortalidade mais fácil para os folhetinistas do que para M. Ernest Renan, o segundo estilista de França, e que

chame a Renan *um charlatão de mau gosto*, isso não nos parece próprio de uma inteligência superior, como é incontestavelmente o Sr. Ortigão.

Contra a opinião do Sr. Ramalho Ortigão, e de alguns invejosos da Alemanha, sem falar no ignorantíssimo exército ultramontano, a França e a Europa têm demonstrado a sua admiração pelos livros de M. Ernest Renan, sucedendo-se de uma maneira pasmosa as edições umas às outras. É que Renan tem sido pregoeiro da verdade, pregoeiro inteligente e esclarecido como poucos, e a Europa de hoje começa a abrir os olhos à verdade, convencida da razão com que o barão de Holbach escreveu:

«L'ignorance et l'erreur sont les vraies causes des égarements des hommes et des malheurs qu'ils s'attirent.»

Os antagonistas de Renan não têm conseguido, com os seus ataques ao grande escritor-poeta, senão exaltar mais a sua glória. Bem diz o Sr. A. C. Borges de Figueiredo: «Quando a censura desvalra, ferindo o que todo o mundo admira, então o seu mais seguro efeito é o exaltar a glória que procurava rebaixar.»

Custa-nos também ver chamar horrível, detestável e ignóbil à bandeira de Voltaire, e de Rousseau, e à bandeira dos filósofos do século XVIII, como lhe chama o Sr. Ramalho Ortigão no seu opúsculo. Quem lançou no mundo tão grandes ideias, quem foi tão ousado como Helvécio em filosofia, como Rousseau em política, como Raynal em moral, como Lamétrie em religião, como o Abade de Saint-Pierre em questões sociais, quem escreveu como Montesquieu, Sleyès, Laharpe e Voltaire, devia merecer mais consideração a um crítico da força do Sr. Ramalho Ortigão.

Gramer de Cassagnac, escritor insuspeito sobre a escola do século XVIII, escreveu o seguinte em 1852: *«Voltaire et le dix-huitième siècle sont encore debout aujourd'hui.»*

A Humanidade não pode retrogradar. O século XIX não voltou atrás do século XVIII, nem ficou estacionário, vai adiante, marcha, progride, aperfeiçoa a obra dos filósofos do século passado, e descobre novas verdades em religião, em moral, em história, em literatura, em ciências naturais e em filosofia.

Não compreendemos também como o Sr. Ramalho Ortigão se julgou autorizado a chamar traidor a Maximiliano Robespierre. Robespierre foi um terrível e sanguinário fanático político, mas não foi um traidor. Traidor a quem? O homem que morreu, para não consentir que fosse violada a soberania da Convenção, não pode ser taxado de traidor. O fanatismo, como o de Robespierre, pode ser um erro e um crime, mas não é nunca uma traição.

O sangue derramado em 1793 foi um crime, consequência de muitos crimes. Lede os *Miseráveis* de Vitor Hugo, e dizei-nos o que tendes a replicar às palavras que o *convencional* moribundo dirigiu ao bispo Benevuto.

Trata também o Sr. Ramalho Ortigão de ridicularizar o congresso de Liège. Houve desvarios de linguagem, ousadia de ideias; mas, através de tudo isso, nota-se ali uma grande liberdade, e a par dela grande talento e sublimes aspirações.

Duvidais que a insurreição seja em certos casos um direito? No caso afirmativo, sois reaccionários.

Entendeis que a infalibilidade e a intolerância papal pode viver por muito tempo, e não são prejudiciais à Humanidade? Então abraçais o *progresso* da Idade Média.

Condenais os estudantes de Liège, dizendo que a imprensa de Paris não disse uma palavra acerca das *ideias novas*, expostas ali pelos representantes do Quartier-Latin. Não sabeis que essas ideias incomodam o Segundo Império, e que em França não há liberdade de imprensa, senão aquela que concede Luís Napoleão? Estudai a legislação francesa sobre a imprensa, lede o que a tal respeito diz M. Maurice Block, e falai depois.

Condenais o congresso de Liège porque o ministro da Instrução Pública de França expediu ordem ao director da Universidade para que fossem *perpétuamente* riscados das academias de França os seis estudantes franceses que falaram no dito congresso! Custa a crer que um talento, como o de Ramalho Ortigão, se curve tão servilmente diante da política retrógrada de Napoleão III, e que faça obra por ela, para condenar as *ideias e aspirações* de mancebos de superior inspiração.

Verdade é que não deve maravilhar muito isso no Sr. Ramalho Ortigão que, a pp. 46 e 47 do seu opúsculo, nos dá uma prelecção que parece tirada do mestre de *Larraga*.

É admirável a parte do Sr. Ortigão em que trata *Camões* do Sr. A. F. de Castilho. Não nos parece que o Sr. Antero de Quental, neste ponto, como em alguns outros, possa responder com vantagem às judiciosas observações do Sr. Ramalho Ortigão.

Satan

★

? DE MARÇO DE 1866 — Damos agora a conclusão do artigo de Inocêncio da Silva, na revista *O Panorama*, cuja publicação tinha af sido iniciada em Janeiro deste ano. Eliminamos

algumas das suas partes por só referirem exaustivamente os autores ingleses admiradores da nossa literatura. Esta última parte do artigo só veio portanto a ser publicada em fins de Março. Com grande arroubo patriótico, Inocêncio defende os autores clássicos portugueses.

IV

(Conclusão)

Havendo de pôr termo por agora a estes apontamentos, falta-nos, para cumprir o prometido, comemorar ainda dois distintos filósofos ingleses, cujo olfacto se não perturbava com o *bolor* dos nossos clássicos, e que no estudo da antiga literatura portuguesa viam e admiravam alguma coisa mais que as *algarvias místicas dos frades estonteados*, de que com tamanha irrisão mofam e desdenham estes nossos modernos *inovadores* por excelência, sublimes alvitristas das *praias do futuro*, para as quais se encaminham *jeitosamente* inspirados, ou antes conduzidos.

*De alguma mão feita d'amor e luz,
A revolver lá dentro em si uma ideia,
Que alfim luza também no nosso fundo!!¹*

(...)

Todas estas obras gozam de geral estimação; e como os exemplares apenas de longe em longe, e só casualmente, se depa-ram no mercado, quando algum aparece acha logo compradores, que o disputam entre si, pagando-o por elevado preço.

Este *ignorado canto da terra, a que ainda se chama Portugal*, composto só de *pequenos homens* e de *pequenas coisas* (na frase dos modernos videntes que vêm trazer-nos a luz!), teve sempre entre os estranhos, e tem ainda hoje, quem o preze e admire mais vantajosamente que certos nacionais. Colligimos nou-tro tempo, e chegámos a adiantar um extenso *Catálogo bibliográfico e crítico das obras escritas e publicadas por autores estrangeiros acerca de Portugal e de suas coisas*; trabalho que

¹ V. *Odes Modernas*.

bem quiséramos oferecer aos nossos ilustres sábios, como prova do que dizemos, se as circunstâncias nos favorecessem para completá-lo e imprimi-lo. Como pouca ou nenhuma esperança nos resta de que tal desejo se converta em realidade, fique embora para ser por nossa morte, com outras *semelhantes minudências*, mais útilmente aproveitado em alguma tenda no embrulho dos adubos.



? DE MARÇO DE 1866 — No mesmo número de *O Panorama*, sai a continuação dos artigos de Zacarias Aça intitulados *A Questão Literária*. Que o saibamos foi este o último, ficando portanto a série incompleta. O autor adianta algumas interessantes considerações a respeito da nossa situação cultural, sobretudo em relação ao nível filosófico e científico ~~das nossas escolas~~.

A QUESTÃO LITERÁRIA

II

Propondo-me escrever não um panfleto que derrame nova luz sobre a questão, como por aí costumam dizer arautos e progoeiros amadores da literatura ligeira, e onde se ataque acintemente com garras e dentes um dos grupos literários que se gladiam neste momento, mas sim uma história crítica, uma apreciação rápida das ideias aventadas pelos contendores dos dois campos, parece-me ter sido lógico começando pelo princípio, isto é, por um esboço crítico de algumas obras do Sr. Teófilo Braga e do Sr. Antero de Quental, porque foram estas a causa ocasional de o Sr. António Feliciano de Castilho escrever as célebres páginas da carta ao Sr. Pereira, e que a seu turno motivaram a epístola que tem por título *Bom Senso e Bom Gosto*, dirigida por um dos criticados ao autor da *Noite do Castelo*.

Há já tanta luz por aí, a questão tem sido tratada e vista de tão alto, na altura dos princípios como se costuma dizer em S. Bento, que livre-me Deus da tentação de elucidar neste ponto a quem quer que seja com tal pretensão; faria sem dúvida alguma o efeito de um homem que em um brilhante dia de estio saísse à rua com uma lanterna acesa na mão.

Quando apareceu a *Visão dos Tempos* fui um dos que aplaudiram a tentativa poética. O livro era uma promessa. Pensei dele o que penso agora. Entre outras coisas, achei-o, confesso, pouco português na linguagem da Introdução, que, atenta a novidade que seu autor nos queria dar, devia vir mais cuidada e esmerada. Conhecendo a índole do nosso espírito que, desgraçadamente, não é dado a profundas cogitações, o Sr. Teófilo Braga devia doirar a pílula. Não o fez. O resultado foi o que era de esperar. Correndo o risco de ser considerada como uma turba de ineptos, a população leitora de Lisboa declarou, *una voce*, que o prefácio do novo livro era ininteligível, e, rechaçada dali, lançou-se, ansiosa de compreender, sobre a *Bacante*, e exagerou o merecimento daquela composição porque... a entendeu. Vêem-se com bons olhos as coisas que nos lisonjeiam.

Porque é que o público declarou que não percebia nem uma frase da *Generalização da História da Poesia*? Foi só porque ela não tinha aquele esplendor de estilo tão grato aos nossos espíritos tão amantes da luz? Ou porque a linguagem não denunciava o convívio dos bons modelos? Não, não foi só por isso. O público não entendeu, porque em todo o caso não podia entender. E esta a verdade. E não podia entender porque não sabe.

Concorreram, portanto, três razões, todas fortíssimas, para que a prosa do Sr. Braga não agradasse aos leitores, e vêm a ser: a falta de clareza, a vernaculidade do dizer, a pouca aptidão dos povos da península para os estudos filosóficos, e principalmente a ignorância quase geral em que fazemos.

O livro receberia, por certo, outro acolhimento, se o autor fosse mais lógico, atentasse com mais circunspecção na natureza e circunstâncias do nosso público, e fizesse, em vez de uma generalização, um trabalho analítico. Não digo aqui se esta tarefa era mais ou menos difícil do que a que escolheu; provavelmente ser-lhe-ia impossível levá-la a cabo com a proficiência que ela exige; mas, qualquer que fosse o êxito da obra, havia já a agradecer a intenção e a louvar o senso crítico do poeta que mostrava desse modo conhecer a atmosfera intelectual em que vive e querer ser útil ao seu país.

Muitos dos livros escritos em Alemanha não podem ainda ser percebidos e utilizados por quem saiu dos nossos mesquinhos estabelecimentos secundários, ridículos se os compararmos com os ginásios alemães, com as escolas normais e Faculdades de Letras da França e com os institutos livres da Grã-Bretanha.

E depois, conviver com Balzac, Dumas, Musset e o filósofo Henrique Heine, não é habilitação suficiente para estudar Otfried Müller e os escritores da escola histórica alemã. O nosso público está ainda muito inocente nestes assuntos. Os mais adiantados lêem a *Revista dos Dois Mundos*; os outros continuam a folhear romances; a grande maioria dos escritores entretém-se a fazer estilo, isto é, cobrir esqueletos com muitos ouropéis. Isto, que é visível e claríssimo, escapou ao senso profundo do Sr. Teófilo Braga.

Qualquer que seja a impressão que produzam as minhas palavras, não me tremeu a mão ao escrevê-las, porque estou convencido da verdade delas, porque entendo que é necessário dar um exemplo de consciência literária, e porque hei-de ter sempre a audácia de dizer o que penso.

Encantados neste palmo de terra, comunicando com a Europa pelo Mediterrâneo, gozamos de uma grande liberdade política, mas nisso se cifram as nossas venturas. É muito, mas não é tudo. As ciências, as letras e as artes fazem entregues ao esquecimento; foram preteridas pela política. Deus queira que não venha longe o dia do seu renascimento entre nós.

Bunsen escreve a sua obra sobre o lugar do Egipto na história universal; Layard traz das suas viagens as *Antiguidades de Ninive*; Otfried Müller morre aos quarenta anos, vítima do seu amor à ciência, e deixa-nos os *Etruscos*, os *Dóricos*, o *Manual da Arqueologia da Arte* e a *História da Literatura Grega*¹; Curtius e Grote escrevem a *História da Grécia*, trabalhos admiráveis, ricos de ciência e de crítica; multiplicam-se as edições da *Ciência da Fala*, de Max Müller, um dos primeiros filósofos modernos; etc.; mas todos estes estudos são perdidos para nós, porque as nossas bibliotecas não os possuem, porque os nossos jornais e revistas não se ocupam deles e mostram desconhecê-los completamente, porque a nossa ciência em matéria de filologia, tomando esta palavra no sentido alemão, conserva-se pouco mais ou menos na altura da de Frei Bernardo de Brito, porque, quando se discute a formação das línguas, ainda ouvimos falar a sério na torre de Babel, porque se ataca a filosofia e a ciência da Alemanha, fachos que iluminam hoje todo o mundo pensador, sem previamente as ter lido e estudado, e não há por aí basbaque nenhum que não mofe da filosofia transcendente, indo, infeliz-

¹ Esta obra foi recentemente traduzida em francês por Karl Hillebrand.

mente, achar eco na intelligência de homens que têm obrigações de guiar os outros e de resistir às más paixões da ignorância e da vaidade.

Os nossos antepassados são insultados porque vieram do Norte, são bárbaros! Para se dizer isto é necessário esquecer que foram esses selvagens os fundadores das nações modernas.

Em que tempos vivemos nós? Estamos no século XIX ou ouvimos os oradores romanos pedir legiões para guardar os limites do império e ir resgatar as águias de Varro sepultadas nos plainos da germânia?

Zacarias Aça

★

28 DE MARÇO DE 1866 — Novo folhetim em *O Português*. Neste o autor analisa o folheto de Camilo.

A LITERATURA EM BARULHO

XXI

«Nul ne doit être apprécié que dans la situation qui lui est faite par les circonstances au milieu desquels il est placé par une force de choses indépendante de lui.»

(A. de Lamartine)

Falando apenas de passagem no folheto *Os Literatos em Lisboa*, do Sr. A. Ferreira de Freitas, horripelmente illustrado pelo Sr. Jerónimo de S. Mota, e concordando inteiramente a tal respeito com o parecer do autor de outro folheto publicado no Porto, *Os Coimbrões*, passaremos a tratar das *Vaidades Irritadas e Irritantes*, do Sr. Camilo Castelo Branco.

Diz o autor dos *Coimbrões*:

«Dos rabiscadores que têm vindo à imprensa ajuntar sandices às ninharias de penas mais atiladas, é para nós evidente que o fim tem sido pescar alguns tostões nestas águas revoltas de uma questão absurda. Pois a que viria o Sr. Ferreira de Freitas com catorze páginas de linhas rimadas e duas de prosa, pelo módico preço de 240 réis? E começa por dizer que sirva de desculpa às imperfeições o ter sido tudo isso fruto de uma noite, como se houvesse desculpa possível para *um apontado de maus*

versos, que se quer encampar ao público por quantia superior ao grave pataco.»

Com isto está dito tudo em relação ao folheto *Os Literatos em Lisboa*.

Escreveu o Sr. Camilo Castelo Branco um opúsculo de 47 páginas. Fomos admiradores do talento do ilustre poeta e romanista. Costumamos ler sempre com prazer e grande admiração tudo quanto ele escreve. Confessamos, porém, que nunca nos custou levar ao fim os escritos do Sr. Camilo Castelo Branco, e que desta vez só uma grande força de vontade conseguiu de nós ler de fio a pavio as *Vaidades Irritantes e Irritadas*.

Lamartine disse, com razão, que para apreciar o homem é mister conhecer a situação em que se acha, em virtude das circunstâncias que militam para se achar colocado em posição independente da sua vontade. Chegamos a acreditar que na questão literária o Sr. Camilo se viu colocado numa destas posições.

Suponhamos que cinco *missivas* de Tibur lhe suplicavam auxilio contra os ataques dos *idealistas*. Suponhamos que o Sr. Camilo teve dó da posição do papa. Que fazer?

Conta-se que, chegando Antero de Quental ao Porto, para pedir explicações a Ramalho Ortigão, fora logo procurado pelo Sr. Camilo, o qual declarou mui positivamente ao autor das *Odes Modernas* que o não dispensava de ser seu hóspede. Conta-se que, indo o Sr. Antero de Quental para casa do Sr. Camilo, este começou a ler as *Vaidades Irritadas e Irritantes*, que poucas horas antes tinham saído à luz. Lá pelo meio, o Sr. Antero começou a rir, e o Sr. Camilo também teve de desatar às gargalhadas. Tiveram ambos razão, se o que se conta é verdadeiro.

O Sr. Camilo escreveu as *Vaidades Irritadas e Irritantes*, mas foi padrinho do Sr. Antero de Quental, segundo também se conta. Já se vê que não podia escrever com grande entusiasmo em defesa de Tibur.

O Sr. Camilo escreveu muito, mas não deu novidade. Não compreende o que sejam *tempestades sonoras*. Na *Revista Contemporânea* faz o primeiro reparo acerca de um dos livros do Sr. Teófilo Braga. Se no reparo há ofensa, não é para o Sr. Braga, é para Camões. O autor de *Os Lusíadas* escreveu:

*Lutando Bóreas fero, e Noto horrendo
Sonoras tempestades levantavam,
Das naus as velas côncavas rompendo.*

Por último, diremos ao Sr. Camilo que o estilo não é tudo em poesia, bem como o não é a metrificacão. E De Peletan escreveu: «*Le vers n'est qu'un son, l'homme est une âme, et il faut à l'âme plus qu'un son pour la faire vibrer. Ce n'est pas la langue qui fait la poésie, c'est la partie divine du coeur humaine.*»

Quanto a metrificacão, há mesmo sérias dúvidas sobre se o Sr. A. F. de Castilho é entre nós o primeiro metrificador. Lopes de Mendonça disse: «O Sr. João de Lemos talvez não tenha rival como metrificador, como poeta de forma.»

Satan



2 DE ABRIL DE 1866 — Carta de Castilho a Camilo. Referese ao folheto *A Imprensa na Gaiola*, attribuído a Pedro Dinis.

Meu caríssimo Camilo:

(...)

Por aqui nada há de novo que eu saiba ou que mereça a pena de ser contado a V. S.^a; saú sim um folhetito em verso, 16 páginas de 8.º, intitulado *A Imprensa na Gaiola*. Não sei se não será de Pedro Dinis, e o título por ora não lho percebo; espere-mos pela 2.ª parte, pois se promete.

Isto da *folhetaria* está acabando. Também já era tempo.

(...)

De V. Eix.^a

o mesmo que sempre

A. F. de Castilho

Lisboa, 2 de Abril de 1866.



5 DE ABRIL DE 1866 — Um novo folhetim de João Félix Rodrigues, este referindo os folhetos de Augusto Malheiro Dias, Ermita do Chiado e Freitas Oliveira.

A LITTERATURA EM BARULHO

XXII

«Liberté, c'est le vœu de tous, le cri
des consciences, le besoin du présent,
l'espoir de l'avenir.»

(Jules Simon)

Acabe-se com o despotismo de Tibur. Que o talento possa mostrar-se sem ir pedir vênias ao Sr. A. F. de Castilho nem a ninguém. A liberdade é tão preciosa em litteratura como em politica. O Sr. Castilho estava persuadido de que se não pode ser poeta sem sua licença. Mas, depois da carta do Sr. Antero de Quental, deve convencer-se que o seu despotismo acabou, e para sempre. Se essa carta teve ou não importância, dizem-no vinte e tantos opúsculos que já se acham publicados com relação à pugna litterária entre Castilho e Quental.

O Sr. Augusto Malheiro Dias, do Porto, também saiu a campo nesta questão. O seu opúsculo contém muitas palavras e poucas ideias. Confessa, porém, o Sr. Dias, que no Sr. Castilho há bom e mau. Cremos que ninguém ainda negou isso. E para se limitar a dizê-lo, não nos parece que fosse preciso vir também à feira com o seu folheto de 20 páginas, a 100 réis!

Ao Sr. Malheiro Dias seguiu-se um opúsculo intitulado *Garrett, Castilho, Herculano e a Escola Coimbrã*, pelo *Ermita do Chiado*. Tem corrido no público que o *Ermita do Chiado* é o Sr. Osório de Vasconcelos. Ignoramos o fundamento que tem esta noticia, a qual aqui damos com toda a reserva. O que podemos asseverar é que o autor é um homem, e que, como tal, está no direito de dizer como Terêncio: *Homo suo, nihil a me humani alienum puto*.

O *Ermita do Chiado* fez três verrinas em três estilos, sem contar as verrinas incidentes contra diversos escritores.

A primeira é contra Antero de Quental e Teófilo Braga. Diz que o Sr. Quental escreve charadas, e o Sr. Braga estupendas maçadas. Tudo isto é vago, porque o *Ermita* não se quis incomodar demonstrando as suas proposições, e ocultou o seu nome por *modéstia!*

A segunda é com António Feliciano de Castilho, de que diz que é poeta artificial e postiço, que chora a compasso, e que é progenitor da escola de Coimbra.

A terceira é dirigida ao Sr. A. Herculano. O *Ermita do Chiado*, que nos parece ser um *pedante* de força maior, ataca Herculano como historiador! Acusa-o de falta de conexão filosófica, e de falta de conexão luminosa! Isto dá vontade de rir, Sr. *Ermita*. Isto não se toma a sério. Só podemos responder a V. S.^a com uma gargalhada. V. S.^a fala como aqueles que são verdadeiros ignorantes. *Nempe hoc indocti* — disse Juvenal.

Diz o *Ermita*:

«Que é o *Eurico*? É um acervo de monstruosidades. Nevoeiro de ideias encontradas, imagens impossíveis e absurdas, como esta, entre mil:

«Sabes tu, Hermengarda, o que é viver vinte anos amarrado ao próprio cadáver?»

«Isto é ininteligível, é enigmático, é impróprio, é absurdo, etc.»

O *Ermita* é impagável! Desadora o estilo do *Eurico*! E a Europa admira esse estilo, e em Portugal é o *Eurico* recebido como o mais belo, como o mais poético de todos os nossos *romances-poemas*!

Nós seguimos a opinião de Granier de Cassagnac, e deixamos falar o *Ermita*. Diz Cassagnac:

«*Les livres qui plaisent sont bien écrits, les livres qui ennuient sont mal écrits.*»

Isto realmente é assim, e por isso é que todos os leitores sentem prazer em ler o *Eurico*, e se enfastiam deveras lendo certos folhetins maçudos e maçadores, e que por aí dizem ser obra de bicho literato em ciência e científico em literatura.

Mas, em suma, o *Ermita* deve ser uma oitava maravilha do mundo, para se apresentar com todo o desassombro a dizer que o sábio A. Herculano é um escritor absurdo. Damos-lhe os parabéns.

Felix qui potuit rerum cognoscere causas.

Em todo o caso terminamos por dizer, como Jules Janin, com relação ao opúsculo do *Ermita do Criado*:

«*Si l'opinion publique était tout à fait à la merci de ces jugements en l'air, il faudrait désespérer de la société humaine.*»

Em seguida ao *Ermita do Chiado*, saú à luz um opúsculo intitulado *A Questão Literária. A propósito do jazigo de José Estêvão*, cartas dos Srs. A. F. de Castilho e J. A. de Freitas Oliveira. O custo é de 60 réis. O público foi desta vez benefi-

ciado, pelo Sr. Freitas Oliveira, com um pataco. Ainda ninguém tinha escrito por menos de um tostão. Na parte económica, não há senão a louvar no tal folheto. Ler duas cartas de vultos como Castilho e Freitas de Oliveira por três vinténs é realmente barato e não escandaliza.

Feitos os cumprimentos de estilo, passemos a falar das cartas. O jazigo de José Estêvão é uma coisa séria e grave. Tratando-se dele, é faltar ao respeito devido à memória do grande orador o fazer insinuações contra alguém, aproveitando a ocasião de pedirem epitáfio para o sepulcro de um tão grande português. Junto de um sepulcro deve haver lágrimas, saudades, mas nunca ódios, nunca pensamentos de injuriar quem quer que seja. Assim pensamos; mas é certo que o Sr. Freitas Oliveira costuma estragar todos os belos assuntos, já por ignorar completamente a história e ser mui pouco lido, já por ser de uma natureza fulminante e não se poder ter que não injurie alguém, mesmo quando o assunto convida sòmente à apologia.

Todavia, vá trabalhando em liberdade, porque não queremos para nós, nem para ninguém, o despotismo das regras. Mas em história há uma regra de que se não pode prescindir — é a verdade na exposição dos factos. E no *Esboço Histórico de José Estêvão* há mais fábula do que história.

Do jazigo de José Estêvão é do que fala menos o Sr. Freitas Oliveira, na sua carta ao papa de Tibur. A carta contém incensos podres ao Sr. A. F. de Castilho. Pois já houve época em que o Sr. Freitas vomitava não poucos epigramas contra o autor do *método repentino!*

Outros tempos, outras conveniências. O Sr. Freitas Oliveira tem tido a mesma inconsistência em política, como a que agora acaba de demonstrar com relação às questões literárias. Há homens que não podem ter três meses a mesma opinião. É uma doença como qualquer outra.

A propósito do jazigo de José Estêvão, diz o Sr. Freitas de Oliveira que as obras dos filósofos alemães são *bacarmartes*; que os Srs. Teófilo Braga e Antero de Quental são *lázudos poetas*, hugozinhos de *Sarnache*, catoézitos de *Sinfães*; que Vitor Hugo escreve *palavrões*; que é filósofo o *Colete encarnado* do Campo Grande; que os estudantes de Liège saíram do *Penim* da Alemanha; e que Júlio César Machado é o terceiro *talento* cá da Lusitânia! O primeiro é o Sr. Freitas de Oliveira, o segundo o Sr. Castilho, e o terceiro, o Sr. Machado. Muito bem!

Sim senhor, Sr. Freitas Oliveira, tem muita razão. Depois da sua carta, merecia uma comenda da ordem do *lagarto*. E de esperar que o seu nome apareça por aí numa dessas *ensurradas*, de que nos fala todas as semanas o *Diário de Lisboa*.

Quanto às exagerações do congresso de Liège, achamos grande *pilhéria* na indignação do Sr. Freitas Oliveira! O homem está agora *ordetro* e *carola*! Pois já houve tempo, em que aconselhava a política de *Danton*, e não se horrorizava com a célebre *Deusa da razão*! Ainda bem, que o temos monarquista puro, e um pouco lazarista. Faz bem, não perca a sua alma.

Satan

★

14 DE ABRIL DE 1866 — Neste folheto, *Satan* continua tratando do folheto de Freitas Oliveira e depois passa à análise de *Os Coimbrões* e finalmente das *Cartas ao Correio Mercantil* do irmão de Castilho, José Feliciano Castilho de Barreto e Noronha. Refere a seguir, o folheto de Costa Gooldofim *Carta ao Ex. Sr.º Manuel Pinheiro Chagas pelo seu estapafúrdio admirador Costa Gooldofim*. Embora este folheto venha citado em algumas bibliografias da polémica, resolvemos não o incluir por considerarmos que se trata de um ataque a Pinheiro Chagas, resultando de uma posição pessoal do autor, sem qualquer relação com a *Questão Coimbrã*. Não é este, aliás, caso único, como referimos na «Nota Final» a este 4.º volume.

★

A LITERATURA EM BARULHO

XXIII

«Les luttes de la plume, les opinions qui s'opposent et se rapprochent, les erreurs et les retours, les excès et les réactions, tout cela c'est la vérité qui se forme.»

(Edmond Scherer)

O Sr. A. F. de Castilho disse, na crítica do *Poema da Mocidade* do Sr. Pinheiro Chagas, que *lá brigar não brigava*; mas o

Sr. A. de Quental fê-lo sair a terreno. Já vimos que escreveu uma carta ao director da *Gazeta de Portugal*. Agora temos a falar de uma outra, dirigida ao Sr. J. A. de Freitas Oliveira.

A propósito do jazigo de José Estêvão, o Sr. Castilho escreveu uma carta em que discute os seus adversários na questão literária! Sentimos que misturasse uma questão com outra. Estimamos todavia que viesse mais uma vez entrar a peito descoberto na briga que provocou. A verdade há-de sair do embate das diversas opiniões nesta questão literária.

O Sr. Castilho, na sua carta, não discute, infelizmente. Conflia pouco, ao que parece, no seu talento de argumentação. E por isso, a propósito do jazigo de José Estêvão, escreveu uma carta em que agride os seus adversários, mas em estilo da *Tosquia Dum Camelo!*

Aos seus adversários, aos que discutem com razões e argumentos, chama o Sr. Castilho: libelistas a venderem caro por 100 (?) réis a consciência e a vergonha própria, belfurinhos literários, ciganos que não vêm à feira por bons, incendiários nocturnos do templo do bom gosto, fabricantes e passadores de moeda falsa, violadores temerários das boas artes, blasfemadores do siso hereditário do género humano, ratoneiros de todas as famas, vendilhões de todas as mentiras e venenos, maisins do sublime, etc.

Estas injúrias e insultos provarão, porventura, que o Sr. A. F. de Castilho é infalível em questões literárias? Provarão que o Sr. Castilho é um poeta inventivo? Não, certamente. Pois é essa a questão que se agita, e nenhuma outra. E o Sr. Castilho fugiu de entrar nesta questão como se tinha já guardado também de a discutir quando o illustre Lopes de Mendonça a ela o quis chamar.

O folheto publicado pelo Sr. Freitas Oliveira, o que contém de sério, e brilhante, é a terceira parte, é o seguinte improviso do grande poeta Bulhão Pato:

*Ei-la junto de nós dormindo o sono eterno
na terra enfim descansa ao pé do chão paterno,
ao pai que tanto amor em vida lhe votou,
também na sepultura agora se abraçou.*

*Quando ao romper do Sol alegre o céu rebrilha,
como anjo tutelar desce do Empíreo a filha:*

*abre as asas gentis por entre o ciprestal,
e solta o hino inspirado ao sono paternal.*

*Quem constante idou, desde a mais tenra idade,
em prol do amor da Pátria, em bem da Humanidade,
quando é chegada a hora e deixa a terra enfim,
à entrada do outro mundo encontra um serafim.*

Parece que estes versos são o epitáfio para o jazigo da malograda filha do grande orador José Estêvão.

Após o folheto de Frettas Oliveira, apareceram *Os Coimbrões, do caiaador da rainha do Congo*. Este caiaador pôs-se ao lado do Sr. Castilho, e apela para a posteridade. Imita o mestre em não argumentar, mas mete a ridículo os Srs. A. de Quental e Teófilo Braga. O *Sr. Caiaador*, por mais que nos digam, é infalivelmente sócio correspondente do *elogio mútuo*.

Faltava o *mano Zé* a elogiar o *mano António*. Pois veio. Apareceu um folheto — o número um das *cartas do Sr. José Castilho*. Este é o que foi comandante do *batalhão da carta*, publicista de Costa Cabral na *Restauração*, e que ao presente é advogado e literato no Brasil.

Lá no Rio de Janeiro escreve cartas ao seu amigo João Carlos de Sousa Ferreira a respeito da *questão Castilho-Quental*. O negócio vai-se tornando sério. O *mano António* pediu auxilio ao *mano José*, e parece que anda a escrever cartas a toda a gente, para que se rabisque alguma coisa em sua defesa.

Na primeira carta, diz José Castilho que o Sr. Pinheiro Chagas é o proposto lente da cadeira de Literatura Moderna no Curso Superior de Letras. Proposto por quem? Se é pela opinião dos homens de letras, esta indica toda para aquela cadeira, como o mais competente, o colossal talento de Bulhão Pato.

Mas não há-de ser a opinião dos homens de letras por si só que há-de resolver a questão. Há-de abrir-se concurso para aquela cadeira, e quem melhores provas apresentar nele é que deve ser proposto, pelo júri, para a cadeira, ficando ainda ao arbítrio do ministro competente o conformar-se ou não com a proposta.

Na mesma carta o Sr. José Castilho acusa de incivis todos os escritores de Coimbra, e chama ao *mano António*: *um respeito mundano, uma religião, um princípio, uma nacionalidade, enfim o senso do género humano!*

Isto entre os manos é bonito! Gostamos de os ver tão amáveis. Pena é que os Srs. Castilhos só o sejam com a família ou com alguém de quem precisam. Mas ainda bem que não há egoísmo senão para com os estranhos.

Diz o Sr. José Castilho, na citada primeira carta, que *Elmano da Cunha* é uma pseudónima assinatura! Isto é sonho, não há pseudónimo, Elmano da Cunha é um mancebo de talento, é o conhecido autor da *Filha do Deserto* e de outros escritos de mérito.

Diz mais o Sr. José Castilho, na referida primeira carta, em data de 18 de Dezembro de 1865, que o *mano António* nem em jornais nem em folhetos queimar a mínima escorva. Se isto foi resultado da carta do Sr. A. F. de Castilho para o Rio de Janeiro, nesse caso o *mano António* enganou o *mano José*, porque o papa de Tibur já queimou uma escorva na *Gazeta de Portugal*, e depois mais duas, sendo uma destas no folheto publicado pelo Sr. Freitas e Oliveira, e outra no opúsculo do Sr. Brito Aranha.

Diz mais o Sr. José Castilho, na dita primeira carta, que o Sr. Zacarias Aça estava, em Novembro último, escrevendo uma obra séria sobre a *questão Castilho-Quental*. Estamos em Março de 1866, e ainda não appareceu a tal obra!

Diz mais o Sr. José Castilho, na mesma carta, que o Sr. A. F. de S. José estava escrevendo sobre a questão. Pois ainda não appareceu o tal escrito. Só se ficou reservado para apparecer no dia de S. José do ano futuro.

Diz mais o Sr. José Castilho, na mesma carta, que o Sr. Bulhão Pato ia escrever sobre o assunto. E o Sr. Pato guardou até hoje na imprensa profundo silêncio acerca da briga litterária!

Nas outras três cartas do Sr. José Feliciano de Castilho há realmente muito que aproveitar, e trechos de admirável argumentação e dedução lógica. E que o José Castilho é só *piegas* falando de seu irmão, mas não o é tratando-se do que os outros escrevem. Como prosador, José Castilho é dos nossos melhores escritores. Como talento de análise e como crítico, poucos o excedem.

Nas três cartas do Sr. José Castilho, a que nos referimos, há realmente argumentação, a que não nos parece que o Sr. Antero de Quental possa responder com vantagem. Imparcialmente o dizemos.

Acabamos de ler as primeiras quatro cartas do Sr. José Feliciano de Castilho quando nos foi oferecido um folheto sob o título: *Carta ao Ex.º Sr. Manuel Pinheiro Chagas pelo seu estapafúrdio admirador Costa Gooldofim*. É um novo grito de revolta contra a tirania, mas em estilo satírico.

O Sr. Manuel Pinheiro Chagas é um grande talento, mas nem sempre modesto. Não está bem realmente a um escritor novel querer já esmagar os talentos nascentes. Os conselhos do Sr. Castilho podem torná-lo alvo de alguma cruzada de escritores independentes e de mau humor, que não estejam resolvidos a sofrer um abuso semelhante de epigramas como o que se nota nas críticas do Sr. Chagas.

O caso é que o Sr. Costa Gooldofim *revirou o dente*, e também se rebelou contra a *sociedade de admiração mútua*. Longe de nós o condenar este espírito de revolta contra a tirania. Revela ele independência, dignidade, e sobretudo respeitoso culto à deusa liberdade.

Satan



16 DE ABRIL DE 1866 — Carta de Castilho a Pedro Dinis para lhe agradecer o seu folheto *A Imprensa na Gaiola*. Pelo tom da carta se depreende que Castilho já mais de uma vez apelara para Pedro Dinis no seu afã de congregar uma acção contra os Coimbrões. Na verdade, o nome deste autor encontrava-se incluído na lista dos defensores enumerados por Castilho numa sua carta de 10 de Dezembro de 1865. (V. «Textos Adicionais», 1.º vol., p. 450.)

Bom e Ex.º Amigo:

Verdade é que V. Ex.ª não responde às minhas cartas, e que ninguém se deleita a falar só, a não ser nos melodramas e tragédias; entretanto sempre vou tentando, porque V. Ex.ª ao menos se me não responde epistolarmente, faz coisa que o vale, ou vale ainda mais. Faz-me lembrar o que diz a Penélope, de Ovídio, a seu Ulisses: *não me respondas, mas vem*.

V. Ex.ª veio com efeito, e veio com aquela bizzarria com que sempre costuma aparecer.

O seu folheto *A Imprensa na Gaiola* vingou-me, e ter-me-la satisfeito todas as ambições se eu ainda as tivesse; que em verdade já não tenho.

Quis lho agradecer logo, mas reflecti em que era melhor deter-me um pouco mais à escuta do que se diria ao público acerca deste opúsculo tão notável pela invenção como pela delicadeza curiosíssima do lavor, a fim de poder relatar-lhe a impressão que ele produzia nos ânimos, coisa que para um autor nunca é indifferente.

Saiba pois, antes de tudo, que estas poucas páginas da *Imprensa na Gaiola* ainda não receberam, que me conste, outra arguição senão a de serem poucas. Está tudo ansioso pela continuação, e eu sou dos primeiros em tal impaciência.

Diziam-me que V. Ex.^a, abusando do seu privilégio de doente imaginário, vivia herméticamente entre quatro paredes na sua Rua da Glória, sem que o nome dela que lhe alvejava na esquina, e que tanto lhe devia negacear, o despertasse para continuar a granjeá-la, como tão bem havia começado. Vejo porém que o seu espirito se conserva com todo o fogo e brilho que sempre teve, e que a sua inacção, posto que excessivamente prolongada, significava tão pouco a respeito de forças e ânimo como a de Aquiles entre as lonas da barraca.

O autor das *Folhas Caidas Apanhadas a Dente* reaparece com o mesmo vigor e graça, com a mesma destreza e elegância, neste novo torneio literário.

Esta é a opinião de todos, e esta é a minha também.

Eu a ninguém tenho comunicado o segredo que V. Ex.^a por via do meu filho Júlio me transmitiu. Quando se pergunta quem é o autor da *Imprensa na Gaiola*, faço coro com os curiosos, e nem por descuido calo em deixar suspeitar que o conheço; não obstante, todos põem logo a boca em V. Ex.^a: não só conjecturam a verdade, afirmam-na, como se a tivessem colhido no seu trabalho. Não é deles a culpa, nem também vejo muito porque se, gabem de bons furbes. Entre nós não há dois poetas que pudessem escrever aquillo. O chiste daquele poema é todo exclusivamente seu. Quando se quiser incumbir de autorias, só tem um meio para o conseguir: é não escrever de todo em todo, coisa de que Deus nos livre, por honra das nossas letras e por crédito de V. Ex.^a mesmo.

Continue pois a regalar-nos nas suas horas vagas. Em fazer versos assim, emprega-as muito melhor do que a jogar o do-

minó com estafermos no botequim do Suíço, onde o Júlio Caldas me afirmou que V. Ex.^a costuma agora seroar.

Faça-o embora se careça de se espaiar; os botequins são o alívio de tristes do nosso tempo; e um génio observador como o de V. Ex.^a, e tão capaz de fazer a boa sátira, não perde por certo os momentos em que honra com a sua presença a essas espirituosas academias dos *singulares*.

Receba um bom abraço do seu muito em verdade admirador e amigo velho.

A. F. C.

Lisboa, 16 de Abril de 1866.

★

21 DE ABRIL DE 1866 — Neste folhetim *Satan* refere-se elogiosamente ao opúsculo de Eduardo Vidal, dirigindo depois uma acerba crítica a Brito Aranha e a A. F. de Castilho pelas cartas que mutuamente se dirigiram.

A LITERATURA EM BARULHO

XXIV

«Bon Dieu! Que ne peut-on applaudir
à tout rompre!»

(Le Marquis de Champcenetz)

Dos *Guelfos e Gibelinos* do Sr. E. A. Vidal não podemos falar senão com elogios. É um escrito sério, sensato e digno em todo o sentido. Essa tentativa crítica do Sr. Vidal sobre a actual polémica literária veio convencer-nos de que não deve haver dúvida alguma em colocar o jovem escritor, e ilustre poeta, na galeria das celebridades literárias da época. No seu opúsculo, o Sr. Vidal não se esqueceu uma só vez de ser modesto, e de ser justo. A modéstia e a rectidão no escrever estão sempre bem a um escritor.

Pena é que o Sr. Brito Aranha não o imitasse na sua carta ao Sr. A. F. de Castilho, e que não possamos aplaudir o Sr. Aranha, como fizemos a respeito da produção do autor das *Folhas Soltas*.

Com que imodéstia o Sr. Aranha se diz constrangido a entrar na polémica, *por deveres do officio!* Qual officio? Com que imodéstia o Sr. Aranha diz que não costuma ocultar o seu voto em *assuntos Merdórios!* Quais são os títulos do Sr. Aranha, para se arvorar em crítico severo de talentos superiores como os de Teófilo Braga, Antero de Quental e Ramalho Ortigão? Quando é que o Sr. B. Aranha será capaz de escrever como escreve Elmano da Cunha, o brilhante escritor da *Filha do Deserto!* Que quer dizer o Sr. Aranha quando fala *em um tal Elmano da Cunha?* Este *tal* Elmano da Cunha tem habilitações literárias e títulos que pode apresentar. Quais são os títulos desse crítico severo, que se chama B. Aranha? Serão o de fazer um folheto ou dois, e vendê-los a tostão? Pois, meu amigo, lembre-se do que escreveu Lopes de Mendonça: «A Arte não se acomoda com a avidez do ganho.» E talvez por isso que o Sr. Aranha escreveu um folheto tão sensaborão.

Repetimos que, tendo sempre simpatizado pessoalmente com o Sr. B. Aranha, sentimos não poder hoje aplaudir freneticamente a sua carta ao *mestre* de Tibur. Mas é impossível, não vemos nessa carta senão um excessivo amor-próprio da parte do Sr. Aranha, e um certo servilismo para com o Sr. Castilho. No que o Sr. Aranha incontestavelmente provou habilidade foi em combinar as suas baforadas de amor-próprio com a sua subserviência a Tibur.

Mas a carta do Sr. Brito Aranha levou o Sr. A. F. de Castilho a brigar pela terceira vez, em desprezo da declaração que fizera na crítica do *Poema da Mocidade*.

Nova carta do papa! Desta vez começou por obrigar o Sr. Brito Aranha a dar beija-mão. O Sr. D. Pedro V, rei liberal, aboliu esta cerimónia, e reduziu a coisa a um simples cumprimento de cabeça. Mas o Sr. Castilho quer o ritual antigo, e está tão ferido, na questão literária, que todos os elogios lhe servem, tenha ou não autoridade na república das letras. O que S. Ex.^a quer, o que pede, o que suplica, é muitos folhetos que digam bem dele. É uma mania como qualquer outra. O Sr. B. Aranha serviu-o, e o papa obrigou-o a assentar-se num trono, e a dar-lhe beija-mão! Pieguices! Sempre pieguices!

Este contentamento do Sr. Castilho, quando alguém o elogia, dá-nos a entender que S. Ex.^a não está tão seguro como era para desejar sobre a sua superioridade literária. O barão de Holbach escreveu: «*Les vrais talents sont tranquilles sur leurs*

droits. Un amour propre inquiet, un orgueil insensé, une hauteur peu raisonnée annoncent de la faiblesse et de la défiance de son propre mérite.»

Nesta carta do Sr. A. F. de Castilho continua S. Ex.^a a escrever no estilo da *Tosquia Dum Camelo*. Nenhuma argumentação, e muitas injúrias e insultos.

Na mesma carta do Sr. Castilho dá-se notícia de coisas que só ele sabe. Diz que Rebelo da Silva é de opinião que o Sr. Castilho é um *poeta inventor!* E nós sustentamos que o Sr. Rebelo da Silva tem a opinião do Sr. Lopes de Mendonça, que era exactamente a de que o Sr. A. F. de Castilho não é um *poeta inventor*.

Diz também o Sr. A. F. de Castilho, na sua carta ao Sr. B. Aranha, que Ricardo Guimarães e Bulhão Pato são de opinião que S. Ex.^a é um *poeta inventor*. Pode ser, mas ainda não vimos isso em letra redonda, sancionado pela assinatura dos dois illustres escritores.

A data da carta do Sr. Castilho é de 15 de Janeiro do corrente ano. Diz nela o *regenerador do Pirokito*, que o folheto do Sr. Camilo Castelo Branco acabava com a polémica entre Tibur e a escola da liberdade em literatura.

Eganou-se o *padre-mestre*. Estamos em Abril e a polémica continua, e o Sr. Castilho ainda não viu enterrar os tais mortos que havia de fazer o folheto de Camilo Castelo Branco, com as suas razões e autoridade. Em questões de gosto não há autoridade. Mesmo nas de estilo as não pode haver. Um illustre crítico de França, disse não há muito: «*On ne sait pas ce que c'est que le style.*»

Para concluir, sobre o modo porque escreveu o Sr. A. F. de Castilho, nesta sua tentativa de *briga*, aí vai o final da carta ao Sr. Brito Aranha:

«Desculpe-me, meu amigo, estas *solturas de lingua*; mas se a gente não desabafar das *tolices* do próximo com as pessoas de juízo e amigos, *cria postema*, e era uma vez um martirizado!»

Pensa o Sr. A. F. de Castilho em passar à posteridade com as suas *solturas de lingua*? Lembre-se de José Agostinho de Macedo. O que não seria hoje respeitado José Agostinho se não tivesse quase sempre aplicado o seu grande talento às *solturas da lingua*, sem as quais o Sr. Castilho confessa que *cria postema*?

Satan



25 DE ABRIL DE 1866 — João Félix Rodrigues continua a análise dos folhetos da polémica. Cabe agora a vez ao de E. A. Salgado (*Literatura de Amanhã*), de G. F. (*Literatura Ramalhuda*), de Carlos Borges (*Pena e Espada*).

A LITERATURA EM BARULHO

XXV

«Não me acusa a consciência, desde que peço na pena, de ter condenado por inveja, nem aplaudido por adulação.»

(L. A. Rebelo da Silva)

Bom era que todos procedessem como procede uma das maiores glórias das letras pátrias, o Sr. Rebelo da Silva. Pela nossa parte, no que temos escrito não nos acusa a consciência de haver condenado por inveja nem aplaudido por adulação. Dizemos o que sentimos, sem recearmos os perigos de que fala Vaudin num dos seus mais excelentes escritos críticos.

Temos ainda a falar da *Literatura de Amanhã* do Sr. Eduardo A. Salgado. É um escrito regular, mas em parte inaceitável. É para lamentar que o Sr. Salgado ataque a liberdade de consciência de cada um. Neste século, cada um adora a Deus como entende, uma vez que respeite a liberdade religiosa dos outros. Deixe o Sr. Salgado pensar o Sr. A. de Quental como quiser em assuntos religiosos. A Inquisição acabou em 1820 em Portugal, e não volta. E a Carta não tolera que ninguém seja perseguido por motivos de religião. O racionalismo marcha já sem receio das torturas e das fogueiras.

Antero de Quental é agora acusado de impiedade. A acusação parte da escola-Castilho, escola que defende o restabelecimento dos frades. Não é novo o degenerar a guerra dos homens de letras, neste país, em questão de crenças religiosas. O nosso Damião de Góis foi suspeito de abraçar a reforma da Alemanha, e por isso denunciado por alguns rivais, chegando a sofrer perseguições.

Mas hoje já não é ocasião propícia para perseguir ninguém por motivos religiosos. E achamos de mau gosto dizerem, por um lado que o Sr. A. de Quental escreve coisas que se não percebem, e pelo outro compreenderam-no tão bem que até se julgaram autorizados a declarar impias as opiniões religiosas contidas nos seus escritos! Quando falam verdade é quando dizem não perceber os escritos do Sr. A. de Quental, ou quando o accusam de impiedade e declaram compreender as suas ideias nos tais livros tão censurados pelo *mestre* de Tibur? Expliquem-se; porque estão em manifesta contradição com si próprios.

O Sr. Eduardo A. Salgado, a propósito da questão literária, trouxe para o seu folheto, não só a questão religiosa, mas também a questão política de Espanha, e declara-se de acordo com as opiniões manifestadas pelo O'Donnell no senado espanhol.

Diz que D. Juan Prim fez uma revolta injustificável! Este Sr. Salgado, por mais que nos digam, é partidário dos *fuzilamentos* e da *inquisição*. Glória, pois, a Torquemada, a Soror Patrocínio e ao padre Claret!

Apareceu também em Coimbra um folheto intitulado *A Literatura Ramalhuda*, por G. F. É mais uma verrina do que uma apreciação justa do opúsculo do Sr. Ramalho Ortigão. Há neste folheto, porém, algumas observações irresponsáveis sobre o *Poema da Mocidade* do Sr. P. Chagas, e que provam que há grande abundância de puerilidades, e falta de inspiração, nesse livro de versos do Sr. P. Chagas.

O Sr. G. F. da *Literatura Ramalhuda* declara-se partidário do *método repentino*. Não sabíamos que esse *ilustre defunto* ainda tinha quem falasse dele com tanto amor. Esse método caiu tanto em descrédito que, para vender os livrinhos, foi necessário inventar a *gramática nacional*, obrigando a aceitá-la nas escolas por três anos, *com exclusão de todas as gramáticas elementares legalmente aprovadas*. E quem comprar a *gramática nacional*, aprovada pelo Sr. Castilho, tem de comprar o *método repentino* do Sr. A. F. de Castilho. Talvez não soubessem disto? Pois nós o explicamos.

Na *gramática nacional* diz-se numa *nota* que, para os exercícios de prosódia, se há-de ver o *Método Português Castilho*, 4.^a edição.

E a este respeito escreveu o Sr. Joaquim Alves de Sousa o seguinte:

«De maneira que o aluno, julgando haver-se provido do compêndio de gramática portuguesa só com os 160 réis taxados na portaria (30 de Dezembro de 1864), no fim acha-se enganado, porque tem de comprar também o *método*, dito *português*, do Sr. Castilho, vindo assim a *gramática nacional* a constar de 2 volumes, e não de um, como primeiro parecia.»

O autor da *gramática nacional* arranjou-a de modo que o aluno tivesse de comprar o *método* do Sr. Castilho. E o Sr. António F. de Castilho disse a respeito da *gramática nacional* o seguinte:

«Se o meu voto pode já ter algum peso nestas matérias, dir-vos-ei *com segurança*, que tenho esta pela *melhor gramática de quantas até hoje ao presente se escreveram para encaminhar os estudiosos da nossa língua.*»

Enquanto o Sr. Castilho falava assim, o Sr. Joaquim Alves de Sousa, num opúsculo de 122 páginas, demonstrou bem claramente que defeitos de todo o género deturpam a *gramática nacional*.

Devemos agora também falar no escrito *Pena e Espada*, do Sr. Carlos Borges. O Sr. Borges é uma segunda edição do Sr. Silva Túlio. Também nega a Garrett a coroa de nosso primeiro poeta contemporâneo, e dá-a, sem alegar razões, ao Sr. Castilho.

O Sr. Borges pertence ao *elogio mútuo*, e portanto escreveu um folheto de acordo com os estatutos da sociedade. Para os amigos mãos rotas, os sócios de Tbur mereceram grandes elogios da parte do Sr. Carlos Borges. Houve, porém, um cavalleiro que foi menos bem tratado, quanto ao seu mérito oratório, não obstante os recentes elogios do *mestre*.

Diz o Sr. Carlos Borges:

«O Sr. Vieira de Castro saiu da Universidade com a falsa fama de um grande génio, entrou no Parlamento e aí pronunciou três ou quatro discursos muito estudadinhos; a plebe, que talvez nem mesmo entendesse o que o orador dizia, gritou logo: *Viva o novo Cícero!* Os que ouviram este grito repetiram-no, e assim o Sr. Vieira de Castro alcançou uma coroa que os seus amigos julgam imortal e que oxalá o menor sopro de vento não desfaça e destrua.

«Quais são esses monumentais discursos de Vieira de Castro? Quais as questões económicas que tem discutido no parlamento? Quais os improvisos em que conquistou o nome que José

Estêvão tão justamente alcançou? Em que se pode comparar com Rodrigo da Fonseca Magalhães e Sotto-Mayor?

«Temos meia dúzia de discursos do Sr. Vieira de Castro. Não vejo, porém, aí a veemência demostênica que neles enxergou o Sr. Ramalho. Veemência demostênica *não é injúria petulante com desfaçatez proferida contra o carácter individual de um ministro ou de um deputado*. O Sr. Vieira de Castro, pelo contrário, rasteja a sua inteligência pelo doesto grosseiro e pelas frases atrevidas e às vezes desonestas. Aquelas virulentas objurgatórias contra o último discurso do Sr. Duque de Loulé são os discursos que mais lhe elogiam, mas são eles que mais me justificam.»

Neste ponto a opinião do Sr. C. Borges parece-nos um pouco próxima da verdade. Talvez, porém, o Sr. Vieira de Castro se emende, e que, além de imagens e de ornatos elegantes, se resolva a falar, argumentando, opondo argumento a argumento, ideia a ideia, como devem fazer os bons oradores.

Satan



28 DE ABRIL DE 1866 — Neste folhetim *Satan* faz referência a *O Tiranete, Análise Crítica, Rápida, etc., Delenda Tibur, Verdadeira Luz Derramada*.

LITERATURA EM BARULHO

XXVI

Quem promoveu todo este barulho, que por aí tem ido pela literatura, foi o Sr. A. F. de Castilho, e ninguém mais. O Sr. Antero de Quental só salu a campo depois da provocação que o Sr. Castilho lhe fez na *Crítica do Poema da Mocidade* do Sr. Chagas.

Semeou ventos, colheu tempestades. Os folhetos de um lado e do outro são abundantes. Houve excessos e injustiças de parte a parte. Mas prestou todavia um grande serviço. Matou a infalibilidade do Sr. Castilho, e doravante S. Ex.^a há-de ser mais cauteloso, tanto no louvor como na censura.

Além dos folhetos, a que já temos alludido, publicou-se também *O Tiranete*, verrina em verso contra o Sr. Antero de Quental,

a propósito da sua pendência com o Sr. Ramalho Ortigão. O autor não prima na finura de espírito.

Depois d'O *Tiranete*, veio à luz a *Análise Crítica, Rápida, Despretensiosa feita ao Folheto Intitulado — Garrett, Herculano, Castilho — pelo Sacristão de uma Ermida*. É uma brilhante refutação do escrito do Sr. Osório de Vasconcelos.

Publicou-se depois a *Delenda Tibur, Carta Primeira aos Homens da Oigarra e do Ermo*. É uma verrina bem escrita, mas em que são injustamente agredidos alguns escritores que não pertencem, nem nunca pertenceram, à escola do *elogio mútuo*, como é o Sr. Bulhão Pato, de quem ao diante falaremos, e que tão mal apreciado é pelo autor da *Delenda Tibur*, como o são os Srs. Ricardo Guimarães, Andrade Ferreira e outros.

Temos ainda a falar de um opúsculo sobremaneira pretencioso, intitulado *Verdadeira Luz Derramada na Questão Literária e Suprema Remate a ela, em Prosa e Verso, pela Sombra de Cícero*.

Este escritor anónimo, vendo o mundo literário envolvido em luta árida e desgrenhada, teve a *rara modestia* de pensar que derramaria verdadeira luz na questão literária e poria supremo remate a ela!

E no fim de contas não fez mais nem menos do que uma verrina contra todos e contra tudo. E deixou-nos de novo às escuras! E a questão continua a permanecer escura como breu.

Está deveras abaixo de toda a crítica o autor do opúsculo em questão. Quem será este novo papa, que decide *ex-cathedra* do merecimento de todo o que põe a pena no papel, seja em que género for, sejam quaisquer as condições em que haja apresentado o fruto do seu trabalho ao baptismo da Imprensa?

Antero de Quental e Teófilo Braga são declarados muito insignificantes, pelo *papa da Sombra de Cícero*! Pois se os trabalhos deste último se limitam ao seu opúsculo, é nossa opinião que ele não foge também em boa verdade a ser por ora *muito insignificante*.

Só o Sr. Ernesto Biester mereceu, entre os escritores de terceira ordem, os elogios pomposos do novo papa literário! E Ricardo Guimarães, um dos nossos grandes talentos, esse descaiu da graça do *papa da Sombra de Cícero* e é alcunhado de *nullidade*! Bem diz o provérbio que a *ignorância é muito atrevida*.

Uma plausível resposta ao escritor *anônimo*:

Todas as horas consumidas em provar os disparates deste novo lutador são horas perdidas e inúteis.

O Sr. Francisco Gomes de Amorim na 2.^a edição do 1.^o volume dos seus versos, também no prefácio, falou da questão literária, a propósito de uma carta do Sr. A. F. de Castilho, que faz parte do citado volume de versos. *Animus certus in re incerta cernitur*. Não queria o Sr. Amorim publicar a carta do Sr. Castilho, mas hoje que este vê a sua autoridade disputada pareceu ao autor dos *Cantos Matutinos* que a publicação dessa carta seria uma homenagem ao Sr. Castilho. Não lho levamos a mal.

O último opúsculo é do Sr. A. M. da Cunha Belém, intitulado *Horácios e Curidácios*. O Sr. Cunha Belém apresenta-se com pretensões a fazer pôr ponto na questão, indicando o tratamento da enfermidade. Nada adianta; mas assim mesmo aquele folheto revela que o Sr. Cunha Belém a escrever é outra coisa do que a falar. O seu discurso nos saraus do Colégio Artístico tinha deixado más impressões da sua inteligência.

Satan

★

5 DE MAIO DE 1866 — Este folhetim de *A Literatura em Barulho* está praticamente à margem da polémica. A propósito de Bulhão Pato, o autor traça um panorama da situação portuguesa no quadro político internacional. Referimos na «Nota Final» a decisão de eliminarmos desta obra todos os folhetos que, embora citados nas bibliografias, não dissessem rigorosamente respeito à polémica. Como os leitores se recordam, o critério que nos orientou na apresentação dos «Textos Adicionais» foi um pouco diferente. Aqui acolhemos todos os textos que nos pareceram, como dissemos no 1.^o volume, «de importância para o esclarecimento crítico e ideológico da famosa controvérsia». Por tais razões incluímos este folhetim nos «Textos Adicionais».

A LITTERATURA EM BARULHO

XXVII

«Os génios privilegiados são tão indulgentes, como intolerantes os soílos compellidos a censurar todos para encobrirem seus defeitos.»

(D. Wenceslau Ayguais de Izco)

No Colégio Artístico Commercial, de que é director o distinto escritor Sr. José Maria de Andrade Ferreira, tiveram lugar, nos meses de Fevereiro e Março último, doze saraus literários, em que falaram os Srs. Rebelo da Silva, Jaime Moniz, Osório de Vasconcelos, Pinheiro Chagas, Acácio Caldeira, barão de Barcelinhos, Bulhão Pato, Cunha Belém, Sousa Lobo, Tomás Ribeiro, Ricardo Guimarães e A. F. de Castilho, os quais todos têm tratamento de Ex.^a, se o programa não mentiu. E se o programa não foi exacto nesse ponto, também não há que ralhar por isso, porque *quod abundat non nocet*.

Os saraus foram abertos no dia 20 de Fevereiro com uma brilhante introdução do Sr. Rebelo da Silva. Estes saraus do Colégio Artístico Commercial revelaram ao público a existência de mais um grande orador político. Sabia-se que Bulhão Pato é um grande talento e um primoroso poeta inventor. No dia 6 de Março último, depois do discurso do Sr. Bulhão Pato sobre *Garrett e a Revolução Liberal*, o público de Lisboa ficou sabendo que o autor da *Paqueta* é um orador político de grande força, e que, uma vez entrado no Parlamento, há-de illustrar muito a nossa tribuna.

Durante mais de uma hora, Bulhão Pato soube ter em constante entusiasmo a parte mais esclarecida da sociedade de Lisboa, que correrá ao Colégio Artístico Commercial para assistir à estreia oratória do illustre poeta. Os espiritos da assembleia estavam todos comovidos e como maravilhados de tamanha eloquência, onde a par da majestade e beleza das imagens se notava a grandeza das ideias, e uma mui brilhante filosofia da história. E que Bulhão Pato é incontestavelmente um talento colossal.

Estamos, porém, num país onde os analfabetos com facilidade ocupam uma cadeira em S. Bento, sendo ao mesmo tempo

difícil fazer ali entrar inteligências superiores e que podem honrar a tribuna portuguesa. O povo é enganado ou corrompido pelas autoridades, e dá diplomas a quem os não merece por serviços ou talentos. E, para desviar as inteligências do Parlamento, militam também as pequenas misérias e as invejas mesquinhas, porque o meio, como diz Vitor Hugo, não comprehende o que lhe é superior, e é por isso sempre que, afora as cinco ou seis excepções imensas que produzem o esplendor de um século, a admiração contemporânea é sempre míope.

Bem diz José Lavallée que aflige ver a Providência deter na sua carreira projectos fundados sobre a lealdade e grandeza de alma, e deixar triunfar intrigas cujo êxito muitas vezes não depende senão da astúcia e da venalidade. Parece que para a Providência não têm valia as virtudes humanas.

Bulhão Pato esboçou brilhantemente, a largos traços, a história política de Portugal de 1817 a 1834. Parou no vulto grandioso de José Mouzinho, desse homem que seguiu o preceito de Wenceslau Ayguals de Izco. *A boa intenção deve servir de égide à audácia.* Bulhão Pato apresentou José Mouzinho como o maior vulto da revolução liberal. E assim é. José Mouzinho, duque de Bragança e Passos Manuel são os três grandes reformadores deste país, depois da época do marquês de Pombal. José Mouzinho teve a audácia e o patriotismo suficiente para destruir os grandes abusos. Pagaram-lhe com negra ingratitude. Ele mesmo o dá a entender no seu testamento, como o Sr. Bulhão Pato o fez ver à assembleia.

Custa sempre neste país o fazer justiça aos grandes reformadores. Hoje ainda não é tempo de fazer justiça ao duque de Loulé e a Joaquim Tomás Lobo de Avila. Mas a posteridade há-de saber exaltar estes dois homens públicos que, com a abolição dos morgados e com a do monopólio do tabaco, realizaram uma grande revolução económica.

Para governar não basta o mérito. É preciso ter audácia para o bem, arcar com os abusos, não trepidar diante das reformas necessárias, e saber marchar na via do progresso. Isto fizeram José Mouzinho com os imortais decretos da Terceira, D. Pedro IV com a extinção dos frades, Passos Manuel com as leis de 1836, duque de Loulé e Joaquim Tomás Lobo de Avila com a abolição dos morgados e do monopólio do tabaco.

Havemos de ter ainda outros grandes reformadores que acabem com os prazos, que realizem a desamortização dos bens de

mão morta, que matem o patrio hereditário, e que ponham um termo ao escândalo da escravatura das colónias.

Todas estas ideias de reformas têm sido iniciadas pela imprensa liberal do país, como o têm sido na Imprensa e no Parlamento a liberdade de cultos. Sem liberdade de cultos não há liberdade de consciência. E sem liberdade de consciência não há verdadeira liberdade política. Diz E. Laboulaye:

«Le citoyen doit à l'Etat l'obéissance civile jusqu'au sacrifice de sa vie, il ne lui doit pas le sacrifice de sa conscience et de sa raison.»

Bulhão Pato foi talvez injusto na apreciação que, no seu eloquentíssimo discurso, fez dos revolucionários de 1820. Bem sabemos que, em revolução, oito dias equivalem a anos, e que em revolução não deve haver meia audácia, e que há ocasiões em política em que a verdadeira grandeza de alma consiste em se fazer temer. Mas a verdade é que os homens de 1820 iniciaram a revolução liberal, e se sucumbiram na sua obra, foi isso devido, não a eles, mas à reacção europeia que matou a liberdade em Itália, e enviou o duque de Angoulême com 100 000 franceses a combater o liberalismo espanhol. A reacção de 1823, em Portugal, não foi filha dos desacertos dos homens de 24 de Agosto de 1820, foi consequência inevitável da aliança dos reis contra os povos.

Satan



5 DE MAIO DE 1866 — No *Jornal do Comércio*, Pinheiro Chagas junta a sua voz aos últimos ecos da polémica, que está realmente a declinar. A cadência dos folhetos diminuiu, na imprensa já não se fala no assunto e até na correspondência Castilho-Camilo se desvaneceu o interesse em falar nos Coimbrões.

(...)

Ora isto é triste. Isto é grave. Isto é um grande mal e uma grande injustiça, como dizia o Sr. Antero de Quental nesses remotos tempos em que andou travada neste nosso mundo literário uma célebre questão que o leitor já se não lembra nem eu. Isto é triste, repito. Tudo se vai dissipando nas brumas destes horizontes, que tão rapidamente mudam no caminhar febril do nosso século. O homem não vive só de pão, disse Jesus Cristo,

o homem não vive só de contratos Debrousse, dizemos nós. É necessário também que a Natureza não conspire contra a Humanidade. Reclamo a Primavera, quero a Primavera, aqui d'el-rei que mobilizaram a Primavera, amortizaram a Primavera, hipotecaram a Primavera, reduziram-na a acções, sujeitaram-na às conservatórias, não sei o que lhe fizeram, enfim; mas a Primavera pôs-se a andar, foi-se, desapareceu.

(...)

Pinheiro Chagas



10 DE MAIO DE 1866 — Penúltimo folhetim da série *A Literatura em Barulho*. Satan trata nele das personalidades de Bulhão Pato e Tomás Ribeiro.

A LITERATURA EM BARULHO

XXVIII

*«L'infalibilité n'est point la liberté,
mais une suprématie illimitée.»*

Tratando da questão literária, referimo-nos ao discurso do Sr. Bulhão Pato no Colégio Artístico Comercial, porque o distinto poeta aludiu ao Sr. A. F. de Castilho, e aos que combatem a infalibilidade de Tibur.

Na *Crítica Literária do Poema da Mocidade* do Sr. M. P. Chagas, incontestavelmente ninguém foi mais injusta e cruelmente ofendido do que o Sr. Bulhão Pato, como aquele que melhor podia desempenhar as funções de professor de Literatura Moderna no Curso Superior de Letras; quando todos sabiam que o Sr. Pato estava resolvido a ir ao concurso, saiu o Sr. Castilho a recomendar um outro indivíduo para essa cadeira!

O Sr. Bulhão Pato respondeu a este procedimento do Sr. Castilho com uma generosidade que prova bem a sua grandeza de alma e a imensa bondade do seu coração. No discurso pronunciado, no dia 10 de Março último, no Colégio Artístico Comercial, o Sr. Bulhão Pato, aludindo ao barulho que aí vai entre a literatura, não teve senão palavras de benevolência para o Sr. A. F.

de Castilho. Não o censuramos por isso. Arcide Dusolier diz: «*L'indulgence est la bonté de l'esprit.*»

Oxalá que a lição aproveitasse a Tibur, e que lá se convençam da verdade das seguintes linhas escritas pelo Sr. António Borges Cardoso de Figueiredo: «Entre a literatura e a virtude existe uma íntima aliança: sendo aquela o belo ideal do mundo intelectual, e esta a do mundo moral.»

Em Tibur notou-se sempre a ausência do instinto das grandes conveniências, coisa que nem o tempo dá nem o próprio estudo concede, como Lamartine sustenta. Mas a verdade é, como bem diz A. Jendy-Dugour, que «*les préceptes de la morale sont si faibles auprès des passions!*»

Desculpe-nos Tibur de lhe falarmos com esta franqueza. Mas ela está no nosso carácter. E em Tibur não se costuma poupar ninguém, com excepção dos sócios da *admiração mútua*. Nem a Camões se perdoou! Mas, se Garrett fosse vivo, diria da *Conversação Preambular* o que disse das verrinas de José Agostinho contra Camões: «A posteridade não perdoará decerto ao bem conhecido padre José Agostinho de Macedo a sua estulta rivalidade com o autor d'*Os Lusitadas*.»

Garrett é o autor dos seguintes versos:

*Soa o brado ingente
Já pela Europa; e o nome lusitano
Ao nome de Camões eterno se une.*

Comparem-se estes versos do imortal Garrett com a verrina do Sr. Castilho contra Camões, na *Conversação Preambular* ao D. Jaime de Tomás Ribeiro.

Como falamos no Sr. Tomás Ribeiro, não será fora de propósito aludir também ao seu discurso acerca da *poesia popular e o seu influxo na educação*, pronunciado no sarau literário do Colégio Artístico Comercial na noite de 13 de Março do corrente ano.

É Tomás Ribeiro um moço de talento mas a quem Tibur e o campanário têm altamente prejudicado na sua reputação literária e política. Agarrado à infalibilidade de Tibur, o jovem poeta quase que se esterilizou para as letras. O homem de letras não pode estar sujeito a supremacias literárias, nem escravizar-se a infalibilidades humanas. Não há liberdade onde há pensamento de infalibilidade. Sujeito às exigências de campanário, a liber-

dade e o progresso não podem também nada esperar do talento de Tomás Ribeiro.

No Parlamento, Tomás Ribeiro combate a desamortização e o casamento civil, para agradar ao campanário. Acima da ideia, acima dos princípios, parece que o jovem poeta coloca o interesse do campanário, porque ao campanário as irmandades e o clero dão votos. O deputado político, o homem da geração nova ofusca-se diante do candidato futuro, que não quer desagradar às irmandades e confrarias do seu campanário. É triste, mas está sendo vulgar. A lei dos círculos de um deputado dificilmente dá deputados políticos. E o deputado, puramente de campanário, é estéril para o progresso e para a liberdade do País.

No Colégio Artístico Comercial, o Sr. Tomás Ribeiro falou como homem do século passado, e em estilo de José Acúrsio das Neves. Não parecia um rapaz do século XIX. Sua oração foi mais a apologia da reacção do que outra coisa. Esteve de acordo com o seu procedimento na comissão de legislação com respeito ao casamento civil.

O Sr. José Maria de Andrade Ferreira é digno dos maiores elogios, por ter promovido no excelente colégio, de que é director, os saraus literários. A estes saraus se deve a brilhante estrela oratória de Bulhão Pato.

Satan

★

17 DE MAIO DE 1866 — Último folhetim de Félix Rodrigues. Continua a análise dos discursos pronunciados nos saraus literários do Colégio Artístico Comercial. No fim acrescenta um *Catálogo Cronológico dos Opúsculos Publicados* sobre a questão literária. A lista não é completa e estranhamente refere o opúsculo de Costa Gooldofim que, como atrás se disse, não consideramos dever ser incluso na polémica. Cremos que esta bibliografia, como explicamos na «Nota Explicativa» ao 2.º volume, deve ter servido de fundamento a bibliografias posteriores que avolumaram as suas inexactidões.

A LITTERATURA EM BARULHO

XXIX

«Os que em cada vocação sonham ver um rival, e para escurecerem os próprios defeitos assoalham sem cerimónia os inventos da calúnia, esses lamento-os.»

(J. M. Pereira Rodrigues)

Os saraus literários do Colégio Artístico Comercial revelaram, além de Bulhão Pato, um outro talento oratório, o de M. Pinheiro Chagas. Nas noites de 27 de Fevereiro e de 17 de Março do corrente ano, orou ali o Sr. M. Pinheiro Chagas, e mostrou-se orador fácil e correcto. Não é um orador tão brilhante como Bulhão Pato, mas tem grandes dotes oratórios e uma eloquência apreciável.

O seu primeiro discurso sobre a crítica corroborou-nos na opinião de que o jovem escritor, dentro em pouco tempo, será um crítico consumado, principalmente se se desprir de todas as paixões, e se, entregando-se exclusivamente às suas inspirações e ao seu bom senso, se desprender dos conselhos de Tibur.

Façamos justiça ao Sr. Pinheiro Chagas. É ele um dos maiores talentos da geração nova. Negá-lo só o pode fazer a inveja ou a ignorância. É preciso, como diz o Sr. Pereira Rodrigues, lamentar os que em cada vocação sonham ver um rival e, para escurecerem os próprios defeitos, assoalham sem cerimónia os inventos da calúnia.

No discurso de 17 de Março, o Sr. M. Pinheiro Chagas foi substituir o Sr. J. C. Vieira de Castro, que negócios particulares obrigaram dias antes a sair desta capital. O Sr. Chagas orou pouco nessa noite, mas brilhantemente.

O programa não falava num discurso do Sr. A. F. de Castilho, mas o papa reconciliou-se, segundo se diz, com o Sr. Andrade Ferreira, para ir ao último sarau, e chegado lá falou em verso e em prosa. Falou do método repentino, e lamentou que não tivéssemos poetas políticos. Houve palmas, e tudo o mais que se usava nas festas preparadas outrora pelo Sr. A. F. de Castilho.

O Sr. barão de Barcelinhos fez uma brilhante prelecção sobre direito criminal, no sarau de 3 de Março. O Sr. Sousa Lobo mostrou-se um profundo filósofo, no sarau de 10 de Março, discursando acerca da ideia de Deus. E o Sr. Ricardo Guimarães,

um dos nossos primorosos escritores políticos, sustentou com brilhantismo de palavra, no sarau de 15 de Março, a necessidade de introduzir o conhecimento das instituições políticas nas primeiras noções do ensino.

Ao findar este nosso trabalho, devemos pedir desculpa aos leitores da extensão do nosso trabalho. Bem sabemos que as *maçadas* estão proibidas, mas enfim contamos com a benevolência dos leitores.

Por último aí vai o:

CATÁLOGO CRONOLÓGICO DOS OPÚSCULOS PUBLICADOS até hoje, sobre a actual questão literária:

- 1.º — *Carta do Sr. A. F. de Castilho ao Editor A. M. Pereira sobre o Poema da Mocidade*, do Sr. M. Pinheiro Chagas.
- 2.º — *Bom Senso e Bom Gosto*, carta do Sr. Antero de Quental ao Ex.º Sr. A. F. de Castilho.
- 3.º — *Bom Senso e Bom Gosto*, folhetim do Sr. Pinheiro Chagas a propósito da carta ao Sr. A. de Quental.
- 4.º — *Bom Senso e Bom Gosto*, resposta do Sr. Manuel Roussado à carta do Sr. A. de Quental.
- 5.º — *Carta de Elmano da Cunha a outra Bom Senso e Bom Gosto* dirigida pelo Sr. A. de Quental ao Sr. A. F. de Castilho.
- 6.º — *O Sr. A. F. de Castilho e o Sr. A. de Quental*, por Júlio Castilho.
- 7.º — *As Teocracias Literárias*, por Teófilo Braga.
- 8.º — *A Dignidade das Letras e as Literaturas Officiais*, por A. de Quental.
- 9.º — *Lisboa, Coimbra e Porto e a Questão Literária*, por Rui de Porto-Carrero.
- 10.º — *Os Literatos em Lisboa*, poemeto por A. Ferreira de Freitas, illustrado por Jerónimo da Silva Motta.
- 11.º — *O Mau Senso e o Mau Gosto*, de Amaro Mendes Gaveta.
- 12.º — *Carta de Boas-Festas a Manuel Roussado*, por S. de A.
- 13.º — *Literatura de Hoje*, por J. D. Ramalho Ortigão.
- 14.º — *Vaidades Irritadas e Irritantes*, por Camilo Castelo Branco.
- 15.º — *Castilho e Quental*, por Augusto Malheiro Dias.
- 16.º — *Questão de Palheiro*, por Urbano Loureiro.
- 17.º — *Garrett, Castilho, Herculano e a Escola Coimbrã*, pelo Eremita do Chiado.
- 18.º — *A Literatura Ramalhuda*, por G. F.

A AGUIA

NO OVO E NOS ASTROS,

SIVE

A ESCHOLA COIMBRÃ

NA SUA AURORA E EM SEO ZENITH.

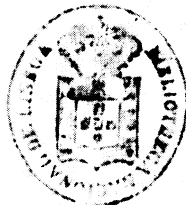
Livro de propaganda, destinado a dous enormes fins:
o 1.º restituir a gloria da noção ao verdadeiro fundador da Eschola;
o 2.º demonstrar, por meio de commentarios a uma das mais primorosas produções
da Eschola, que se naquella religião litteraria pode haver salvação;

Escola? Escola!

Heuz., Cap. VI.

POR

Um Lisboa convertido.



Rio de Janeiro

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO, DE PEREIRA BRAGA

17 Travesa do Outeiro - 25

1888.

- 19.º — *Carta ao Ex.º Manuel Pinheiro Chagas*, pelo seu Estapafúrdio Admirador Costa Gooldofim.
- 20.º — A. F. de Castilho e J. A. de Freitas Oliveira, *A Questão Literária. A propósito do Jazigo de José Estêvão*.
- 21.º — *Os Coimbrões*, por José Francisco, calador da Rainha do Congo.
- 22.º — *A Escola Coimbrã*, por José Feliciano de Castilho.
- 23.º — *A Escola Coimbrã*, por José Feliciano de Castilho.
- 24.º — *Guelfos e Gibelinos*, por Eduardo Vidal.
- 25.º — *Bom Senso e Bom Gosto*, por P. W. de Brito Aranha.
- 26.º — *Literatura de Amanhã*, por Eduardo Salgado.
- 27.º — *Pena e Espada*, por Carlos Borges.
- 28.º — *Antero de Quental e Ramalho Ortigão*, por um Anónimo.
- 29.º — *O Tiranete*, por um Anónimo.
- 30.º — *Análise do Folheto do Ermita do Ohiado*, pelo Sacristão de uma Ermida.
- 31.º — A. A. Telxeira de Vasconcelos, A. F. de Castilho, A. Osório de Vasconcelos, *Sobre a Questão Coimbrã*.
- 32.º — *Verdadeira Luz Derramada na Questão Literária, e Supremo Remate a ela*.
- 33.º — Prefácio de Gomes de Amorim ao 1.º volume, 2.ª edição, dos seus *Versos*.
- 34.º — *Delenda Tibur*, folhetim da *Voz Académica*.
- 35.º — *Horácios e Curiáceos*, por A. M. Cunha Belém.

Satan

★

21 DE MAIO DE 1866 — Referência, numa carta de Castilho a Camilo, aos dois folhetos de José Feliciano de Castilho. Deve tratar-se da *Águia no Ovo*.

Meu caro Camilo:

(...)

Aí remeto mais dois folhetos de meu irmão José. Estimarei que lhe agradem. Será uma glória para o autor.

(...)

De V. Ex.ª

o mesmo que sempre e para sempre
A. F. de Castilho

Lisboa, 21 de Maio de 1866.

★

25 DE MAIO DE 1866 — De Famalicão, Camilo responde a Castilho.

Meu Amigo:

(...)

Não recebi os 2 folhetos do mano de V. Ex.^a Escrevi-lhe há dias por pessoa que foi ao Rio de Janeiro.

De V. Ex.^a
am.^o affectuosíssimo
Camilo C. Br.^o

Fam., 25 de Maio de 1866.

★

12 DE JUNHO DE 1866 — Castilho pergunta de novo a Camilo se já recebeu os folhetos do irmão, e desta vez cita-lhes o nome: *Agua no Ovo*.

Meu caro Camilo:

(...)

Recebeu V. Ex.^a a *Agua no Ovo*, que eu daqui lhe mandei? Se lhe não chegou lá, queira dizer-me para eu lhe remeter logo outro exemplar.

De V. Ex.^a
o mesmíssimo que sempre
A. F. de Castilho

Castilho de
Castilho de

Lisboa, 12 de Junho de 1866.

★

18 DE JUNHO DE 1866 — Resposta de Camilo. Aqui terminam as referências a polémica.

Meu prezado Amigo:

(...)

Recebi os folhetos do Sr. Conselheiro Castilho. Seu irmão, meu querido mestre, também é um espirito de moço literaria-

mente muito travesso, com a erudição de quem andou a grangeá-la trezentos anos.

Que sova leva o ilhéu! Que lhe preste, e o melhore, que está novo para aproveitar.

De V. Ex.^a
Camilo C. Br.^o

S. Miguel de Seide, 18 de J.º de 66.

III

BIBLIOGRAFIA E CRONOLOGIA | Comentário crítico
DA POLÊMICA

CHEGAMOS ao fim da publicação dos textos da Polémica *Bom Senso e Bom Gosto*. A enorme quantidade de material que os organizadores foram encontrando obrigou-os a acrescentar ao plano inicial mais este volume.

Ao longo dos quatro tomos mantivemos, como o leitor verificou, o plano inicial de divisão em «Peças Fundamentais», «Notas», e «Textos Adicionais». Este volume foi completado, como havíamos prometido, com índices remissivos de autores, obras, personagens mitológicas, literárias e históricas, e ainda um glosário de termos utilizados por Castilho. Não queremos deixar de confessar que não nos sentimos inteiramente satisfeitos com a forma como elaborámos os índices, mas nas condições em que nos encontramos não nos foi possível trabalho mais exaustivo. Talvez um dia, numa nova edição do *Bom Senso*, os possamos completar tal qual o desejaríamos. Oxalá.

Em cumprimento da promessa feita na «Nota Explicativa» do 2.º volume, pomos ao alcance do leitor uma bibliografia do *Bom Senso e Bom Gosto*, elaborada com o material que coligimos. Cingir-nos-emos, quanto possível, ao critério cronológico, embora separando a lista dos opúsculos (onde tal critério é de mais difícil aplicação) da dos artigos (cuja cronologia é perfeitamente detectável). Aproveitaremos ainda a oportunidade para fazer algumas observações críticas às clássicas bibliografias da Polémica, principalmente às de Inocêncio F. da Silva (*Dicionário Bibliográfico Português*), F. A. Martins de Carvalho (*Algumas Horas na Minha Livraria*), Fran Paxeco (*A Escola Coimbrã e a Dissolução do Romantismo*), Teófilo Braga (*As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa*), Félix Rodrigues (29.º folhetim da série *A Literatura em Barulho*).

Bibliografia cronológica da polémica
«Bom Senso e Bom Gosto»

I — OPOSÚLOS (PEÇAS FUNDAMENTAIS)

1.º vol. — 1865

- 1 — *Crítica Literária* — António Feliciano de Castilho. *Carta do II.º e Ex.º Sr. António Feliciano de Castilho ao Editor*, na edição do *Poema da Mocidade* de Manuel Pinheiro Chagas.
- 2 — *Bom Senso e Bom Gosto. Carta ao Ex.º Sr. António Feliciano de Castilho*, por Antero de Quental. Imprensa Literária, Coimbra.
- 3 — *Bom Senso e Bom Gosto. Folhetim a propósito da Carta Que o Sr. Antero de Quental Dirigiu ao Sr. A. F. de Castilho*, por Manuel Pinheiro Chagas. (Folhetim publicado no *Jornal do Comércio* de 22 de Novembro e que depois salu em folheto.)
- 4 — *Bom Senso e Bom Gosto. Resposta à Carta Que o Sr. Antero de Quental Dirigiu ao Ex.º Sr. António Feliciano de Castilho*, por Manuel Roussado. Lisboa.
- 5 — *Carta em resposta a Outra Bom Senso e Bom Gosto Dirigida por Antero de Quental ao Ex.º Sr. António Feliciano de Castilho, o Incomparável Tradutor dos Fastos de Ovidio, Obra em Que Se Faz o Confronto de Rómulo e Jesus Cristo, Oferecida ao Incomparável Duque de Saldanha*, por Eilmano da Cunha. Imprensa da Universidade, Coimbra.
- 6 — *O Senhor António Feliciano de Castilho e o Senhor Antero de Quental*, por Júlio de Castilho. Imprensa de J. G. de Sousa Neves, Lisboa.
- 7 — *As Teocracias Literárias. Relance sobre o Estado Actual da Literatura Portuguesa*, por Teófilo Braga. Tipografia Universal, Lisboa.
- 8 — *A Dignidade das Letras e as Literaturas Officiais*, por Antero de Quental. Tipografia Universal, Lisboa.
- 9 — *A Carta do Sr. Antero de Quental ante os Srs. Pinheiro Chagas, M. Roussado e J. de Castilho*, por Rui de Porto-Carrero. Tipografia Universal, Lisboa.
- 10 — *Os Literatos em Lisboa*. Poemeto por A. Ferreira de Freitas, illustrado por Jerónimo da Silva Mota, bacharel nas Faculdades de Teologia e Direito. Imprensa Literária, Coimbra.

- 11 — *Pax*, por A. A. Teixeira de Vasconcelos. (Folhetim saído na *Gazeta de Portugal* de 27 de Dezembro. Publicado depois em folheto juntamente com os artigos de A. F. Castilho [*Bellum*] e A. Osório de Vasconcelos [*A Escola Pseudo-Filosófica de Coimbra*].)
- 12 — *Bellum*, por António Feliciano de Castilho. (Carta publicada na *Gazeta de Portugal* de 28 de Dezembro, em resposta ao folhetim de A. A. Teixeira de Vasconcelos.)

2.º vol. — 1866 (Janeiro)

- 13 — *Bom Senso e Bom Gosto. Carta de Boas-Festas a Manuel Roussado*, por S. d'A. (Severino de Azevedo). Imprensa da Universidade, Coimbra.
- 14 — *O Mau Senso e o Mau Gosto. Carta mui Respeitosa ao Ex.º Sr. António Feliciano de Castilho, em Que Se Fala de Todos e de Muitas Pessoas Mais, com Uma Conversação Preambular por Gaveta Mendes Amaro*, por Amaro Mendes Gaveta. Imprensa J. G. de Sousa Neves, Lisboa.
- 15 — *Literatura de Hoje*, por J. D. Ramalho Ortigão. Tipografia do Jornal do Porto, Porto.
- 16 — *A Escola Pseudofilosófica de Coimbra*, por Alberto Osório de Vasconcelos. (Artigo saído no *Jornal do Comércio*, a 18 de Janeiro. Publicado depois em folheto.)
- 17 — *Vaidades Irritadas e Irritantes. Opúsculos acerca Duns Que Se Dizem Ofendidos em Sua Liberdade de Consciência Literária*, por Camilo Castelo Branco. Casa da Viúva Moré, Porto.
- 18 — *Os Coimbrões. Questão em Que também Entra pelos Cem Réis José Francisco, Catador da Rainha do Congo, com Uma Dedicatória (Que por Economia Vai nas Custas)*, por Diogo Bernardes. Tipografia de José Pereira, Porto.
- 19 — *Castilho e Quental. Reflexões sobre a Actual Questão Literária*, por Augusto Malheiro Dias. Tipografia Francisco Gomes de Fonseca.
- 20 — *A Literatura Ramalhuda. A propósito dos Srs. Castilho e Ramalho Ortigão*. Imprensa Nacional, Coimbra.
- 21 — *Literatura Portuguesa. A. F. de Castilho e a Carta Que Acompanha o Poema da Mocidade*, por Arqu-Zero. Tipografia Perseverança, Rio de Janeiro.
- 22 — *Antero de Quental e Ramalho Ortigão*, por A. do C. Imprensa da Universidade, Coimbra.

- 23 — *Lisboa, Coimbra e Porto e a Questão Literária*, por Rui de Porto-Carrero. Tipografia Universal, Lisboa.
- 24 — *A Questão Literária. A propósito do Jazigo de José Estêvão, Cartas dos Srs. A. F. de Castilho e J. A. de Freitas Oliveira*. Tipografia da Gazeta de Portugal, Lisboa.
- 25 — *Questão de Palheiro. Coimbrões e Lisboaetas*. Tipografia de Manuel José Pereira. Porto.

3.º vol. — 1866 (Fevereiro)

- 26 — *António Feliciano e Antero de Quental*, por Urbano Loureiro. Tipografia de Manuel José Pereira, Porto.
- 27 — *A Escola Coimbrã. Cartas do Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha ao Correio Mercantil do Rio de Janeiro (1.ª Parte)*. Tipografia do Futuro, Lisboa.
- 28 — *A Escola Coimbrã. Cartas do Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha ao Correio Mercantil do Rio de Janeiro (2.ª Parte)*. Tipografia do Futuro, Lisboa.
- 29 — *O Tirannete. Quental e Ortigão*. Livraria e Tipografia de J. G. da Fonseca, Porto.
- 30 — *Literatura de amanhã. Duas Palavras acerca do Sr. A. de Quental*, por E. A. Salgado. Tipografia do Comércio do Porto, Porto.
- 31 — *Literatura de ontem. Breves Reflexões sobre a Questão Literária*, por António Peixoto do Amaral. Tipografia de José Pereira da Silva, Porto.
- 32 — *O Bom Senso e o Bom Gosto. Humilde Parecer de Brito Aranha com Uma Carta do Sr. A. F. de Castilho*. Livraria de A. M. Pereira, Lisboa.
- 33 — *Pena e Espada. Duas Palavras acerca da Literatura de Hoje de J. D. Ramalho Ortigão*, por Carlos Borges. Tipografia Lusitana, Porto.
- 34 — *Garrett, Castilho, Herculano e a Escola Coimbrã, ou Dissertação acerca da Genealogia da Moderna Escola, Contendo Um Esboço Rápido e Pitoresco da Literatura Contemporânea*, pelo Ermita do Chiado. Imprensa de J. G. de Sousa Neves, Lisboa.
- 35 — *As Letras no Brasil. Duas Palavras acerca de Um Folheto do Sr. Antero de Quental*, por J. E. Romeu Soares Júnior. Tipografia de G. Gouveia, Braga.

- 36 — *Guelfos e Gibelinos. Tentativa Crítica sobre a Actual Polémica Literária*, por E. A. Vidal. Livraria de António Maria Pereira, Lisboa.
- 37 — *Bom Senso e Bom Gosto. Análise Crítica, Rápida, Despreziosa, Feita ao Folheto Intitulado Garrett, Castilho, Herculano e a Escola Coimbrã*, pelo Sacristão de uma Ermida. Tipografia da Rua da Encarnação, Lisboa.
- 38 — *Verdadeira Luz Derramada na Questão Literária e Supremo Remate a Ela*, pela Sombra de Cícero. Imprensa J. G. de Sousa Neves, Lisboa.

4.º vol. — 1866 (Março a Junho)

- 39 — *Delenda Tibur. Primeira aos Homens da Cigarra e do Ermo. Dedicada a Todos os Ramalhudos Ortigões e à Escola do A-Bê-Cê Repentino*. Tipografia da Rua da Vinha, Coimbra.
- 40 — *Horácios e Curiáceos. Ou Mais Um Ponto e Virgula na Actual Questão Literária*, por A. M. Cunha Belém. Tipografia da Sociedade Tipográfica Franco-Portuguesa, Lisboa.
- 41 — *Literatura Lilliputiana*, por Urbano Loureiro (capítulo do livro *Perfis Burlescos*). Tipografia Lusitana, Porto.
- 42 — *A Imprensa na Gaiola*. Poemeto. 1.ª Parte. Imprensa de J. G. de Sousa Neves, Lisboa.
- 43 — *A Águia no Ovo e nos Astros, Sive a Escola Coimbrã na Sua Aurora e em Seu Zénite* (1.ª Parte), por Um Lisboaeta Convertido. Tipografia do Comércio, Rio de Janeiro.
- 44 — *A Águia no Ovo e nos Astros, Sive a Escola Coimbrã na Sua Aurora e em Seu Zénite* (2.ª Parte), por Um Lisboaeta Convertido. Tipografia do Comércio, Rio de Janeiro.

II — ARTIGOS QUE FAZEM PARTE DA POLEMICA,
CA, SAIDOS EM JORNAIS OU PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS, COLIGIDOS NESTA EDIÇÃO

PUBLICAÇÃO	DATA	AUTOR	PAG.
1.º vol. — 1865			
<i>Jornal do Comércio</i> (folhetim)	5/Maio	Pinheiro Chagas	302
<i>O Comércio do Porto</i> >	5/Junho	> >	303
<i>Jornal do Comércio</i> >	23/Julho	> >	304
<i>Jornal do Comércio</i> >	11/Agosto	> >	309
<i>Século XIX</i> >	23/Agosto	Germano Meireles	343
<i>Século XIX</i> >	26/Agosto	> >	347
<i>Século XIX</i> >	30/Agosto	> >	350
<i>Jornal do Comércio</i> >	2/Setembro	Pinheiro Chagas	359
<i>Jornal do Comércio</i> >	10/Setembro	> >	353
<i>Gazeta de Portugal</i> >	20/Setembro	Olimpio de Freitas	393
<i>Gazeta de Portugal</i> >	25/Setembro	Guimarães Fonseca	358
<i>Jornal do Comércio</i> >	26/Setembro	Pinheiro Chagas	359
<i>O Comércio do Porto</i> (artigo)	27/Setembro	L. S.	396
<i>Gazeta de Portugal</i> >	19/Outubro	E. A. Vidal	401
<i>Gazeta de Portugal</i> (carta)	22/Outubro	A. F. de Castilho	407
<i>Gazeta de Portugal</i> (artigo)	3/Novembro	E. A. Vidal	411
<i>Dário Mercantil</i> >	23/Novembro	Alvaro do Carvalho	416
<i>Piparote</i> >	29/Novembro	Anónimo	429
<i>A Liberdade</i> (folhetim)	30/Novembro	Anónimo	430
<i>Gazeta de Portugal</i> (artigo)	30/Novembro	E. A. Vidal	433
<i>Revista de Coimbra</i> (crónica)	1/Dezembro	J. Vale	439
<i>Gazeta de Portugal</i> (carta)	1/Dezembro	A. F. de Castilho	442
<i>A Liberdade</i> (folhetim)	7/Dezembro	Anónimo	446
<i>Revista de Coimbra</i> (crónica)	15/Dezembro	J. Vale	454
<i>Bocage</i> (artigo)	16/Dezembro	Urbano Loureiro	459
<i>Gazeta de Portugal</i> >	17/Dezembro	E. A. Vidal	462
<i>Gazeta de Portugal</i> (carta)	17/Dezembro	A. F. de Castilho	469
<i>A Liberdade</i> (folhetim)	17/Dezembro	Anónimo	471
<i>A Liberdade</i> (cartas)	17/Dezembro	Júlio e Eugénio de Castilho	383
<i>A Liberdade</i> (folhetim)	21/Dezembro	Anónimo	477
<i>Gazeta de Portugal</i> (carta)	22/Dezembro	A. F. de Castilho	480
<i>A Liberdade</i> >	24/Dezembro	Júlio de Castilho	384
<i>A Liberdade</i> (artigo)	24/Dezembro	J.	484
<i>Jornal do Comércio</i> >	31/Dezembro	Pinheiro Chagas	489
2.º vol. — 1866 (Janeiro)			
<i>Revista de Coimbra</i> (crónica)	1/Janeiro	J. Vale	307
<i>O Panorama</i> (artigo)	Janeiro	Inocência da Silva	309
<i>O Panorama</i> >	Janeiro	Zacarias Aça	311
<i>A Liberdade</i> (folhetim)	4/Janeiro	Anónimo	315

BIBLIOGRAFIA E CRONOLOGIA

PUBLICAÇÃO		DATA	AUTOR	PAG.
<i>O Português</i>	(folhetim)	9/Janeiro	J. F. Rodrigues	322
<i>O Panorama</i>	(artigo)	Janeiro	Zacarias Aça	324
<i>A Liberdade</i>	(folhetim)	11/Janeiro	Anónimo	329
<i>O Português</i>	>	11/Janeiro	J. F. Rodrigues	332
<i>O Português</i>	>	12/Janeiro	>	336
<i>O Português</i>	>	14/Janeiro	>	340
<i>Revista de Coimbra</i>	(crónica)	15/Janeiro	J. Vale	345
<i>O Português</i>	(folhetim)	18/Janeiro	J. F. Rodrigues	346
<i>O Panorama</i>	(carta)	Janeiro	A. F. de Castilho	318
<i>A Liberdade</i>	(folhetim)	21/Janeiro	Anónimo	351
<i>O Português</i>	>	21/Janeiro	J. F. Rodrigues	354
<i>A Esperança</i>	(artigos)	25/Janeiro	A. Coutinho, J. Chi- maco e A. J. El.	360
<i>O Português</i>	(folhetim)	26/Janeiro	J. F. Rodrigues	366
<i>Jornal do Comércio</i>	>	27/Janeiro	Ricardo Guimarães	369
<i>O Português</i>	>	31/Janeiro	J. F. Rodrigues	380
<i>Jornal do Comércio</i>	>	31/Janeiro	Ricardo Guimarães	384

3.º vol. — 1866 (Fevereiro)

<i>A Liberdade</i>	(folhetim)	1/Fevereiro	Anónimo
<i>O Português</i>	>	4/Fevereiro	J. F. Rodrigues
<i>O Português</i>	>	8/Fevereiro	>
<i>Jornal do Comércio</i>	>	9/Fevereiro	Ricardo Guimarães
<i>O Português</i>	>	11/Fevereiro	J. F. Rodrigues
<i>O Português</i>	>	13/Fevereiro	>
<i>Jornal do Comércio</i>	>	16/Fevereiro	Ricardo Guimarães
<i>O Português</i>	>	18/Fevereiro	J. F. Rodrigues
<i>O Português</i>	>	22/Fevereiro	>
<i>O Comércio do Porto</i>	>	22/Fevereiro	Pinheiro Chagas
<i>Jornal do Comércio</i>	>	22/Fevereiro	> >
<i>O Português</i>	>	27/Fevereiro	J. F. Rodrigues

4.º vol. — 1866 (Março a Julho)

<i>O Português</i>	(folhetim)	3/Março	J. F. Rodrigues
<i>O Português</i>	>	9/Março	>
<i>O Português</i>	>	14/Março	>
<i>O Português</i>	>	20/Março	>
<i>O Português</i>	>	25/Março	>
<i>O Panorama</i>	(artigo)	Março	Inocêncio da Silva
<i>O Panorama</i>	>	Março	Zacarias Aça
<i>O Português</i>	(folhetim)	28/Março	J. F. Rodrigues
<i>O Português</i>	>	5/Abril	>

PUBLICAÇÃO	DATA	AUTOR	PÁG.
<i>O Português</i>	(folhetim) 14/Abril	J. F. Rodrigues	
<i>O Português</i>	> 21/Abril	>	
<i>O Português</i>	> 25/Abril	>	
<i>O Português</i>	> 28/Abril	>	
<i>O Português</i>	> 5/Maio	>	
<i>Jornal do Comércio</i>	> 5/Maio	Pinheiro Chagas	
<i>O Português</i>	> 10/Maio	J. F. Rodrigues	
<i>O Português</i>	> 17/Maio	>	
<i>Jornal do Comércio</i>	(cartas) 31/Julho	Intelectuais brasileiros a A. F. de Castilho e resposta deste	

Comentário crítico

Se algum leitor atento e interessado se consagrar à análise da nossa bibliografia em confronto com qualquer uma das atrás citadas, logo verificará discrepâncias de três espécies:

- 1.º — Na ordenação das peças.
- 2.º — Folhetos citados nessas bibliografias que se não encontram incluídos aqui.
- 3.º — Folhetos citados na nossa bibliografia e que não vêm nelas referidos.

Fazendo rápida análise a estas anomalias, que podem causar estranheza ao leitor bem intencionado, diremos que:

1.º — Os bibliógrafos da *Questão Coimbrã* não se preocuparam em apresentar cronologicamente os textos. Como já adiantámos na «Nota Explicativa» ao 2.º volume, essa cronologia é, por vezes, muito difícil de estabelecer e, até nas referências dos contemporâneos é frequente a confusão. Mesmo nas contracapas de alguns folhetos que trazem a resenha dos opúsculos publicados reina a anarquia. Como já foi dito, esforçámo-nos, na medida do possível, por restabelecer a sequência das peças no tempo.

2.º — Ao elaborar esta bibliografia tivemos em mente eliminar (o que geralmente não sucede nas citadas bibliografias) todas as obras de simples alusão ou estudo sobre a Polémica, escritos, enfim, com referências marginais ou remota ligação com os temas e casos tratados. Sempre que nos pareceu útil

incluí-los na edição, remetemo-los para as «Notas e Textos Anexos». Tal é o caso do artigo de João de Deus *Os Lustadas e a Conversação Preambular*, eco retardado da polémica desencadeada por Ramalho e Pereira de Castro a propósito das afirmações expendidas por Castilho na *Conversação Preambular*, ou ainda da correspondência trocada entre Castilho e Teófilo a propósito das *Tempestades Sonoras*. Eliminámos também tudo o que se pode considerar eco tardio da *Polémica*, e que, quanto a nós, constitui prefácio ou capítulo das várias polémicas sustentadas pela Geração de 70, e que melhor caberá no estudo de conjunto que um dia se virá a fazer. Apesar deste nosso ponto de vista, faremos adiante referência a algumas dessas obras que sistematicamente as bibliografias consideram como peças da *Questão Coimbrã*.

Cabe ainda informar que não incluímos na nossa bibliografia dois escritos que provavelmente aí deveriam figurar. Foi-nos completamente impossível encontrar-lhes o rasto. Aqui deixamos assinalados os seus títulos: *Carta dos Literatos da Bata ao Sr. A. F. de Castilho*, no *Diário do Rio de Janeiro*, n.º 151, 26 de Junho de 1866; *Inteligência Cometa, ou Talento Meteoro, Artigo Provocado pela Carta do Sr. Antero de Quental*, e assinado «Vercin-getorix», publicado no n.º 265 da *Semana Ilustrada* do Rio de Janeiro.

Apresentamos a seguir alguns dos opúsculos que, embora geralmente citados, não deveriam ser considerados peças da Polémica. São eles:

Carta ao Eminentíssimo Senhor Manuel Pinheiro Chagas pelo Seu Estapafúrdio Admirador Costa Gooldofim. Citado por vários bibliógrafos, entre os quais Inocêncio da Silva, Martins de Carvalho, Félix Rodrigues. Salu, na verdade, durante o período da Polémica mas é uma resposta violenta do autor a uma crítica que Pinheiro Chagas fizera a uma sua tradução. Embora contendo alusões satíricas a Tibur, nada tem a ver com os temas tratados no *Bom Senso e Bom Gosto*. Gooldofim termina o folheto com o seguinte N. B.: «Como V. S.ª há-de saber que os Srs. Ramalho Ortigão e Antero de Quental se bateram à espada, sempre é bom preveni-lo, não lhe ocorra também a V. S.ª a ideia de me desafiar, que eu não jogo a sobredita, nem o pau, e para desafio à pistola tenho a vista muito curta. Uso luneta como V. S.ª Só se for à pedrada, é o único recurso que me lembre,

porque o soco não vale; é arma estrangeira e por conseguinte não deve ser aplicada a um Pinheiro português.»

A Fada, Poema de Amor, por F. Guimarães Fonseca. Que o sabemos, apenas é citado por Martins de Carvalho. Trata-se de um poemeto que salu em Coimbra em 1886. Só no fim o autor se refere, em nota satírica, à Polémica.

Segunda Carta de Boas-Festas a Manuel Roussado, por S. d'A. Citado por quase todos os bibliógrafos, eliminámo-la das peças da Polémica por se não referir a nenhum dos temas nela tratados. Trata-se tão-só do cumprimento da promessa que Severino de Azevedo fizera no seu primeiro opúsculo, publicado em Janeiro de 1886, *Carta de Boas-Festas a Manuel Roussado*. Nele o autor prometera a Roussado uma «nova tosa» no caso de ele reincidir. No fim deste segundo escrito, publicado em Janeiro de 1887, Severino de Azevedo acrescentou um soneto de crítica satírica «Aos Vates Transcendentais da Escola Coimbrã», única ligação do folheto com a Polémica. Ei-lo:

*Cabelo desgrenhado, hirsuto e jarto,
A face macilenta, o olhar incerto,
Distingue uns vates d'estrangeiro enxerto
Que ao mundo impingem transcendente parto.*

*Gemem nas líras os bordões d'esparto,
De místico aranzel rompe o concerto.
Um diz que o Sol é hóstia, um mais esperto
Diz que o Céu é quintal e o Deus lagarto.*

*Outro de ventas no ar, imóvel, hirto,
Clama que o Padre Eterno é semimorto,
Aquele aos astros chama etéreo mirto.*

*Deixam com o seu cantar o vulgo absorto,
Que esse grupo fatal, com mágoa advirto,
Das hortas do IDEAL regressa torto.*

Perfis da Comédia Literária. Tentames Críticos, de J. A. da Graça Barreto. Esta obra, publicada em 1869, é um opúsculo de 15 páginas em forma epistolar dirigido a Teófilo. Trata-se de miúda e sangrenta crítica às *Tempestades Sonoras* e à *Visão*

dos Tempos. No fim do escrito o autor alude à Polémica, aproveitando para continuar o seu ataque a Teófilo, declarando as *Teocracias Literárias* um «sacrilégio sem perdão». Não se pense que, pelo facto de assim dizer, o nosso autor seja defensor de Tibur. Muito pelo contrário. É ele o autor de violenta crítica a Castilho a propósito da sua tradução do *Fausto: Lição a Um Literato a propósito do Fausto — Resposta ao Sr. José Gomes Monteiro* (Porto, 1873).

A Casca da Caneleira (Steeple Chase). Por Uma Boa Dúzia de «*Esperanças*». Trata-se de um romance colectivo de escritores brasileiros cujo entrecho é tão incoerente que, por vezes, se torna quase ilegível. Tal falta de lógica é ressaltada no prefácio em que os autores declaram haverem-se convertido ao estilo coimbrão. Trata-se, pois, de uma sátira às pretensas nebulosidades do tal estilo, mas nada no entrecho da obra pode levar a considerá-la peça da Polémica. Saiu em Maranhão, em 1866.

As Susceptibilidades do Sr. Palha e os Colarinhos do Sr. Ortigão, por Um Enfermeiro da Zambézia. Opúsculo publicado em 1869, é uma crítica satírica a Ramalho Ortigão e Francisco Palha, que se haviam envolvido em polémica por o primeiro ter criticado uma tradução do segundo. No princípio do folheto o autor faz breve alusão ao *Bom Senso e Bom Gosto*.

Goliath ou Geth e Bethelêhem, pelo Académico, atribuído a Manuel Cardoso Girão. Este folheto, publicado em 1866, não pertence à polémica de que nos ocupamos mas sim à polémica sobre o casamento civil. O autor propõe-se defender aquilo a que chama a moral católica.

Consciência. Carta aos Ilustríssimos e Ex.^{mas} Srs. Ramalho Ortigão e Eça de Queirós, Redactores das Farpas, por Samuel. Publicado em 1871, é uma crítica aos autores das *Farpas*.

Nicolau Tolentino ou o Cabrion da Literatura de hoje. Almanaque para 1868. Atribuído a Francisco de Almeida, este almanaque, «contendo 103 artigos de crítica literária, redigidos por alguns sócios da Academia dos Humildes e Ignorantes e oferecidos aos colegas da Academia das Ciências», foi publicado em 1867 e contém numerosos artigos de crítica satírica a intelectuais da época, nomeadamente Castilho e Teófilo, que é muito atingido. Poder-se-ia, quando muito, considerá-lo eco tardio da Polémica.

Une Bataille Littéraire en Portugal. La Querelle du «Bom Senso e Bom Gosto», por Raul Pinheiro Chagas. Trata-se da apresentação ao público francês do folhetim com que Manuel Pinheiro Chagas intervém na Polémica. Seu filho, radicado em França, publica em 1901 a tradução desse escrito antecedida de breve resumo da questão, em termos elogiosos para ambas as partes.

3.º — Na nossa bibliografia incluímos muitos artigos que indevidamente não foram considerados como pertencendo à Questão Coimbrã. Como afirmámos, e supomos ter amplamente demonstrado, a Polémica começa verdadeiramente antes da *Crítica Literária* de A. F. de Castilho com as suas famigeradas referências a Antero, Teófilo e Vieira de Castro. Ela vinha a travar-se, embora assolapada, nos folhetins de Pinheiro Chagas, Germano Meireles, Olímpio de Freitas e outros. Daí a inclusão de tais artigos na nossa bibliografia.

Supondo ter assim esclarecido as principais dúvidas do leitor interessado, deixamo-lo entregue a este *mare magnum* de matéria para reflexão, estudo, edificação e até divertimento, esperando que nos perdoe não termos feito melhor.

MARIA JOSÉ MARINHO

ALBERTO FERREIRA

1. ÍNDICE BIOBIBLIOGRÁFICO DOS AUTORES CITADOS

A

ABREU (CASIMIRO José Marques DE) — 1837-1860 — Nasceu no Rio de Janeiro e veio para Portugal em 1853. Aqui esteve quatro anos, colaborando em revistas e jornais com as suas produções poéticas. O seu drama *Camões e o Jau*, representado no Teatro dos Condes, teve assinalado êxito. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 222.

AÇA (Francisco ZACARIAS Araújo da Costa) — 1836-1908 — Colaborador da *Revista Contemporânea*, *Revista do Século* e *O Panorama*. Publicou uma versão das cartas de W. Beckford com o título de *A Corte da Rainha D. Maria I* e estudos sobre a vida portuguesa nos séculos XVII, XVIII e XIX. Participou na Polémica, no início de 1866, com uma série de artigos em *O Panorama* subordinados ao título *A Questão Literária*. — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 102; Barreto e Noronha, vol. III, p. 30; Brito Aranha, vol. III, p. 165; Castilho, vol. III, p. 172; Sombra de Cícero, vol. III, p. 267.

AHRENS (Henri) — 1808-1874 — Jurisconsulto alemão. Participante do movimento democrático de 1831, teve de se exilar para Paris. Escreveu várias obras sobre história e política. — Cit. por: Teixeira de Vasconcelos, vol. I, pp. 282, 283.

ALENCAR (JOSÉ Martiniano DE) — 1828-1877 — Escritor e homem político cearense. O seu romance *Guaraní* é um marco funda-

mental na literatura brasileira. Foi traduzido para italiano em 1866. De tendências conservadoras, nos últimos anos da sua vida escreveu obras contra o darwinismo. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 222.

ALIGHIERI (DANTE) — 1265-1321 — Grande artista e pensador italiano, representa a transformação dos valores medievais no primeiro sobressalto do Renascimento. Humanista e poeta, encarna o progressivo desenvolvimento da língua italiana. Como lírico anuncia o tão cantado *dolce stil nuovo*, que haveria de subjugar os letrados no séc. XVI, entre os quais o nosso Sá de Miranda. Autor da *Monarquia*, concepção em que ultrapassa largamente o ponto de vista escolástico, a sua obra mais famosa é a *Divina Comédia*. — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 86, 235, 236; Chagas, vol. I, pp. 97, 98; J. de Castilho, vol. I, p. 150; Teófilo, vol. I, p. 189; A. M. Gaveta, vol. II, p. 28; Ramalho, vol. II, p. 95; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 104; Camilo, vol. II, p. 127; A. do C., vol. II, p. 245; Freitas Oliveira, vol. II, p. 272; Ermita do Chiado, vol. III, p. 202; E. A. Vidal, vol. III, p. 236; Lisboeta Convertido, vol. IV, p. 159.

ALMEIDA (Ernesto PINTO DE) — 1824-1874 — Poeta lírico menor, natural do Porto. Publicou *Solidões* (1865), *Narrativas Poéticas* (1868), dedicado a Camilo, e *Estrelas Cadentes* (1870). — Cit. por Castilho, vol. I, p. 55.

ALMEIDA (Joaquim Januário de Sousa TORRES E) — 1835-1869 — Fundador da *Revista Académica de Coimbra*, colaborador de *O Instituto*. Deputado a três legislaturas. Ajudante de procurador-geral da Fazenda em 1864. — Cit. por: Carlos Borges, vol. III, p. 190.

ALMEIDA (NICOLAU TOLENTINO DE) — 1741-1811 — Um dos nossos maiores poetas satíricos, que nos dá uma visão penetrante de alguns aspectos da sociedade do séc. XVIII. — Cit. por: Chagas, vol. I, p. 96; Diogo Bernardes, vol. II, p. 167; Urbano Loureiro, vol. III, p. 19; Barreto e Noronha, vol. III, p. 65.

ALMEIDA (P. TEODORO DE) — 1722-1804 — Oratoriano, autor dum romance de gosto acentuadamente romântico, *O Felis Inde-*

pendente do Mundo e da Fortuna, que teve grande successo na época, e foi traduzido em francês e espanhol. São também de sua autoria *Recreações Filosóficas* e o poema *Lisboa Destruida*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.

ALMEIDA CUNHA — V. CUNHA (José António de ALMEIDA).

AMORIM (Francisco GOMES DE) — 1827-1891 — Foi com 10 anos para o Brasil, donde só regressou em 1846. Colaborador de inúmeros jornais políticos e literários. Dois livros de versos, *Cantos Matutinos* (1858) e *Efêmeros* (1866), e três volumes de peças de teatro. Tornou-se principalmente conhecido pela cuidadosa e meritória biografia do seu grande amigo Almeida Garrett. Na verdade, o seu *Garrett — Memórias Biográficas* (1881-1884) é o mais completo repositório da vida do autor das *Viagens na Minha Terra*. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 223.

ANACREONTE — séc. VI a. C. — Poeta lírico grego, célebre pelas suas canções báquicas. Traduzido por José Agostinho de Macedo e Castilho. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 13; Antero, vol. I, p. 82; Elmano da Cunha, vol. I, pp. 115, 119, 120, 121, 127; J. de Castilho, vol. I, p. 174; Ramalho, vol. II, p. 53; Camilo, vol. II, pp. 132, 139; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 9; Anónimo, vol. IV, p. 83.

ANDRADE (Diogo de Paiva de) — 1528-1575 — Filho do cronista Francisco de Andrade. Autor do tratado moralista *Casamento Perfeito*, anterior à *Carta de Guia de Casados* de D. Francisco Manuel de Melo. Polemicou com o cisterciense Frei Bernardino da Silva sobre a *Monarquia Lusitana*. — Cit. por: Diogo Bernardes, vol. II, p. 165.

ANDRADE (Jacinto FREIRE DE) — 1597-1667 — Historiador, na linha de Frei Luís de Sousa. Foi o biógrafo de D. João de Castro. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 234.

ANDRADE E SILVA — V. SILVA (José Bonifácio de ANDRADE E).

ANGUILLARA (Giovanni-Andrea D') — séc. XVI — Humanista italiano, tradutor das *Metamorfoses* de Ovídeo. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.

AQUILES (EMÍLIO) — V. MONTEVERDE (EMÍLIO AQUILES).

ARANHA (Pedro Venceslau de BRITO) — 1833-1914 — Colaborador de inúmeros periódicos e revistas. Continuou o *Dicionário Biobibliográfico*, de Inocêncio da Silva, a partir de 1880. Tem 2 volumes de *Memórias* sobre o seu tempo com bastante interesse. — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 269.

ARAÚJO (ALEXANDRE HERCULANO de Carvalho) — 1810-1877 — Partilha com Garrett a glória de ter construído novos caminhos na literatura portuguesa. Com efeito, tendo-se exilado como o autor d'*O Arco de Santana*, foi-lhe dada ocasião de contactar com a cultura europeia. Menos artista do que o seu émulo, foi no entanto um autêntico inovador, no domínio da metodologia histórica e na investigação de alguns momentos da história portuguesa. Como quase todos os românticos da 1.ª geração, foi militante político. Teve grande influência na luta anticabralista e na formação dos partidos que haviam de constituir a Regeneração. Sustentou várias polémicas, principalmente acerca de alguns pontos da História de Portugal e do casamento civil, sendo a Igreja Portuguesa sua principal opositora. Foi ele o introdutor do romance histórico, cuja orientação parece ter colhido sobretudo em Walter Scott. No entanto, as tendências sombrias do seu espírito, a influência da poesia alemã, levaram-no a cair frequentemente numa solenidade retórica, num pessimismo funéreo e agónico que prenuncia a expressão ultra-romântica. O facto é já notório no seu primeiro livro de versos, *Harpa do Oriente* (1838). — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62; Elmano da Cunha, vol. I, p. 127; J. de Castilho, vol. I, pp. 155, 176; Teófilo, vol. I, p. 191; Antero, vol. I, pp. 214, 222, 232; Teixeira de Vasconcelos, vol. I, p. 286; A. M. Gaveta, vol. II, p. 34; Ramalho, vol. II, p. 95; Camilo, vol. II, pp. 135, 142, 147; G. F., vol. II, p. 200; Porto Carrero, vol. II, pp. 253, 254, 256; Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21; Ermita do Chiado, vol. III, pp. 203, 211, 212, 213, 214; Romeu Soares J., vol. III, p. 220; Sacristão, vol. III, pp. 247, 254, 256; Sombra de Cícero, vol. III, pp. 264, 278; Cunha Belém, vol. IV, pp. 20, 27.

ARAÚJO (Luís António D') — 1833-1908 — Advogado em Lisboa e autor de várias comédias que na época obtiveram assinalado êxito. A mais célebre foi *Intrigas no Bairro*, paródia em verso às óperas cómicas e representada pela primeira vez no Teatro dos Condes em 1864. — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 265.

ARGOTE (Luís de GÓNGORA y) — 1561-1627 — Conhecido na época pelo *Homero Espanhol*. O seu estilo rebuscado, hermético, de sintaxe complicadíssima e que lhe tornava os versos de difícil compreensão, deu origem ao chamado «gongorismo». Os seus melhores poemas são *A Fábula de Polifemo* e *Galátea*. Muito festejado na época, teve numerosos imitadores e alguns encarniçados inimigos, como Lope de Vega e Quevedo. A sua obra foi editada em português em 1646, 1647 e 1667. — Cit. por Castilho, vol. I, p. 20; Ramalho, vol. II, p. 62; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 83, 84.

ARISTARCO de Samotrácia — séc. III/II a. C. — Fundador da filologia, autor de estudos críticos sobre Homero e outros poetas, grande inovador no domínio da gramática. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, pp. 137, 150; S. d'A., vol. II, p. 20.

ARISTIDES — séc. V a. C. — Estratega e homem de Estado ateniense. Foi um dos organizadores da Confederação de Delos. A integridade do seu carácter fê-lo cognominar de *Justo*. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 67.

ARISTÓFANES — séc. V/IV a. C. — O mais famoso representante da comédia grega antiga. As suas obras, de carácter conservador, condenavam toda e qualquer forma de modernismo. Autor de *As Nuvens*, *As Vespas*, *Os Pássaros*, *As Rãs*, etc. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 13.

ARISTÓFANES de Bizâncio — séc. III/II a. C. — Bibliotecário da biblioteca de Alexandria, mestre de Aristarco de Samotrácia. Colgiu textos de Homero e de outros poetas gregos. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 163.

ARISTÓTELES — séc. IV a. C. — Filósofo grego e erudito universal. A sua obra abrange todos os ramos do pensamento e da ciência gregos. Influenciou a filosofia e a pesquisa científica

dos séculos posteriores. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 13; Ramalho, vol. II, p. 95; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 107; Arqui-Zero, vol. II, p. 228; Barreto e Noronha, vol. III, p. 67; Lisboeta Convertido, vol. IV, p. 108.

ARLINCOURT (Charles-Victor Prévot, visconde D') — 1789-1856 — Romancista e poeta francês de mediocre talento. Publicou um extenso poema, *A Caroleida* (1818). A partir daí foi escrevendo sucessivos romances, que depois da Monarquia de Julho tomaram feição de crítica ao novo regime: *O Solitário* (1821), *Os Rebeldes durante o Reinado de Carlos V* (1823), etc. — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 229, 231.

ARNAULD (Antoine) — 1612-1694 — Jansenista intransigente, combateu os jesuítas e dirigiu a Abadia de Port-Royal. Grande amigo de Pascal, polemizou com Descartes e Malebranche. Morreu no exílio. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 80.

AROUET (François-Marie), conhecido por VOLTAIRE — 1694-1778 — Um dos grandes precursores da Revolução Francesa, lutou toda a sua vida contra o fanatismo e a intolerância. A estada em Inglaterra contribuiu grandemente para o seu enriquecimento intelectual, abrindo ao pensamento francês do século XVIII novas perspectivas. Difundiu em França o conhecimento de Newton, dos empiristas ingleses e de Shakespeare. Da sua vasta obra destacamos: *Cartas Inglesas ou Filosóficas* (1734), *Dicionário Filosófico* (1764). — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 150; Teófilo, vol. I, p. 187; Antero, vol. I, p. 205; Ramalho, vol. II, p. 95; Camilo, vol. II, p. 139; Freitas Oliveira, vol. II, p. 272; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 50, 67; E. A. Salgado, vol. III, p. 132; Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.

ARQUIMEDES de Siracusa — 287-212 a. C. — O mais famoso dos matemáticos e físicos gregos. Ficou célebre a sua frase (cit. por Tito Lívio) «dêem-me um ponto de apoio e levantarei o Mundo». — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 104.

ARQUI-ZERO — V. BRANDÃO (Paulo José de FARIA).

ARRAIS (Frei AMADOR) — 15?-1600 — Autor dos *Diálogos*, livro no género da *Imagem da Vida Cristã* de Frei Heitor Pinto,

mas bastante inferior não só do ponto de vista estilístico como do ponto de vista ideológico. — Cit. por: Diogo Bernardes, vol. II, p. 164; Barreto e Noronha, vol. III, p. 51; Lisboa Convertido, vol. IV, p. 163.

ASSIS (Joaquim Maria MACHADO DE) — 1839-1908 — O maior escritor brasileiro do século XIX e o mais completo. Igualmente grande no romance, na poesia e no ensaio, é principalmente na prosa que atinge expressão mais acabada. Alguns romances: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Dom Casmurro* (que Gaspar Simões considera duas obras-primas), *Quincas Borba*, *Esau e Jacob*. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 222.

ATICO (POMPÔNIO) — séc. II/I a. C. — Amigo de Cícero, com quem trocou assídua correspondência. Manteve rigorosa neutralidade durante as guerras civis, consagrando-se à literatura. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 16.

AULETE (Francisco Júlio CALDAS) — 18?-1878 — Professor da Escola Normal Superior e depois de ensino secundário. Autor de uma *Gramática Nacional* aprovada para todo o ensino, por parecer muito favorável de Castilho. — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 267.

AZEVEDO (António de) — V. BRANCO (ANTÓNIO DE AZEVEDO Castelo).

AZEVEDO (Manuel António ALVARES DE) — 1831-1852 — Poeta brasileiro influenciado por Byron. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 221.

AZURARA — V. ZURARA (Gomes Eanes de).

B

BABINET (Jacques) — 1794-1872 — Professor de matemática no Colégio de França (1838). Físico e astrónomo, além de inventor de alguns instrumentos da sua especialidade, foi vulgarizador das ciências na *Revue des Deux Mondes*. — Cit. por: Diogo Bernardes, vol. II, p. 161.

BACON (Francis Lord Verulam) — 1561-1626 — Chanceler-mor de Inglaterra durante o reinado de Jaime I, é o primeiro grande filósofo da observação e da experiência nos tempos modernos. Foi ele que enunciou as regras do método indutivo e experimental. *Vere scire per causas scire* (a verdadeira ciência é a ciência das causas). A sua obra mais conhecida é o *Novum Organum* (1620). — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 38; E. A. Salgado, vol. III, p. 126.

BAHIA ou **VAHIA** (Jerónimo) — 1623-1688 — Poeta colaborador da *Fénix Renascida* e famoso pregador. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 20.

BALLANCHE (Pierre-Simon) — 1776-1847 — Escritor de tendências místicas. Obra mais conhecida: *Do Sentimento nas Suas Relações com a Literatura*. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 76.

BARDILI (Christophe Godefroi) — 1761-1808 — Filósofo alemão segundo o qual o princípio de toda a ciência, de toda a filosofia, é o princípio de identidade lógica ou da contradição. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 75.

BARJONA (António Joaquim) — 1786-1866 — Lente catedrático da Faculdade de Medicina de Coimbra. Deputado em 1837. Considerado pouco liberal em virtude das suas opiniões moderadas. — Cit. por: Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 120.

BARRETO (João FRANCO) — 1600-16? — Tradutor da *Enéida* (1664) que mereceu três edições sucessivas. São também de sua autoria uma *Ortografia da Língua Portuguesa* (1671) e *Flos Sanctorum, Histórias da Vida e Obras Insignes dos Santos* (1674). — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 26; Urbano Loureiro, vol. III, p. 16.

BARRETO E NORONHA — V. **NORONHA** (José Feliciano de Castilho **BARRETO E**).

BARROS (João de) — 1496-1570 — Um dos clássicos da nossa literatura. As suas obras mais importantes são a *Crónica do Imperador Clarimundo*, romance de cavalaria dedicado a D. João III, e as *Décadas da Ásia* (1.^a em 1552). Também

autor de uma Gramática portuguesa e dum método para aprender a ler. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 122; Barreto e Noronha, vol. III, p. 51; Peixoto do Amaral, vol. III, p. 156.

BARROS (José Augusto CORREIA DE) — 1835-? — Bacharel em Matemáticas por Coimbra e engenheiro pela Escola do Exército de Lisboa. Presidente da Câmara do Porto. Colaborador de jornais e revistas. Algumas das suas peças teatrais representadas na época tiveram grande êxito. — Cit. por: A. M. Gaveta, vol. II, p. 27; Ermita do Chiado, vol. III, p. 202; Sombra de Cícero, vol. III, p. 274.

BAVIO — séc. I a. C. — Medíocre poeta latino, detractor de Virgílio. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 51; Antero, vol. I, p. 86; J. de Castilho, vol. I, p. 178; Malheiro Dias, vol. II, p. 176; Barreto e Noronha, vol. III, p. 50.

BECCARIA (Cesare de) — 1738-1794 — Economista e criminologista italiano. A sua obra *Tratado dos Delitos e das Penas* foi muito conhecida na época. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 60.

BELÉM (António Manuel da CUNHA) — 1834-1905 — Formado pela Faculdade de Medicina de Coimbra. Colaborou em muitos jornais e revistas literárias. Além do opúsculo *Horácios e Ovídiacos* com que intervém na *Questão Coimbrã*, é-lhe atribuído *O Mau Senso e o Mau Gosto* sob o pseudónimo Amaro Mendes Gaveta. Foi um dos principais redactores do *Boletim da Maçonaria Portuguesa*. Usou também o pseudónimo de Cristóvão de Sá. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 203; Sombra de Cícero, vol. III, p. 272.

BENEKE (Friederich Edgard) — 1798-1854 — Filósofo alemão, professor na Universidade de Berlim. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 75.

BERKELEY (George) — 1685-1753 — Filósofo irlandês, para quem não havia matéria: a existência real só cabe aos espíritos e às ideias por eles criadas. Algumas obras: *Tratado dos Principios do Conhecimento Humano* (1710), *Três Diálogos de Hylas e de Filonous* (1712). — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 87; Barreto e Noronha, vol. III, p. 70.

- BERNARDES (DIOGO)** — 1520-1605 — Chamado o «Poeta do Lima», cujas belezas cantou. É o irmão mais velho do poeta Frei Agostinho da Cruz. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 95; Camilo, vol. II, p. 134; Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.
- BERNARDES (MANUEL)** — 1644-1710 — Autor de numerosos tratados ascéticos e morais, a sua prosa narrativa é de grande beleza estilística. Obra mais conhecida: a *Nova Floresta*. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 120; Diogo Bernardes, vol. II, p. 161; G. F., vol. II, p. 200; Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.
- BIESTER (Ernesto)** — 1829-1880 — Dramaturgo muito em voga no fim do século passado. A sua peça *O Jogo* obteve o primeiro prémio num concurso de arte dramática em 1862. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 203; Sombra de Cícero, vol. III, p. 266.
- BION** — Embora haja vários poetas gregos com este nome, deve tratar-se aqui do poeta bucólico Bion do século III a. C. de que nos restam alguns idílios e um canto fúnebre. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 174.
- BLAIR (Hugh)** — 1718-1800 — Grande pregador e crítico escocês. O seu famoso curso sobre os princípios de composição literária valeu-lhe a nomeação para a cátedra de Literatura, expressamente criada para ele. O *Curso de Retórica e Belas-Artes* (1783), resumo das suas lições, foi conhecido em toda a Europa. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 33.
- BLAZE (Henri-Joseph)**, conhecido por CASTIL — 1784-1857 — Crítico musical e tradutor de obras célebres, algumas das quais ele próprio transformou em livretes para óperas. — Cit. por: Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 178.
- BLUTEAU (Rafael)** — 1638-1734 — Clérigo regular teatino e escritor, de origem francesa. A sua principal obra é o *Vocabulário Português e Latino*, 8 vols. (1712-21) e 2 de suplementos. — Cit. por: Lisboaeta Convertido, vol. III, p. 157.
- BOCAGE (Manuel Maria Barbosa du)** — 1765-1805 — Um dos maiores líricos portugueses do século XVIII. Embora arcá-

dico, considera-se um dos precursores do romantismo e pode afirmar-se que é um dos representantes do iluminismo libertino em Portugal. Adoptou o pseudónimo arcádico de Elmano Sadino. Cultivou variadas formas métricas, mas distinguiu-se principalmente como sonetista. Traduziu Delille, Castel, Rosset, Lacroix, Virgílio e Ovídio. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 25, 26, 43, 49, 53; J. de Castilho, vol. I, p. 162; Ramalho, vol. II, p. 67; Camilo, vol. II, p. 129; Diogo Bernardes, vol. II, p. 167; Malheiro Dias, vol. II, p. 180; Arquí-Zero, vol. II, p. 227; Barreto e Noronha, vol. III, p. 91.

BOCAYUVA (Quintino de) — 1836- ? — Jornalista e político brasileiro de tendências democráticas. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 222.

BOEHME (Jacob) — 1575-1624 — Sapateiro de profissão e célebre teósofo alemão. Defendia que, se Deus é a substância comum de tudo o que existe, é necessariamente princípio do bem e do mal. Sem o mal seria impossível a intelligência divina conceber o bem. — Cit. por: Malheiro Dias, vol. II, p. 179.

BOILEAU-Despréaux (Nicolas) — 1636-1711 — Poeta moralista e satírico, tornou-se principalmente conhecido pela sua obra *Arte Poética*, que appareceu em 1674. Nomeado historiógrafo do rei em 1677, só voltou a apparecer na cena literária para intervir na querela dos *Antigos e Modernos*. Amigo de Molière e Racine, ajuda a fixar com a sua *Arte Poética* os moldes do chamado classicismo. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 122; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 50, 67, 85, 103; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 105.

BONALD (Louis Gabriel-Ambroise, visconde de) — 1754-1840 — Publicista, filósofo e legista. A sua mais célebre obra é *Teoria do Poder Político e Religioso na Sociedade Civil, Demonstrada pelo Raciocínio e pela História* (1796). Segundo ele a sociedade baseia-se na união da religião católica com o constitucionalismo, na boa união do trono e do altar. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 76.

BORGES (CARLOS) — 1849- ? — Autor de alguns romances de pouco mérito, participou na polémica com o opúsculo *Pena e Espada*. — Cit. por: Castilho, vol. III, p. 172.

- BOSSUET** (Jacques-Bénigne) — 1627-1704 — Grande pregrador e escritor francês, a quem foi confiada a educação do Delfim, filho de Luís XIV. Sua obra mais conhecida: *Discurso sobre a História Universal*. — Cit. por: Peixoto do Amaral, vol. III, p. 156.
- BOUCHER** (François) — 1704-1770(?) — Mestre de Fragonard, do período rococó, influenciado pelo convencionalismo da época, foi no entanto muito considerado no seu tempo. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 229.
- BOUTERWECK** (Friederich) — 1766-1828 — Filósofo alemão discípulo de Kant e Jacobi. Foi um expositor das doutrinas de seus mestres. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 75.
- BRAGA** (Francisco Gonçalves) — Compositor brasileiro do século XIX. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 223.
- BRAGA** (GUILHERME) — 1845-1876 — Poeta panfletário, muito estimado pelos contemporâneos. Sofrendo profunda influência de Victor Hugo, pode considerar-se um precursor de Junqueiro. Além desta poesia revolucionária expressa em *Falsos Profetas, O Bispo, Ecos de Aljubarrota*, tem também uma colectânea de poesias líricas, *Heras e Violetas* (1869), de gosto parnasiano. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 55.
- BRAGA** (Joaquim TEÓFILO Fernandes) — 1843-1924 — Um dos mais operosos intelectuais do século XIX. Poeta, doutrinário, historiador, político, constituiu, com outros grandes escritores, um dos condutores da chamada «Geração de 70». Com Antero de Quental incluiu a *Questão Coimbrã*. Notabilizou-se como historiador da literatura portuguesa, introduzindo novas perspectivas críticas, até então ignoradas. Colabora no *Oenáculo* e a partir de 1872 alinha decididamente pela facção republicana, representativa da pequena burguesia que havia de tomar o poder em 1910. Para o nosso caso interessa saber que historiou a polémica do *Bom Senso e Bom Gosto* em *As Modernas Ideias da Literatura Portuguesa* (1892). A princípio partidário do germanismo, acaba por aderir às doutrinas positivistas. Dentro desta corrente foi um dos expoentes mais significativos, tendo juntamente com Júlio de Matos fundado a revista *O Positivismo*. Foi presidente da República

do Governo Provisório. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 40, 42, 55; Antero, vol. I, p. 73; Chagas, vol. I, pp. 93, 95, 96, 98; Elmano da Cunha, vol. I, pp. 118, 123, 129; J. de Castilho, vol. I, pp. 137, 138, 139, 156; Teixeira de Vasconcelos, vol. I, p. 282; A. M. Gaveta, vol. II, pp. 25, 27, 28, 33, 38, 39; Ramalho, vol. II, pp. 50, 56, 70, 72, 74, 94, 95, 96; Camilo, vol. II, pp. 116, 117, 121, 129, 136, 137, 143, 145, 146; Diogo Bernardes, vol. II, pp. 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169; A. do C., vol. II, p. 244; Porto Carrero, vol. II, pp. 259, 260; Urbano Loureiro, vol. II, pp. 293, 294; vol. III, pp. 7, 10, 11; Anónimo, vol. III, pp. 110, 112; E. A. Salgado, vol. III, pp. 124, 128, 141; Peixoto do Amaral, vol. III, p. 151; Brito Aranha, vol. III, p. 165; Carlos Borges, vol. III, p. 179; Ermita do Chiado, vol. III, pp. 198, 199; E. A. Vidal, vol. III, pp. 229, 230; Sacristão, vol. III, pp. 250, 251; Sombra de Cícero, vol. III, pp. 261, 263, 264; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 10; Cunha Belém, vol. IV, pp. 18, 19; Lisboaeta Convertido, vol. IV, pp. 111, 113, 115, 116, 119, 124, 125, 126, 137, 167, 170, 171, 175, 177, 178.

BRANCO (ANTÓNIO de AZEVEDO Castelo) — 1842-1916 — Sobrinho de Camilo e grande amigo de Antero, de quem fora colega em Coimbra, desempenhou vários cargos públicos importantes, chegando a ser secretário de Estado dos Negócios Eclesiásticos e de Justiça e também ministro. Colaborou com poesias e artigos em vários jornais da época. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 118.

BRANCO (CAMILO CASTELO) — 1825-1890 — Muito instado por Castilho, de quem era amigo, interveio na polémica com o folheto *Valdades Irritadas e Irritantes*. É discutível a sua filiação literária, pois desde o ultramontanismo até ao realismo nele se acha sinal diverso e vário. Polemista, historiador, jornalista, poeta e um dos maiores romancistas nacionais, a sua obra reflecte as suas íntimas contradições e a sinuosidade ideológica do seu tempo. Apesar de frequentemente colocado num ponto de vista conservador, o seu génio, como o de Balzac, conseguiu apreender zonas profundas da realidade portuguesa. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 14, 15, 62, 296; vol. III, p. 172; J. de Castilho, vol. I, pp. 138, 153, 163; Ramalho, vol. II, pp. 55, 59; Diogo Bernardes, vol. II,

pp. 159, 169; G. F., vol. II, pp. 196, 200; Porto Carrero, vol. II, p. 256; Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Barreto e Noronha, vol. III, p. 30; Carlos Borges, vol. III, pp. 181, 183; Ermita do Chiado, vol. III, pp. 201, 210; Romeu Soares J., vol. III, p. 220; Sacristão, vol. III, p. 252; Sombra de Cícero, vol. III, p. 277.

BRANCO (JOÃO DE LEMOS Seixas Castelo) — 1819-1890 — Poeta do grupo que fundou *O Trovador* e talvez o mais representativo de todos eles. Ferrenho miguelista, dirigiu o jornal *A Nação*, órgão da causa absolutista. As suas poesias estão reunidas nos volumes *Cancioneiro* (1858-67) e *Canções da Tarde* (1875). A sua mais conhecida composição é a *Lua de Londres*. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 134; Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Ermita do Chiado, vol. III, p. 202; Sacristão, vol. III, p. 252.

BRANCO (Vasco MOUZINHO DE QUEVEDO Castelo) — 15?-16? — Autor do poema *Afonso, o Africano* (1611), nitidamente influenciado pela *Jerusalém Libertada*, de Torcato Tasso. Substitui a mitologia pagã por alegorias cristãs. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57; Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

BRANDÃO (Paulo José de FARIA) — séc XIX — Brito Aranha atribui-lhe o opúsculo *Literatura Portuguesa*, assinado com o pseudónimo Arquí-Zero. Polemicou com José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha acerca da tradução das *Geórgicas*.

BRITO (Frei BERNARDO DE) — 1569-1617 — Monge e cronista cisterciense que inicia a redacção da *Monarquia Lusitana*, tentativa de síntese da nossa história, por vezes muito fantástica. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 134.

BROTERO (Félix de Avelar) — 1744-1828 — Primeiro botânico português. Perseguido pela Inquisição, teve de emigrar para França. Foi, depois do seu regresso à pátria, nomeado lente de Botânica e Agricultura, em Coimbra, sendo de sua autoria numerosas obras sobre Botânica, umas publicadas, outras inéditas. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 33.

BÜCHNER (Friederich Karl Christian Ludwig) — 1824-1899 — Materialista e médico alemão, um dos fundadores da Liga dos

Livres-Pensadores Alemães. A sua principal obra, célebre no mundo inteiro, foi *Força e Matéria* (1855), muito lida em Portugal pelos jovens mais progressivos, como refere Sampaio Bruno em *O Porto Culto*, pp. 221/230. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 84; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 107; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21.

BULHÃO PATO — V. PATO (Raimundo António BULHÃO).

BUONARROTI (MIGUEL-ANGELO) — 1475-1564 — Um dos maiores pintores e escultores da Renascença Italiana. — Cit. por: Freitas Oliveira, vol. II, p. 272.

BYRON (George Gordon, Lord) — 1788-1824 — Um dos maiores poetas ingleses. A sua influência na época foi enorme, o seu génio reconhecido em toda a parte. Com uma vida extravagante, romântica, apaixonada, devassa, foi, de aventura em aventura, ao encontro da morte, que o vitimou aos 36 anos. Estava então na Grécia: apaixonado pela liberdade, procurava congregar os gregos para organizar a insurreição contra os otomanos. Das suas numerosas produções poéticas, aquelas que porventura mais fascinaram os contemporâneos foram os poemas *Childe Harold* (1812) e *D. Juan* (1818). — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 65; Antero, vol. I, p. 232; Ramalho, vol. II, p. 68; Malheiro Dias, vol. II, p. 180; G. F., vol. II, pp. 196, 197, 203; A. de C., vol. II, pp. 238, 239; Freitas Oliveira, vol. II, p. 272; Ermita do Chiado, vol. III, p. 206; Romão Soares J., vol. III, p. 221.

C

CABEDO (António Justino Simões de) — 1823-1862 — Colaborador de vários jornais políticos, literários e satíricos, era devotado admirador de Castilho. Foram-lhe atribuídas, parece que justamente, as *Cacholetas Literárias*, por ser muito conhecido como poeta satírico. Encontra-se colaboração sua nos jornais *Brás Tizana* e *Asmodeu* (satíricos). — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 37.

CALASANS (PEDRO) — séc. XIX — Doutor pela Faculdade de Direito do Recife. Colaborou em vários jornais literários, prin-

principalmente com produções poéticas. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 222.

CALDAS (Júlio) — V. AULETE (Francisco Júlio CALDAS).

CALDEIRA (Luís Arsénio Marques CORREIA) — 1825-1859 — Jornalista, colaborador de vários jornais, e um dos principais redactores da *Revista Estrangeira*, e ainda autor duma colecção de poesias de inspiração religiosa, *Flores da Bíblia*. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 215.

CALPÚRNIO (Tito Júlio) — séc. I — Poeta bucólico latino, contemporâneo de Nero. As suas *Bucólicas* compõem-se de sete élogas, de modelo virgiliano. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.

CAMILO — V. BRANCO (CAMILO CASTELO).

CAMINHA (Pedro de Andrade) — 1520-1589 — Poeta de moldes clássicos, influenciado por António Ferreira. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

CAMÕES (Luís de) — 1524-1580 — Unânimemente considerado pela Crítica moderna o maior génio poético português, embora importantes restrições de ordem ideológica lhe tenham sido feitas, nomeadamente por António José Saraiva. Na polémica que antecede a *Questão Coimbrã*, a propósito da publicação do *D. Jaime* de Tomás Ribeiro, foi mais uma vez posta em causa a qualidade de *Os Lusíadas*. E Castilho que na *Conversação Preambular* aponta vários defeitos da epopeia: quanto à metrificacção, quanto à linguagem e ainda quanto ao conteúdo moral. A sua proposta para a substituição nas escolas do poema de Camões pelo de Tomás Ribeiro levantou grande celeuma, sobretudo nas hostes que, à volta de 1862, reagiam contra as tendências conservadoras na literatura. Ramalho Ortigão e, alguns meses depois, João de Deus, entre outros, criticaram a minimização castilhana de *Os Lusíadas*, e a excessiva valorização do autor do *D. Jaime*. A questão nacional de Camões veio a ter o seu apogeu com a consagração no ano do centenário. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 57, 59; Antero, vol. I, pp. 225, 235; Teixeira de Vasconcelos, vol. I, p. 238; A. M. Gaveta, vol. II, p. 33; Ramalho, vol. II, p. 57; Osório de Vasconcelos, vol. II,

p. 104; Diogo Bernardes, vol. II, p. 167; G. F. vol. II, p. 200; Freitas Oliveira, vol. II, p. 272; Urbano Loureiro, vol. III, p. 9; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 47, 51; A. Peixoto do Amaral, vol. III, pp. 148, 149, 156; Sacristão, vol. III, p. 253; Lisboeta Convertido, vol. IV, p. 161.

CAMPISTRON (Jean Galbert de) — 1656-1723 — Discípulo de Racine. As suas tragédias tiveram êxito na época, embora imitação mediocre das do grande trágico francês. Escreveu também algumas comédias. — Cit. por: Chagas, vol. I, p. 98.

CAMPOS (Joaquim PINTO DE) — 1819-? — Cónego e professor de eloquência no Recife. Membro do Conselho Superior de Instrução Pública. Publicou vários sermões e alguns opúsculos contra o casamento civil. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 222.

CARDOSO (Padre) — 1717-1769 — Interessado por geografia e história de Portugal, organizou um dicionário histórico das cidades, vilas e aldeias de Portugal (1747), que parece conter várias inexactidões. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 74.

CARNEIRO (Bernardino Joaquim da Silva) — 1806-1867 — Lente de Direito na Universidade de Coimbra. Autor de vários compêndios escolares, alguns deles com muitos erros. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 74.

CARO (Aníbal) — 1507-1566 — Escritor italiano. Deve-se-lhe uma notável tradução da *Eneida* de Virgílio (1563). São também de sua autoria alguns poemas e uma comédia satírica, *Os Indigentes*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 26.

CARRERO (Rui Porto) — Não encontramos referência a este interviniente. Há uma família Porto Carrero, de que uma descendente se casou com o irmão mais velho de Antero. Na *Aurora dos Açores* aparece uma série de artigos sobre *A Carreira de Navegação a vapor para os Açores*, da autoria de Rui da Cunha Porto Carrero, que pensamos ser a mesma pessoa. Intervém na polémica com dois folhetos: *A Carta do Sr. Antero de Quental ante os Srs. Pinheiro Chagas, Manuel Roussado e Júlio de Castilho*, que saiu em 1865, e *Lisboa, Coimbra e Porto e a Questão Literária*, em 1866. — Cit. por: A. M. Gaveta, vol. II, p. 37; Urbano Loureiro, vol. II, p. 295.

- CARVALHAL** (Alvaro do) — 1844-1869 — Significativo representante entre nós do conto fantástico. Os seus seis contos, que só póstumamente foram publicados, são formalmente românticos, mas o assunto é de um realismo cru, monstruoso até. — Cit. por: Urbano Loureiro, vol. II, p. 293.
- CARVALHO** (António JOAQUIM DE) — 17?-1817 — Poeta bucólico dos fins do séc. XVIII, princípios do XIX, que sofreu a influência de Florian. Autor de numerosas éclogas, *A Guerra e a Paz na Europa* (1802), *Os Touros*, etc., a sua principal obra poética saiu publicada em 2 tomos (1805/7) com o título *Obras Poéticas, Jocosas e Sérias*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.
- CARVALHO** (TOMÁS DE) — 1819-1897 — Doutor em Medicina pela Faculdade de Paris, lente de Anatomia na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e depois seu director. — Cit. por: Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Ermita do Chiado, vol. III, p. 203; Sombra de Cícero, vol. III, p. 274.
- CASTANHEDA** (Fernão Lopes de) — ?-1559 — Tendo vivido durante 20 anos na Índia, deixou-nos uma *História dos Descobrimentos e Conquista da Índia pelos Portugueses*, que juntamente com o que nos resta de Dlogo de Couto é o mais rico manancial da nossa fixação no Oriente. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.
- CASTELO BRANCO** (CAMILO) — V. BRANCO (CAMILO CASTELO).
- CASTI** (Giambattista) — 1724-1803 — Poeta italiano, de tendência liberal e expressão licenciosa, embora de boa qualidade literária. Escreveu poesia lírica e livretos de óperas. A obra mais citada em Portugal é *Novelas* (1793). Tem também um longo poema satirizando os costumes políticos do tempo, *Animais Falantes* (1802). — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.
- CASTIÇO** (Fernando) — 1835-? — Escritor e jornalista que foi para o Brasil em 1857. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 223.
- CASTILHO** (António FELICIANO DE) — 1800-1875 — Tal como acontecera com a sua *Conversação Preambular* ao poema *D.*

Jaime, a *Carta* com que apresentou o *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas foi a causa próxima da polémica literária conhecida por *Questão Coimbrã*. Considerado injustamente como um dos introdutores do romantismo, Castilho tem pouco merecimento como poeta. A sua principal contribuição reduz-se, afinal, ao melhoramento vernáculo da lingua. Com excepção da *Noite do Castelo* (1836), e *Ciúmes do Bardo* (1836), composições de imitação romântica, a maior parte das suas restantes poesias constitui atrasada florescência do arcadismo. Tentou o drama, adaptando de autor francês a peça *Camões*, aliás irrepresentável pela sua extensão e monotonia. Esforçou-se por introduzir no ensino primário português o seu Método Repentino. Esta actividade pedagógica originou polémica cuja peça principal é a famosa *Tosquia Dum Camelo* (1853). Dirigiu a *Revista Universal Lisbonense* entre 1841/47. Mais tarde toma a direcção da *Revista Contemporânea*. Traduziu Ovidio, Anacreonte, Virgilio, Molière, Goethe e Shakespeare. — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 83, 84, 200, 201, 203, 214, 222, 223, 224, 225, 228, 229, 230, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242; Chagas, vol. I, p. 91; Roussado, vol. I, pp. 104, 108, 109; Elmano da Cunha, vol. I, pp. 117, 118, 123, 126, 129; J. de Castilho, vol. I, pp. 134, 139, 140, 144, 145, 147, 148, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 165, 167, 180, 181; Teófilo, vol. I, pp. 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193; Porto Carrero, vol. I, pp. 248, 258, 260; vol. II, pp. 253, 254, 255, 259, 260, 265; Teixeira de Vasconcelos, vol. I, pp. 279, 281, 283, 284, 285, 286, 287, 288; S. d'A., vol. II, p. 11; A. M. Gaveta, vol. II, pp. 23, 30, 33, 34, 35, 36, 38; Ramalho, vol. II, pp. 44, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 84, 87, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96; Camilo, vol. II, pp. 113, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 147, 148, 149, 150, 151, 152; Diogo Bernardes, vol. II, pp. 158, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168; Malheiro Dias, vol. II, pp. 175, 180, 186, 187, 188, 190, 191; G. F., vol. II, pp. 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203; Arqu-Zero, vol. II, pp. 207, 209, 210, 211, 215, 216, 219, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 229; A. do C., vol. II, pp. 237, 238, 239, 242; Urbano Loureiro, vol. II, pp. 286, 288, 289, 290, 292, 293, 296; vol. III, pp. 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 22; vol. IV, p. 33; Barreto e No-

ronha, vol. III, pp. 25, 28, 29, 30, 32, 33, 44, 45, 50; Anónimo, vol. II, p. 111; E. A. Salgado, vol. III, pp. 124, 125, 129, 141, 142; A. P. do Amaral, vol. III, pp. 145, 151, 153, 154, 155, 157, 158; B. Aranha, vol. III, pp. 163, 164, 169; Carlos Borges, vol. III, pp. 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 192; Ermita do Chiado, vol. III, pp. 198, 199, 204, 207, 208, 209, 210, 211, 214; Romeu Soares J., vol. III, pp. 220, 221, 222, 223, 224; E. A. Vidal, vol. III, pp. 229, 230, 231, 240; Sacristão, vol. III, pp. 249, 251, 253; Sombra de Cícero, vol. III, pp. 261, 262, 263, 264, 273, 274, 276; Luciano Cordeiro, vol. IV, pp. 9, 10, 12; Cunha Belém, vol. IV, pp. 18, 19, 20, 23, 24, 25, 27, 28, 30; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 177.

CASTILHO (Eugénio de) — 1846-1900 — Filho mais novo de Castilho. Publicou algumas poesias e contos. Compilou um dicionário de rimas. — Cit. por: S. & A., vol. II, p. 20.

CASTILHO (JÚLIO DE) — 1840-1919 — Filho de António Feliciano de Castilho, poeta e dramaturgo de inferior qualidade. Autor de numerosos estudos de investigação histórica; a obra, em vários tomos, *Lisboa Antiga* é a mais conhecida e tem real valor; interveio na polémica com o folheto *O Senhor António Feliciano de Castilho e o Senhor Antero de Quental*. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 37, 55; Porto Carrero, vol. I, pp. 247, 256, 257, 259; vol. II, p. 254; S. & A., vol. II, p. 20; A. M. Gaveta, vol. II, p. 37; Ramalho, vol. II, p. 94; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 102; Diogo Bernardes, vol. II, p. 158; Urbano Loureiro, vol. II, p. 294; Barreto e Noronha, vol. III, p. 29; Brito Aranha, vol. III, pp. 163, 165; Carlos Borges, vol. III, p. 180; Ermita do Chiado, vol. III, pp. 200, 202; Sacristão, vol. III, p. 251; Sombra de Cícero, vol. III, p. 269; Cunha Belém, vol. IV, p. 18.

CASTRO (Abade) — V. SOUSA (António Dâmaso de CASTRO E).

CASTRO (Gabriel PEREIRA DE) — 1571-1632 — Autor do poema épico *Ulisseia ou Lisboa Edificada*, poema saído da corrente contra-reformista e que alguns dos seus contemporâneos pretendiam opor a *Os Lusíadas* de Camões. José Agostinho de Macedo irá retomar essa posição na sua virulenta crítica a *Os Lusíadas*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.

CASTRO (José Cardoso VIEIRA DE) — 1838-1872 — Embora Castilho, na célebre *Carta*, origem próxima da polémica, tivesse associado o nome de Antero e Teófilo ao de Vieira de Castro, a verdade é que nada havia de comum entre eles. Considerado por alguns o sucessor de José Estêvão, era contudo um orador medíocre, mais preocupado com o efeito da frase do que com o seu conteúdo. Grande amigo de Camillo, de quem escrevera uma encomiástica biografia, foi afastado da cena política por ter praticado um crime que deu brado na época — o assassinio de sua mulher por adultério. Morreu degredado. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 40, 42; Antero, vol. I, p. 73; Chagas, vol. I, p. 96; Elmano da Cunha, vol. I, pp. 118, 123, 129; J. de Castilho, vol. I, pp. 137, 138, 139, 156; A. M. Gaveta, vol. II, p. 25; Ramalho, vol. II, pp. 70, 71, 72; Camillo, vol. II, pp. 115, 116; Diogo Bernardes, vol. II, p. 159; Porto Carrero, vol. II, p. 259; Urbano Loureiro, vol. III, pp. 10, 11; Peixoto do Amaral, vol. III, p. 151; Carlos Borges, vol. III, pp. 182, 188, 189, 190, 191; Ermita do Chiado, vol. III, pp. 201, 210, 214; Sombra de Cícero, vol. III, p. 271.

CERVANTES — V. SAAVEDRA (Miguel de CERVANTES).

CHAGAS (Manuel Joaquim PINHEIRO) — 1842-1895 — Na polémica do *D. Jaime* revelou-se logo contra os seus críticos. Em 1865 publica o *Poema da Mocidade* com a *Carta* prefacial do então por alguns considerado o patriarca das letras. Foi a causa imediata da *Questão Coimbrã*. Pinheiro Chagas teve uma vida de grande senhor, coberto de fama literária, honrarias mundanas e notoriedade política. Como polígrafo e jornalista esteve quase sempre ao lado do poder estabelecido, contra o sentido progressista dos movimentos populares. Como romancista alcançou grande êxito, e *A Mantilha de Beatriz* (1878) ainda hoje tem leitores. Das suas peças de teatro, *A Morgadinha de Valflor* (1869) alcançou também triunfo junto das plateias burguesas de então. Intentou consagrar-se ao officio de historiador, mas a sua *História de Portugal* (1869-74), de carácter fantasioso e divulgativo, não tem hoje qualquer interesse. Professor do Curso Superior de Letras, ministro da Marinha e do Ultramar, foi o catedrático de um nacionalismo que Eça de Queirós

havia de ridicularizar com o famoso apodo de patriotarreiro. Para o estudo do nosso séc. XIX, contém preciosas informações o *Dicionário Popular* por ele organizado. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 15, 31, 35, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 45, 47, 53, 54, 55, 62, 64, 69; vol. III, p. 172; Antero, vol. I, p. 73; Roussado, vol. I, p. 108; Elmano da Cunha, vol. I, pp. 118, 120; J. de Castilho, vol. I, pp. 137, 139, 158, 170, 172, 173, 180; Porto Carrero, vol. I, pp. 247, 249, 250, 251, 252, 254; Teixeira de Vasconcelos, vol. I, pp. 280, 281; S. d'A., vol. II, pp. 15, 20; A. M. Gaveta, vol. II, p. 35; Ramalho, vol. II, pp. 45, 46, 47, 48, 49, 52, 56, 62, 63, 64, 70, 94; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 102; Camilo, vol. II, p. 115; Diogo Bernardes, vol. II, pp. 157, 158; G. F., vol. II, pp. 196, 197; Arqui-Zero, vol. II, pp. 225, 227, 228, 230; A. do C., vol. II, pp. 238, 239; Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Urbano Loureiro, vol. II, pp. 287, 288, 293, 296; vol. III, pp. 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16; vol. IV, p. 64; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 25, 27, 29; Peixoto do Amaral, vol. III, pp. 151, 153; Brito Aranha, vol. III, p. 165; Carlos Borges, vol. III, pp. 179, 181, 182, 183, 184, 186; Ermita do Chiado, vol. III, p. 201; Romeu Soares J., vol. III, p. 220; Sacristão, vol. III, p. 252; Sombra de Cícero, vol. III, pp. 261, 262; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 8; Cunha Belém, vol. IV, pp. 18, 19, 28.

CHAPELAIN (Jean) — 1595-1674 — Poeta e crítico mediocre, occupou situação de relevo devido à protecção de Richelieu. Sob direcção deste ministro organizou a Academia Francesa. Considerado o árbitro oficial das grandes questões literárias do seu tempo, publicou *As Opiniões da Academia sobre «O Cid»* (1637), que, como se sabe, deu origem a uma vasta polémica. A sua tentativa de poema épico *La Pucelle* (1656) foi um falhanço. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 193; Ramalho, vol. II, p. 95; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21; E. A. Vidal, vol. III, p. 238.

CHASLES (Victor-Euphémion-Philarete) — 1798-1873 — Crítico literário, grande conhecedor das literaturas europeias. A sua mais importante obra é *Estudos da Literatura Comparada*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 32.

CHATEAUBRIAND (François-René de) — 1768-1848 — Com Madame de Staël, é um dos escritores pré-românticos da Revolu-

ção e do Império. A sua vida literária é praticamente interrompida com o início da carreira política. Embaixador, ministro, polemista, serviu o governo da Restauração lutando pelos valores morais do «Ancien Régime». No final da vida assiste ao desabar das suas esperanças como legitimista, amparado por uma grande amiga, Madame Récamier. Dotado de pouca capacidade de reflexão, o que nele domina é o factor imaginativo, elemento aliás que fortalecia o génio do escritor numa época em que os valores românticos estavam em ascensão. Uma das obras mais conhecidas, *O Génio do Cristianismo*, que foi traduzida por Camilo, é do ponto de vista filosófico e erudito um livro francamente débil. Onde se realizará verdadeiramente é nos seus romances de concepção épica. Desse ponto de vista, teve larga influência nos contemporâneos. Os nossos escritores do Romantismo conheceram-no bem. Filinto já o vertera para Português mas Garrett, embora tocado pelo seu grande poder evocativo, não deixou de o considerar como elemento negativo no desenvolvimento da arte Romântica em Portugal. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 70; Antero, vol. I, p. 226; Camilo, vol. II, p. 120; Malheiro Dias, vol. II, p. 180; Porto Carrero, vol. II, p. 256; Barreto e Noronha, vol. III, p. 76; Ermita do Chiado, vol. II, p. 206; Sacristão, vol. III, p. 256.

CHATTERTON (Thomas) — 1752-1770 — Poeta lírico inglês autor do poema medievalista *Rowley*. A sua vida trágica inspirou a Vigny o drama *Chatterton*. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 192; Porto Carrero, vol. I, p. 260; Ramalho, vol. II, p. 95.

CHÉNIER (André-Marie) — 1762-1794 — Guilhotinado durante o governo de Robespierre, as suas produções de maior fôlego só póstumamente foram conhecidas, pois alguns dos seus poemas, como *A Jovem Cativeira* e *Iambes*, escreveu-os ele já na prisão. Nascido em Constantinopla e filho de mãe grega, votava grande admiração à civilização helénica e pretendia dar expressão poética às conquistas da razão, como discípulo que era dos iluministas. Os românticos consideram-no um dos seus precursores. — Cit. por: Porto Carrero, vol. I, p. 260; Barreto e Noronha, vol. III, p. 30.

CHÉNIER (Marie-Joseph) — 1764-1811 — Poeta trágico irmão de André Chénier. É autor de numerosas tragédias políticas:

Carlos IX (1789), Henrique VIII (1791), e de uma obra de crítica literária: Quadro Histórico da Literatura Francesa desde 1789 até 1809 (1818). — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 33.

CHEVALIER (Miguel) — 1806-1879 — Economista francês que era contra o protecçionismo económico. — Cit. por: E. A. Salgado, vol. III, p. 136.

CHEVALIER (Sulpice-Guillaume), conhecido por **GAVARNI** — 1804-1866 — Desenhador francês, popularizado pelos desenhos satíricos em que criticava a sua época. Autor do conhecido quadro dos irmãos Goncourt. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 145.

CIBRÃO (Ernesto) — 1836-? — Colaborador de vários jornais da província, parte para o Rio em 1858. Aí, embora dedicando-se à vida comercial, continuou a escrever artigos e peças teatrais, algumas das quais foram mesmo representadas. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 223.

CÍCERO (M. Túlio) — 106-43 a. C. — Grande orador romano, autor de numerosas obras sobre retórica, política e filosofia. A ambição política levou-o a querer desempenhar papel preponderante nos agitados tempos em que viveu, acabando por morrer assassinado à ordem de António. A sua prosa é considerada uma das melhores de toda a literatura latina, e a influência do seu estilo e do seu pensamento fez-se sentir durante toda a Idade Média e Renascimento. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 16; J. de Castilho, vol. I, pp. 159, 181; Malheiro Dias, vol. II, p. 188; Arqui-Zero, vol. II, p. 211; Barreto e Noronha, vol. III, p. 50; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 157.

CLAUDIANO (Cláudio) — séc. V — Poeta latino, nascido em Alexandria. Excelente na sátira política. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.

CLERMONT (Madame de) — Não sabemos se se trata de Cláudia Catarina de Clermont-Tonnerre, duquesa de Retz (1547-1603), famosa na corte de França pela sua grande cultura. Foi avó do Cardeal de Retz. — Cit. por: Porto Carrero, vol. II, p. 255.

COELHO (José Ramos) — 1832-1914 — Colaborador de várias revistas literárias e do falado *Almanaque das Lembranças*. Foi tradutor de *Jerusalém Libertada* (1864) e autor de uma edição crítica de *O Hissope* (1879). Autor dum livro de poesias, *Novas Poesias* (1866). — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 265.

COELHO (José EDUARDO) — 1835-1892 — Fundador do *Diário de Notícias* e seu principal colaborador. Grande animador do movimento associativo no nosso país, são de sua autoria numerosas peças teatrais. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 55.

COELHO (José Maria LATINO) — 1825-1891 — Militar, político acadêmico, historiador e acaso mesmo pensador, é contemporâneo da bifurcação que se dará entre os jovens que, nascidos na mesma data, aderem ao ultra-romantismo medievalista e nostálgico e aqueles outros que, embora também românticos de raiz, se deixam empolgar por novas ideias: o socialismo utópico, o iberismo e o cosmopolitismo. A posição de Latino Coelho tenderá sempre mais para o campo progressista, manietado, porém, pela sua posição académica e política. Em 1873 funda o jornal *A Democracia* e filia-se no Partido Republicano. Possuidor de vasta cultura e erudição histórica, sobretudo de origem germânica, escreveu principalmente sobre as glórias pátrias. A sua obra *História Política e Militar de Portugal* ainda hoje tem merecimento. — Cit. por: Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Ermita do Chiado, vol. III, p. 201; Sacristão, vol. III, p. 252; Sombra de Cícero, vol. III, p. 277, Cunha Belém, vol. IV, p. 28.

COMTE (Auguste-Isidore-François-Marie) — 1798-1857 — Famoso filósofo francês. Tendo sido secretário de Saint-Simon, dele se separa para fundar o seu curso de Filosofia Positiva. Foi professor na Escola Politécnica e por fidelidade às ideias humanitárias fez um curso público de divulgação científica de 1831 a 1848. O amor seródio por Clotilde de Vaux e a morte desta são a causa próxima do trânsito para o misticismo e a fundação das chamadas Igrejas humanitárias. É tradicionalmente considerado, com Karl Marx, fundador da sociologia científica. O seu ponto de vista, porém, é claramente favorável à classe média. Por essa razão a *ordem* e o *progresso* serão consignas específicas da ideologia re-

publicana tanto em Portugal como no Brasil. Um dos seus discípulos mais significativos em Portugal, Teófilo Braga, fundou com Júlio de Matos a revista *O Positivismo*, como atrás se disse. E Teixeira Bastos foi o entusiástico divulgador dos seus princípios filosóficos. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 83; Camilo, vol. II, p. 126; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21.

CONDILLAC (Étienne Bonnot de) — 1715-1780 — Filósofo francês, fundador da filosofia sensualista, inspirada no pensamento de Locke. Algumas das suas obras que tiveram mais influência: *Ensaio sobre a Origem dos Conhecimentos Humanos*, *Tratado das Sensações*. — Cit. por: E. A. Salgado, vol. III, p. 130; Barreto e Noronha, vol. III, p. 75.

CONSTANTINO (Jaime) — V. MONIZ (JAIME Constantino de Freitas).

COOPER — Castilho deve referir-se aqui a Fenimore Cooper (1789-1851), romancista americano, traduzido para português em 1836, autor de *O Último Moicano*, pitoresca reconstituição dos costumes índios. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62.

COPÉRNICO (Nicolau) — 1473-1543 — Astrónomo polaco, que demonstrou o heliocentrismo. Sua obra: *De Revolutionibus orbium caelestium libri VI* (1543). — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 69; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 104; Arqu-Zero, vol. II, p. 211.

CORDEIRO (António Xavier RODRIGUES) — 1819-1896 — Um dos poetas fundadores de *O Trovador*. As suas poesias recolhidas em 2 volumes, *Esparsas* (1889), foram apresentadas por Tomás Ribeiro. Associado a Alexandre de Castilho coordenou o *Almanaque das Lembranças*, que após a morte deste saiu com o título de *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. É também de sua autoria uma colectânea de estudos históricos romanceados que saiu com o título de *Serões de História*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 37; Camilo, vol. II, p. 34; Ermita do Chiado, vol. III, p. 204; Sombra de Cícero, vol. III, p. 274.

CORDEIRO (João RICARDO) — 1836-1882 — Jornalista e comediógrafo. Algumas das suas peças foram representadas no Teatro D. Maria II com bastante êxito: *Um Cura de Almas*, *A*

Família e muitas outras. Tradutor de Scribe (*Camaraderie* com o título *O Elogio Mútuo*), V. Hugo (*Marion Delorme*), Musset (*O Capricho*), Octavio Feuillet (*A Redenção*), etc. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 202; Sombra de Cícero, vol. III, p. 274.

CORNEILLE (Pierre) — 1606-1684 — Grande trágico francês. A sua obra-prima, *O Cid* (1636), inspirada no drama *Os Filhos de Cid* do autor espanhol Guillen de Castro, obtendo junto do público successo estrondoso, provocou, da parte dos dramaturgos da época, violenta reacção que deu origem à famosa polémica sobre *O Cid* e que só terminou por ordem expressa de Richelieu. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 235; Freitas Oliveira, vol. II, p. 272; Barreto e Noronha, vol. III, p. 83.

CORVO (João de ANDRADE) — 1824-1890 — Homem de letras e cientista, foi lente do Instituto Agrícola. Encarregado de várias missões diplomáticas e também ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria, Estrangeiros, Marinha e Ultramar. Colaborou em vários jornais e revistas com artigos científicos e políticos. Autor de alguns romances históricos e peças teatrais. Era anti-iberista ferrenho. — Cit. por: Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Ermita do Chiado, vol. III, p. 203; Sacristão, vol. III, p. 252.

COSTA (LEONEL DA) — 1570-1647 — Poeta, tradutor de Virgílio, Terêncio e parece que também de algumas obras de Savonarola, ao tempo acto bastante corajoso, se acaso corresponde à verdade. É sua uma composição poética sobre um tema abordado em épocas anteriores, *Conversão Miraculosa da Felice Aegyptiaca Penitente Santa Maria*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 26; Urbano Loureiro, vol. III, p. 16; Lisboa Convertido, vol. IV, p. 171.

COUSIN (Victor) — 1792-1867 — Filósofo francês, professor universitário e político de grande nomeada na época da Restauração e Monarquia de Julho. Representante típico do liberalismo burguês, opôs o espiritalismo ecléctico aos ultrarreações da reacção legitimista. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 76; Ermita do Chiado, vol. III, p. 215; Sombra de Cícero, vol. III, p. 267.

COUTINHO (Carlos Ramiro), barão de Barcelinhos e visconde de Ouguela — 1828-1897 — Advogado em Lisboa e filho de abastados comerciantes, foi deputado por várias legislaturas. Autor de uma obra de tendências socialistas, *O Proletariado Europeu*. Preso e acusado de conspirar contra a segurança do Estado em 1872. Colaborou em vários jornais, foi membro da comissão que reformou a legislação comercial e um dos fundadores do Centro Promotor dos Melhoramentos das Classes Laboriosas. — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 272.

COUTINHO (José Eduardo de MAGALHÃES) — 1815-1895 — Lente e director da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Deputado por várias legislaturas. Director-geral da Instrução Pública e bibliotecário da Biblioteca da Ajuda. Colaborou em vários jornais e revistas de medicina. — Cit. por: Freitas Oliveira, vol. II, p. 273.

COUTO (DIOGO DO) — 1542(?) - 1616 — Cronista e guarda-mor da Torre do Tombo da Índia, onde se fixara em 1571. Continuou as *Décadas* de João de Barros, sendo com Castanheda a fonte fundamental da nossa história no Oriente. — Cit. por: Diogo Bernardes, vol. II, p. 165.

CRESCIMBENI (Giovan-Mario) — 1663-1728 — Escritor italiano, um dos fundadores da *Academia dos Arcades*. Foi o autor de uma *História da Poesia Italiana*, nem sempre muito objectiva, embora útil. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 33.

CREUZER (Friedrich) — 1771-1858 — Grande filólogo alemão professor de História e Filologia em Heidelberg (1804-45). A sua obra mais conhecida foi *Simbólica e Mitologia dos Povos da Antiguidade e sobretudo dos Gregos*. Tem outras numerosas obras sobre interpretação de mitos e análise filológica. — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 83, 233; Chagas, vol. I, p. 93; Ramalho, vol. II, p. 77; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21; Barreto e Noronha, vol. III, p. 74; E. A. Vidal, vol. III, p. 233.

CRISIPO — 280-207 a. C. — Filósofo grego estóico, chefe de Stoa (escola estóica fundada por Zenão), após a morte de Cleanto. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 138.

CUNHA (António PEREIRA DA) — 1819-1890 — Redactor do jornal *Nação*, legitimista militante, poeta e dramaturgo, os seus versos encontram-se esparsos por jornais e revistas. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 31, 55; Ermita do Chiado, vol. III, p. 199; Sombra de Cícero, vol. III, p. 275.

CUNHA (Augusto Carlos ELMANO DA) — 1838-? — Colaborador de vários jornais, bacharel em Direito, participou na polémica com o opúsculo *Carta em resposta a Outra*. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 181; Antero, vol. I, pp. 26, 28, 33, 200; A. M. Gaveta, vol. II, pp. 26, 28, 33; Diogo Bernardes, vol. II, p. 162; Urbano Loureiro, vol. II, p. 292; vol. III, p. 8; Barreto e Noronha, vol. III, p. 29; Brito Aranha, vol. III, p. 165; Ermita do Chiado, vol. III, p. 199.

CUNHA (José António de ALMEIDA) — 1838-? — Poeta brasileiro autor de um poema em oito cantos, *Leonor*, impresso no Porto em 1866. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 55.

CUNHA (XAVIER DA) — 1840-1920 — Formado pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa em 1865, dedica-se a escrever numerosos artigos e estudos ora de carácter científico, que assinava com o seu próprio nome, ora de carácter literário, que assinava com o pseudónimo Olímpio de Freitas. Colaborador assíduo de numerosos jornais e revistas, mormente a *Gazeta de Portugal*, de que era folhetinista. Em 1902 foi nomeado director da Biblioteca Nacional de Lisboa, onde fez trabalho meritório, digno de referência. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 55; Ermita do Chiado, vol. III, p. 203; Sombra de Cícero, vol. III, p. 273.

CUVIER (Georges-Léopold-Chrétien-Frédéric-Dagobert) — 1769-1832 — Naturalista apaixonado, começou em 1812 a publicação da parte mais importante da sua obra: *Pesquisas sobre as Ossaturas Fósseis dos Quadrúpedes*, estudo que antecedia os *Discursos sobre as Revoluções à superfície do Globo*, e depois *O Reino Animal Distribuído segundo a Sua Organização*, obra que funda a Paleontologia e onde se encontram expressas as famosas leis de Cuvier. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 32.

D

DANTE — V. ALIGHIERI (DANTE).

DAVENANT (Sir William) — 1606-1668 — Dramaturgo inglês de pouco merecimento que foi director do Real Teatro de Londres durante o reinado de Carlos II. — Cit. por: E. A. Vidal, vol. III, p. 238.

DELAVIGNE (Casimiro) — 1793-1843 — Poeta e dramaturgo francês, fiel aos modelos clássicos. A sua produção teatral tem mais interesse que a poética. Algumas das peças mais conhecidas: *As Vésperas Sicilianas* (1818), *Comediantes* (1819). — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 209.

DELILLE (Abade Jacques) — 1737-1813 — Poeta tradutor das *Geórgicas*, *Eneida*, *Paraiso Perdido* e *O Ensaio sobre o Homem*, de Pope. Apaixonado pela natureza, como o atesta a sua obra original de poeta, foi traduzido por Bocage. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57; Porto Carrero, vol. II, pp. 253, 255; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 59, 97.

DEMÓCRITO de Abdera — 460-350, a. C. — Discípulo de Leucipo. Considerava que o Universo era composto de pequenas partículas, indivisíveis, em suspensão no espaço vazio. Do seu pensamento, de grande importância para o materialismo moderno, só nos restam muito poucos textos. — Cit. por: Lisboa Convertido, vol. IV, p. 150.

DEMÓSTENES — 384-322 a. C. — Grande orador e político ateniense, defensor intransigente da democracia e da liberdade, ficaram célebres as orações que proferiu contra Filipe da Macedónia, conhecidas por Filípicas. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 181.

DENYS (Jean FERDINAND) — 1798-1890 — Uma viagem à América com regresso por Espanha e Portugal determinou-lhe o interesse pela literatura brasileira, espanhola e portuguesa, sobre as quais escreveu várias obras e publicou numerosos artigos. Temos, por exemplo: *Resumo da História Literária de Portugal* (1826), *Atlas de Literatura Portuguesa* (1831), *Crónicas Cavalheirescas de Espanha e Portugal* (1839), *Ca-*

mões e Seus Contemporâneos (1841), *Portugal Pitoresco ou a Descrição Deste Reino*, 4 vols. (1846/7). — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 34.

DESCARTES (Réné) — 1596-1650 — Pode ser considerado o fundador da filosofia moderna. Matemático de génio, foi o inventor da geometria analítica, e na física descobriu os princípios fundamentais da óptica. A sua filosofia ataca os princípios da escolástica, colocando como base do pensamento e da existência humana a Razão. Ao longo da sua obra expõe os métodos capazes de levarem o homem a repensar tudo quanto julga saber para finalmente alcançar a verdade. Principais obras: *Regras para a Direcção do Espírito* (1631), *Discurso do Método* (1637), *Princípios de Filosofia* (1644), *As Paixões da Alma* (1649). — Cit. por: — Osório de Vasconcelos, vol. II, pp. 103, 107; Barreto e Noronha, vol. III, p. 70; Sombra de Cícero, vol. III, p. 267.

DESMOULINS (Camille) — 1760-1794 — Grande jornalista revolucionário. O seu estilo e a sua cultura tornaram os seus escritos clássicos da história do jornalismo. Deputado à Convenção e secretário de Danton, foi guilhotinado juntamente com este. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 201.

DESHOULIÈRES (Madame Antoinette du Ligier de la GARDE) — 1637-1694 — Poetisa francesa conhecida pelas suas poesias pastorais. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 228.

DE TRACY — V. TRACY (DE).

DEUS (JOÃO DE) — V. RAMOS (JOÃO DE DEUS).

DIAS (GONÇALVES) — 1824-1864 — Poeta brasileiro, que se formou pela Universidade de Coimbra. Amigo dos poetas de *O Trovador*, regressou em 1846 ao Brasil, onde publicou os *Primeiros Cantos*, elogiados por A. Herculano. Publicou depois mais dois livros de versos e alguns dramas sem grande nível. Fundou em 1849 a revista literária *Guanabara*. — Cit. por: T. de Vasconcelos, vol. I, p. 286; Romeu Soares J., vol. III, p. 222.

DIAS (MALHEIRO) — V. GUIMARÃES (Augusto MALHEIRO DIAS).

DIDEROT (Denis) — 1713-1784 — Dos iluministas, é talvez a maior organização mental, pois tanto no plano artístico como no crítico e filosófico atingiu uma craveira ainda hoje actual. Fundador da *Enciclopédia*, é um dos mais importantes ideólogos da Revolução Francesa. Com Rousseau representa uma das linhas precursoras do romantismo iluminista. Filosóficamente constitui uma das contribuições mais significativas para a elaboração do materialismo dialéctico. Ateísta, concebe um universo cujo fundamento é a matéria em estado de movimento. Desenvolve a noção de átomo já expressa nos atomistas e nas concepções de Leibniz, aproveitando deste a ideia de uma força íntima subjacente à matéria. Embora alguns aspectos do seu materialismo sejam ainda mecanicistas, o certo é que supera as concepções do século XVIII, preparando as categorias e noções que vão dominar a formulação do materialismo actual. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 205; Camilo, vol. II, p. 139.

DINIS — V. SILVA (António Dinis da CRUZ E).

DINIS (PEDRO) — ?-1869 — Foi administrador, guarda-livros e bibliotecário da casa do visconde de Valmor. Autor de vários estudos, usou o pseudónimo de Amaro Mendes Gaveta no livro *As Folhas Caidas, Apanhadas a dente e Publicadas em nome da Moralidade* (1854). Daí a confusão de lhe atribuírem um folheto que saiu em 1866 sob o mesmo pseudónimo, embora a opinião pública o atribuisse a Cunha Belém. — Cit. por: Diogo Bernardes, vol. II, p. 166; Urbano Loureiro, vol. II, p. 294; vol. III, p. 17; Ermita do Chiado, vol. III, p. 204; Sombra de Cícero, vol. III, p. 275; Cunha Belém, vol. IV, p. 19.

DIÓGENES, o Cínico — 400(?) - 325(?) a. C — Filósofo grego partidário das doutrinas dos cínicos. — Cit. por: Ferreira de Freitas, vol. I, p. 273.

DROZ (François-Xavier-Joseph) — 1773-1851 — Moralista e historiador francês. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 76.

DU CANGE (Charles Du Fresne, sieur) — 1610-1688 — Erudito do séc. XVII autor do *Glossaire de la Moyenne et de la Basse Latinité* (1678) e do *Glossaire des Ecrivains de la Moyenne*

Époque Grecque (1688). — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 192; Ramalho, vol. II, p. 95.

DUCLOS (Charles Pinot) — 1704-1772 — Moralista francês e autor de romances mediocres. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 46.

DUMAS (Alexandre) — V. LA PAILLETERIE (Alexandre Davy de).

DURÃO (Frei José de SANTA RITA) — 1722-1784 — Autor do poema épico brasileiro *Caramuru* (1781), que narra a vida lendária de Diogo Alvares Correia, um dos mais antigos colonos do Brasil. Muito rico em material etnográfico. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57; T. de Vasconcelos, vol. I, p. 286.

E

ELMANO DA CUNHA — V. CUNHA (Augusto Carlos ELMANO DA).

ELMANO SADINO — V. BOCAGE (Manuel Maria Barbosa du).

ELPINO DURIENSE — V. SANTOS (António RIBEIRO DOS).

EPICETETO — séc. I — Filósofo estóico, escravo em Roma de Efradito, secretário de Nero. O seu pensamento influenciou Marco Aurélio. — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 82, 210.

EPICURO — 341-271 a. C. — Fundador da escola epicurista, influenciada pela teoria atomista de Demócrito. Do ponto de vista ético ensinava que o supremo bem consistia no prazer, prazer só conseguido pela paz da alma (ataraxia). — Cit. por: Camillo, vol. II, p. 121; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 150.

ERICEIRA (D. Luís de Meneses, CONDE DE) — 1631-1690 — Autor da melhor crónica sobre o período da Restauração e deposição de D. Afonso VI, *História de Portugal Restaurado*. É uma obra honesta e preocupada com a objectividade. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 235.

ERMITA DO CHIADO — V. VASCONCELOS (Alberto OSÓRIO DE).

ERMITTE DE LA CHAUSSÉE D'ANTIN — V. JOUY.

ESCHENMAYER — Não encontramos referência a este autor. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 75.

ESPINOSA (Baruch) — 1632-1677 — Um dos maiores filósofos europeus. Dois livros fundamentais: *Ética*, em que expõe as suas teorias, e *Tratado Teológico-Político*, em que tenta explicar racionalmente a religião. A maioria das suas obras foi editada póstumamente. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 74; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 150.

ESPRONCEDA (José de) — 1808-1842 — Poeta espanhol romântico. Exilado em Londres para fugir à perseguição que a sua intensa actividade revolucionária desencadeou, deixou-se influenciar por Byron, a quem votou apaixonada admiração. Obras principais: *Pelaio*, *O Diabo Mundo*, *O Estudante de Salamanca*. O poema *O Diabo Mundo* é um poema filosófico, pessimista, mas de grande beleza lírica. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 67; Ramalho, vol. II, p. 68; Camilo, vol. II, p. 119; A. do C., vol. II, p. 239; Ermita do Chiado, vol. III, p. 207; Cunha Belém, vol. IV, p. 26.

ESTEVÃO (José) — V. MAGALHÃES (José ESTEVÃO Coelho de).

ÉSQUILO — 535-456 a. C. — O mais antigo dos três grandes trágicos gregos, e considerado o «Criador da tragédia». Das suas 79 peças apenas nos chegaram intactas 7, das quais: *As Suplicantes*, a trilogia *Orestia*, etc. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 204; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 104; Arquizeiro, vol. II, p. 224.

EURÍPEDES — 485-406 a. C. — Cronologicamente, o último dos três grandes trágicos gregos, contemporâneo de Anaxágoras, Protágoras e Sócrates. Nas suas peças aborda problemas sociais, filosóficos, religiosos e políticos. Das 92 peças que escreveu restam-nos 19, das quais, *Os Troianos*, *Ifigénia em Táurida*, *Electra*, *As Bacantes*, etc. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 54.

F

FALISCO (Grácio) — séc. I — Poeta latino, autor da *Cynegiticon*, contemporâneo de Augusto. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.

FEIO (José Vitorino BARRETO) — 1782-1850 — Liberal, deputado às Constituintes de 1821, mostrou sempre grande independência de carácter e teve de se exilar por mais de uma vez. Durante a sua estada em Hamburgo colaborou com Gomes Monteiro nas edições de Camões e Gil Vicente chamadas «Edições de Hamburgo». De regresso à pátria, em 1834, dedicou-se à tradução de Virgílio, Tito Lívio, Salústio, Maquiavel e Alfieri. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 26; Arqui-Zero, vol. II, p. 224.

FELICIANO DE CASTILHO (António) — V. CASTILHO (António FELICIANO DE).

FÉNELON (François de Salignac de La Mothe) — 1651-1715 — Bispo e escritor francês, defensor do quietismo, o que lhe valeu ser condenado por Roma em 1699. Preocupado com o problema da Educação, foi o autor do *Tratado de Educação das Raparigas* e *Aventuras de Telémaco*, traduzido por um membro da Arcádia, Manuel de Sousa, que se destinava ao aperfeiçoamento da educação do duque de Borgonha, de quem fora nomeado preceptor. São também muito conhecidas as suas *Fábulas*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62; T. de Vasconcelos, vol. I, p. 282; Barreto e Noronha, vol. III, p. 74.

FERREIRA (ANTÓNIO) — 1528-1569 — Autor da nossa famosa tragédia do século XVI *Castro*, onde pela primeira vez, como faz notar Fidelino, se trata o conceito do amor trágico. Escreveu igualmente duas comédias, *Cioso* e *Briosto*, sem originalidade e interesse. Póstumamente foram publicadas as suas poesias com o título de *Poemas Lusitanos*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57; G. F., vol. II, p. 200; Arqui-Zero, vol. II, p. 219; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 68, 92.

FERREIRA (José Maria de ANDRADE) — 1823-1875 — Jornalista muito conhecido no seu tempo. Colaborou nos jornais *Regeneração*, *Opinião* e outros. Na revista *O Panorama* publicou uma série de artigos sobre poetas e romancistas portugueses.

Traduziu Lamartine — *História da Revolução Francesa* (1849/50). — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 204; Sacristão, vol. III, p. 265; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 8; Cunha Belém, vol. IV, p. 28.

FERREIRA (TOMÁS ANTÓNIO RIBEIRO) — 1831-1891 — Um dos mais festejados poetas desta época. O seu poema-romance *D. Jaime* (1862), publicado juntamente com o elogio de Castilho a que este chamou *Conversação Preambular*, obteve clamoroso êxito e deu lugar a aguerrida polémica encabeçada por Ramalho Ortigão. No prólogo da segunda edição, numa linguagem sóbria, comedida, Tomás Ribeiro responde a algumas das críticas feitas pelos «críticos do norte» e explica os seus sentimentos políticos anti-ibéricos. Tomás Ribeiro é um exemplo, aliás frequente no século XIX, do intelectual que, absorvido pela paixão política ou pelas funções escolhidas, abandona a literatura. Outras obras: *A Delfina do Mal*, poema que continua o *D. Jaime* (1868), e um livro de poesias, *Sons Que Passam* (1868), nalguns pontos de inspiração huguesca. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 31, 55, 58, 60; vol. III, p. 172; Elmano da Cunha, vol. I, pp. 118, 119; J. de Castilho, vol. I, p. 137; Ramalho, vol. II, p. 50; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 102; Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Carlos Borges, vol. III, pp. 190, 192; Ermita do Chiado, vol. III, p. 202; Sacristão, vol. III, p. 252; Sombra de Cícero, vol. III, pp. 263, 271; Cunha Belém, vol. IV, pp. 25, 28.

FERRER — V. PAIVA (Vicente FERRER Neto de).

FEUERBACH (Ludwig) — 1804-1872 — Filósofo materialista alemão, discípulo de Hegel; o seu pensamento constitui o elo entre a filosofia do mestre e a de Marx. A sua obra *Crítica da Filosofia Hegeliana* (1839) inicia a superação dialéctica do idealismo clássico alemão e o trânsito para o materialismo dialéctico. Feuerbach teve também o mérito de completar a crítica à religião operada pelos iluministas franceses, descobrindo a alienação gnosiológica que se oculta nas concepções deístas. A sua concepção de uma filosofia necessária ou filosofia do futuro, como ele próprio a designava, ainda hoje tem validade. Conservou-se idealista na explicação dos fenómenos sociais. A análise histórica da sua obra foi feita

por Engels no livro *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã*. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 83; Teófilo, vol. I, p. 188; Ramalho, vol. II, p. 95; Camilo, vol. II, pp. 129, 140; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21; Barreto e Noronha, vol. III, p. 74; E. A. Salgado, vol. III, p. 134.

FICHTE (Johann-Gottlieb) — 1762-1814 — Filósofo idealista influenciado por Kant. Campeão da unificação alemã, ficou célebre o seu *Discurso à Nação Alemã*, uma das cartilhas do nacionalismo germânico. Na sua opposição ao opressor francês, Fichte defende por vezes posições justas e progressivas. A sua principal obra filosófica é: *Doutrina da Ciência* (1794): — Cit. por: T. de Vasconcelos, vol. I, p. 283; Camilo, vol. II, p. 132; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 70, 74; E. A. Salgado, vol. III, p. 128; E. A. Vidal, vol. III, p. 235.

FILINTO ELÍSIO — V. NASCIMENTO (P. Francisco Manuel do).

FLACCO (Balbo Setino VALÉRIO) — séc. I — Poeta latino, autor dum poema épico inacabado, *Os Argonautas*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.

FLACO (HORÁCIO) — 65-8 a. C. — Juntamente com Virgílio, o maior poeta romano. As suas *Odes* (*Carmina*) tornaram-no o maior poeta lírico latino. Nas suas *Epístolas*, a mais conhecida é a *Epístola aos Pisões*, também chamada *A Arte Poética*, pois expõe nela as suas teorias sobre arte poética. Protegido de Mecenas, que lhe ofertou uma vila em Tibur (nome que Castilho dava enfatuadamente à sua casa da Lapa), pôde dedicar-se inteiramente à produção poética. Como é original de Venusa, dão-lhe por vezes o nome de Venusino, designação que lhe é atribuída por Castilho na polémica. Foi traduzido por Filinto, Alorna, José Agostinho, Cândido Lusitano e Lima Leitão. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 18, 26, 38, 49, 50, 56, 67, 295; Antero, vol. I, p. 82; J. de Castilho, vol. I, pp. 154, 159, 160; Ramalho, vol. II, pp. 67, 78; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 104; Camilo, vol. II, p. 122; Arqui-Zero, vol. II, p. 222; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 68, 88, 90; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 11.

FLOBIAN (Jean-Pierre Claris de) — 1755-1794 — Romancista e dramaturgo, é hoje principalmente conhecido pelas suas *Fábulas*. No século XIX tiveram grande voga os seus poemas-novelas. Preso durante o Terror, foi libertado depois do 9 Termidor. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62; Antero, vol. I, p. 228; Malheiro Dias, vol. II, p. 187.

FONSECA (Francisco Fernandes de GUIMARÃES) — 1838-1876(?) — Formou-se em Direito por Coimbra em 1867. Colaborou em vários jornais de Portugal e do Brasil, onde esteve de 1869 a 1872. Regressado ao nosso país, entregou-se a uma vida de boémia, morrendo na miséria. Escreveu alguns poemas e opúsculos como: *Carta de Um Solitário ao 1.º Jornalista Português*, *António Rodrigues Sampaio* (1874), *Cântico dos Cânticos*, poemas (1865), etc. Traduziu *Rafael*, de Lamartine, a *Dama das Camélias*, de Dumas, e outros. A opinião pública atribuiu-lhe o folheto *A Literatura Ramalhuda, a propósito dos Srs. Castilho e Ramalho Ortigão* (1866) que faz parte da polémica *Bom Senso e Bom Gosto* e que saiu anónimo, tendo como indicação do autor as iniciais G. F.

FOURIER (François-Marie-Charles) — 1772-1837 — Famoso representante francês do socialismo utópico. Como todos os ideólogos formados no período revolucionário, defendeu o princípio da igualdade e da fraternidade, colocando na cúpula da tríade a justiça. Como Rousseau, pensava que a sociedade depravara o homem. Tratava-se de fundar um novo regime social capaz de dar livre curso às paixões humanas. O quadro da sociedade futura deveria ser a *Falange* e todos os seus membros teriam direito ao trabalho. As suas ideias apresentavam de forma rudimentar a futura eliminação do conflito entre o trabalho intelectual e o manual. Como todo o socialismo utópico, a doutrina de Fourier é contrária à revolução violenta. Juntamente com Owen e Saint-Simon, é uma das fontes do marxismo. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 226.

FRANCO (Francisco SOARES) — 1772-1844 — Doutor e lente da Universidade de Coimbra (Medicina). Colaborou no *Jornal da*

Sociedade das Ciências Médicas e na *Gaseta de Lisboa*, de que foi redactor. Escreveu várias obras sobre a sua especialidade, um livro de versos e uma tragédia. — Cit. por: *Ermita do Chiado*, vol. III, p. 203; *Sombra de Cícero*, vol. III, p. 271.

FRANCO BARRETO — V. BARRETO (FRANCO).

FREIRE — A associação que Antero faz deste autor com Lucena leva-nos a pensar tratar-se de Jacinto FREIRE DE ANDRADE. — V. ANDRADE (Jacinto FREIRE DE).

FREIRE (Padre Francisco José), conhecido por CÂNDIDO LUSITANO — 1719-1773 — Um dos doutrinadores estéticos da Arcádia Lusitana. Os seus pontos de vista encontram-se registados na *Arte Poética* e na *Dissertação* com que antecede a tradução da *Atália* de Racine. São também da sua autoria uma tradução da *Arte Poética* de Horácio (1885), um *Dicionário Poético* e *Reflexões sobre a Língua Portuguesa*. — Cit. por: *Castilho*, vol. I, p. 26; *Arqui-Zero*, vol. II, p. 224; *Urbano Loureiro*, vol. III, p. 16.

FREITAS (A. FERREIRA DE) — Não encontramos referência deste nome em parte alguma. Participa na polémica com um folheto satírico de inferior qualidade: *Da Literatura em Lisboa*.

FREITAS (OLÍMPIO DE) — V. CUNHA (XAVIER DA).

FRÖBEL (Friedrich) — 1782-1852 — Pedagogo alemão criador dos jardins de infância. — Cit. por: *Camilo*, vol. II, p. 125.

FROISSART (Jean) — 1333(?) - 1401(?) — Poeta, romancista e historiador francês contemporâneo da Guerra dos Cem Anos, que narra nas suas *Crónicas*. «Clerc» ao serviço da nobreza, viaja incansavelmente recolhendo factos; esforça-se por contar a verdade, sem amor e sem ódio. No entanto, essa verdade reflecte a ideologia da nobreza que o protege e que ele admira. O povo e a burguesia, desprezados e ridicularizados, servem de pano de fundo às proezas, às pilhagens e

aos morticínios praticados pelos senhores, e referidos com a maior naturalidade como se fossem aventuras dignas de passar à posteridade. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 192.

FUZEIRO (Nuno BARRETO) — ?-1702 — Escreveu várias obras sobre vidas de santos. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 129.

G

GALILEU (Galileo Galilei, conhecido por) — 1564-1642 — Matemático, físico e astrónomo italiano. Deu continuidade às descobertas feitas por Copérnico, servindo-se do método experimental. Denunciado como herético em 1610, teve de abjurar de joelhos perante o tribunal da Inquisição as suas afirmações sobre o heliocentrismo. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 69; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 104.

GAMA (ARNALDO de Sousa Dantas) — 1828-1869 — Romancista portuense que se tornou conhecido pelos seus romances históricos e que tem tão-só o mérito de reconstituir os ambientes do passado. Algumas obras: *O Génio do Mal* (1856-1857), *Um Motim Há Cem Anos* (1861), etc. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 203.

GAMA (José Basílio da) — 1740(?) - 1795 — Poeta épico brasileiro, autor do poema *Uruguai*, versando a revolta dos habitantes das Missões Indias do Uruguai contra os jesuitas. — Cit. por: T. de Vasconcelos, vol. I, p. 286.

GARÇÃO (Pedro António CORREIA) — 1724-1772 — Membro da Arcádia Lusitana com o pseudónimo de Córdon Erimanteu. Embora alguns dos seus sonetos tenham muita qualidade poética, o mais importante da sua obra são as suas dissertações e orações compostas em defesa dos novos princípios da língua e da poesia, e ainda as epístolas e sátiras. São também de sua autoria duas peças, *Teatro Novo* e *Assembleia ou Partida*, com as quais tentou a renovação do teatro português. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

GARCIA de Mascarenhas (BRÁS) — V. MASCARENHAS (Brás GARCIA DE).

GARNIER — Talvez se trate de GARNIER-PAGÈS (Louis-Antoine) — 1803-1878 — Político e historiador francês. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III p. 76.

GARRETT (João Baptista da Silva Leitão de ALMEIDA) — 1799-1854 — Escritor político, poeta, revolucionário, publicista; é um dos maiores gênios da nossa literatura. O desabrochar do seu talento deve-se sem dúvida às condições revolucionárias verificadas no país durante as invasões e a revolução democrática de 1820. O romantismo, que já encontrara cultores entre alguns artistas da Arcádia, foi desenvolvido através da acção de Garrett na poesia, no teatro, no romance e na oratória política. Em virtude da sua posição ideológica de inspiração iluminista, a estética garrettiana apresenta características que a diversificam da de Herculano e de todo o movimento subsequente que vem desaguar no ultra-romantismo. As suas obras-primas são: na poesia, *Folhas Caidas*, no teatro, *Frei Luis de Sousa*, e no romance, *Viagens na Minha Terra*. — Cit. por: Chagas, vol. I, p. 95; J. de Castilho, vol. I, pp. 153, 154, 155, 176; Antero, vol. I, pp. 222, 235, 239; Porto Carrero, vol. I, p. 260; T. de Vasconcelos, vol. I, p. 288; Ramalho, vol. II, pp. 49, 74, 84; Camilo, vol. II, pp. 128, 147, 149, 152; G. F., vol. II, p. 196; Freitas Oliveira, vol. II, p. 272; Urbano Loureiro, vol. III, p. 20; Peixoto Amaral, vol. III, pp. 147, 159; Ermita do Chiado, vol. III, pp. 204, 205, 206, 207, 208, 212, 215; Romeu Soares J., vol. III, p. 220; Sacristão, vol. III, p. 253; Cunha Belém, vol. IV, pp. 18, 20, 23, 24, 27, 28.

GARRIDO (EDUARDO) — 1842-1912 — Escritor teatral que levou à cena grande número de peças, umas de sua autoria, outras traduzidas e adaptadas primorosamente. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 203; Sombra de Cícero, vol. III, p. 272.

GASSENDI (Pierre Gassend, conhecido por) — 1592-1655 — Matemático e filósofo francês que atacou a filosofia aristotélica. Partidário dos sistemas de Copérnico e Galileu, foi adversário de Descartes. — Cit. por: Arqui-Zero, vol. II, p. 211.

GAVARNI — V. CHEVALIER (Sulpice-Guillaume).

GESSNER (Salomon) — 1730-1788 — Poeta pré-romântico suíço, pintor e gravador, muito citado pelos nossos ultra-românticos. As suas obras mais conhecidas são: *Daphnis*, *Idílios*, *A Morte de Abel*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 37; J. de Castilho, vol. I, p. 153; Antero, vol. I, p. 228.

GINGUENE (Pierre-Louis) — 1748-1816 — Historiador francês, autor duma *História Literária de Itália* em 9 volumes (1811/1824). — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 34.

GOETHE (John Wolfgang) — 1749-1832 — Um dos maiores escritores da Alemanha moderna. O seu génio repartiu-se entre a poesia, o teatro, a estética, a crítica e a filosofia. É o artista mais significativo da burguesia ascendente, numa Alemanha em trânsito dos principados feudais para o estado unificado. Fortemente influenciado na juventude por Herder, entusiasmado pela poesia de Klopstock, em breve animado pela obra de Lessing, iniciou praticamente a sua actividade artística como comediógrafo. A sua vocação enciclopédica fá-lo interessar-se pelos problemas da medicina e da ciência em geral. Embora influenciado pelo movimento romântico, é um escritor temperado pela severidade e equilíbrio da arte clássica, facto a que decerto não será alheia a sua formação iluminista. A sua obra-prima, *Fausto*, foi planificada em 1773/1775. Outra obra famosa, o *Werther*, inspira-se provavelmente na *Nouvelle Heloise*. Este livro reflecte mais fielmente a linha romântica da sua arte. A partir de 1775, com a ida para Weimar, verifica-se uma nova orientação nas suas ideias, regressando a uma inspiração clássica. Foi grande amigo de Schiller, com o qual manteve intensas relações intelectuais. Traduzido pela Marquesa de Alorna e por Castilho. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 165; Teófilo, vol. I, p. 186; Antero, vol. I, pp. 227, 228, 230, 232; T. de Vasconcelos, vol. I, p. 282; Ramalho, vol. II, p. 95; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 104; Camilo, vol. I, p. 137; Malheiro Dias, vol. II, p. 180; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21; E. A. Salgado, vol. III, p. 123; Ermita do Chiado, vol. III, p. 206; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 11; Lisboaeta Convertido, vol. IV, pp. 177, 178.

GOGOL (Nicolau) — 1809-1852 — Romancista e novelista russo. Introdutor do romance realista na sua pátria. Duas grandes

obras: *Tarass Bulba* e *Almas Mortas* (inacabada). — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.

GÓIS (DAMIÃO DE) — 1502-1574 — O último dos grandes cronistas portugueses. Muito viajado, foi amigo de grandes humanistas do seu tempo, Erasmo, Vives, Melanchton, Lutero, Dürer; colaborou uma tentativa de conciliação entre Roma e Lutero. Foi guarda-mor da Torre do Tombo. Denunciado à Inquisição e condenado a prisão perpétua, morreu em circunstâncias não esclarecidas. As suas *Crónica do Felicitissimo Rei D. Manuel* e *Crónica do Príncipe D. João* são notáveis pela objectividade com que trata os personagens históricos. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

GOMES — Não sabemos se se trata de Alvaro Gomes, teólogo do século XVI doutorado pela Universidade de Paris e confessor do rei D. João III. Deixou inédito um *Tratado da Perfeição da Alma*. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

GONZAGA (Tomás António) — 1744-1810 — Filho de pai brasileiro e de mãe portuguesa, e um dos nossos melhores poetas do século XVIII. O seu poema *Marília de Dirceu* (Dirceu era o seu nome arcádico e Marília a sua amada), num verso harmonioso, repassado de emoção, dá-nos o quadro da vida familiar brasileira do séc. XVIII. Gonzaga, comprometido na Conjuração Mineira, foi degredado para África, onde acabou por morrer. — Cit. por T. de Vasconcelos, vol. I, p. 286.

GOUVEIA (D. António Aires de) — 1828-1916 — Doutor em Direito e Teologia pela Universidade de Coimbra (1864). Ministro da Justiça e bispo do Algarve. Camilo satirizou a sua linguagem empolada em *A Queda de Um Anjo*. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 204; Sombra de Cícero, vol. III, p. 275.

GOUVEIA (Visconde de) — V. PIMENTEL (José Freire de SERPA).

GRIMM (Jacob) — 1785-1863 — Com o seu irmão Guilherme, pertence ao grupo dos românticos alemães de Heidelberg, juntamente com Brentano, Achim d'Arnim e Gures, que ao mesmo tempo que cultivavam a poesia procuravam recolher

os contos e lendas populares alemães. Jacob Grimm publica de colaboração com seu irmão os *Contos* (1812) e *Lendas Alemãs* (1815) (os nossos ultra-românticos traduziram por *Tradições Alemãs*), e posteriormente, apenas de sua autoria, publica *Gramática Alemã* (1819), *Mitologia Alemã* (1835), *História da Língua Alemã* (1848). — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 192; Antero, vol. I, p. 234; Ramalho, vol. II, p. 95; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21.

GUADAGNOLI (António) — 1798-1858 — Poeta italiano, publicou poesias de inspiração popular. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 55.

GUIMARÃES (Augusto MALHEIRO DIAS) — ?-? — Natural do Porto. Participou na polémica com o opúsculo *Castilho e Quental. Reflexões sobre a Actual Questão Literária*. — Cit. por: Urbano Loureiro, vol. III, p. 21.

GUIMARÃES FONSECA — V. FONSECA (Francisco Fernandes de GUIMARÃES).

GUIZOT (François-Pierre-Guillaume) — 1787-1874 — Estadista e historiador francês, grande defensor das teorias conservadoras. Desempenhou cargos de confiança durante a Monarquia de Julho, exilando-se depois em Inglaterra. Escreveu várias obras de história, *História da Revolução Inglesa*, *História Geral da Civilização na Europa*, etc. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 191; Ramalho, vol. II, p. 95; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21; Barreto e Noronha, vol. III, p. 76.

H

HAMILTON (Sir WILLIAM) — 1788-1856 — Filósofo metafísico escocês, professor de História Universal, depois de Lógica e Metafísica. As suas *Lições de Lógica* tiveram grande influência na época e mesmo posteriormente. Stuart Mill escreveu uma *Crítica à Filosofia de Hamilton* que ainda popularizou mais as suas teorias. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 189; Ramalho, vol. II, p. 95; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21.

HANS SACHS — V. SACHS (HANS).

HARDENBERG (Friedrich von), chamado NOVALIS. — 1772-1801 — Poeta alemão; dos mais típicos representantes do romantismo germânico. O seu misticismo, que pretendia ser um cristianismo renovado, inspira toda a sua curta obra. Da sua produção poética são mais conhecidos os *Hinos à Noite* (1800) e os *Cânticos Espirituais* (1799). — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 186; Antero, vol. I, p. 232; Ramalho, vol. II, p. 95.

HARVEY (William) — 1578-1657 — Célebre médico inglês conhecido pela descoberta da circulação do sangue. — Cit. por: Arqui-Zero, vol. II, p. 211.

HEGEL (Georg Wilhelm Friedrich) — 1770-1831 — Um dos maiores filósofos e um dos que mais influência vêm exercendo no pensamento europeu. Embora filósofo idealista, o seu método é dialéctico: a evolução baseia-se na luta dos contrários e no trânsito do quantitativo ao qualitativo. Por isso os fundadores do marxismo vão buscar a Hegel os elementos do método dialéctico, criticando, contudo, os aspectos metafísicos da sua filosofia. — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 83, 233; T. de Vasconcelos, vol. I, p. 282; Ramalho, vol. II, p. 77; Camilo, vol. II, pp. 132, 140; Malheiro Dias, vol. II, p. 179; Barreto Noronha, vol. III, pp. 70, 73, 74; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 70, 73, 74; E. A. Salgado, vol. III, p. 128; Ermita do Chiado, vol. III, p. 215; E. A. Vidal, vol. III, p. 239; Sacristão, vol. III, p. 248; Sombra de Cícero, vol. III, p. 267; Lisboeta Convertido, vol. IV, p. 100.

HEINE (Heinrich) — 1799-1856 — Poeta alemão, influenciado pelo romantismo, e pela cultura francesa. A sua obra poética, *O Livro dos Cantos* (1827), *O Romancero* (1851), são obras-primas da poesia. É também um grande prosador como o demonstra nas *Imagens de Viagem* (1826-1830). — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 77; Malheiro Dias, vol. II, p. 179; E. A. Salgado, vol. III, p. 134.

HERACLITO de Efeso — 576(?) - 480 a. C. — Filósofo grego fundador da dialéctica, de cujas obras, infelizmente, só nos restam

fragmentos. Nele se inspiram todos os filósofos dialécticos modernos de Hegel a Marx. — Cit. por: E. A. Vidal, vol. III, p. 234.

HERBART (Johann-Friedrich) — 1776-1841 — Filósofo alemão que substituiu Kant na Universidade de Königsberg. Um encontro com Pestalozzi determinou o seu interesse pelos problemas éticos e pedagógicos. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 75.

HERCULANO (Alexandre) — V. ARAÚJO (ALEXANDRE HERCULANO de Carvalho).

HERDER (Johann Gottfried von) — 1744-1803 — Um dos teóricos do *Sturm und Drang*. Discípulo de Kant, admirador de Rousseau, tem uma influência enorme nos contemporâneos, mormente em Goethe. Abordando ora temas religiosos, ora filosóficos ou históricos, desenvolveu grande actividade intelectual, publicando sucessivos ensaios sobre os mais variados temas. A sua maior obra, aliás inacabada, é *Ideias sobre a Filosofia da História da Humanidade* (1784-1791), traduzida pela Marquesa de Alorna. — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 83, 233, 234; T. de Vasconcelos, vol. I, p. 282; Camilo, vol. II, pp. 132, 140; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21; Barreto e Noronha, vol. III, p. 74; Ermita do Chiado, vol. III, p. 206; E. A. Vidal, vol. III, p. 234.

HERÓDOTO — 485-425 a. C. — Amigo de Péricles e Sófocles, é conhecido pelo «Pai da História». Embora se esforce por nos dar uma visão objectiva dos acontecimentos que narra (*Gueras Médicas*), nem sempre se consegue libertar de preconceitos ou crenças que lhe deturpavam a visão objectiva. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 191; Ramalho, vol. II, p. 95.

HESÍODO — VII séc. a. C. — Poeta grego autor de *Os Trabalhos e os Dias*, onde se trata o mito de Prometeu. Esta obra costuma contrapor-se à obra de Homero por expor ideais de vida pacífica e moralizadora. Também se lhe atribui a *Teogonia*. — Cit. por: Malheiro Dias, vol. II, pp. 179, 189.

HIPÓCRATES — 460(?) - 380(?) a. C. — Criador da medicina científica, pouco se sabe da sua vida, a não ser que nasceu em Cós,

centro científico da Grécia. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 66.

HOFFMAN (Friedrich) — 1660-1742 — Médico alemão, autor da teoria segundo a qual os fenómenos vitais resultam dum principio próprio, a matéria viva. — Cit. por: Arqui-Zero, vol. II, p. 211.

HOLBERG (Ludwig, barão d') — 1684-1754 — Poeta e dramaturgo dinamarquês. Foi o criador do teatro na sua pátria. Inspirou-se nos poetas satíricos latinos, em Molière e Marivaux. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 204.

HOMERO — Nome dado tradicionalmente ao autor ou autores das duas maiores epopeias da humanidade: *Odisseia* e *Ilíada*. Desde a Antiguidade que se discute se os poemas são da autoria de um único poeta ou de vários. Este problema, levantado de novo por Wolf no principio do século passado na sua obra *Prolegomena ad Homerum*, continua a ser discutido. A tendência geral dos especialistas contemporâneos é considerarem os dois poemas obra de um só autor, argumentando principalmente com base na unidade da composição. Considerado o poeta nacional da Grécia, as suas obras constituem, para além do valor poético, fonte preciosa para o estudo da civilização aqueia. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 13, 51; Antero, vol. I, pp. 85, 86, 236; Chagas, vol. I, p. 99; J. de Castilho, vol. I, pp. 142, 159, 160, 163; Teófilo, vol. I, pp. 189, 190; Ramalho, vol. II, pp. 54, 95; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 104; Diogo Bernardes, vol. II, p. 165; Freitas Oliveira, vol. II, p. 272; Barreto e Noronha, vol. III, p. 77; Peixoto Amaral, vol. III, p. 156; Ermita do Chiado, vol. III, p. 202; Sombra de Cicero, vol. III, p. 275; Anónimo, vol. IV, p. 84; Lisboaeta Convertido, vol. IV, pp. 107, 108, 111, 114.

HORÁCIO — V. FLACO (HORÁCIO).

HORTA (José Maria da PONTE E) — 1824-1892 — General de divisão, lente de Matemáticas da Escola Politécnica (1859). Governador de Macau, Cabo Verde e Angola. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 203.

HUGO (VICTOR-Marie) — 1802-1885 — O maior e o mais fecundo poeta da escola romântica francesa, que exerceu considerável influência na poesia contemporânea, incluindo a poesia portuguesa. A versatilidade e a fecundidade do seu génio permitiam-lhe abordar todos os géneros: poesia, romance, teatro. Algumas das suas produções são consideradas obras-primas da escola romântica, e quase todas as suas peças tiveram êxito retumbante, embora dessem azo a violentas querelas com os «clássicos», como foi o caso da representação do *Hernâni*. É no prefácio ao seu drama *Cromwell* que Victor Hugo traça, em linhas gerais, os objectivos da nova escola romântica. Os seus poemas filosóficos, especialmente *A Lenda dos Séculos*, vão inspirar alguns poetas contemporâneos. É o caso entre nós de alguns poemas das *Odes Modernas* de Antero e da *Visão dos Tempos* de Teófilo. É curioso notar que o género já fora tentado por um poeta quase desconhecido, Lobato Pires, no seu poema *Humanidade* (1860). — Cit. por Castilho, vol. I, pp. 37, 62; vol. III, pp. 173, 174; Antero, vol. I, pp. 84, 86, 201, 226, 227, 228, 230, 232, 236; Chagas, vol. I, pp. 91, 98, 99; J. de Castilho, vol. I, pp. 142, 147, 150, 160, 163, 178; Teófilo, vol. I, pp. 191, 192; Porto Carrero, vol. I, p. 252; vol. II, pp. 259, 262; A. M. Gaveta, vol. II, p. 38; Ramalho, vol. II, pp. 49, 81; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 101; Camilo, vol. II, pp. 119, 127, 131, 150; Malleiro Dias, vol. II, p. 179; Freitas Oliveira, vol. II, p. 272; Urbano Loureiro, vol. II, p. 291; Ermita do Chiado, vol. III, p. 206; E. A. Vidal, vol. III, p. 238; Sacristão, vol. III, p. 256; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 11; Cunha Belém, vol. IV, p. 26; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 169.

HUME (David) — 1711-1776 — Filósofo influenciado por Locke e Berkeley. Empirista, para ele a base de todo o conhecimento é a observação e a experimentação. A sua obra mais célebre: *Ensaio sobre o Entendimento Humano* (1748). — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 87.

HUTTEN (Ulrich de) — 1488-1523 — Teólogo, poeta e político alemão, considerado um dos precursores da Reforma. Opôs-se a Lutero, mais conservador do ponto de vista político. A sua obra mais conhecida: *Epistolae Obscororum virorum* (1516). — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 193, Ramalho, vol. II, p. 96; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21.

HUYGENS (Christiaan) — 1629-1695 — Físico e astrónomo holandês. Foi quem descobriu os anéis de Saturno. — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 104.

HUYGHENS — V. HUYGENS. (A grafia do nome citado deve estar errada no texto.)

I

ITÁLICO (Tito Caio Ascónio SÍLIO) — 25-101 — Poeta épico autor do mais longo poema latino que chegou até nós: *Púnica*, cujo assunto é a 2.^a Guerra Púnica. Traduzido por Filinto. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.

J

JACOB (Ludwig Heinrich von) — 1752-1827 — Filósofo e economista alemão, particularmente interessado pela filosofia do direito e pela economia política. De 1809 a 1816 esteve na Rússia, onde presidiu à comissão imperial de Legislação. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 75.

JACOBI (Friedrich Heinrich) — 1743-1819 — Pensador alemão que sofreu a influência de Pascal, Fénelon e Rousseau. Defendia os direitos dos sentimentos contra a razão, o que exprime nas suas *Cartas de Altona*. — Cit. por: T. de Vasconcelos, vol. I, p. 282.

JANET (Paul) — 1823-1899 — Filósofo espiritualista francês que tem várias obras sobre psicologia. Muito citado pelos nossos autores do século XIX de tendências conservadoras. — Cit. por: E. A. Salgado, vol. III, p. 137; Ermita do Chiado, vol. III, p. 215.

JOUY (Victor-Joseph ETIENNE, conhecido por) — 1764-1846 — Escriitor e autor dramático. Nas suas obras assinadas com o pseudónimo Ermita de la Chaussée d'Antin criticou a sociedade sua contemporânea. Inimigo irreconciliável da Restauração. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 200; Sacristão, vol. III, p. 248.

JUNIUS (FRANCES) — 1589-1678 — Escritor alemão que se fixou em Londres. Interessou-se pela filologia saxónica. — Cit. por: *Ermita do Chiado*, vol. III, p. 200; *Sacristão*, vol. III, p. 248.

JUVENAL (D. Junius) — 62-142 — Poeta latino satírico, que critica ásperamente a sociedade do seu tempo. — Cit. por: *Castilho*, vol. I, p. 54.

K

KANT (Emmanuel) — 1724-1804 — Um dos filósofos que, juntamente com Hegel, exerceram maior influência no século XIX. Pensador lógico e metafísico, procura conciliar o materialismo com o idealismo. Algumas das suas teorias, do ponto de vista científico, como a origem do sistema solar, deram um impulso notável ao progresso do conhecimento; e a defesa da liberdade e o reconhecimento de necessidade de um progresso social tornam-no um porta-voz da burguesia progressista alemã. O seu conceito de Belo, como categoria do gosto universal, encontra-se expresso de forma ingénua em alguns dos intervenientes da polémica. — Cit. por: T. de Vasconcelos, vol. I, pp. 282, 283; Camilo, vol. II, pp. 121, 132; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 70, 75; E. A. Salgado, vol. III, p. 128; *Ermita do Chiado*, vol. III, p. 215; E. A. Vidal, vol. III, p. 235.

KEPLER (Johannes) — 1571-1630 — Astrónomo alemão que enunciou leis universais, conhecidas pelas leis de Kepler, donde Newton deduziu a lei da atracção universal. — Cit. por: *Osório de Vasconcelos*, vol. II, p. 104.

KEPPEN — Pensamos tratar-se de: Friedrich Koeppen — 1775-1858 — Filósofo alemão amigo de Jacobi e que lhe divulgou as doutrinas. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 75.

KLOPSTOCK (Friedrich) — 1724-1803 — Poeta alemão, ligado ao chamado movimento pietista. Os seus sentimentos religiosos levaram-no a escrever um poema bíblico em 20 cantos, *A Messiada*, que canta a paixão, a morte e a ressurreição de Cristo e o consagrou como grande poeta. Escreveu também vários dramas patrióticos com coros para serem cantados

por bardos. A sua influencia foi grande na Alemanha. Entre nós, Herculano foi também tocado pela grandiloquência religiosa e sombria de Klopstock. — Cit. por: T. de Vasconcelos, vol. I, p. 282.

KRAUSE (C. Christian-Friedrich) — 1781-1832 — Filósofo alemão panteísta, discípulo de Schelling. Professor em Iena, Göttingen e Munique. Obras mais conhecidas: *Esboço da Lógica Histórica* (1803), *Esboço do Conjunto da Filosofia* (1804), *Ensaio sobre a Base Científica da Moral* (1810), etc. — Cit. por: T. de Vasconcelos, vol. I, p. 281.

KRUG (Wilhelm) — ?-1842 — Filósofo alemão professor de Lógica e Metafísica na Universidade de Königsber.) — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 75.

L

LA BRUYÈRE (Jean DE) — 1645-1696 — Escritor e moralista francês autor dos *Caractères*, onde retrata moral e psicologicamente os seus contemporâneos. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 78.

LACORDAIRE (Jean-Baptiste Henri) — 1802-1861 — Pregador dominicano francês de tendências republicanas. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 76.

LA FONTAINE (Jean de) — 1621-1695 — O mais célebre fabulista francês, considerado um dos grandes escritores do séc. XVII. Participou na querela dos Antigos e Modernos, tomando o partido dos Antigos. Traduzido por Filinto. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62; Antero, vol. I, p. 88; J. de Castilho, vol. I, p. 146.

LAGRANGE (Joseph-Louis, conde de) — 1736-1813 — Astrónomo e matemático francês amigo de D'Alembert. Estudou a teoria dos números, o cálculo das probabilidades, etc. Uma das suas obras mais conhecidas: *Cálculo das Variações*. — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 104.

LA HARPE (Jean-François de) — 1739-1803 — Crítico francês, professor de Literatura. Muito conhecido pelos seus elogios

literários: *Elogio de Fénelon* (1771), *Elogio de Racine* (1772). — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 34; Barreto e Noronha, vol. III, p. 50.

LAJONCHÈRE (Étienne LÉCUYER DE) — 1690-1740 — Engenheiro francês que se dedicou a estudos sobre hidráulica. — Cit. por: Arqui-Zero, vol. II, p. 211.

LAMARTINE (Alphonse-Marie-Louis de) — 1790-1869 — Escritor e homem político, o autor das *Meditações Poéticas* (1820) é, se assim se pode dizer, um dos mais puros poetas românticos da literatura francesa. Não sendo um inovador, a sua arte respira uma tal inspiração, e tão profundo sentimento, que se aproxima do ideal estético que os críticos designam por *natural*. Viajou em Itália, onde conheceu a mulher que exalta nas *Meditações*, Elvira. Escritor progressista, alinha pela esquerda revolucionária em 48, sendo eleito chefe de estado. A sua carreira política caiu com as Jornadas de Junho, não tendo porém deixado nunca de escrever. Além dos escritos de viagem, escreveu *Jocelyn*, *A Queda Dum Anjo*, *Rafael*, *Graziela*, etc. Como historiador compôs a *História dos Girondinos*, a *História da Restauração e das Constituintes*. Foi um dos românticos que mais influência exerceram em Portugal. Quase todos os escritores românticos da segunda geração tiveram a sua fase lamartiniana, infelizmente sem o fogo do génio que animava Lamartine. Daí uma poesia lamecha em que as nossas Elviras ou Emas de contrabando fazem figura caricata. Foi do que se aperceberam os autores das diferentes sátiras ao *Poema da Mocidade*, que se multiplicaram pelos periódicos da época. Traduzido pela Marquesa de Alorna. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62; J. de Castilho, vol. I, pp. 148, 150; Antero, vol. I, p. 232; Ramalho, vol. II, p. 49; Camilo, vol. II, p. 140; Malheiro Dias, vol. II, p. 178; Ermita do Chiado, vol. III, p. 206; Sacristão, vol. III, p. 256.

LA PAILLETÉRIE (Alexandre Davy de), conhecido por **ALEXANDRE DUMAS** — 1802-1870 — Um dos mais populares escritores do séc. XIX, conhecido pelos seus dramas e romances históricos. A sua peça *Henrique III e a Sua Corte* lançou-o no meio literário parisiense. Hoje o seu nome é principalmente conhecido pelos romances de ambiente histórico, nem sempre res-

peitadores da verdade dos factos. Dos mais conhecidos: *Os Três Mosqueteiros* (1844-48), *O Conde de Monte Cristo* (1845). — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 36; Ramalho, vol. II, p. 58.

LAPLACE (Pierre-Simon, marquês de) — 1749-1827 — Matemático, fisico e astrónomo francês. Estudou os movimentos de vários planetas do sistema solar, e elaborou a hipótese de um sistema cosmológico que tem o seu nome. — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 104.

LA ROCHEFOUCAULD (François, duque de) — 1613-1680 — Moralista francês, cuja obra *Máximas* fez carreira durante os séculos XVII e XVIII, pela implacável análise da psicologia humana. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 78.

LARRA (Mariano José de) — 1809-1837 — Escritor romântico espanhol, dramaturgo, panfletário, e grande jornalista. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 214; Ermita do Chiado, vol. III, p. 207.

LATINO COELHO — V. COELHO (José Maria LATINO).

LAUGEL — Não encontramos referência a este nome. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 215.

LEAL (José Augusto CORREIA) — 1794-1861 — Escritor e poeta. Foi tradutor de algumas obras caras aos nossos ultra-românticos: *Ismãna* de Visconde d'Arincourt (1836), *O Diabo Amoroso* de Cazotte (1836). Participou na comissão encarregada da reforma ortográfica onde, entre outros nomes, estavam os de Herculano, Castilho, Garrett e Silvestre Pinheiro Ferreira. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 176.

LEAL (José da Silva MENDES) — 1818-1886 — Um dos mais fecundos e estimados dramaturgos da época. As suas peças, dramalhões de tese social hoje completamente ultrapassados, fizeram a delícia do público burguês do século passado. Embora com variada e intensa vida pública, diplomata, ministro, nada o conseguiu distrair da carreira literária. Além das trinta e cinco peças que escreveu, deixou-nos também variadas poesias, uma das quais, *Napoleão no Kremlin*, foi pública e encomiásticamente dedicada a Castilho. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 5, 31, 35, 37, 55, 62, 68; A. M. Gaveta,

vol. II, p. 30; Ramalho, vol. II, pp. 50, 71; Diogo Bernardes, vol. II, p. 163; G. F., vol. II, p. 200; Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Peixoto do Amaral, vol. III, p. 157; Carlos Borges, vol. III, p. 190; Ermita do Chiado, vol. III, pp. 201, 215; Romeu Soares J., vol. III, p. 220; Sacristão, vol. III, p. 251; Sombra de Cícero, vol. III, p. 277; Cunha Belém, vol. IV, p. 28.

LE ANE — Não encontramos referência a tal escritor. Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 72.

LEÃO (DUARTE NUNES DE) — 1530(?) - 1608 — Formado em Direito Civil pela Universidade de Coimbra. Organizou várias compilações de leis. Publicou uma *Ortografia da Língua Portuguesa*. Compôs a árvore genealógica e as crónicas dos nossos primeiros reis e ainda uma *Descrição do Reino de Portugal*. Abraçando os interesses da nobreza que, após a morte do Cardeal D. Henrique, optou por uma integração portuguesa no reino espanhol, colocou-se ao serviço de Filipe II. — Cit. por Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

LEIBNIZ (Gottfried Wilhelm) — 1646-1716 — Genial matemático, filósofo, jurista, historiador. Foi o fundador do cálculo integral, e do cálculo diferencial. Filósofo idealista, defendia a existência das ideias inatas. Para ele tudo o que existe é constituído por substâncias simples, as mónadas, que não tinham extensão: são átomos metafísicos, inteligíveis. — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, pp. 104, 107; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 70, 74.

LEITÃO (António José de LIMA) — 1787-1848 — Médico formado pela Universidade de Paris, traduziu Rousseau, *Ifigénia* e *Andrômaca*, de Racine, *Arte Poética*, de Horácio, e a *Ensiada* (1816-1819), de Virgílio. Publicou também obras de carácter científico, de sua autoria, que lhe deram grande nome na época, como por exemplo *Eboço sobre o Colera Morbus Asiático* (1832). — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 26; Arquizeiro, vol. II, p. 224; Urbano Loureiro, vol. III, p. 16.

LEMARE (Pierre-Alexandre) — 1766-1835 — Padre e professor de Retórica francês. Inimigo de Bonaparte, depois da Restauração afastou-se da política e dedicou todo o tempo a vá-

rios trabalhos sobre gramática francesa e latina, alguns com bastante mérito.—Cit. por: Camilo, vol. II, p. 125.

LEMOS (Constantino Joaquim de Azevedo) — Não encontramos referência a este autor. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 223.

LEMOS (JOÃO DE) — V. BRANCO (JOÃO DE LEMOS Seixas Castelo).

LEOPARDI (Giacomo) — 1798-1837 — Poeta romântico italiano cujas poesias líricas tiveram grande influência nos poetas europeus seus contemporâneos. Traduziu autores gregos e latinos e escreveu numerosos trabalhos sobre filologia. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.

LEROUX (Pierre) — 1797-1871 — Filósofo e político francês que se converteu ao saint-simonismo. Em colaboração com Georges Sand e Viardet fundou a *Révue Indépendante*, na qual atacava a religião católica e a eclectismo de Cousin. — Cit. por: Malheiro Dias, vol. II, p. 178.

LESBIA — V. SAFO.

LESSING (Gotthold Ephraim) — 1729-1781 — O principal pensador da *Aufklärung*. Influenciado de início pela cultura francesa, renunciou depois a essa influência, indo procurar na literatura inglesa os elementos para revigorar a estiolada cultura alemã. Compreende-se que as suas preocupações de ordem estética o levassem a exercer um mestrado não só teórico como prático, fornecendo aos seus compatriotas modelos de obras literárias em que eles se deviam inspirar. Dentre as suas peças, a mais conhecida é *Minna de Barnhelm* (1767). Obras anteriores a 1765: *Cartas a respeito da Literatura Contemporânea* (1759-1765) e o drama *Miss Sara Sampson* (1755). Traduzido por Henrique O'Neill (1819-1889), um dos poetas do grupo do *Trovador*. — Cit. por: T. de Vasconcelos, vol. I, p. 282.

LILLY (William) — 1602-1681 — Conhecido astrólogo inglês protegido por Carlos I, famoso pelos horóscopos que elaborava. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 83.

- LIMA** (Pedro Augusto de), conhecido por Pedro de Lima — 1843-1883 — Poeta da geração de Guilherme Braga. Embora já em 1866 tivesse publicado um drama em verso inspirado no *Eurico*, é com o volume de poesias *Ocaso* que consegue um lugar destacado entre os poetas do seu tempo. Colaborou em vários jornais literários: *Harpa*, *Mosaico*, *Grinalda*, *Renascença*. Era amigo de Guilherme Braga, de quem escreveu a biografia (1878). Morreu louco. — Cit. por: Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Sombra de Cícero, vol. III, p. 276.
- LINEU** (Carl von) — 1707-1778 — Naturalista sueco, conhecido pelos seus trabalhos sobre botânica. Deve-se-lhe a classificação de plantas e animais ainda hoje utilizada. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 32, 295.
- LITTRÉ** (Émile-Maximilien-Paul) — 1801-1881 — Filólogo e filósofo positivista francês, discípulo de Auguste Comte, embora apresentando algumas reservas ao pensamento do mestre. Foi principalmente através da obra de Littré que foi conhecido em Portugal o positivismo. É também autor de um monumental *Dicionário da Língua Francesa*. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 83; Ramalho, vol. II, p. 77; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21.
- LÍVIO** (TITO) — 59 a. C.-17 d. C. — Um dos mais célebres historiadores romanos. Autor de uma *História Romana* em 42 livros. Como a maior parte dos historiadores da Antiguidade, não apresenta um quadro objectivo da história, mas um relato heróico e pragmático composto para servir de exemplo aos vindouros. A correcção do seu estilo e o conhecimento da língua tornam-no um clássico da literatura latina. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 18; A. Peixoto do Amaral, vol. III, p. 156.
- LOBATO** (Baltasar Gonçalves) — séc. XVI-XVII — Compôs a 5.ª e a 6.ª partes do *Palmeirim de Inglaterra*, começado por Francisco de Moraes (1602). — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 122; Sombra de Cícero, vol. III, p. 266; Lisboeta Convertido, vol. IV, p. 160.
- LOBEIRA** (Vasco de) — ?-1403 — Descendente de João Pires de Lobeira, trovador da segunda metade do séc. XIII e autor,

segundo a opinião de alguns investigadores, do *Amadis de Gaula*. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

LOBO (Augusto Maria da Costa e SOUSA) — 18?-1900 — Professor do Curso Superior de Letras, da cadeira de Filosofia. Deputado em várias legislaturas, abriu em 1870 um curso nocturno de Introdução à História da Filosofia. Autor da *Memória sobre as Bases Fundamentais do Sistema Filosófico de Descartes e Sua Influência no Desenvolvimento da Filosofia* (1863). — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 34; Arqui-Zero, vol. II, p. 225; Ermita do Chiado, vol. III, p. 198; Sacristão, vol. III, p. 248; Sombra de Cícero, vol. III, p. 267.

LOBO (Francisco RODRIGUES) — 1580-1622 — Escritor e poeta bucolico na linha de Sá de Miranda. Natural de Leiria, cantou as belezas do Lis. Autor da *Corte na Aldeia*, diálogo moralista e didáctico. — Cit. por: Camilo, vol. II, pp. 128, 134; Barreto e Noronha, vol. III, p. 51; Ermita do Chiado, vol. III, p. 204; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 161.

LOCKE (John) — 1632-1704 — De nacionalidade inglesa, foi o primeiro grande filósofo empirista do Ocidente. Refuta a tese das ideias inatas. Para ele todas as ideias se originam no mundo exterior, chegando-nos através dos sentidos. Exerceu grande influência nos filósofos enciclopedistas. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 87; Ermita do Chiado, vol. III, p. 215.

LONGINO (Cassius) — séc. III — Filósofo grego neoplatónico, conselheiro da rainha Zenóbia (Batzabal) de Palmira. Foi mandado executar pelo imperador Aureliano. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 122.

LOPES (António José Fernandes) — Tipógrafo, editor e livreiro da segunda metade do século XIX. Era dele a Tipografia do Futuro, donde saiu *O Panorama* (1852-58), *Ilustração Luso-Brasileira*, *Elucidário* de Viterbo e outros. — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 274.

LOUREIRO (URBANO) — 1845-1880 — Jornalista portuense liberal de grande actividade como redactor e colaborador de vários jornais, entre eles o *Bocage*, *Piparotes Literários* (periódico

satírico onde faz a crítica humorística do Porto intelectual e *A Luta*. Escreveu um romance de ataque ao poder da Igreja e do absolutismo, *A Infância de Frei Quintino* (1878). Participou na polémica com artigos no *Bocage*, com um capítulo do seu livro *Perfis Burlescos* e ainda com os folhetos *Questão de Palheiro* (paródia em verso) e *António Feliciano e Antero de Quental*, apreciação em tom jocoso da questão. Publicadas nos Textos Adicionais vêm algumas crónicas da sua autoria saídas no *Bocage* e assinadas com o pseudónimo João da Rocha.

LOUSADA — Talvez se trate de António José Coelho Lousada, natural do Porto, de que só sabemos que se doutorou em Leis pela Universidade de Coimbra, em 1825. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 223.

LUCANO (M. Anneus) — 39-65 — Poeta latino contemporâneo de Nero. Autor do poema épico *Farsália*, teve bastante voga durante a Idade Média. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.

LUCENA (João Rodrigues de) — 1550-1601 — Tradutor de Ovídio e autor da *História da Vida do Padre Francisco de Xavier* (1600), em estilo fluente e elegante. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 191; Antero, vol. I, p. 234; Ramalho, vol. II, p. 95; Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

LUCRÉCIO (Caro) — 94-55(?) a. C. — Poeta latino inspirado no materialismo de Epicuro, autor de *De Rerum Natura*, exposição didáctica em verso da filosofia epicurista. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 23, 56; Ramalho, vol. II, p. 53.

LUSITANO (CÂNDIDO) — V. FREIRE (Padre Francisco José).

M

MACAULEY (Thomas BABINGTON, lorde) — 1800-1859 — Historiador e político inglês, do partido dos Whigs, que através da sua acção no Parlamento e da sua obra ajudou à consolidação do constitucionalismo inglês. Foi um dos codificadores da lei criminal na Índia. Obra mais importante: *História de Inglaterra desde Jaime II* (1848-1855). Como historiador, os

seus pontos de vista aproximam-no de Carlyle. — Cit por: Teófilo, vol. I, p. 191; Ramalho, vol. II, p. 95; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21; Ermita do Chiado, vol. III, p. 212.

MACEDO (Joaquim Manuel de) — 1820-1882 — Romancista e dramaturgo brasileiro. Autor de numerosos romances, dramas e comédias que, na época, tiveram êxito. Citemos, como exemplo: *Memórias do Sobrinho de Meu Tio* (1867-68), romance político; *As Mulheres de Mantilha* (1870), romance histórico. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 222.

MACEDO (José Agostinho de) — 1761-1831 — Estranha personalidade política e literária que pela violência com que actuou na cena política e pela contradição gritante das posições ideológicas representa bem a profunda crise em que o pensamento português se debatia. Inimigo da Revolução Francesa e dos liberais, adere ao vintismo; passando pouco depois para o campo miguelista, torna-se defensor feroz de todas as formas de reacção. Censor oficial dos livros, exercendo a crítica não só no campo ideológico como no estético, era inimigo declarado de Bocage e Filinto, publicando uma *Censura d'Os Lusitadas* cujo valor estético intenta destruir. O seu poema *O Oriente*, com que pretendia suplantar *Os Lusitadas*, é praticamente ilegível, escrito dentro dos mais rigorosos moldes clássicos e substituindo a urdidura pagã, que proscovia, pela cristã. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 49, 57, 294; J. de Castilho, vol. I, p. 153; T. de Vasconcelos, vol. I, p. 288; A. Peixoto do Amaral, vol. III, p. 148; Brito Aranha, vol. III, p. 166.

MACHADO (Júlio César) — 1835-1890 — Folhetinista muito apreciado na época, colaborador da *Revolução de Setembro*. Tem, ao gosto do tempo, vários livros de viagens: *Paris e Londres* (1862), *Em Espanha* (1865), *Do Chiado a Veneza* (1867). Escreveu também alguns livros de contos, que alcançaram grande voga pela graciosidade do estilo e lirismo romântico dos temas, como *Contos ao Luar*. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 15, 62; Freitas Oliveira, vol. II, pp. 273, 276; Ermita do Chiado, vol. III, p. 201; Sombra de Cícero, vol. III, p. 267; Cunha Bekema, vol. IV, p. 28.

- MACPHERSON (James)** — 1736-1796 — Ou **OSSIAN**, poeta escocês, conhecido principalmente pelos *Poemas de Ossian* (1760), que apresenta como sendo a tradução dum poema gaélico do autor Ossian. Foi traduzido para português pela Marquesa de Alorna. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 192; Ramalho, vol. II, p. 95; Camilo, vol. II, p. 116; E. A. Vidal, vol. III, p. 241.
- MAGALHÃES (Domingos José GONÇALVES DE)** — 1811-1882 — Poeta e dramaturgo brasileiro. Escreveu em 1838 uma tragédia sobre a vida do Judeu, com o título *António José ou o Poeta e a Inquisição*, com que praticamente se inicia o teatro romântico brasileiro. Publicou um livro de poesias, *Suspiros Poéticos* (1859), de que Teófilo Braga no seu *Parnaso Português Moderno* transcreve a pp. 180/1 uma poesia de clara influência garrettiana com o título *A Flor Suspiro*. — Cit. por: T. de Vasconcelos, vol. I, p. 286; Romeu Soares J., vol. III, p. 222.
- MAGALHÃES (JOSÉ ESTEVÃO Coelho de)** — 1809-1862 — O nosso mais famoso orador do séc. XIX, um dos grandes defensores da liberdade em Portugal. Participante entusiasta das lutas liberais, adepto da Revolução Setembrista, faz a sua entrada na Câmara Constituinte em 1837, como representante do círculo de Aveiro. Os seus mais célebres discursos são o *Discurso do Pireu*, réplica ao de Garrett, o discurso sobre a barca *Charles et Georges*, as irmãs da caridade e a morte de Cavour. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 71; Freitas Oliveira, vol. II, pp. 269, 270, 271; Castilho, vol. II, pp. 279, 280, 281; Carlos Borges, vol. III, pp. 188, 190.
- MAGALHÃES (MATEUS Luís Coelho de)** — 1837-18? — Filho de José Estevão, dedicou-se ao jornalismo. Colaborou no *Arquivo Pítoresco* e morreu no Brasil. — Cit. por: Sombra de Cicero, vol. III, p. 265.
- MAGNIN (Charles)** — 1793-1862 — Escritor francês e crítico de teatro que defendeu os cânones do romantismo propostos por Victor Hugo. — Cit. por: A. do C., vol. II, p. 245.
- MAISTRE (XAVIER de)** — 1763-1852 — Grande viajante e escritor francês. A sua obra mais conhecida é *Viagem à roda do*

Meu Quarto (1795). São também de sua autoria *O Leproso da Cidade de Aosta* (1811), *O Prisioneiro do Cáucaso*, *A Jovem Siberiana*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62; Barreto e Noronha, vol. III, p. 76.

MALEBRANCHE (Nicolas de) — 1638-1715 — Filósofo metafísico francês muito influenciado por Descartes. Na obra *Recherche de la Verité* expõe a sua filosofia, que desencadeia, simultaneamente, a opposição de jansenistas e católicos ortodoxos. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 70.

MALTHUS (Thomas Robert) — 1766-1834 — Economista inglês cujas teorias expostas no *Ensaio sobre o Principio da População* provocaram grande polémica, pois preconizava medidas drásticas para diminuir o crescimento populacional. — Cit. por: E. A. Salgado, vol. III, p. 131.

MANÍLIO — séc. I — Poeta latino, autor de um poema didáctico, *Astronomicon*, que trata da astronomia e da astrologia. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.

MANTUANO — V. VIRGÍLIO.

MANZONI (Alessandro) — 1785-1873 — Grande romântico italiano, poeta, romancista e dramaturgo. É o autor de um dos mais significativos romances históricos italianos, *Notvos*. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.

MARCIAL (Marcus Valerius) — 40-120 — O mais célebre autor de epigramas. De origem espanhola, radicado em Roma, é um observador minucioso, e a sua obra traça um sugestivo panorama da vida romana no tempo de Tito e Nerva. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 63.

MARECOS (Ernesto Frederico Pereira) — 1836-1879 — Poeta e jornalista, colaborador de *O Panorama*. Morreu em Angola. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 303; Sombra de Cicero, vol. III, p. 276.

MARIN — Burguês francês do século XVII, conhecido pelo seu espírito inventivo. Dedicou-se à escultura, astronomia, etc. — Cit. por: Arqui-Zero, vol. II, p. 211.

MARINI (Giambattista) — 1569-1625 — Poeta italiano, natural de Nápoles. O seu estilo precioso e rebuscado, o *marinismo*, torna-o o representante mais típico do barroco italiano. Embora com certo encanto lírico, a sua poesia é bastante sensual, especialmente no seu mais lido poema, *Adonis* (1623). Conhecido em França pelo nome de Chevalier Marin, influenciou bastante a poesia francesa no princípio do séc. XVII. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 20; Barreto e Noronha, vol. III, p. 83.

MARQUES (António Vicente) — Não encontramos referência a este escritor. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 223.

MARTIN (Louis-AIMÉ) — 1786-1847 — Discípulo e grande admirador de Bernardin de Saint-Pierre, conhecido pela sua literatura de divulgação de carácter moralista: *Cartas a Sofia sobre a Física, a Química e a História Natural* (1810), *Da Educação das Mães de Família* (1834), *O Livro do Coração* (1835), etc. Este género foi tentado entre nós, aliás sem brilho, por Alberto Osório de Vasconcelos. — Cit. por: Castilho, vol. I p. 62; Diogo Bernardes, vol. III, p. 166.

MÁRTIRES (FREI BARTOLOMEU DOS) — 1559-? — Dominicano, arcebispo de Braga em meados do século XVI. Esteve presente no Concílio de Trento. Frei Luís de Sousa escreve a sua biografia na obra *Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires*. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 62; Camilo, vol. II, p. 132.

MASCARENHAS (Brás GARCIA DE) — 1596-1656 — A sua vida plena de aventuras e a estada no Brasil forneceram-lhe matéria para o seu *Viriato Trágico*, considerado o nosso melhor poema épico depois d'*Os Lusíadas*. Trata-se, na verdade, dum poema rico de matéria humana, em que o autor expõe as suas ideias acerca da guerra, que escarpeliza, e das qualidades e defeitos dos homens. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.

MAURY (Jean-Siffrein) — 1746-1817 — Cardeal francês, autor de um *Ensaio sobre a Eloquência do Púlpito*. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 159; Barreto e Noronha, vol. III, p. 50.

MEDINA — V. VASCONCELOS (Francisco de Paula MEDINA E).

- MELO (D. FRANCISCO MANUEL DE)** — 1608-1666 — Um dos mais completos escritores do século XVII. Poeta, novelista, comediógrafo, escritor moralista, teve uma vida bastante acidentada e esteve, por motivos desconhecidos, preso durante onze anos. Algumas das suas obras: *Apólogos Dialogais*, *Carta de Guia de Casados*, *Auto do Fidalgo Aprendiz*. — Cit. por: Diogo Bernardes, vol. II, p. 164; Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.
- MELO (José Alexandre TEIXEIRA DE)** — 1833-? — Médico brasileiro. Colaborou em numerosos jornais com poesias, artigos políticos e biografias. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 222.
- MELO (Manuel de)** — Não sabemos se se trata de António Manuel de Melo, militar brasileiro que morreu na batalha do Paraguai. Foi director do Laboratório Astronómico. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 223.
- MELO (TOMÁS DE)** — Talvez se trate de D. Tomás José Fletcher de Melo Homem (1836-1905), mas que não sabemos se esteve no Brasil. De origem fidalga, arruinou-se na estroina lisboeta. Foi então empresário, dono de restaurante de luxo, introdutor dos quiosques para venda de jornais e livros, etc. Colaborou em diversos jornais e revistas, tendo ainda publicado novelas, peças e livros de memórias. — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 272.
- MENANDRO** — 342-291 a. C. — Poeta cómico grego, o maior representante da comédia depois de Aristófanes, sofreu a influência filosófica de Teofrasto e Epicuro. O tema das suas obras é sempre o amor. Escreveu mais de cem peças. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 13.
- MENDES (Manuel ODORICO)** — 1799-1864 — Escritor brasileiro que intervém na polémica sobre o *Palmeirim de Inglaterra*. Dedicou-se também à tradução de Homero, Virgílio e Voltaire (*Trancredo e Mérope*). — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 26; Arqui-Zero, vol. II, p. 224; Urbano Loureiro, vol. III, p. 16.
- MENDONÇA (António Pedro LOPES DE)** — 1826-1865 — Uma das personalidades literárias mais influentes na época. Muito esti-

mado como jornalista e crítico literário, foi o fundador do folhetim em Portugal. O seu romance autobiográfico, *Memórias de Um Doido (Romance Contemporâneo)*, revela a influência de Balzac, George Sand e Eugénio Sue. Fundou com Vieira da Silva e Sousa Brandão o *Eco dos Operários*, órgão socialista da época, onde publicou muitos artigos de divulgação das ideias de Proudhon. Foi também colaborador assíduo da *Revolução de Setembro*, por aderir, como o próprio José Estêvão, à Regeneração. Nomeado professor da cadeira de Literatura Moderna do Curso Superior de Letras, não chegou a ocupar o cargo por ter enlouquecido. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 35; Porto Carrero, vol. II, p. 260.

MENENO — Não encontramos nenhuma indicação acerca deste nome. Só aparece referido na *Carta* de Rui Porto Carrero, vol. I, p. 169.

MENESES (João Rodrigues de Sá e) — 1464(?) - 1576(?) — Poeta e militar cujas composições poéticas se encontram no *Cancioneiro* de Garcia de Resende. Foi ainda tradutor de Ovídio. Morreu centenário. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

MERY (Joseph) — 1798-1865 — Escritor francês autor de violentas sátiras políticas contra o governo de Luís Filipe. Dedicou-se depois à literatura, escrevendo vários dramas e romances. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 6; Urbano Loureiro, vol. II, p. 287.

METASTÁSIO — V. TRAPASSI (Pietro).

MÉVIO — Pela associação que os intervenientes na polémica fazem deste nome com o de Bávio, associação aliás que vem dos arcádicos, supomos tratar-se de poeta latino menor, embora não tenhamos encontrado qualquer referência a ele. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 51; Antero, vol. I, p. 86; J. de Castilho, vol. I, pp. 144, 178; Barreto e Noronha, vol. III, p. 50.

MICHELET (Jules) — 1798-1874 — Ele e Thierry são os dois grandes nomes da historiografia romântica. Influenciado por Vico e Herder, servido por uma palavra ardente e vigorosa, Mi-

chelet fez da história uma obra de arte. A sua *História de França* ou a *História da Revolução Francesa* podem nem sempre ser duma rigorosa exactidão mas são sempre, com certeza, ricas de sugestões e de material para a total compreensão da época que pretendia tratar. Liberal entusiasta, os acontecimentos do reinado de Napoleão III e a derrota de 70 encheram-no de amargura. Abandonando a história, dedicou-se à execução de obras profundamente poéticas: *O Mar*, *O Pássaro*, etc. (1856-1868). — Cit. por Castilho, vol. I, pp. 62; 296; Chagas, vol. I, p. 95; Antero, vol. I, pp. 210, 230, 233, 234; Ramalho, vol. II, p. 77; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 105; Camilo, vol. II, pp. 117, 120, 140; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21; Barreto e Noronha, vol. III, p. 76; Ermita do Chiado, vol. III, p. 212; E. A. Vidal, vol. III, p. 242; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 11; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 169.

MILL (John STUART) — 1806-1873 — Filósofo e economista inglês influenciado por Bentham e pelos empiristas do séc. XVIII. Defendeu o utilitarismo e o associacionismo. Partidário do liberalismo, foi um dos filósofos da burguesia inglesa. As suas obras principais são: *Lógica Indutiva e Dedutiva* (1843), *Ensaio* (1844), *Princípios de Economia Política* (1848), etc. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 83; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21.

MILLEVOYE (Charles-Hubert) — 1782-1816 — Poeta francês precursor do romantismo. Revelado por um concurso da Academia de Lião, onde obteve o primeiro prémio, a sua poesia não tem grande dimensão. O melhor dela manifesta-se especialmente nas *Elegias* (1811), de gosto já romântico. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 65; Ramalho, vol. II, p. 68; A. do C., vol. II, p. 239.

MILTON (John) — 1608-1674 — Poeta épico inglês, autor do poema *Paraíso Perdido*. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 236; Diogo Bernardes, vol. II, p. 165; Freitas Oliveira, vol. II, p. 272; E. A. Vidal, vol. III, p. 242; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 11; Anónimo, vol. IV, p. 84.

MIRANDA (Francisco de SÁ DE) — ?-1558 — Considerado o introdutor do Renascimento poético, pois foi ele quem, depois

duma viagem a Itália, ensalou entre nós alguns géneros novos em poesia. Das suas composições, as mais conhecidas são as *Cartas*, em quintilhas. Escreveu também duas comédias de linha clássica, *Estrangeiros* e *Vilhalpandos*, e uma tragédia, *Cleópatra*, de que só nos restam fragmentos. Das éclogas, influenciadas por Boscan e Garcilaso de la Vega, a de mais interesse é a écloga *Basto*. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

MOIGNO (François-Napoléon-Marie) — 1804-1884 — Professor e investigador francês, que pertencia à ordem dos jesuítas. Escreveu várias obras científicas: *Lições de Mecânica Analítica* (1867), *Física Molecular* (1868). — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 76.

MOLIERE — V. POQUELIN (Jean-Baptiste).

MONIZ (JAIME Constantino de Freitas) — 1837-1917 — Natural do Funchal, formado em Direito pela Universidade de Coimbra. Advogado com grande fama, foi ele quem defendeu Vieira de Castro em 1870, acusado de assassinar a mulher. Abandonou depois a advocacia para se dedicar à literatura. Concorreu à vaga de História Universal e Filosofia do Curso Superior de Letras com a dissertação: *Da Natureza e Extensão do Progresso, Considerado como Lei da Humanidade, e Aplicação Especial Dessa Lei às Belas-Artes*. Foi deputado e par do Reino, vice-presidente do Conselho Superior de Instrução (1869), criado nessa altura. Em 1871 foi ministro da Marinha e Ultramar, devendo-se-lhe reformas no capítulo da instrução. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 34; Arqui-Zero, vol. II, p. 225; Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Ermita do Chiado, vol. III, p. 202; Sacristão, vol. II, p. 252.

MONTALVERNE (Frei Francisco de) — 1784-1858 — Célebre pregador franciscano brasileiro. Lente de Filosofia e pregador régio. Cegou em 1836. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 222.

MONTEIRO (António Maria do COUTO) — 1821-1896 — Formado em Direito pela Universidade de Coimbra. Foi um dos colaboradores do *Trovador*. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 134.

MONTEIRO (José GOMES) — 1807-1879 — Natural do Porto, grande amigo de Garrett, com ele comungou nos mesmos ideais e sofreu iguais perseguições. Emigrou primeiro para Inglaterra (1828) e depois para a Alemanha (Hamburgo), onde se fixou como comerciante. Aí, juntamente com Barreto Feio, dedicou-se à tarefa da publicação do exemplar das obras de Gil Vicente que estava na biblioteca de Göttingen. Foi a sua primeira edição crítica de um autor português. De regresso a Portugal, outras se lhe seguiram. Foi sócio-gerente da Livraria Moré, do Porto. Traduziu uma selecção de poetas românticos alemães que teve bastante influência no nosso meio literário: *Ecos da Lira Teutónica*, (1848). Interveio na polémica sobre a tradução de *Fausto* de Castilho, tomando a tal respeito posição conciliadora. — Cit. por: *Ermida do Chiado*, vol. III, p. 203.

MONTEIRO (José de SOUSA) — 1846-1909 — Filho do jornalista e escritor José Maria de Sousa Monteiro, frequentou o Curso Superior de Letras e o de Diplomacia. Foi eleito deputado pelo partido Regenerador. Sócio da Academia, faz nesta o elogio histórico de Latino Coelho (1898). Publicou *Sonetos* (1883), *Poemas Antigos*, e estudos vários. — Cit. por: *Castilho*, vol. I, p. 55.

MONTENOY (Charles PALISSOT DE) — 1730-1814 — Autor de algumas sátiras contra os filósofos do tempo, é principalmente conhecido pelas *Memórias sobre a História da Literatura Francesa desde Francisco I até aos Nossos Dias* (1771) — Cit. por Teófilo, vol. I, p. 193; Ramalho, vol. II, p. 95; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21.

MONTESQUIEU (Charles de Secondat, barão de la Brède et de) — 1689-1755 — Um dos grande precursores do Iluminismo francês. As suas *Lettres Persannes* são a denúncia da sociedade corrupta e tirânica do seu tempo. A partir de 1734 começa a publicação da sua obra fundamental, *L'Esprit des Lois*, onde propõe a adaptação dos três poderes: legislativo, executivo e judicial. Esta obra vai exercer, do ponto de vista político, grande influência nos pensadores dos séculos XVIII e XIX — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 105.

- MONTEVERDE (EMÍLIO AQUILES)** — 1803-1881 — Pedagogista cujos manuais foram muito utilizados durante o século XIX, tanto para o ensino primário como para o secundário. Alguns: *Método Facílmo para Aprender a Ler*, *Manual Enciclopédico*, *Resumo da História de Portugal*. — Cit. por: G. F., vol. II, p. 198.
- MONTORO (Reinaldo Carlos)** — 1831-? — Natural do Porto, foi muito novo para o Brasil, onde se radicou. Tem numerosa colaboração em jornais e revistas. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 223.
- MOORE (Thomas)** — 1779-1852 — Poeta irlandês. Escreveu uma biografia sobre Byron. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.
- MORAIS — V. SILVA (António de MORAIS)**.
- MORAIS (Francisco de)** — ?-? — Autor da novela de cavalaria *Palmeirim de Inglaterra* (1547), que se segue à *Crónica do Rei Clarimundo*, de João de Barros. — Cit. por: Diogo de Bernardes, vol. II, p. 167.
- MORAL (D. José ZORRILLAY)** — 1817-1893 — Poeta lírico e dramaturgo espanhol. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 207; Cunha Belém, vol. IV, p. 26.
- MOREAU (Hegesippe)** — 1810-1838 — Poeta e contista francês. Fundou o jornal satírico *Diógenes*. Morreu na miséria. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 118.
- MOSCHOS de Siracusa** — 150 a. C. — Poeta bucólico grego a quem se atribui também a epopeia *O Rapto de Europa*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 13; J. de Castilho, vol. I, p. 74; Malheiro Dias, vol. II, p. 179.
- MOUZINHO (Vasco MOUZINHO DE QUEVEDO Castelo Branco) — V. BRANCO (Vasco MOUZINHO DE QUEVEDO Castelo)**.
- MURGER (Henri)** — 1822-1861 — Jornalista, romancista e autor teatral muito em voga na sua época. É muito citado o seu livro *Cenas da Vida Boémia*. — Cit. por: S. d'A., vol. II, p. 19.

MURILLO (Bartolomé Estéban) — 1618-1682 — Pintor espanhol, que se dedicou à pintura de motivos religiosos. — Cit. por: Freitas Oliveira, vol. II, p. 272.

MUSSET (Alfred de) — 1810-1857 — Poeta romântico francês, contemporâneo de Victor Hugo. O seu primeiro livro, *Contos de Espanha e de Itália* (1829), é um volume de poesias, mas o que hoje mais se estima da sua obra é, precisamente, aquillo que os contemporâneos não souberam apreciar: a sua contribuição para o teatro. Das suas peças, só a *Comédias e Provérbios* começou a ser representada com algum êxito a partir de 1847. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62; Ramalho, vol. II, p. 68; Camilo, vol. II, p. 119; G. F., vol. II, pp. 196, 197; Cunha Belém, vol. IV, p. 26.

N

NASCIMENTO (P. Francisco Manuel do) — 1734-1819 — Mais conhecido pelo seu pseudónimo arcádico de Filinto Elísio, F. Manuel do Nascimento é o último mestre do arcadismo. Enciclopedista e liberal, vê-se coagido a emigrar para França a fim de fugir ao braço inquisitorial. Tradutor de Horácio, a a quem votava admiração ilimitada, verteu também para português obras de Marcial, Wieland, Racine, La Harpe, D'Alembert, Voltaire, La Fontaine e Chateaubriand. Foi encarregado defensor da pureza da língua, argumentando em prosa e em verso contra as influências estranhas. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 26; Ferreira de Freitas, vol. I, p. 272; Camilo, vol. II, p. 115; Malheiro Dias, vol. II, p. 180; Arquizeiro, vol. II, p. 227; Barreto e Noronha, vol. III, p. 101; Ermita do Chiado, vol. III, p. 205.

NASÃO (Publius Ovídio) — 43 a. C-17 d. C. — Um dos mais brilhantes poetas latinos, chamado o *Sulmonense* por ser natural de Sulmona, e autor de *Fastos*, *Metamorfoses*, etc. Traduzido por Castilho. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 31, 52, 56; Antero, vol. I, pp. 82, 237; Roussado, vol. I, pp. 108, 109; Elmano da Cunha, vol. I, pp. 121, 126, 129; J. de Castilho, vol. I, pp. 135, 140, 153, 160, 174; Teófilo, vol. I, p. 191; Ramalho, vol. II, pp. 66, 95; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 104; Camilo, vol. II, p. 132; Malheiro Dias, vol. II, pp. 177,

179; Urbano Loureiro, vol. III, p. 9; Barreto e Noronha, vol. III, p. 50; Luciano Cordeiro, IV vol. pp. 10, 11; Anónimo, vol. IV, p. 83; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 129.

NEMESIANO (M. Aurelius Olympius) — séc. III — Poeta latino de Cartago, imitador de Virgílio. É o autor duma obra sobre caça chamada *Cynegetican*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.

NERVAL (Gérard Labrunie) — 1808-1855 — Poeta e contista francês, influenciado pelo romantismo fantástico alemão. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 119.

NEWTON (Sir Isaac) — 1642-1727 — Famoso astrónomo, matemático e físico inglês que enunciou a lei da gravitação universal. — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 104; E. A. Vidal, vol. III, p. 235; Barreto e Noronha, vol. IV, p. 157.

NICCOLINI (Giovanni Battista) — 1782-1861 — Poeta italiano, autor de várias tragédias. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 207.

NIEBUHR (Berthold Georg) — 1776-1831 — Historiador alemão. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 135.

NORONHA (José Feliciano de Castilho BARRETO E) — 1810-1879 — Irmão de António Feliciano de Castilho, jornalista e prolífero escritor de obras políticas, científicas e literárias. Bacharel em Direito, Medicina e Filosofia pela Universidade de Coimbra, bibliotecário-mor da Biblioteca Nacional, deputado às Cortes, acabou por se radicar no Brasil, onde morreu. Interveio nas polémicas *D. Jaime* e *Bom Senso*. Para esta escreveu *Cartas ao Correio Mercantil* e os opúsculos *A Agúia no Ovo* e *nos Astros*, que saíram com o nome de Lisboaeta Convertido (ambas as intervenções são de 1866).

NOVAIS (Faustino XAVIER DE) — 1820-1869 — Poeta satírico, director de *O Bardo* — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 223.

NOVALIS — V. HARDENBERG (Friederich von).

O

- OEHELENSCHLÄGER** (Adam Gottlob) — 1779-1850 — Poeta dinamarquês romântico. Escreveu tragédias sobre temas mitológicos. — Cit. por: *Ermitta do Chiado*, vol. III, p. 206.
- OLIVEIRA** (Jacinto Augusto de FREITAS) — 1835-? — Formado em Matemáticas pela Universidade de Coimbra. Deputado em várias legislaturas e governador civil de Leiria (1869). Era casado com uma sobrinha de José Estêvão. Participou na polémica com a carta a Castilho *Questão Literária* (2.º volume). — Cit. por: Castilho, vol. III, p. 172; *Sombra de Cícero*, vol. III, p. 274.
- ORIENTE** (FERNÃO ALVARES DO) — 1540-1595 — Autor da *Lusitânia Transformada*, obra influenciada pela Arcádia de Sannazaro, no género de novela pastoril, alternando prosa com poesia. Não tem originalidade quanto ao conteúdo, mas formalmente apresenta progressos literários. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 128.
- ORTIGÃO** (José Duarte RAMALHO) — 1836-1915 — Um dos melhores prosadores portugueses. Natural do Porto, evidenciou-se, primeiro, no jornalismo, e interveio na polémica contra Castilho sobre o *D. Jaime* que, como afirmámos, preludia a *Questão Coimbrã*. Vindo fixar-se em Lisboa, começa a escrever de colaboração com Eça de Queirós as *Farpas* (em cadernos mensais), onde os dois escritores criticam violenta e satiricamente a sociedade da época. Escreveu também livros de viagens: *A Holanda, John Bull e a Sua Ilha* (1887), num estilo claro e incisivo. — Cit. por: Diogo Bernardes, vol. II, pp. 158, 167; G. F., vol. II, pp. 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203; A. do C., vol. II, pp. 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 243; Porto Carrero, vol. II, pp. 258, 260, 261, 262, 265; Urbano Loureiro, vol. III, p. 8; E. A. Salgado, vol. III, pp. 128, 137, 141; Peixoto do Amaral, vol. III, pp. 145, 152, 153; Brito Aranha, vol. III, p. 165; Carlos Borges, vol. III, pp. 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192; *Ermitta do Chiado*, vol. III, p. 204; *Sacristão*, vol. III, p. 252; *Sombra de Cícero*, vol. III, p. 268; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 9; Cunha Belém, vol. IV, pp. 19, 28.

OSÓRIO (D. Jerónimo) — 1506-1580 — Bispo de Faro. Era um exímio latinista. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

OSÓRIO DE VASCONCELOS — V. VASCONCELOS (Alberto OSÓRIO DE).

OSSIAN — V. MACPHERSON (James).

OVIDIO — V. NASÃO (Publius OVIDIO).

P

PAGANINO (Rodrigo) — 1835-1863 — Médico muito conhecido, um dos fundadores do *Jardim de Belas-Artes* (1857) e do *Arquivo Universal*. Com o seu livro *Os Contos do Tio Joaquim* inicia o género de conto rústico que terá o seu mais decidido cultor em Júlio Dinis. Fugindo ao gosto ultra-romântico, pretende moralizar o povo com a utilização de fórmulas conservadoras: inconveniências da falta de crença, belezas da vida rústica, vantagens da condição do trabalhador rural. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62.

PAIVA (Vicente FERRER Neto de) — 1798-1886 — Lente catedrático da Universidade de Coimbra, deputado liberal alinhando pelo partido progressista. Ministro da Justiça e dos Negócios Eclesiásticos (1857), e depois reitor da Universidade (1864-65). Escreveu várias obras sobre Direito: *Elementos de Direito das Gentes* (1839), *Curso de Direito Natural segundo o Estado da Ciência, principalmente na Alemanha* (1843), *Elementos de Direito Natural ou de Filosofia de Direito* (1850), *Elogio Histórico de Alexandre Herculano* (1878), publicado no *Instituto*, etc. — Cit. por: T. de Vasconcelos, vol. I, p. 282.

PALISSOT — V. MONTENOY (Charles PALISSOT DE)

PALMEIRIM (Luís Augusto) — 1825-1893 — Pertenceu ao grupo de poetas de *O Trovador*, fundado por João de Lemos. As suas poesias, saídas em volume em 1851, eram antecedidas de

um *Juízo Crítico* da autoria de Lopes de Mendonça. — Cit. por: Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Ermita do Chiado, vol. III, p. 201; Sombra de Cícero, vol. III, p. 270.

PARINASUS — Não sabemos a que autor se refere. — Cit. por: Arqui-Zero, vol. II, p. 211.

PASCAL (Blaise) — 1632-1662 — Matemático, físico e filósofo francês. Adepto do jansenismo, ataca violentamente os jesuítas nas célebres *Lettras Provinciales* (1656-1657). Do seu pensamento filosófico apenas nos restam textos aforísticos ou pequenos ensaios de interesse fundamental para o pensamento europeu, publicados póstumamente sob o título de *Pensées*. — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 107.

PATO (Raimundo António BULHÃO) — 1829-1912 — Poeta lírico de gosto lamartiniano. De toda a sua vasta produção destaca-se o poema romanceado *Paqueta*, no género do *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas, de edições sucessivas e que juntamente com o *D. Jaime* de Tomás Ribeiro fez a delícia dos leitores românticos seus contemporâneos. Foi ele quem Eça escolheu como protótipo do poeta ultra-romântico caricaturado em *Os Maias* no poeta Alencar. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 37, 65, 172; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 102; G. F., vol. II, p. 200; Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Barreto e Noronha, vol. III, p. 30; Ermita do Chiado, vol. III, p. 202; Sacristão, vol. III, p. 252; Sombra de Cícero, vol. III, p. 269; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 8; Cunha Belém, vol. IV, p. 28.

PAZ (FRANCISCO) — Não encontramos referência a este escritor. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 223.

PELLETAN (Pierre-Clément-EUGÈNE) — 1813-1884 — Jornalista e literato francês, muito citado pelos nossos românticos da segunda geração. A *Lâmpada Apagada* (1840), romance filosófico, seguiram-se vários livros com intenção política: *História dos Três Dias de Fevereiro de 1848* (1848), e moralizadora: *A Família, A Mãe*. Mas foi na sua acção de crítico que se tornou mais conhecido, e entre nós principalmente

BOM SENSO E BOM GOSTO

com a obra *A Profissão de Fé do Século XIX*. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 61, 62; J. de Castilho, vol. I, pp. 148, 150; Ferreira de Freitas, vol. I, p. 266; Camilo, vol. II, p. 140; Malheiro Dias, vol. II, p. 178; E. A. Salgado, vol. III, p. 130; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 11.

PEREIRA (BENTO) — 1606-1681 — Padre jesuíta do século XVII que editou algumas obras sobre a Língua Portuguesa: *Florilégio dos Modos de Falar e Adágios da Língua Portuguesa* (1655) e *Gramática da Língua Portuguesa*. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 122.

PEREIRA (Gabriel) — V. CASTRO (Gabriel PEREIRA DE).

PEREIRA (Nicolau VICENTE) — Não encontramos referência a este autor: Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 222.

PEREIRA (Vicente António Gonçalves) — 1836-1886 — Sendo militar de carreira, colaborou em revistas e jornais com artigos sobre literatura, ciências aplicadas e estratégia militar. Foi-lhe atribuído o opúsculo *Bom Senso e Bom Gosto. Análise Crítica, Rápida, Despretensiosa Feita ao Folheto Intitulado Garrett, Castilho, Herculano e a Escola Coimbrã*.

PEREIRA da CUNHA (António) — V. CUNHA (António PEREIRA DA).

PÉRSIO (Flacus) — 34-62 — Poeta latino que cultivou o género satírico. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.

PESTALOZZI (John Heinrich) — 1746-1827 — Pedagogo suíço, influenciado por Rousseau, que fundou em Yverdon (1805) um instituto de pedagogia, donde irradiaram os seus ideais pedagógicos. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 125.

PETRARCA (Francesco) — 1304-1374 — O primeiro grande nome do Renascimento. Da sua vastíssima produção, escrita em latim e italiano, salientam-se as *Epístolas*, o grande poema épico *África*, que lhe valeu a coroação no Capitólio romano com os louros de poeta. Fundamentalmente é o seu *Canzoniere*,

conjunto dos poemas líricos escritos ao longo de toda a sua vida, que melhor nos dá a medida do seu génio. A forma perfeita dos seus sonetos, ricos de análise subjectiva, influenciou todo o Renascimento europeu e muito particularmente o nosso Camões.—Cit. por: Antero, vol. I, p. 236; A. M. Gaveta, vol. II, p. 28.

PETRÔNIO (Caius) — séc. I — Escritor latino e mestre de cerimónias da corte de Nero. Escreveu um romance, o *Satyricon*, de que apenas nos resta um fragmento, «Festim do Trimalcão». Comprometido na conspiração de Pisão contra Nero, suicidou-se, abrindo as veias.—Cit. por: Antero, vol. I, p. 204.

PIMENTEL (José Freire de SERPA), visconde de Gouveia — 1814-1870 — Colaborador das revistas *Mosaico* e *Crónica Literária da Nova Academia Dramática*, na linha de *O Trovador*. Autor de dois volumes de versos, *Soldus* (1839) e *Cancioneiro* (1840). — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 203; Sombra de Cícero, vol. III, p. 276.

PÍNDARO — 518-438 a. C. — O maior poeta lírico grego. Além de vários fragmentos, chegaram-nos integralmente as *Odes Triunfais*, em honra dos vencedores dos Jogos, e *Epinicia*. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 160; Malheiro Dias, vol. II, p. 177; Sombra de Cícero, vol. III, p. 274.

PINHEIRO (Bernardino Pereira) — 1837-? — Natural de Coimbra, residiu durante vários anos no Brasil, sendo aí um dos fundadores do Grémio Literário Português no Rio de Janeiro. Depois de regressar a Portugal, formou-se em Direito. Jornalista, escreveu também alguns romances históricos: *Sombras e Luz*, *Arzila*, *A Filha do Povo*. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 203; Sombra de Cícero, vol. III, p. 276.

PINHEIRO (Fernandes) — Não encontramos referência a este escritor. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 222.

PINHEIRO CHAGAS — V. CHAGAS (Manuel Joaquim PINHEIRO).

PINTO (Fernão MENDES) — 1510(?) - 1583 — Viajante português do século XVI, autor do livro de memórias *Peregrinação* (1614), considerado uma das obras-primas da literatura portuguesa. — Cit. por: Diogo Bernardes, vol. II, p. 164; Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

PINTO (Frei HEITOR) — 1528-1584 — Humanista português, doutorado em Teologia pela Universidade de Singueza. A sua obra em diálogos *Imagem da Vida Cristã* (1572) é claramente influenciada pelo neoplatonismo. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

PINTO DE ALMEIDA — V. ALMEIDA (Ernesto PINTO DE).

PINTO RIBEIRO — V. RIBEIRO (Joaquim PINTO).

PIRES (Joaquim Guilherme LOBATO) — 1834(?) - 1867(?) — Amigo íntimo de Latino Coelho, publicou várias poesias em jornais e revistas, duas delas de certo fôlego, *Universo* e *Humanidade*, em que se traça a história da civilização, ao gosto de Victor Hugo. Depois de uma vida agitada, morreu louco. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 55.

PITÁGORAS — 572-497 a. C. — Filósofo e grande matemático grego. — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, pp. 104, 107.

PLANCHE (Gustave) — 1808-1857 — Crítico francês conhecido pelos artigos na *Revista dos Dois Mundos*, que tinham a estima dos seus contemporâneos. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 131.

PLATÃO — 427-347 a. C. — Filósofo grego, discípulo de Sócrates. O seu pensamento e o de Aristóteles influenciaram todo o pensamento medieval. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 138; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 67, 70, 73; Sombra de Cícero, vol. III, p. 267; Lisboaeta Convertido, vol. IV, pp. 100, 107, 150.

PLATNER (Ernesto) — 1744-1818 — Filósofo e médico alemão, professor de Fisiologia e Filosofia em Leipzig. Foi adversário de Kant. Defendia, em medicina, o animismo. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 75.

PLAUTO (T. M.) — 250(?) - 184(?) a. C. — Poeta cómico latino, autor de numerosas comédias, na generalidade adaptadas de comédias gregas. — Cit. por: Anónimo, vol. IV, p. 81.

PLÍNIO, o Velho (C. Plinius Secundus) — 23-79 — Escritor romano de vasta cultura. A única obra que nos ficou das muitas que escreveu é uma *História Natural*. Os assuntos que nela trata vão desde as Ciências Naturais pròpriamente ditas à História de Arte, passando pela Etnologia, pela Antropologia e Geografia. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 33.

PLUTARCO — 46-120 — Historiador grego, autor de biografias e obras morais. A mais conhecida é *Vidas Paralelas*, biografia paralela de um autor grego e outro latino. Exerceu grande influência em alguns pensadores políticos da Renascença e foi a fonte de informação de que se serviu Shakespeare para as suas peças de ambiente clássico. — Cit. por: Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 106.

PONSARD (François) — 1814-1867 — Poeta dramático francês, cuja tragédia *Lucrecia* alcançou extraordinário êxito. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 226.

POPE (Alexandre) — 1688-1744 — Considerado o «mestre» da arte poética na Inglaterra do século XVIII. O *Ensaio sobre a Critica* (1711), em que expõe os seus pontos de vista em literatura, teve uma enorme influência em toda a Europa. Tentou a tradução de Homero para inglês, mas a sua versão da *Ilíada*, embora correcta, não alcançou grandeza. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 189; Ramalho, vol. II, p. 95; Arqui-Zero, vol. II, pp. 208, 226; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21.

POQUELIN (Jean-Baptiste), conhecido por MOLIERE — 1622-1673 — Actor e comediógrafo francês, renovador do teatro e autor de algumas obras-primas da comédia, cujas personagens ficaram como tipos psicológicos da literatura. Protegido de Luís XIV, morreu quando representava a sua última peça, *O Doente Imaginário* (1673). Outras peças: *O Misanthropo*, *O Tartufo*, *Escola de Mulheres*, *o Burguês Gentil-Homem*, etc. — Cit. por: Freitas Oliveira, vol. II, p. 272; Barreto e Noronha, vol. III, p. 83; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 13.

- PORTELA** (Manuel Ferreira da) — séc. XIX — Publicou em 1865 o livro de versos *Cantos da Solidão*, prefaciado por Antero. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 169; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 33, 41.
- POUCHKINE** (Alexandre) — 1799-1837 — Grande poeta russo. A sua obra *Boris Godounov* inspirou a Moussorgsky a célebre ópera do mesmo nome. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.
- PRESCOTT** (William Hickling) — 1796-1859 — Historiador americano, tendo publicado várias obras sobre a história da Espanha e sua acção colonizadora. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 212.
- PROUDHON** (Pierre-Joseph) — 1809-1865 — Economista e sociólogo francês, teórico da pequena burguesia liberal. A sua obra *A Filosofia da Miséria* (1846) valeu-lhe violenta crítica de Marx em *A Miséria da Filosofia* (1847). É um dos precursores do anarco-sindicalismo. O utopismo de Proudhon influenciou a nossa Geração de 70, que desconheceu as críticas que lhe haviam sido feitas em 1852: uma no Porto, por Amorim Viana, e outra em Coimbra (no *Instituto*), por Oliveira Pinto. Nesta última fazia-se mesmo referência à crítica de Marx, o que levou Victor de Sá a concluir «(...) que a polémica económico-social que Karl Marx travou com Proudhon em 1847 (...) foi perfeitamente conhecida entre nós (...)». — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 83, 101, 214; Teófilo, vol. I, p. 188; Ramalho, vol. II, p. 95; Malheiro Dias, vol. II, p. 178; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21; Barreto e Noronha vol. III, p. 74.
- PSALMANAZAR** (Georges) — 1679(?) - 1763 — Aventureiro e escritor de que se não conhece o verdadeiro nome. Discípulo dos jesuítas, fez-se passar durante vários anos por japonês, percorrendo os países da Europa. Escreveu em 1704 uma *História da Formosa*, onde nunca estivera, considerada durante anos fonte de informações fidedignas. Em 1728 resolveu dar a conhecer toda a magistral impostura em que vivera. Deixou *Memórias*. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 192.

PTOLOMEU (Cláudio) — 85(?)—161(?) — Astrónomo e geógrafo grego, natural de Alexandria. O seu *Grande Tratado*, traduzido para árabe (*Almagest*), influenciou toda a ciência até Copérnico. O sistema geocêntrico do Mundo por ele aí sistematizado foi adoptado pelo cristianismo como verdade incontroversa até ao século XVI. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 69.

Q

QUADRIO (Francisco Xavier) — 1695-1756 — Escritor italiano, dedicou-se à investigação literária. Publicou *Da Poesia Italiana*, e outros estudos sobre a literatura da sua pátria. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 33.

QUENTAL (ANDRÉ DA PONTE DE) — V. SOUSA (ANDRÉ DA PONTE DE QUENTAL DA CÂMARA E).

QUENTAL (ANTERO DE) — 1841-1891 — Reconhecido entre os maiores escritores da sua geração como o chefe de fila do movimento literário que se rebelou contra o romantismo ordeiro da burguesia regeneradora, Antero marca o princípio e o fim duma época de crise. Foi o primeiro escritor de génio que aderiu ao socialismo. A sua obra, sobretudo no plano filosófico, é sulcada de profundas contradições que ainda hoje se fazem sentir na literatura de ideias em Portugal. Como poeta ocupa uma posição singular na história da literatura, porventura ainda hoje não superada. Os seus imitadores, na poesia filosófica, não conseguiram atingir a extraordinária unidade por ele obtida entre a emoção lírica e a razão discursiva. Os seus *Sonetos* são, depois de Camões, a forma artística mais acabada da aliança entre a ideia e o sentimento na poesia. Procurando ser um intelectual militante, não conseguiu todavia harmonizar as tendências desagregadoras do seu misticismo com as necessidades realistas da política. De resto, advogando um reformismo moral e uma lenta evolução da consciência pela doutrinação do socialismo utópico, viu-se muitas vezes desarmado perante a situação política nacional, onde um proletariado incipiente e uma burguesia republicana minada de contradições não ajudavam ao fortalecimento dum partido socialista independente. O seu verbo eloquente e a grandeza da sua consciência moral inspiraram o legado reformista que, tendo já

passado por Herculano, vem desaguar na complexa personalidade de António Sérgio. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 40, 42, 55; Chagas, vol. I, pp. 84, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99; Manuel Roussado, vol. I, pp. 108, 109; Elmano da Cunha, vol. II, pp. 123, 130; J. de Castilho, vol. II, pp. 135, 136, 137, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 176, 177, 178, 179, 180, 181; Teófilo, vol. I, pp. 187, 188; Porto Carrero, vol. I, pp. 247, 250, 251, 254, 255; vol. II, pp. 253, 258, 259, 260, 261; Teixeira de Vasconcelos, vol. I, pp. 279, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288; S. d'A., vol. II, p. 11; A. M. Gaveta, vol. II, pp. 25, 26, 28, 29, 32, 33, 39; Ramalho, vol. II, pp. 56, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 93, 94; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 109; Camilo, vol. II, pp. 113, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152; Diogo Bernardes, vol. II, pp. 158, 159, 161, 162, 163, 169; Malheiro Dias, vol. II, pp. 177, 180, 186, 190, 191; G. F., vol. II, pp. 201, 202; A. do C., vol. II, pp. 234, 236, 239, 240, 241, 242, 243; Urbano Loureiro, vol. II, pp. 286, 289, 290, 291, 292, 293, 296; vol. III, pp. 7, 8, 10, 11, 17, 18, 19, 20, 21, 22; vol. IV, p. 33; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40, 43, 44, 46, 47, 49, 50, 51, 54, 55, 59, 61, 64, 65, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 93, 94, 100, 101, 102, 103, 104; Anónimo, vol. III, pp. 109, 116, 117, 118, 119; E. A. Salgado, vol. III, pp. 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 136, 138, 139, 141; Peixoto do Amaral, vol. III, pp. 145, 151, 152, 153, 154, 156, 157, 158; Brito Aranha, vol. III, pp. 164, 165; Carlos Borges, vol. III, pp. 179, 180, 181, 182, 185, 191, 192, 193; Ermita do Chiado, vol. III, pp. 197, 198, 199, 213; Romeu Soares J., vol. III, pp. 219, 220, 221, 222, 223, 224; Sombra de Cícero, vol. III, pp. 261, 263, 264, 269; Luciano Cordeiro, vol. IV, pp. 9, 10; Cunha Belém, vol. IV, pp. 18, 19; Lisboaeta Convertido, vol. IV, pp. 113, 114, 115, 118, 119, 126, 130, 133, 134, 137, 149, 165, 175.

QUENTAL (BARTOLOMEU DE) — ?-1698 — Fundador em Portugal da Congregação do Oratório, é autor de numerosas obras

místicas e *Sermões* publicados em 1692-94. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, pp. 160, 161, 168.

QUENTAL (Filipe de) — 1824-1892 — Tio de Antero, com quem este mantinha grandes relações de amizade. Foi lente de Medicina da Universidade de Coimbra. Quando da estada de Castilho em S. Miguel ajudou-o na fundação de *O Agricultor Micaelense* e da Sociedade dos Amigos das Letras e Artes. Foi um dos fundadores, em Coimbra, da Sociedade dos Operários, onde leccionava. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 167.

QUEVEDO — V. BRANCO (Vasco MOUZINHO DE QUEVEDO Castelo).

QUINET (Edgard) — 1803-1875 — Poeta, historiador e filósofo francês. Um dos pensadores que mais influência exerceram sobre a geração progressiva de Coimbra. As suas convicções republicanas obrigaram-no a exiliar-se em 1851. Uma das obras mais apreciadas foi *Do Génio das Religiões* (1842). Deu a conhecer à França o pensamento de Herder em *Idéias sobre a Filosofia da História da Humanidade* (1823). — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 84, 233; Camilo, vol. II, p. 126; Malleiro Dias, vol. II, p. 179; A. do C., vol. II, p. 245; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 74, 103.

QUINTILIANO (Fabius) — 95(?) - 35(?) a. C. — Orador romano, que se julgava ter sido o primeiro mestre de eloquência e pedagogo a receber uma retribuição. Foram seus alunos: Vespasiano, Plínio, o Jovem, e Adriano. A obra que dele nos resta, *De Institutio Oratoria*, é uma exposição das suas teorias sobre o ensino. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 159; Camilo, vol. II, p. 126; Ermita do Chiado, vol. III, p. 209; Barreto e Noronha, vol. III, p. 68.

QUINTINO (TOMÁS) — Não encontramos referência a este autor. — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 272.

QUITA (Domingos dos REIS) — 1728-1770 — Poeta da Arcádia Lusitana que usava o pseudónimo Alcino Micénio. Tem, além da poesia, várias tragédias. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

R

RACINE (Jean) — 1639-1699 — Um dos maiores poetas trágicos franceses. A sua primeira tragédia, *A Tebaida*, foi representada por Molière (1664). Outras tragédias: *Andrômaca*, *Berenice*, *Mitridates*, etc. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 67; A. do C., vol. II, p. 246; Freitas Oliveira, vol. II, p. 272.

RADCLIFFE (ANN de) — 1764-1826 — Pertence aos romancistas do género fantástico. O seu romance *Mistérios de Udolfo* (1794) teve enorme êxito. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 229.

RAMOS (JOÃO DE DEUS) — 1830-1896 — Um dos grandes líricos nacionais, cuja simplicidade e pureza do verso o tornaram um poeta verdadeiramente popular, o único que conseguiu, porventura na prática, o que muitos dos poetas do nosso século XIX defendiam teóricamente: uma poesia de expressão e compreensão popular. A publicação de *Flores do Campo* data de 1869, e mais tarde, graças aos esforços de Teófilo, foi editada novamente com o título *Campo de Flores* (1876). Interessado pelos problemas do ensino popular, publicou em 1776 a sua *Cartilha Maternal*, que lhe valeu inúmeras críticas e sátiras, como sucedera a Castilho com o seu *Método*. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 238; Camilo, vol. II, p. 130.

RAYNOUARD (François) — 1761-1836 — Escritor francês que se dedicou à investigação da literatura francesa medieval. — Cit. por: Chagas, vol. I, p. 95.

REAL (Jerónimo CORTE) — 1530-? — Poeta épico português do séc. XVI, que também se dedicou à pintura e à música. Dois poemas mais conhecidos, embora de relativo interesse: *Sucesso do Segundo Cerco de Dio* (1574) e *Naufrágio de Sepúlveda* (1594). — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

REID (Thomas) — 1710-1796 — Filósofo escocês que se opôs às teorias de Berkeley e David Hume. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 87.

REMBRANDT — V. VAN RYN (Harmenszoon).

RENAN (Joseph-Ernest) — 1823-1892 — Um dos mais lidos e discutidos pensadores franceses no século XIX. A sua *Vida de Jesus* (1863), primeiro volume duma *História das Origens do Cristianismo* que o ocupou de 1863 a 1883, suscitou viva controvérsia. E no livro *Recordações de Infância e de Juventude* que vem a célebre *Oração sobre a Acrópole*, em que exalta a grandeza da civilização grega. — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 83, 489; Ramalho, vol. II, p. 78; Camillo, vol. II, p. 132; Malheiro Dias, vol. II, p. 179; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21; Barreto e Noronha, vol. III, p. 77.

RESENDE — Não sabemos se Barreto e Noronha (vol. III, p. 51) se refere a GARCIA DE RESENDE (1470-1536), poeta, autor dum *Cancioneiro Geral*, se a Lúcio ANDRÉ DE RESENDE, humanista influenciado pelas doutrinas de Erasmo e autor de várias obras em latim e uma *Vida do Infante D. Duarte*.

RIBEIRO (Bernardim) — ?-1540 — Poeta e novelista português do século XVI. E o iniciador da poesia bucólica em Portugal. A sua novela *Menina e Moça* saiu póstuma (1554). — Cit. por: Ramalho, vol. II, pp. 53, 57; Diogo Bernardes, vol. II, p. 167; G. F., vol. II, p. 200; Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

RIBEIRO (João Pedro) — 1758-1839 — Doutorado em Cânones pela Universidade de Coimbra. Nomeado lente da cadeira de Diplomática (1796), então criada, foi o verdadeiro fundador da diplomática portuguesa. O seu espírito de investigador, de exemplar probidade, influenciou Alexandre Herculano, que seguiu a via aberta por ele. A sua obra mais conhecida é: *Dissertações Cronológicas e Críticas*. — Cit. por: Camillo, vol. II, p. 135.

RIBEIRO (Joaquim PINTO) — 1822-1882 — Escritor e poeta de mérito. Filho dum grande industrial portuense que o destinou desde cedo ao comércio, foi mandado pelo pai para o Brasil. De regresso à cidade natal adquiriu grande celebridade como poeta. Os seus livros *Lágrimas e Flores* (1854) e *Coroas Flutuantes* (1862) merecem a Camillo os maiores elogios. Fixou-se depois em Lisboa, dedicando-se exclusivamente ao comércio. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 65.

RIBEIRO (José SILVESTRE) — 1807-1891 — Bacharel em Cânones pela Universidade de Coimbra. Liberal convicto, teve de se exilar em 1828 para Inglaterra, onde esteve albergado no célebre *Barracão de Plymouth*, de tão triste memória. Passou depois a Paris e regressou integrado nos bravos do Mindelo. Depois de instaurado o regime liberal foi ministro dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça. Dedicou-se principalmente à investigação histórica, sendo produto desse labor a monumental *História dos Estabelecimentos Científicos, Literários e Artísticos de Portugal, nos Sucessivos Reinados da Monarquia*, em 18 volumes (1871-1893), manancial riquíssimo de informações sobre a actividade pedagógica no nosso país. — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 271.

RIBEIRO (TOMÁS) — V. FERREIRA (TOMÁS ANTÓNIO RIBEIRO).

RICCIOLI (Giovanni Battista) — 1598-1671 — Astrónomo italiano, que pertencia à ordem jesuita e foi por ela encarregado de combater e destruir os princípios de Copérnico. — Cit. por: Arqui-Zero, vol. II, p. 211.

RIOLAN (Jean) — 1577-1657 — Médico francês, professor de Anatomia e Botânica. Foi o primeiro médico de Maria de Médicis. Embora haja sido um brilhante anatomista, rejeitou a doutrina de circulação do sangue de Harvey e as descobertas sobre os vasos linfáticos. — Cit. por: Arqui-Zero, vol. II, p. 211.

RIVAS (Angel de SAAVEDRA, duque de) — 1791-1865 — Poeta espanhol que, tal como Garcilasso, Lope de Vega e Cervantes, seguiu de início a carreira das armas. De tendências liberais, viu-se forçado ao exílio durante o reinado de Fernando VII. Algumas das suas peças, umas escritas e representadas em Espanha, outras já no exílio, deram-lhe na época renome europeu. Foi a sua tragédia *Dom Alvaro, ou a Força do Destino* (1835) que inspirou a Verdi o libreto da ópera do mesmo nome. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 207; Cunha Belém, vol. IV, p. 26.

ROCHA (João da) — V. LOUREIRO (URBANO).

RODRIGUES (João FELIX) — 1831-1870 — Formado em Direito pela Universidade de Coimbra. Principal redactor de *O Português* (1856-1866), são da sua autoria as crónicas *Literatura em Barulho*, incluídas por nós nos Textos Adicionais desta obra, e assinadas com o pseudónimo Satan. Colaborou ainda noutros jornais com artigos sobre literatura e política, alguns assinados com outro pseudónimo: *Tanas*. Sustentou polémicas com Rodrigues Sampaio, Teixeira de Vasconcelos e Lopes Mendonça, e escreveu, quase se pode afirmar, sobre todos os assuntos candentes da época: casamento civil, irmãs da caridade, Padroado da Índia, o ultramontanismo, etc. E usando sempre a mesma forma vigorosa e polémica, inteligente e arguta, com que redigiu os folhetins acerca da *Questão Coimbrã*. — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 276.

ROLLIN (Charles) — 1661-1741 — Supomos tratar-se do pedagogo francês jansenista Rollin. A sua principal obra é *Tratado dos Estudos*, em que desenvolve as suas teorias acerca da educação. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 237.

ROMEU J.ºr (José Elias Soares) — 1839-? — Indo muito novo para o Brasil, aí se dedicou a actividades comerciais. Regressou a Portugal em 1868. Interessava-se por história e literatura, tendo publicado artigos em vários jornais, tanto no Brasil como em Portugal, versando tais assuntos. Participou na polémica com o opúsculo *As Letras no Brasil. Duas Palavras acerca de Um Folheto do Sr. Antero de Quental*, em 1866.

ROSA (Francisco MARTINEZ DE LA) — 1789-1862 — Político e escritor espanhol liberal, que participou nas Cortes Constituintes de Cádiz, donde saiu a primeira constituição da Península. Exilado por Fernando VII, voltou mais tarde à pátria, desempenhando cargos políticos importantes e chegando a presidente do Conselho de Estado. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 214.

ROSA (Francisco Octaviano de ALMEIDA) — 1825-1889 — Natural do Rio de Janeiro. Formado em Ciências Jurídicas pela Universidade de S. Paulo. Jornalista de renome na época, cola-

borador assíduo do *Correio Mercantil*. Poeta, traduziu Byron, Shakespeare e outros. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 222.

ROSSINI — Não encontramos referência a escritor com este nome. — Cit. por: Júlio de Castilho, vol. I, p. 158.

ROUSSADO (MANUEL) — 1833-1911(?) — 1.º barão de Roussado, por decreto de 1871, e cônsul de Portugal em Bordéus. Inicou a sua carreira literária como jornalista humorístico e autor de revistas levadas à cena no Ginásio que tiveram muito êxito. Colaborou no *Almadense*, *Nacional*, *Revolução de Setembro*, etc. Escreveu *Cousas Alegres* (1862), considerações humorísticas sobre a vida literária lisboeta, a revista *Fossilismo e Progresso* (1855), etc. Entrou na polémica, em defesa de Castilho, com o opúsculo *Bom Senso e Bom Gosto, Resposta à Carta Que o Sr. Antero de Quental Dirigiu ao Ex.º Sr. António Feliciano de Castilho*. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 180; vol. III, p. 172; Porto Carrero, vol. I, pp. 247, 254; S. & A., vol. II, pp. 11, 20; A. M. Gaveta, vol. II, pp. 35, 36; Ramalho, vol. II, p. 94; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 102; Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Urbano Loureiro, vol. II, pp. 291, 292; vol. III, p. 8; Barreto e Noronha, vol. III, p. 29; Brito Aranha, vol. III, pp. 163, 165, 166; Carlos Borges, vol. III, p. 180; Ermita do Chiado, vol. III, p. 204; Sombra de Cícero, vol. III, p. 270; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 8; Cunha Belém, vol. IV, p. 18.

ROUSSEAU (Jean-Jacques) — 1712-1778 — Um dos filósofos que mais influência exerceram, juntamente com Voltaire, nos doutrinários e políticos da Revolução Francesa. No *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens* (1754) afirma que a propriedade é a causa da desigualdade entre os homens. O seu amor pela natureza e a descrição dos sentimentos íntimos numa linguagem de grande delicadeza e sinceridade tiveram decidida influência na formação do romantismo francês, particularmente receptivo a obras como *A Nova Heloísa* (1761) e as *Confissões*. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 187; Antero, vol. I, p. 205; Ramalho, vol. II, p. 95; Camilo, vol. II, p. 139; E. A. Salgado, vol. III, p. 133.

ROYER-COLLARD (Pierre-Paul) — 1763-1845 — Filósofo e orador político, de tendências jansenistas. Liberal, aderiu à Monarquia de Julho. Foi nomeado em 1811 professor de história da Filosofia da Sorbonne. Opôs-se às doutrinas sensualistas de Condillac e adoptou o espiritualismo defendido por Thomas Reid. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 76.

RUA (José Martins) — 1810(?) - 1868 — Administrador do concelho em Caminha, imprimiu em 1843 um poema, *Pedreira, Poema Heróico da Liberdade Portuguesa*, de que os jornais em coro fizeram troça. Pinheiro Chagas disse que ele quis obter «a immortalidade da asneira». — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.

RUBENS (Peter Paul) — 1577-1640 — Pintor e diplomata flamengo, um dos mais célebres do século XVII. — Cit. por: Freitas Oliveira, vol. II, p. 272.

RUYSBROEK ou **RUNSBROEC** ou **RUSBROEK** (Jean de) — 1293-1381 — Místico conhecido com o nome de Jean de Brabante. Escreveu numerosos tratados ascéticos e místicos em flamengo, traduzidos para latim e francês. Teve grande influência no pensamento teológico, embora fosse suspeito de heterodoxia. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 186.

S

SAAVEDRA (Miguel de CERVANTES), conhecido por **CERVANTES** — 1547-1616 — É não só o criador da imortal figura de *Dom Quixote* mas também um extraordinário narrador nas suas *Novelas Exemplares*, que lhe valeram a designação dada por Tirso de Molina e «o nosso Bocaccio». As figuras do seu *Ingenioso Hidalgo* ficaram a ser, tal como as das comédias de Molière, personagens-tipos da literatura mundial. — Cit. por: Freitas Oliveira, vol. II, p. 272; E. A. Vidal, vol. III, p. 231.

SACHS (HANS) — 1494-1576 — Poeta alemão de grande fecundidade. É principalmente conhecido e valorizado como autor de inúmeras farças, comédias e dramas. Goethe consagrou-lhe um poema e Wagner admitiu-o entre os seus Mestres

Cantores. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 186; Ramalho, vol. II, p. 95; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21.

SADINO — V. BOCAGE (Manuel Maria Barbosa du).

SAFO — 600 a.C. — Poetisa grega, que cultivou o género lírico. A beleza dos seus versos e a originalidade do seu metro suscitaram a admiração dos antigos. Entre os Romanos, Horácio e Catulo inspiraram-se na sua poesia. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 13, 54; J. de Castilho, vol. I, p. 174; Ermita do Chiado, vol. III, p. 207.

SAINTE BEUVE (Charles-Augustin) — 1804-1869 — Famoso crítico francês, defensor oficial do romantismo. A sua obra-prima é *A História de Port-Royal*, em que faz uma exposição magistral e criteriosa sobre o jansenismo. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 34; Antero, vol. I, p. 214.

SAINT-EVREMOND (Charles de Marguetel de Saint-Denis, senhor de) — 1616(?) - 1703 — Escritor panfletário francês, autor de ensaios sobre literatura. Exilou-se para Inglaterra em virtude de ter caído no desagrado de Mazarino. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 193; Ramalho, vol. II, p. 95; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21.

SAINT-LOUIS — Não encontramos referência a este autor. — Cit. por: E. A. Vidal, vol. III, p. 238.

SAINT-PIERRE (Jacques-Henri BERNARDIN DE) — 1737-1814 — Grande viajante e escritor francês que ficou célebre pelo seu romance *Paulo e Virgínia* (1787), que inaugurou a novela romântica de ambiente exótico. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 61; Camilo, vol. II, p. 118.

SAINT-REAL (Cesar Vichard, abade de) — ?-1692 — Historiador francês. Algumas das suas obras valeram-lhe polémicas com o grande Arnaud. Foram elas: *A Vida de Jesus Cristo* (1678), *Cesarião ou Dissertações sobre Diversos Assuntos* (1684). — Cit. por: Antero, vol. I, p. 235.

SALGADO (Eduardo Augusto) — ?-1870 — Natural da cidade do Porto, colaborou como jornalista em vários periódicos portuenses. Traduziu várias obras de Ernesto Renan: *Vida de*

- Jesus* (1864), *Os Apóstolos* (1866). Interveio na Polémica com o opúsculo *Literatura de amanhã* (1866). — Cit. por: Peixoto do Amaral, vol. III, p. 145.
- SALÚSTIO (Crispus)** — 86-35 a. C. — Historiador latino contemporâneo de César. Só nos restam completos dois trabalhos seus de história: *Conjuração de Catilina* e *Guerra contra Jugurta*, onde mostra em estilo claro a preocupação de estabelecer as causas e motivos dos acontecimentos históricos. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 18.
- SAMPAIO (ALBERTO)** — 1841-1908 — Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, foi colega e grande amigo de Antero, acompanhando-o na viagem aos Estados Unidos. No regresso instalou-se em Guimarães, sua terra natal, dedicando-se inteiramente à investigação histórica e económica, ajudado por Martins Sarmiento. Os seus numerosos estudos foram recolhidos em 2 volumes (1923): *Estudos Históricos e Económicos*. — Cit. por: Freitas Oliveira, vol. II, p. 273.
- SANCHES (FRANCISCO)** — 1551-1623 — Médico e filósofo português, que viveu quase toda a sua vida em França. A sua obra mais célebre, *Quod nihil scitur*, é considerada um manifesto contra a ortodoxia, o dogmatismo e a ingorância. Alguns vêem nele um precursor de Descartes. — Cit. por: Arquil-Zero, vol. II, p. 226.
- SAND (Aurore Dupin, baronesa Dudevant, conhecida por GEORGE)** — 1804-1876 — Romancista francesa. Algumas das suas obras: *Lélia* (1833), *Consuelo* (1842), *A Pequena Fadette* (1849). — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 105.
- SANTA RITA DURÃO — V. DURÃO (Frei José de SANTA RITA).**
- SANTOS (António RIBEIRO DOS)** — 1745-1818 — Notável jurisconsulto, lente da Universidade de Coimbra e poeta. Foi encarregado por D. Maria I de codificar as leis avulsas, juntamente com Pascoal de Melo, perante quem teve de defender os seus pontos de vista dum absolutismo moderado. Usou o nome arcádico de Elpino Duriense. Amigo da família Castilho, António Feliciano refere-se-lhe como tendo sido um dos seus mestres (*Castilho Pintado por Ele*, vol. I, p. 23, tomo 54 das O. C., 1909). Deixou numerosos manuscritos so-

- bre Direito, traduções da *Poética* de Aristóteles, da lírica de H. Flaco, e poesia sua com o título de *Poésias de Elpino Duriense* (1812). — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 26.
- SAVIGNY (Frederic-Charles de) — 1778-1861 — Jurisconsulto alemão de origem francesa. — Cit. por: Chagas, vol. I, p. 95.
- SCARRON (Paul) — 1610-1660 — Escritor francês que cultivou o género burlesco em verso. As suas peças tiveram grande êxito e suscitaram inúmeras imitações. Escreveu também um poema mitológico, *A Gigantomquia* (1644). — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 193; Ramalho, vol. II, p. 95; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21.
- SHELLING (Friedrich-Wilhelm-Joseph von) — 1775-1854 — Representante da filosofia idealista alemã. Influenciado de início por Fichte, as suas preocupações místicas levam-no a uma tentativa de reconciliação entre a filosofia e a religião. Nomeado por Frederico da Prússia para a cátedra de Filosofia da Universidade de Berlim para moderar os ímpetos dos *jovens hegelianos*, foi durante esse período que criou a «filosofia da revelação». A sua principal obra é o *Idealismo Transcendental* (1800) — Cit. por: T. de Vasconcelos, vol. I, p. 282; Camilo, vol. II, p. 132; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 70, 74, 75; E. A. Vidal, vol. III, p. 234.
- SCHILLER (Friedrich-Johann-Cristoph) — 1759-1805 — Poeta e dramaturgo, o maior do último período clássico alemão e por alguns historiadores tido como romântico. Grande amigo de Goethe e discípulo de Kant, preocupou-se com os problemas teóricos da literatura, como o demonstra nas suas *Cartas sobre a Educação Estética do Homem* (1794). Inspirou-se de preferência na história para construir as suas peças, onde, como na tragédia grega ou no drama shakespeariano, circula um conflito moral ou psicológico: *Wallenstein* (1800), *Maria Stuart* (1801), *Joana d'Arc* (1802), *Os Novos de Messina* (1803), *Guilherme Tell* (1805). — Cit. por: Antero, vol. I, p. 230; T. de Vasconcelos, vol. I, p. 193; Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Ermita do Chiado, vol. III, p. 208; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 11.

- SCHLEGEL (Wilhelm von) — 1767-1845 — Critico literário, mas principalmente exímio tradutor de obras gregas, latinas, espanholas, portuguesas, inglesas e italianas, entre as quais obras de Tasso, Petrarca, Ariosto e Shakespeare. — Cit. por: Chagas, vol. I, p. 95.
- SCHULZE (Gottlob Ernst) — 1761-1833 — Filósofo alemão. Criticou o sistema filosófico de Kant. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 75.
- SCOTT (WALTER) — 1771-1832 — Considerado o mestre do romance histórico romântico. Alcançou na sua época enorme renome, que se traduziu numa real influência sobre escritores como o nosso Alexandre Herculano. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62; Porto Carrero, vol. II, p. 257; Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.
- SCRIBE (Eugène) — 1791-1861 — Autor dramático francês, muito em voga durante o século XIX. Foi muito traduzido e imitado pelos seus contemporâneos. — Cit. por: Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 7.
- SEABRA (BRUNO Henriques de Almeida) — 1837-18 ? — Poeta brasileiro citado no *Parnaso Português Moderno* de Teófilo. Autor dum livro de poesias, *Flores e Frutos*, publicado no Rio de Janeiro, 1862. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 55; Romeu Soares J., vol. III, p. 222.
- SEABRA (VISCONDE de) — 1798-18 ? — António Luís de Seabra, 1.º visconde de Seabra, foi par do reino, ministro do Estado, juiz conselheiro do Supremo Tribunal, reitor da Universidade de Coimbra, ministro da Justiça (1852), encarregado de organizar o Código Civil Português, cujo projecto apresentou em 1859, e promulgado depois em 1867. Sustentou polémica com Herculano sobre o casamento civil. Dedicou-se à tradução de várias obras latinas: *Sátiras* e *Epistolas* de Horácio Flaco, *Tristezas* de Ovidio, etc. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 18.
- SÉNANCOUE (Etienne Pivert de) — 1770-1846 — Escritor francês discípulo de Rousseau, de expressão melancólica, por vezes mesmo desesperada. A sua originalidade situa-se no tipo de

angústia que avassala os seus personagens: o mundo e a vida não têm sentido. A sua melhor obra é *Oberman* (1804). Outras: *Simple Meditações Dum Solitário Desconhecido* (1819), *Divagações sobre a Natureza Primitiva do Homem*. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 26, 50; Antero, vol. I, p. 228; Camilo, vol. II, p. 116.

SÉNECA (Lucius Anneus) — 4 a. C.-65 d. C. — Filósofo moralista influenciado pelos estóicos, natural de Córdova, preceptor de Nero. Além de várias obras sobre moral, escreveu algumas tragédias que influenciaram o drama clássico francês e inglês. — Cit. por: Porto Carrero, vol. II, p. 253.

SEROMENHO — V. SOROMENHO (Augusto Pereira de Vabo e Anhary Galelo e).

SERRA (Abade CORREIA DA) — 1750-1823 — De seu nome completo José Francisco Correia da Serra, naturalista e diplomata que, com o duque de Lafões, fundou a Academia de Ciências. Fugido a Pina Manique por dar guarida ao naturalista francês girondino Broussonet, regressou a Lisboa em 1820. Tem inúmeros trabalhos, muitos deles ainda manuscritos. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 33.

SHAKESPEARE (William) — 1564-1616 — O maior poeta dramático de Inglaterra e um dos maiores de todos os tempos. A galeria de suas personagens é tão rica e variada como variados são os temas de que se serve: fantásticos, históricos, lendários. A riqueza psicológica das suas personagens, a beleza da linguagem, o lirismo dramático dos versos, nunca foram igualados, tornando-o o mais admirado de todos os dramaturgos europeus. Traduzido pelo mais velho dos irmãos Schlegel, teve grande influência sobre o romantismo alemão. — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 86, 230, 231; Chagas, vol. I, pp. 97, 98; J. de Castilho, vol. I, p. 178; Ramalho, vol. II, p. 91; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 104; Camilo, vol. II, p. 127; Freitas Oliveira, vol. II, p. 272; Barreto e Noronha, vol. III, p. 83; E. A. Vidal, vol. III, p. 238; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 11.

SIGEA (Luísa) — Dama da corte portugueza do século XVI, de origem espanhola. Sabia latim, grego, hebreu e árabe. Foi mestra da infanta D. Maria, filha de D. Manuel. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 129.

SILVA (António Dinis da CRUZ E) — 1731-1799 — Um dos fundadores da Arcádia Lusitana. Doutorado em Direito pela Universidade de Coimbra (1753), desembargador e chanceler da Relação do Rio de Janeiro, para onde fora em 1776. Além de numerosa produção poética e de vários trabalhos de crítica estética, legou-nos o poema herói-cómico *O Híssope*, considerado o melhor no género. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 44; Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

SILVA (António de MORAIS) — 1755-1824 — Natural do Rio de Janeiro, veio estudar para Coimbra. Para fugir à perseguição da Inquisição exilou-se para Inglaterra, percorrendo depois a França e a Itália. A sua principal obra é o *Dicionário da Língua Portuguesa* (1.ª edição em 1789), que, sendo um excelente resumo do *Vocabulário* de Bluteau, alcançou um êxito fulminante. Teve reedições em 1813 e 1823. — Cit. por: S. & A., vol. II, p. 14; Porto Carrero, vol. I, p. 247; Barreto e Noronha, vol. III, p. 67; E. A. Vidal, vol. III, p. 234; Lisboaeta Convertido, vol. IV, pp. 107, 108, 171, 201.

SILVA (António José da), chamado o Judeu — 1705-1739 — De origem judia, nasceu no Rio de Janeiro. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, começou a escrever as suas célebres comédias para teatro de fantoches em 1733. Em 1738 a Inquisição, que já perseguira a família, com o pretexto de nova denúncia prendeu-o a ele e a toda a família. Foi depois entregue ao braço secular, o que significou ser garrotado e queimado. — Cit. por: G. F., vol. II, p. 200.

SILVA (Bittancourt da) — Não encontramos qualquer referência. Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 222.

SILVA (INOCÊNCIO Francisco da) — 1810-1876 — Notável bibliógrafo português, autor do *Dicionário Bibliográfico Português*, obra valiosíssima e única. Deve-se-lhe ainda a publicação de obras que apresentam ao público as poesias de Anastácio da

Cunha e Bocage. — Cit. por: Brito Aranha, vol. III, pp. 165, 166; Castilho, vol. IV, p. 172; Ermita do Chiado, vol. III, p. 203; Sombra de Cicero, vol. III, p. 274.

SILVA (José Bonifácio de ANDRADE E) — 1763-1838 — Cientista e político brasileiro, formado em Direito e Filosofia pela Universidade de Coimbra. Pensionista do governo, viajou por toda a Europa a fim de se aperfeiçoar em História Natural e Metalurgia. Nomeado intendente-geral das minas e lente da cadeira de Metalurgia, criada para ele em 1801. Participou na luta contra os franceses, indo em 1819 para o Brasil. Abraçou então a causa da independência brasileira, tornando-se figura proeminente durante os primeiros anos da secessão. São seus muitos estudos compilados nas *Memórias Económicas da Academia* sobre metalurgia, botânica e economia nacional. — Cit. por: T. de Vasconcelos, vol. I, p. 286.

SILVA (José Maria da COSTA E) — 1788-1854 — Erudito, poeta e escritor teatral de grande fecundidade. Em 20 anos escreveu (entre traduções, adaptações e originais) mais de 200 peças. O seu poema *Passeio* mereceu referência de Garrett. Em 1817 apresenta uma tradução de Delille, *Imaginação*. Publica depois sucessivos livros de poesias — *Isabel* (1832), *Poesias* (1843-44). Tem vasta colaboração espalhada pela *Revista Universal*, *Ramalhete*, etc., e um *Ensaio Biográfico e Crítico* (1850-55) sobre os melhores poetas contemporâneos. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 192.

SILVA (Luís Augusto REBELO DA) — 1822-1871 — Historiador, discípulo de Herculano, aquém do mestre pelas deficiências do método crítico, embora dos mais qualificados para continuador da sua obra. Autor de biografias romanceadas, romances e novelas históricas em que se pode admirar o seu excelente estilo de prosador. A sua melhor contribuição é a *História de Portugal nos Séculos XVII e XVIII* (1860-1871), que contém valiosos dados documentais. Entre as novelas que mais êxito alcançaram podemos citar *A Mocidade de D. João V* (1852), *Ódio Velho não Cansa* (1840). — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 34, 35; Ramalho, vol. II, p. 71; G. F., vol. II, p. 200; Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Castilho, vol. III, p. 172; Ermita do Chiado, vol. III, p. 201; Sacristão, vol. III, p. 252;

Sombra de Cícero, vol. III, p. 277; Cunha Belém, vol. IV, p. 28.

SILVA (Pereira da) — Não sabemos se se trata de João Evangelista Pereira da Silva (1708-1782), frade franciscano que deixou várias obras manuscritas. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 222.

SILVA (José Belmiro da) — Não encontramos referência a este autor. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 223.

SIMÕES (Duarte) — Conhecido latinista do século XVI, amigo de Jerónimo Osório. — Cit. por: Castilho, vol. III, p. 172.

SIMON (Jules-François) — 1814-1896 — Filósofo e político francês. Inimigo de Napoleão, depois da sua queda ocupou posições políticas de destaque, chegando a ser ministro da Instrução Pública. Professor de Filosofia na Sorbonne, devem-se-lhe várias obras de filosofia e política: *Estudo sobre a Teodicéia de Platão e Aristóteles* (1840), *História da Escola de Alexandria* (1844-45), *A Religião Natural* (1859), *A Liberdade de Pensar* (1870), *Reforma do Ensino Secundário* (1874), *Victor Cousin* (1887), etc. — Cit. por: Elmano da Cunha, vol. I, p. 117; E. A. Salgado, vol. III, p. 137.

SÓCRATES — 469-399 a. C. — De todos os filósofos da Antiguidade, aquele que nada deixou escrito é contudo um dos que mais influência exerceram sobre os seus contemporâneos e sobre todo o pensamento europeu. Marca a passagem duma filosofia naturalista para uma filosofia antropológica e essencialmente ética. Condenado à morte pelo Areópago, acusado de corromper a juventude e de ter simpatizado com o regime dos tiranos, morreu calma e serenamente, recusando a fuga que lhe propunham: «Vale mais sofrer a injustiça do que cometê-la.» — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 82, 85.

SÓFOCLES — 496-406 a. C. — Um dos três grandes trágicos atenienses. Tesoureiro da Confederação de Delos e estratega, junta às suas actividades sociais uma extraordinária riqueza poética que o faz ganhar 24 vezes nos concursos o primeiro prémio. De toda a sua vasta produção restam-nos 7 tragédias e um drama satírico. Algumas obras: *Ajax*, *Antígona*,

Edipo Rei, Edipo em Colónia, Electra, etc. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 13; Arqui-Zero, vol. II, p. 224.

SOROMENHO (Augusto Pereira de Vabo e Anhay Galelo e) — 1834-1878 — Professor e erudito, natural do Porto. Grande amigo de Alexandre Herculano, que o protegeu facilitando-lhe a entrada no meio intelectual. Substituiu Herculano na direcção da publicação *Portugaliae Monumenta Historica*. Foi ainda professor de Literatura Moderna na Faculdade de Letras (substituindo Lopes de Mendonça) e também de História (substituindo Rebelo da Silva). Além de numerosos artigos sobre história, etimologia e arqueologia, publicados em revistas e jornais, escreveu um livro de versos, *O Divas* (1855). — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 203; Sacristão, vol. III, p. 252; Sombra de Cícero, vol. III, p. 274.

SOUSA (ANDRÉ DA PONTE DE QUENTAL DA CÂMARA E) — 1768-1845 — Amigo e companheiro de Bocage, foi perseguido por Pina Manique e preso na mesma altura em que Elmano. Batendo-se contra os franceses, chefe da revolução liberal em S. Miguel, acabou os seus dias na ilha natal, respeitado pelos seus conterrâneos. Foi avô paterno de Antero de Quental. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, pp. 162, 168.

SOUSA (Frei LUÍS DE) — 1555-1632 — Considerado um dos clássicos da nossa língua, a sua biografia de Frei Bartolomeu dos Mártires marca uma etapa nova na hagiografia, pois tem a preocupação de descrever o pitoresco local e retratar com desembaraço a figura do prelado. A vida de Frei Luís de Sousa, de seu nome Manuel de Sousa Coutinho, inspirou Garrett na elaboração do seu drama *Frei Luís de Sousa*. Além da *Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires* (1619), escreveu também uma *História de S. Domingos*. — Cit. por: Teófilo, vol. I, pp. 190, 191; Ramalho, vol. II, p. 95; Camilo, vol. II, p. 120; Diogo Bernardes, vol. II, p. 161; G. F., vol. II, p. 200; Ermita do Chiado, vol. III, p. 209.

STACIO (Papinius) — 40-96 — Poeta latino muito popular em Roma e durante a Idade Média. Resta-nos dele uma epopeia, *Tebaida*, um poema épico incompleto, *Aquileida*, e ainda 32 poemas, as *Silvas*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.

STAËL — Holstein (Anne-Louise-Germaine Necker, baronesa de) — 1766-1817 — Filha do célebre banqueiro Necker, desempenhou papel proeminente entre os intelectuais franceses. Os seus salões eram o centro de reunião da intelectualidade liberal. Grande inimiga de Bonaparte, vê-se constrangida a exilar-se, viajando então por toda a Europa. Das suas viagens resultaram, em 1807, *Corina ou a Itália* e, em 1808, *Da Alemanha*, que foi logo apreendido e que só veio a aparecer de novo em 1813, em Londres. Com estes dois livros Madame de Staël procurava não apenas transmitir as impressões pessoais das suas viagens mas, e principalmente, dar a conhecer aos franceses as literaturas desses países, e fundamentalmente da Alemanha, o que fez com um talento incomparável no livro atrás referido. Outras obras: *Da Literatura* (1800), *Delfina* (1802), *Considerações sobre a Revolução Francesa* (1818). — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 20, 36; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 105; Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.

STAHL (Georg-Ernest) — 1660-1734 — Médico e químico alemão. Apesar de defender que a alma desempenhava função fundamental na cura das doenças (animismo), foi, contraditoriamente, um dos grandes médicos do seu tempo. — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, pp. 103, 107.

STERNE (Laurence) — 1713-1768 — Escritor inglês, cujo estilo, original e irónico, exerceu grande influência nos escritores do século XIX. Obras mais conhecidas: *Vida e Opiniões de Tristão Shandy* e *Viagem Sentimental*. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 205.

STEWART (Dugal) — 1753-1828 — Discípulo de Reid, foi professor de Matemática na Universidade de Edimburgo e depois catedrático de Filosofia na mesma Universidade. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 87.

STRAUSS (David Friedrich) — 1803-1874 — Teólogo alemão que acaba por negar toda a espécie de religião baseada na fé num Deus pessoal. Obras: *Vida de Jesus* (1835), *A Antiga e a Nova Fé* (1872). — Cit. por: Antero, vol. I, p. 83; Camilo, vol. II, pp. 126, 132; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 74, 77; E. A. Salgado, vol. III, p. 129.

SULMONENSE — V. NASÃO.

SWEDENBORG (Emmanuel) — 1688-1772 — Teósofo sueco, que conquistou adeptos em Inglaterra e nos Estados Unidos. Escreveu várias obras onde expôs as suas teorias. — Cit. por: *Malheiro Dias*, vol. II, p. 179; *Ermita do Chiado*, vol. III, p. 215; *E. A. Vidal*, vol. III, p. 239.

T

TAINÉ (Hippolyte-Adolphe) — 1828-1893 — Historiador da literatura francesa, considerado o teórico do Naturalismo. A sua obra aborda temas de Filosofia, Crítica e História. Postula que a literatura é determinada por três causas gerais: a raça, o meio (físico ou histórico) e o momento. Baseado nestes princípios estudará a literatura grega no seu livro *Filosofia da Arte na Grécia*, a inglesa na *História da Literatura Inglesa* (1864) e a italiana na *Filosofia da Arte na Itália*. Em 1870 publica *Da Inteligência*, em que procura fundamentar a psicologia como ciência. Era essa psicologia, de base rigorosamente experimentalista, que devia servir de esteio ao historiador e ao romancista. A sua última obra, que deixou incompleta, é as *Origens da França Contemporânea* (1875-93). — Cit. por: *Antero*, vol. I, p. 83; *Chagas*, vol. II, p. 95; *Urbano Loureiro*, vol. III, p. 21; *Ermita do Chiado*, vol. III, p. 215.

TANAS — V. RODRIGUES (João FÉLIX).

TASSO (TORCATO) — 1544-1595 — Poeta épico italiano autor da *Jerusalém Libertada* (1593). Neste extenso poema, Tasso procura conciliar a inspiração cavalheiresca, clássica e cristã, dando corpo às suas teorias estéticas que codifica na obra *Discurso sobre a Arte Poética*, saída em 1585. É o poema-modelo da Contra-Reforma. Em Portugal a influência de Tasso fez-se sentir nos épicos menores que vieram após Camões, principalmente Vasco Mouzinho de Quevedo (*Afonso, o Africano*) e Francisco de Sá de Meneses (*Malaca Conquistada*). — Cit. por: *Chagas*, vol. I, p. 98; *Osório de Vasconcelos*, vol. II, p. 104; *Freitas Oliveira*, vol. II, p. 272; *Sombra de Cícero*, vol. III, p. 265.

TAULER (Joahn) — 1300-1361 — Místico alemão apelidado o *Doutor Iluminado*. Atribui-se-lhe erradamente a *Imitação da Vida Pobre de Cristo*. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 186; Ramalho, vol. II, p. 95; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21.

TAVARES (Eduardo) — 1831-1886 — Fundador do jornal satírico *Cabriton*. Além de opúsculos de sátira à sua época, alguns assinados com o pseudónimo Aprígio Fafes, é autor de algumas comédias, e dois romances: *Henrique e Leonor* (1851) e *Duro Crime*. Pertenceu ao partido regenerador, polemizando na imprensa contra os progressistas. — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 276.

TEIXEIRA (José António MONTEIRO) — séc. XIX — Madeirense, escreveu livros de poesia em francês e português. Publicou na Madeira *Obras Poéticas* (1848-49), *Oeuvres Poétiques* (1861), *Nouveau Recueil de Poesies* (1871). A opinião pública atribuiu-lhe o drama *Amor e Pátria*, que saiu com o nome de Sérvulo de Paula Medeiros. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 55.

TEIXEIRA de VASCONCELOS — V. VASCONCELOS (António Augusto TEIXEIRA DE).

TEÓCRITO de Siracusa — séc. III a. C. — Poeta grego, o mais importante no género bucólico. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 13; J. de Castilho, vol. I, p. 159; Malheiro Dias, vol. II, pp. 177, 187.

TEÓFILO BRAGA — V. BRAGA (Joaquim TEÓFILO Fernandes).

TEOFRASTO de Eresos — 372-287 a. C. — Filósofo grego, discípulo de Platão e depois de Aristóteles. Substituiu este na direcção da escola peripatética. Das suas numerosas obras restam-nos uma de botânica e os *Caracteres*, considerada a primeira obra de caracterologia. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 33; Arqui-Zero, vol. II, p. 228.

TERENCIO (P.) — 190-159(?) a. C. — Poeta cómico latino, originário de Cartago e levado como escravo para Roma. Libertado pelo dono, começou a escrever comédias, inspirando-se em

Menandro. É considerado inferior a Plauto. — Cit. por: Raimalho, vol. II, p. 57; Ermita do Chiado, vol. III, p. 198; Sacristão, vol. III, p. 249.

THIERRY (Jacques-Nicolas-Augustin) — 1795-1856 — Historiador e estadista francês. Através dos seus estudos históricos, *História da Conquista da Inglaterra pelos Normandos* (1825), *Considerações sobre a História de França e Narração dos Tempos Merovíngios* (1835-40), pretende encontrar a lei suprema do desenvolvimento nacional de cada povo. — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 233, 234; Ermita do Chiado, vol. III, p. 212.

THIERS (Louis-Adolphe) — 1797-1877 — Historiador e político francês. A sua principal obra é uma *História da Revolução Francesa*. Representante da burguesia francesa, foi um dos responsáveis pela sangrenta repressão de Paris. — Cit. por: Porto Carrero, vol. I, p. 252.

TIBULO (Albius) — 59-19 a. C. — Poeta romano que se dedicou principalmente à elegia. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 18; J. de Castilho, vol. I, pp. 153, 160.

TIECK (Ludwig) — 1773-1853 — Romancista alemão que cultivou o conto fantástico. Foi amigo dos irmãos Schlegel, Fichte e Novalis. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.

TIRABOSCHI (Girolamo) — 1731-1794 — Historiador de literatura italiana, é o autor de uma *História da Literatura Italiana*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 33.

TIRÃO (Marcus Tullius) — séc. I a. C. — Escritor romano, secretário e amigo de Cícero. Foi ele que lhe publicou os *Discursos*. É autor de obras de gramática. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 16.

TIRTEU — séc. VII a. C. — Poeta grego a que se atribuem os cantos celebrando as vitórias de Esparta contra Messina. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 13; Antero, vol. I, p. 85.

TOLENTINO (Nicolau) — V. ALMEIDA (NICOLAU TOLENTINO DE).

TOMMASEO (Niccolo) — 1802-1874 — Escritor liberal italiano que teve de se exilar mais de uma vez. A sua obra é muito variada: romances, poemas, opúsculos sobre política e crítica literária. — Cit. por: *Ermita do Chiado*, vol. III, p. 207.

TRACY (DE) — Supomos tratar-se do filósofo francês Antoine Destutt de Tracy (1754-1836), ideólogo da burguesia francesa revolucionária e cujo livro mais importante, *Os Elementos de Ideologia* (1804), foi muito lido em Portugal nos meados do século XIX. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 76.

TRAPASSI (Pietro), conhecido por **METASTÁSIO** — 1698-1782 — É o renovador do melodrama, tragédia musicada. O elemento musical presente nas peças dos séculos XVI e XVII sob a forma de intermédio vem agora integrar-se na estrutura da tragédia com as *arie* e *ariette*. Antecipando-se aos românticos, Metastásio procura aliar o elemento cómico ao trágico, ao mesmo tempo que desterra da cena o terror e a violência, assim como o fantástico. Os melodramas mais conhecidos, da vastíssima obra que produziu, são *Didone Abandonada* (1724) e *Olemência de Tito* (1734). É curioso notar que Garrett, no seu *O Alfageme de Santarém*, coloca-se dentro desta tradição da aliança do trágico com o elemento musical. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 153.

TRUEBA (D. António de) — 1819-1989 — Poeta e romancista espanhol. Tem variadíssimos livros de contos de louvor ao povo madrileno e basco: *Contos Cor-de-Rosa* (1859), *Contos Aldeões* (1860), *Contos de Várias Cores* (1866), *Contos de Vivos e Mortos* (1866), etc. — Cit. por: Castilho, vol. III, p. 173.

TÓLIO (António da SILVA) — 1818-1884 — Escritor e jornalista, muito amigo de Castilho, e apresentado a este por Herculano e Garrett. Veio a ser conservador da Biblioteca Nacional e por várias vezes director interino na ausência do bibliotecário-mor Mendes Leal. Foi ele que elaborou a reforma da Biblioteca Nacional em 1863. Apaixonado investigador de história e arqueologia, colaborou em inúmeros jornais e revistas da época. Usava o pseudónimo de Barão de Alfenim

e Visconde XXX. Escreveu um estudo sobre a Casa dos Bicos e uma *História do Jornalismo em Portugal* que ficou incompleta. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 37; Ermita do Chiado, vol. III, p. 202; Sombra de Cícero, vol. III, p. 271.

TYCHO-BRAHÉ — 1546-1601 — Astrónomo dinamarquês que com as suas observações abriu o caminho a Kepler. — Cit. por: Arqui-Zero, vol. II, p. 211.

V

VALE (Joaquim José Maria de Oliveira) — 1835-1895 — Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, onde se matriculou em 1860. É autor de várias obras sobre Direito, tendo sido deputado. Colaborou na *Revista de Coimbra* com algumas crónicas em que se refere largamente à Questão Coimbrã.

VAN RYN (Harmenszoon), conhecido por **REMBRANDT** — 1606-1669 — Pintor e gravador holandês, um dos génios da pintura. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 229.

VASCONCELOS (Alberto OSÓRIO DE) — 1842-1881 — Oficial de engenharia, formado pela Escola Politécnica, poeta e jornalista, amigo de Elias Garcia, com quem fundou a *Democracia*, onde colaborou activamente. Dedicou-se depois à política, tendo sido deputado em várias legislaturas. Colaborou também na *Gazeta*, *Jornal do Comércio*, *Revolução de Setembro*, *Arquivo Pitoresco*, com artigos sobre literatura e divulgação científica. Usou por vezes o pseudónimo de Sylvius. Publicou ainda *Batalhas dos Portugueses*, *Estudo sobre a Defesa do País*. Participou na polémica defendendo os pontos de vista de Castilho com um folhetim no *Jornal do Comércio* de 18 de Janeiro de 1866, com o título *A Escola Pseudofilosófica de Coimbra*. A opinião pública atribuiu-lhe o folheto *Garrett, Castilho, Hercúano e a Moderna Escola Coimbrã*. — Cit. por: Castilho, vol. III, p. 172; Ermita do Chiado, vol. III, p. 201; Sacristão, vol. III, pp. 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 256, 257, 258; Sombra de Cícero, vol. III, p. 264; Cunha Belém, vol. IV, p. 20.

VASCONCELOS (António Augusto TEIXEIRA DE) — 1816-1878 — Escriitor e jornalista do Porto, filho do conhecido absolutista brigadeiro António Vicente Teixeira de Sampaio, primeiro chefe da Revolução Transmontana. Bacharel em Direito, interferiu na vida académica com alguns folhetos, em que deixava transparecer as suas opiniões miguelistas. Evolui depois para uma posição liberal, fixando-se em Lisboa em 1848. Por razões pecuniárias resolve ir para Luanda, sendo obrigado a partir de lá em 1851 por se ter incompatibilizado com o governador. Viaja então por Inglaterra e França. Afunda, em 1858, com Eduardo de Faria, uma Sociedade Ibérica para publicar em francês várias obras que dessem a conhecer à Europa a História de Portugal e de Espanha. De França mandava colaboração para a *Revolução de Setembro* e *Comércio do Porto*. Regressou a Portugal em 1862, fundando então a *Gazeta de Portugal*, de que era o director político. Publicou *Viagens em Terra Alheia: de Paris a Madrid* (1863), *O Prato de Arroz Doce* (1862), reconstituição da revolta da Maria da Fonte, e *A Ermida de Castromino* (publicada primeiro em folhetins na *Revista Contemporânea*). Participou na polémica do *D. Jaime*, defendendo os pontos de vista de Castilho, e na polémica do *Bom Senso e Bom Gosto* com um folhetim, *Pax*. — Cit. por: A. M. Gaveta, vol. II, pp. 35, 36; Ramalho, vol. II, p. 69; Porto Carrero, vol. II, p. 257; Freitas Oliveira, vol. II, p. 273; Brito Aranha, vol. III, pp. 165, 166; Castilho, vol. III, p. 172; Carlos Borges, vol. III, p. 180; Ermita do Chiado, vol. IV, p. 201; Sacristão, vol. III, p. 252; Sombra de Cícero, vol. III, p. 273.

VASCONCELOS (Francisco de) — séc. XVIII — Poeta que colaborou na *Fénix Renascida*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 29.

VASCONCELOS (Francisco de Paula MEDINA E) 1766/67-1824 — Autor do poema de estrutura épica *Zargueida* (1806), que narra a viagem de Gonçalves Zarco e a ocupação da Madeira. O poema inclui o episódio dos amores de Ana d'Arfet e Roberto Machin. Liberal convicto, foi desterrado para Cabo Verde em 1823, onde morreu. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.

VASCONCELOS (Jacinto Augusto de SANTANA), visconde de Nogueiras — 1824-1887 — Natural da Madeira, emigrou muito

novo para o Brasil. Veio para Portugal à volta de 1850, lançando-se nas lides políticas. Inimigo irreconciliável de Costa Cabral, dedicou-se ao jornalismo político. Morreu em Washington, para onde fora nomeado ministro de Portugal. Deixou obras de poesia e opúsculos sobre política e economia. — Cit. por: *Ermita do Chiado*, vol. III, p. 202.

VAZ (Oliveira) — Não sabemos se se trata do poeta Lourenço Maria de Oliveira Vaz que vem citado no *Dicionário de Inocência*, com poucos elementos. — Cit. por: *Castilho*, vol. I, p. 55.

VEGA (Félix LOPE DE) — 1562-1635 — Poeta dramático espanhol, de rara fecundidade e grande génio. Escreveu mais de 2000 peças profanas e religiosas. — Cit. por: *Ramalho*, vol. II, p. 57; *Barreto e Noronha*, vol. III, p. 84.

VENUSINO — V. FLACO (HORÁCIO).

VERA (Augusto) — 1813-1885 — Filósofo italiano, tradutor e comentador de Hegel. Foram as suas traduções em francês que serviram de texto para estudo da filosofia hegeliana aos nossos intelectuais da última metade do século XIX. — Cit. por: *Sombra de Cícero*, vol. III, p. 274.

VIALE (António José) — 1806-1889 — De ascendência italiana, foi mestre dos filhos de D. Maria II, e 1.º Conservador da B. N. Escolhido para professor da cadeira de Literatura Clássica, Grega e Latina, nela se conservou até 1878. A sua enorme erudição era acompanhada por uma memória fabulosa, que lhe permitia citar de cor dezenas de poetas. São de sua autoria várias traduções de clássicos latinos e gregos, e várias obras didácticas destinadas principalmente aos alunos do Curso Superior de Letras: *Bosquejo Métrico da História de Portugal* (1858), *Novo Epítome da História de Portugal para Uso da Real Escola Primária Estabelecida por S. M. E. R. no Palácio de Mafra* (1856), etc. Amigo íntimo de Castilho, vem constantemente citado nas cartas que este escreve à mulher durante a sua campanha pelo país em prol do *Método Repentino* (v. *Cartas*, vol. III). — Cit. por: *Castilho*, vol. I, p. 34; *J. de Castilho*, vol. I, p. 178; *Antero*, vol. I, p. 86; *Arqui-Zero*, vol. II, p. 225; *Barreto e Noronha*,

vol. III, p. 50; *Ermida do Chiado*, vol. III, p. 202; *Sacristão*, vol. III, p. 252; *Sombra de Cícero*, vol. III, p. 275.

VICENTE (GIL) — 1465(?)—1536(?) — Fundador do teatro português, apresenta-nos ao longo das suas composições teatrais, dos mais variados géneros, uma galeria de tipos sociais excelentemente conseguidos. — Cit por: Ramalho, vol. II, p. 57; Diogo Bernardes, vol. II, p. 167; G. F., vol. II, p. 200; Barreto e Noronha, vol. III, p. 51; *Ermida do Chiado*, vol. III, p. 206; Anónimo, vol. IV, pp. 81, 82.

VICO (Giovanni Batista) — 1668-1744 — Filósofo italiano, fundador da filosofia da história na obra *Princípios de Uma Ciência Nova* (1725). O seu conceito de evolução da humanidade assenta na teoria das três idades: divina, heróica e humana. As suas reflexões sobre crítica e estética tornam-no, por outro lado, o iniciador da estética moderna. — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 83 e 234; Chagas, vol. I, p. 95; Ramalho, vol. II, p. 77; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 104; Camilo, vol. II, pp. 134, 140; Malheiro Dias, vol. II, p. 179; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21; Barreto e Noronha, vol. III, p. 74; E. A. Vidal, vol. III, p. 231.

VIDAL (EDUARDO Augusto) — 1841-1907 — Poeta e jornalista, foi inspector-geral da Alfândega. Colaborou em vários jornais com poesias e artigos de crítica literária: *Gazeta*, *Arquivo Pitoresco*, *Panorama*, *Diário Popular*, etc. São seus alguns livros de poesia: *Harmonias da Madrugada* (1859), *Folhas Soltas* (1865), *Cantos do Estio* (1869). Participou na polémica com o folheto *Guelfos e Gibelinos*, defendendo a posição de Castilho. Foi colaborador do *Dicionário Popular*, dirigido por Pinheiro Chagas. — Cit. por: S. & A., vol. II, p. 20; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 102; G. F., vol. II, p. 200; Castilho, vol. III, p. 172; *Ermida do Chiado*, vol. III, p. 202; *Sombra de Cícero*, vol. III, p. 276; Cunha Belém, vol. IV, pp. 28, 29.

VIEIRA (Padre António) — 1608-1697 — Um dos melhores prosadores da nossa literatura, grande orador e político, de uma lucidez e visão que não cabia no nosso século XVII. O seu estilo, utilizando largamente a alegoria, está dentro das tradições do estilo peninsular e jesuítico, e em atraso em rela-

ção à Europa, onde os grandes oradores sacros se tinham já deixado influenciar pelas normas de clareza dos princípios cartesianos. Em contradição com os coerentes pontos de vista que sustentava em relação a situações concretas do seu tempo, defendeu o mito do Quinto Império, dentro da tradição sebastianista e bandarrista. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 30; J. de Castilho, vol. I, p. 176; Porto Carrero, vol. I, p. 259; vol. II, p. 253; G. F., vol. II, p. 200; Freitas Oliveira, vol. II, p. 272; Barreto e Noronha, vol. III, p. 51; Peixoto do Amaral, vol. III, p. 156; Ermita do Chiado, vol. III, pp. 198, 209; Sacristão, vol. III, p. 249; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 163.

VIEIRA DE CASTRO — V. CASTRO (José Cardoso VIEIRA DE).

VIENNES — Não encontramos referência a este autor. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 42.

VIGNY (Alfred-Victor, conde de) — 1797-1863 — Poeta, dramaturgo e romancista, um dos representantes do romantismo francês. As suas tragédias obtiveram grande êxito na época, assim como o romance *Cinq-Mars* e o livro de memórias *Servidão e Grandeza Militar* (1835). É o autor do drama *Chatterton* (1835), que conta a vida desgraçada desse poeta inglês que se envenenou com dezoito anos. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.

VILLEMMAIN (Abel-François) — 1790-1870 — Historiador de literatura e política francês. Professor da Sorbonne (1816), foi nomeado em 1832 ministro da Instrução Pública, tendo-se evidenciado pelo seu esforço de apressar a reforma do ensino. Entre as numerosas obras de literatura podemos citar: *Curso de Literatura Francesa* (1828-29), *Quadro da Literatura Francesa da Idade Média* (1840). — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 34; Chagas, vol. I, p. 95; Barreto e Noronha, vol. III, p. 76; Ermita do Chiado, vol. III, p. 215.

VIRGÍLIO (Maro) — 79-19 a. C. — O maior poeta romano, amigo de Horácio e protegido de Mecenas e de Augusto. As suas primeiras obras são as *Bucólicas* e as *Geórgicas* (dedicadas a Mecenas). A primeira compõe-se de dez poemas pastoris

(por isso também conhecida por *Eclogas*) e a segunda é um longo poema em que se glorifica a agricultura. Parece ter sido Augusto quem entusiasmou Virgílio a escrever a epopéia dos romanos. Foi assim que surgiu a *Eneida*, escrita de 29 a 19 a. C. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 18, 26, 27, 31, 37, 51, 56, 64, 70, 295; Chagas, vol. I, p. 98; J. de Castilho, vol. I, pp. 135, 142, 147, 157, 174; Teófilo, vol. I, p. 189; Antero, vol. I, pp. 227, 235, 236; T. Vasconcelos, vol. I, p. 287; Ramalho, vol. II, pp. 54, 65, 66, 67, 95; Osório de Vasconcelos, vol. II, pp. 104, 109; Malheiro Dias, vol. II, pp. 177, 179, 188; G. F., vol. II, pp. 200, 203; Arqui-Zero, vol. II, pp. 222, 230; Freitas Oliveira, vol. II, p. 272; Urbano Loureiro, vol. II, p. 287; vol. III, pp. 9, 16; Ermita do Chiado, vol. III, p. 202; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 11; Cunha Belém, vol. IV, p. 25; Anónimo, vol. IV, pp. 81, 83; Lisboeta Convertido, vol. IV, pp. 114, 150.

VOLTAIRE — V. ABOUET (François-Marie).

W

WAGNER (Richard) — 1813-1883 — Compositor alemão que introduziu um novo conceito de ópera. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 75.

WATTEAU (Antoine) — 1684-1721 — Pintor e gravador francês. Inspirou-se principalmente nos temas campestres, tão do gosto dos poetas e pintores deste século. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 229.

WIELAND (Cristoph) — 1733-1813 — Poeta e romancista alemão que sofreu a influência dos clássicos gregos e da literatura francesa. É seu o romance educativo *Agatão* (1766-67), bem como vários poemas narrativos: *O Novo Amadís* (1771), *Oberon* (1780), que foi traduzido por Filinto e Alcipe. — Cit. por: Teixeira de Vasconcelos, vol. I, p. 282.

WOLFF (Christian, barão de) — 1679-1754 — Matemático e filósofo alemão, discípulo de Leibniz. Para ele a moral baseia-se no conhecimento racional do homem. Escreveu: *Flu-*

sofia Racional (1728), *Psicologia Empírica* (1730), *Psicologia Racional* (1734), *Teologia Natural* (1736), *Filosofia Moral* (1732). — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 83, 234; Camillo, vol. II, p. 126; Urbano Loureiro, vol. III, p. 21; Barreto e Noronha, vol. III, p. 74; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 111.

Z

ZENÃO de Eleia — séc. V a. C. — Filósofo e poeta grego, discípulo de Parménides. — Cit. por: Camillo, vol. II, p. 138.

ZENÓDIO de Efeso — séc. III a. C. — O primeiro dos grandes filólogos de Alexandria. Dedicou-se à crítica literária de vários poetas e principalmente à análise dos poemas homéricos. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 163.

ZOILLO — séc. IV a. C. — Crítico de Homero, da escola de Alexandria, muito conhecido pelos juízos exagerados e ridículos com que se referiu à obra de Virgílio. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 51; J. de Castilho, vol. I, p. 163.

ZURARA ou AZURARA (Gomes Eanes de) — 1420 (?) - 1473 ou 74 — Substituindo Fernão Lopes no cargo de cronista do Reino, imprime uma nova orientação à historiografia nacional: surge a narrativa apologética, o panegírico dos heróis. Fidalgo da casa do Infante D. Henrique, Zurara é o grande responsável pela chamada Lenda do Infante, que, tornando-o a primeira figura dos Descobrimentos, deixa na sombra a personalidade do irmão, o Infante D. Pedro. É na sua *Crónica dos Feitos da Guiné* que vem traçado o panegírico do Infante, crónica com que se inicia o tipo de historiografia que vai ter o apogeu em João de Barros. São ainda suas a *Crónica de D. Duarte de Meneses*, a *Crónica de D. Pedro de Meneses* e a terceira e última parte da *Crónica de D. João I*, iniciada por Fernão Lopes. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 51.

2. ÍNDICE DAS OBRAS CITADAS

A

ABÓBADA — 1839 — Este conto faz parte das narrativas publicadas por Alexandre Herculano no *Panorama* e que depois reuniu em volume com o título de *Lendas e Narrativas* (1851) — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62.

ADÓNIS — 1623 — Poema épico de Marini, em vinte cantos, tendo por assunto os amores de Vénus e Adónis. Dedicado pelo autor a Luís XII, este poema brilhante, mas de forma rebuscada, teve imenso êxito na época. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.

AFONSO, O AFRICANO — 1611 — Poema épico de Vasco Mouzinho de Quevedo Castelo Branco, em doze cantos. Conta a conquista de Arzila e Tânger por D. Afonso V, não em exposição histórica mas sob a forma de alegoria. Faz parte dos poemas épicos influenciados pela *Jerusalém* de Tasso. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.

ALECRIM E MANJEBOA — V. GUERRAS DO ALECRIM E MANJEBOA.

ALFAGEME DE SANTARÉM (O) — 1842 — Drama de Garrett, levado à cena pela primeira vez no teatro da Rua dos Condes em Março de 1842, depois de violenta opposição do governo, que pretendia impedir a sua representação. A peça, que se passa durante o interregno 1383-1385, tinha trechos cantados que intercalavam a acção. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.

- ALMANAQUE DE LEMBRANÇAS** — Almanaque organizado por Alexandre de Castilho e António Xavier Rodrigues Cordeiro. — Cit. por: *Sombra de Cícero*, vol. III, p. 274.
- AMOR E MELANCOLIA (OU A NOVÍSSIMA HELOÍSA)** — 1828 — De Castilho. Trata-se de uma colectânea de peças líricas inspiradas pela paixão que teve pela sua primeira mulher. Em redondilha maior, a frescura de algumas das composições acaba por morrer na monotonia do metro. — Cit. por: Chagas, vol. I, p. 91; J. de Castilho, vol. I, pp. 153, 175; Antero, vol. I, p. 232; Ramalho, vol. II, p. 55; Diogo Bernardes, vol. II, p. 164; Carlos Borges, vol. III, p. 187.
- AMORES DE PSIQUE E CUPIDO (Os)** — 1669 — Romance de La Fontaine, em prosa e verso. — Cit. por: Castilho, p. 60.
- ANJO DO LAR** — 1865 — Poemeto de Pinheiro Chagas que faz parte do volume *Poema da Mocidade*. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 54, 67, 68, 69; Urbano Loureiro, vol. III, p. 14.
- APOCALIPSE** — Último livro do *Novo Testamento*, escrito por S. João Evangelista e composto de sete visões. Daí apocalipse significar alegoria obscura. — Cit. por: Pinheiro Chagas, vol. I, p. 93; Diogo Bernardes, vol. II, p. 161.
- AQUILEIDA** — séc. I — Poema épico incompleto sobre a juventude de Aquiles, de Papinius Stácio, poeta romano originário de Nápoles. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.
- ARCÁDIA** — Esta referência que Castilho faz no vol. I, p. 61, na *Carta ao Editor*, a uma *Arcádia*, que seria da autoria de Bernardim de Saint-Pierre, põe algumas dificuldades. Com efeito, não encontramos referência a nenhuma obra deste autor com semelhante título. Existe sim uma *Arcádia* poema pastoral de Sannazar em prosa e verso (1502), e uma novela também com o mesmo nome, do inglês Sidney.
- ARCO DE SANT'ANA (O)** — 1845-50 — Novela histórica de Almeida Garrett, inspirada pelas leituras de Walter Scott. No prefácio que acompanha o 1.º volume, publicado em 1845, Garrett ataca o regime cabralista, fazendo o processo político do

seu tempo. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 150; Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.

ARGONAUTAS — séc. I — Poema épico inspirado na *Eneida*, escrito por Valerius Flacus. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.

ARTE POÉTICA — séc. I — Também conhecido por *Código da Arte* ou *Epistola aos Pisões*, onde Horácio condensa os seus pontos de vista acerca da arte poética, e considerado por isso o manual clássico da arte de metrificação. — Cit. por Castilho, vol. I, pp. 26, 39, 56; Barreto e Noronha, vol. III, p. 43.

ARTE E VERDADE — 1865 — Artigo de Antero de Quental publicado na *Revista do Século*, em que expõe os seus conceitos sobre Arte. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, pp. 161, 169, 171; Barreto e Noronha, vol. III, p. 65.

ASTRONOMICON — séc. I — Poema didáctico em cinco livros, de Manílio. O assunto deste poema é a Astronomia e a Astrologia. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.

ATALA — 1800 — Romance de Chateaubriand, que se desenrola nos ambientes exóticos da América do Sul, e que de início fazia parte do *Génio do Cristianismo*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 61; Malheiro Dias, vol. II, p. 181.

AUTO DAS BOAS ESTRELIAS — 1849 — Embora fazendo parte do *Camões* de Castilho, este auto appareceu publicado à parte com a indicação de ser de um antepassado do poeta, António de Castilho, escritor do séc. XVI. Estava então muito em voga esta apresentação de poemas com nomes forjados de autores medievais. Fizera-o Macpherson ao apresentar os seus poemas com a autoria do pseudo Ossian, fizera-o Chatterton inventando o monge Rowley. O crítico José Maria da Costa e Silva supôs tratar-se na verdade de auto medieval, e como tal o elogiou. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 191.

AUTO DE GIL VICENTE (UM) — 1838 (só editado em 1841) — Peça teatral de Garrett, na tradição do teatro vicentino. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.

AVENTURAS DE TELÉMACO (AS) — 1699 — Romance épico de Fénelon, de intenções didácticas, que se destinava à educação do duque de Borgonha. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62; Antero, vol. I, p. 88; G. F., vol. II, p. 203.

AVENTURAS DO ÚLTIMO ABENCERRAGEM — Novela sobre as relações amorosas entre mouros e cristãos, inspirada a Chateaubriand pela sua viagem a Espanha. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 61.

B

BACANTE — 1864 — Poema que faz parte da *Visão dos Tempos*, de Teófilo Braga. — Cit. por: Camilo, vol. II, pp. 129, 143; Ermita do Chiado, vol. III, p. 199.

BEATRICE — 1863 — Poemeto de Antero de Quental. Esta colecção de poesias, como informa Bruno Carreiro, foi depois dispersa pelas *Primaveras Românticas* (1872) e pelos *Raios de Extinta Luz*. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, pp. 156, 169; Camilo, vol. II, p. 119; Castilho, vol. III, p. 173; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 111.

BÍBLIA — Conjunto de escritos que constituem os livros sagrados dos judeus e cristãos. — Cit. por: E. A. Salgado, vol. III, p. 129; Ermita do Chiado, vol. III, p. 258.

BILHAR (O) — Poema satírico de Nicolau Tolentino. — Cit. por: Urbano Loureiro, vol. III, p. 19.

BIOGRAFIA DE CAMILO CASTELO BRANCO — Biografia de Vieira de Castro da autoria do seu amigo Camilo, escrita num estilo empolado. — Cit. por: Diogo Bernardes, vol. II, p. 159.

BOM SENSO E BOM GOSTO — 1865 — Opúsculo com que Antero de Quental intervém na polémica em resposta às insinuações de Castilho na sua *Carta ao Editor*, publicada com o *Poema da Mocidade* de Pinheiro Chagas. — Cit. por: Elmano da Cunha, vol. I, pp. 129, 146, 147, 148, 150, 180; J. de Castilho, vol. I, pp. 123, 135, 137, 143, 144; Antero, vol. I, p. 205; Ramalho, vol. II, p. 81; Diogo Bernardes, vol. II, p. 158; Malheiro Dias, vol. II, p. 191; A. do C., vol. II, p. 242; Porto

Carrero, vol. II, pp. 255, 258, 261; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 28, 71, 78, 85; E. A. Salgado, vol. III, p. 141; Peixoto do Amaral, vol. III, p. 151.

BOSQUEJO MÉTRICO DA HISTÓRIA DE PORTUGAL — 1858 — É um resumo da História da Poesia para uso das escolas da autoria de António José Viale, professor do Curso Superior de Letras. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 178.

BRANCA (D.) — 1826 — Poema de Almeida Garrett sobre um tema muito semelhante ao das *Aventuras do Último Abencerragem*, de Chateaubriand: os amores de uma cristã e de um mouro. Costuma considerar-se a *D. Branca* e o *Camões* de Garrett como os primeiros poemas românticos portugueses. O elemento mitológico é abolido e o elemento fantástico, tão do gosto dos românticos, aparece amplamente representado, assim como a associação do cómico com o sério. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 176; A. M. Gaveta, vol. II, p. 39; Ramalho, vol. II, p. 49; Malheiro Dias, vol. II, p. 180; G. F., vol. II, p. 196; Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.

BURROS (OS) OU O REINADO DE SANDICE — 1812 — Poema heróico-cómico de José Agostinho de Macedo. Trata-se de uma sátira às principais personalidades do seu tempo. — Cit. por: Peixoto do Amaral, vol. III, p. 148.

C

CAMISA PICADA — Obra de Andrade Ferreira. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 204.

CAMÕES — 1849 — Drama de Castilho baseado no drama *Camões* de Perrot e Dumesnil. Foi esta obra elogiada por Antero na *Dignidade das Letras*, o que lhe valeu acerba crítica de Ramalho no seu folheto *Literatura de Hoje*. É neste drama que se encontra inserido o *Auto das Boas Estreias*. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, pp. 172, 174; Elmano da Cunha, vol. I, p. 129; Teófilo Braga, vol. I, p. 191; Antero, vol. I, p. 239; Porto Carrero, vol. I, p. 258; vol. II, pp. 253, 260; Ramalho, vol. II, pp. 89, 90, 91, 92; G. F., vol. II, pp. 201, 203; A. do C., vol. II, pp. 242, 243; Carlos Borges, vol. III, p. 187.

- CAMÕES — 1825 — Poema de Almeida Garrett, anterior em publicação à *D. Branca*, que se costuma considerar como o marco da introdução do romantismo em Portugal. É um poema narrativo, tendo como herói a figura de Camões. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 239; A. M. Gaveta, vol. II, p. 39; Camilo, vol. II, p. 152; Peixoto do Amaral, vol. III, p. 157; Ermita do Chiado, vol. III, p. 206; Sacristão, vol. III, p. 253.
- CAMPANÁRIO DE FARUM — 1844 — Poemeto em tradução livre do dinamarquês, feita por Castilho. Faz parte das *Escavações Poéticas*, 2.º volume. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175.
- CANCIONEIRO — V. ROMANCEIRO.
- CANTATA DE 1821 — 1821 — Poema de Castilho. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175.
- CÂNTICO DOS CÂNTICOS — Livro da Bíblia provavelmente escrito à volta do II séc. a. C. — Cit. por: E. A. Vidal, vol. III, p. 239.
- CANTILENAS DAS RUAS — Supomos tratar-se da colectânea de poesias de Victor Hugo que tem por título *Canção das Ruas e dos Bosques* (*Chansons des Rues et des Bois*, 1866). — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 127.
- CANTO DE ROLAND — séc. XII — Uma das mais belas canções de gesta. Pertence ao ciclo bretão. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 204.
- CANTOS NA SOLIDÃO — 1865 — Livro de poesias de Manuel Ferreira da Portela. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 169; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 33, 41.
- CANTOS DO SÉCULO — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 74.
- CAPITÃO PAULO — Romance de aventuras de Alexandre Dumas pai, tendo como cenário a Guerra de Independência da América. Foi traduzido para português por Pinheiro Chagas. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62.
- CARAMURU — 1781 — Poema épico brasileiro, na linha de *Os Lusíadas*, de Frei José de Santa Rita Durão. O poema, que

narra a vida do lendário pioneiro Diogo Alvares Correia, dá-nos um quadro, embora poetizado, da sociedade indígena. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.

CARTA AO EDITOR PEREIRA — 1865 — Foi esta carta de Castilho, publicada juntamente com o *Poema da Mocidade* (1865), de Pinheiro Chagas, que deflagrou a contenda. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, pp. 39, 98, 100, 101, 102, 110; Antero, vol. I, p. 139; Ramalho, vol. II, p. 96; Camilo, vol. II, p. 116; Malleiro Dias, vol. II, p. 175; G. F., vol. II, pp. 197, 199; Urbano Loureiro, vol. III, pp. 8, 9, 10, 14, 15; Peixoto do Amaral, vol. III, p. 151; Carlos Borges, vol. III, pp. 179, 182; Cunha Belém, vol. IV, p. 18.

CARTA AO SENHOR D. PEDRO II DO BRASIL — 1853 — Carta em prosa pedindo licença para lhe enviar o *Método de Leitura e Escrita*, e que foi publicada no volume *Ou Eu ou Eles*, tomo 76 das O. E., 1910 — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 174.

CARTA A SUA MAJESTADE EL-REI O SENHOR D. LUÍS — 1861 — Poesia publicada na *Revista Contemporânea*. Incluída no *Outono*, vol. I, tomo 21 das O. C., 1905. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 474.

CARTAS — 1598 — Poemas de António Ferreira ao gosto horaciano, publicados póstumamente, como toda a sua restante obra, por seu filho Miguel Leite Ferreira. — Cit. por: Arquizero, vol. II, p. 219.

CARTAS DE ECO NARCISO — 1821 — Primeiro livro de poesias de Castilho. — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 82, 84, 226; J. de Castilho, vol. I, pp. 153, 155, 165, 171, 174, 180; Teófilo, vol. I, p. 189; Ramalho, vol. II, p. 53; Camilo, vol. II, p. 134; Carlos Borges, vol. III, pp. 182, 187; Ermita do Chiado, vol. III, p. 208.

CARTAS A EL-REI D. PEDRO E À SENHORA D. MARIA II — De Castilho. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 174.

CAUSERIES LITTÉRAIRES — Obra de crítica literária de Charles Magnin (1793-1862). — Cit. por: A. do C., vol. II, p. 245.

- CEIAS DE NERO — 1864** — Poema que faz parte das *Tempestades Sonoras*, de Teófilo. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 199.
- CELIBATÁRIOS** — De Mateus de Magalhães (1837-?). — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 266.
- CEMITÉRIO CAMPESTRE — 1844** — Poema traduzido do dinamarquês por Castilho e que faz parte das *Escavações Poéticas*, vol. II. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175.
- CHÁCARA DA MULHER MARINHA** — De Castilho. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 174.
- CHÁCARA DA TOMADA DE COIMBRA** — De Castilho. Pertence ao vol. II do *Outono*, tomo 22 das O. C., 1905. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 174.
- CHÁCARA DE D. AUZENDA** — De Castilho. Aparece com o título de *O Acalentar da Neta* no vol. II das *Escavações Poéticas*. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 174.
- CHÁCARA DE D. INÊS DE CASTRO** — De Castilho. — Cit. por J. de Castilho, vol. I, p. 174.
- CHÁCARA DE SANTA IRIA — 1844** — Poesia de Castilho, incluída nas *Escavações Poéticas*, vol. I. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 174.
- CHAVE DO ENIGMA — 1861** — Trecho em prosa que Castilho acrescentou na edição de 1861 de *Amor e Melancolia* e em que desvendava o mistério das suas relações com a admiradora que mais tarde viria a ser a sua primeira esposa. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175; T. de Vasconcelos, vol. I, p. 281; Camilo, vol. II, p. 139.
- CHILDE-HAROLD (Peregrinação de)** — 1812-1818 — Poema de Byron que narra as emoções e sentimentos do poeta durante uma viagem. — Cit. por: Malheiro Dias, vol. II, p. 181.
- CHÔTE DES FEUILLES — 1811** — Em português *A Queda das Folhas*. Trata-se de uma elegia de Millevoeye. — Cit. por: Castilho, vol. II, p. 65.

CICLO GRECO-ROMANO NA POESIA POPULAR PORTUGUESA (DO) —
 Artigo de Teófilo Braga no *Jornal do Comércio* de 25 de
 Agosto de 1865. — Cit. por: *Lisboeta Convertido*, vol. IV,
 p. 175.

CIÊNCIA DO DIREITO — V. PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA DO DIREITO.

CIÊNCIA NOVA — V. PRINCÍPIOS DE UMA CIÊNCIA NOVA.

CIÚMES DO BARDO — 1836 — Este poema de Castilho é um melo-
 drama ao gosto ultra-romântico. Juntamente com *As Noites*
do Castelo e o *Ermão da Arrábida*, que ficou em projecto,
 constituía um trilogia em que Castilho pretendia, como
 afirma no Preâmbulo de *Os Ciúmes do Bardo*, retratar «três
 diversos caracteres de zelosos». — Cit. por: J. de Castilho,
 vol. I, pp. 150, 175; T. de Vasconcelos, vol. I, p. 288; Camilo,
 vol. II, p. 150; Diogo Bernardes, vol. II, p. 164; A. do C.,
 vol. II, p. 241; Peixoto do Amaral, vol. III, p. 152; Urbano
 Loureiro, vol. III, p. 8; Carlos Borges, vol. III, p. 185; E. A.
 Vidal, vol. III, p. 230.

CÓDIGO DA ARTE — V. ARTE POÉTICA.

CONQUISTA DE GRANADA — Poema de D. José Zorrilla y Moral
 (1817-1893) em que este poeta procura reconstituir a civili-
 zação árabe do Reino de Granada. — Cit. por: Castilho, vol.
 I, p. 57.

CONTOS CAMPESINOS — Livro de novelas de D. António de Trueba.
 — Cit. por: Castilho, vol. III, p. 173.

CONTOS FANTÁSTICOS — 1864 — Colectânea de contos de Teófilo
 Braga. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 145; *Lisboeta Conver-*
tido, vol. IV, p. 171.

CONTRATO SOCIAL (DO) — 1762 — Obra de Rousseau em que este
 estabelece as bases de toda a sociedade: um contrato se-
 gundo o qual cada um aliena a sua liberdade em proveito
 da comunidade, submetendo-se à vontade geral. Esta obra
 teve influência fundamental sobre os teóricos da Revolução
 Francesa. — Cit. por: E. A. Salgado, vol. III, p. 134.

- CONVERSAÇÃO PREAMBULAR — 1862 — Prólogo de Castilho que antecede o *D. Jaime*, de Tomás Ribeiro, e que tão grande celeuma levantou pelas afirmações nele contidas. A excessiva valorização do poema e alguns dos reparos que Castilho faz a *Os Lusíadas* desencadearam a polémica do *D. Jaime*. Ver Notas. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 58; J. de Castilho, vol. I, p. 137; Elmano da Cunha, vol. II, pp. 118, 119; A. M. Gaveta, vol. II, p. 39; Ramalho, vol. II, p. 96; Urbano Loureiro, vol. III, p. 8; Sombra de Cícero, vol. III, p. 263; Cunha Belém, vol. IV, p. 25.
- CORINA OU A ITÁLIA — 1809 — Romance de M.^{ma} de Staël em que esta apresenta aos franceses a literatura e a arte italianas. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 61.
- CORSÁRIO (O) — Poema ultra-romântico não de António de Serpa mas de Gomes de Amorim (1827-1891). — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 203.
- CORTE NA ALDEIA — 1619 — Diálogo moralista de Rodrigues Lobo. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 204.
- CRÍTICA LITERÁRIA — De Castilho. Ver *Carta ao Editor Pereira*.
- CRUZ DO CATIVEIRO (A) — 1864 — Romance de Francisco Soares Franco (1826-1867) que tem como subtítulo: *Romance da Independência Portuguesa*. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 203.
- CURA DE ALMAS — Peça em 3 actos de Ricardo Cordeiro (1836-1882), representada no Teatro D. Maria II. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 202; Sombra de Cícero, vol. III, p. 274.
- CURSO DE LÍNGUA LATINA — De Castilho. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175.
- CYNEGETICON — séc. I — Poema sobre a caça, da autoria do poeta latino Grácio Falisco. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.

D

- DEDICATÓRIA DE ADRIANA LECOUVREUR** — 1858 — Tradução de Castilho do libreto da ópera com o mesmo nome, precedido duma introdução em que explica o seu apostolado pela instrução. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 174.
- DELFINA DO MAL** — 1868 — Poema de Tomás Ribeiro, dentro dos mesmos moldes do seu *D. Jaime*. No Prefácio o poeta insiste na «acção prática e social da poesia», que consiste na simples denúncia, afinal, das misérias sociais. — Cit. por: Castilho, p. 59.
- DIABLO MUNDO (O)** — 1840 — Poema de Espronceda, sombrio e pessimista mas com belos versos. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 65; A. do C., vol. II, p. 238.
- DIÁLOGOS SOBRE DEUS E A ALMA** — Supomos tratar-se da obra de Espinosa *Curto Tratado sobre Deus, o Homem e o Seu Beatífico Estado* (1677). — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 74.
- DICIONÁRIO DE MORAIS** — 1789 — Ou *Dicionário de Língua Portuguesa*, da autoria de António de Moraes Silva, notável erudito brasileiro. — Cit. por: S. d'A., vol. II, p. 14; Lisboa Convertido, vol. IV, p. 171.
- DIGNIDADE DAS LETRAS E AS LITERATURAS OFICIAIS (A)** — O segundo opúsculo de Antero de Quental com que intervém na polémica. Foram os comentários de Ramalho Ortigão a este escrito que originaram o célebre duelo. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 89; Camilo, vol. II, p. 138; G. F., vol. II, p. 202; A. do C., vol. II, pp. 234, 242; Porto Carrero, vol. II, p. 253.
- DISCURSOS DE DEMÓSTENES CONTRA FILIPE DA MACEDÓNIA** — séc. IV a. C. — Célebres discursos pronunciados por Demóstenes contra Filipe da Macedónia. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 125.
- DIVINA COMÉDIA** — séc. XIV — Poema de Dante, considerado um dos maiores poemas da Humanidade. Divide-se em três

partes: *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.

DOIS RENEGADOS (Os) — 1839 — Dramalhão ultra-romântico de Mendes Leal, que ganhou um prêmio do Conservatório. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 201.

DOCTRINA DO SENTIMENTO E DA FÉ — Supomos tratar-se do prefácio ao 2.º volume *Das Coisas Divinas*, de F. H. Jacobi (1743-1819), publicado um ano antes da sua morte. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 75.

E

ÉCLOGAS — séc. I — Conhecidas pelas *Bucólicas* de Calpúrnio. Compõem-se de 7 éclogas, de influência virgiliana. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.

ÉCLOGAS — séc. III — Do poeta latino Nemesiano, também autor duma obra sobre caça. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.

ECOS DA LIRA TEUTÓNICA — 1848 — Antologia da poesia romântica alemã, organizada por Gomes Monteiro. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 203.

ELEMENTOS DE FILOSOFIA RACIONAL E MORAL — 1853 — De João António de Sousa Dória (1814-1877). Livro que serviu de compêndio de Filosofia para o ensino secundário durante a segunda metade do século XIX. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 74.

ELIEZER — séc. XVIII — Do fabulista e novelista francês Florian. Traduzido em 1839 por Rodrigues da Silva Abreu Braga, mereceu larga referência a Almeida Garrett. V. tomo 21 das O. C., p. 133. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62.

ELUCIDÁRIO — 1798 — Dicionário de termos e noções de Santa-Rosa Viterbo. — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 274.

ENEIDA — 29-19 a. C. — Poema épico de Virgílio, epopeia nacional do povo romano, em 12 cantos. — Cit. por Castilho, vol. I,

pp. 51, 52; Antero, vol. I, pp. 236, 284; Ramalho, vol. II, p. 67; Cunha Belém, vol. IV, p. 26.

ENSAIO BIBLIOGRÁFICO-CRÍTICO — 1849 — Ensaio crítico do bibliógrafo José Maria da Costa e Silva, no qual faz uma apreciação elogiosa ao *Auto das Boas Estreias*, de Feliciano, supondo-o da autoria de António Castilho, escritor do século XVI. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 192.

EPICÉDIO NA SENTIDA MORTE DA AUGUSTÍSSIMA SENHORA D. MARIA I RAINHA FIDELÍSSIMA — 1816 — Primeiro poema de Castilho, ao qual ficou devendo uma pensão do Paço. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, pp. 153, 175.

EPÍSTOLA À POSTERIDADE — De Rousseau. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 187.

EPÍSTOLA AO POVO NAS ELEIÇÕES DE 1834 — Poema de Castilho, integrado nas *Escavações Poéticas*, vol. II, tomo 17 das O. C. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175.

EPÍSTOLA AO SR. D. MIGUEL DE BRAGANÇA — Poema de Castilho, incluído nas *Escavações Poéticas*, vol. I, tomo 16 das O. C. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175.

EPISTOLAE OBSCURORUM VIRORUM — 1516 — Escritos de crítica social e religiosa do teólogo e político alemão Ulrich de Hutten, um dos promotores do movimento reformista. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 193.

EPÍSTOLAS — séc. I a. C. — De Horácio. A mais conhecida é a *Epístola aos Pisões*, onde o poeta latino expõe os seus pontos de vista sobre arte poética. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 26, 56.

ESCAVAÇÕES POÉTICAS — 1844 — Colectânea de poesias de gosto folclórico de António Feliciano de Castilho. — Cit. por: Camillo, vol. II, p. 128.

ESCOLA (A) — 1864 — De Julius Simon (1814-1896), filólogo francês discípulo de Cousin. — Cit. por: E. A. Salgado, vol. III, p. 137.

ESPADA DO CONDESTÁVEL — V. ALFAGEME DE SANTARÉM (O).

ESSAY ON CRITICISM — 1711 — O primeiro livro do poeta inglês Alexander Pope (1688-1744). — Cit. por: Arqui-Zero, vol. II, pp. 208, 226.

ESTELA — 1788 — De Florian. É um romance pastoril, passado na província do Languedoque. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62; Malheiro Dias, vol. II, p. 187.

ESTÉTICA — 1835 — Obra póstuma de Hegel (1770-1831) que, como todas as suas obras póstumas, se baseia nos apontamentos colhidos pelos alunos. Esta obra teve grande influência sobre os nossos escritores do século XIX, porque nela Hegel aborda o problema estético do romantismo. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 76.

ESTREIAS POÉTICO-MUSICAIS PARA O ANO DE 1853 — 1852 — De Castilho. É uma recompilação do *Ramalhinho Poético*, publicado em 1849 nos Açores. No prólogo disserta sobre o valor do ritmo na Pedagogia. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175.

EURICO, O PRESBÍTERO — 1844 — Romance de Alexandre Herculano, de certo modo inspirado em Walter Scott. Como disse Vitorino Nemésio, esta obra tornou-se o breviário da juventude de então. A sua concepção, imagética e linhas de força vão ter uma importância considerável no receituário poético da segunda vaga romântica. Os primeiros fragmentos desta obra saem pela primeira vez em 1842 na *Revista Universal Lisbonense*, e a 1.ª edição em volume tem portanto a data de 1844. O primeiro passo crítico na história de *Eurico, o Presbítero* foi dado por Castilho em Janeiro de 1845 na *Revista Universal Lisbonense*, onde o autor de *Amor e Melancolia* o considera moralmente perigoso. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62; J. de Castilho, vol. I, p. 154; Camilo, vol. II, p. 150; Porto Carrero, vol. II, p. 256; Ermita do Chiado, vol. III, pp. 210, 212; Sacristão, vol. III, pp. 247, 256; Cunha Belém, vol. IV, p. 27.

F

- FABIA** — 1850 — De Francisco Palha (Francisco José Pereira Palha Faria de Lacerda, 1826-1890). Com o subtítulo *Tragédia Herói-Cômica*. — Cit. por: Urbano Loureiro, vol. II, p. 285; Sombra de Cícero, vol. III, pp. 269, 270.
- FÁBULAS** — 1668 a 1694 — De La Fontaine. Ao longo da sua vida publicou 7 volumes de Fábulas. — Cit. por: Arqui-Zero, vol. II, p. 211.
- FAMÍLIA (A)** — Supomos ser da autoria de Paul Janet (1823-1899). — Cit. por: E. A. Salgado, vol. III, p. 137.
- FARSA DE PATELLIN** — séc. XV — Farsa francesa escrita entre 1450 e 1465; pela comicidade das situações e vivacidade do diálogo, é considerada uma obra-prima do teatro francês primitivo. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 204.
- FARSÁLIA** — séc. I — Poema épico de Lucano. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.
- FASTOS** — séc. I — De Ovídio. Pretendia ser a descrição elegíaca do calendário romano e das diferentes festas que se iam realizando ao longo do ano. Ficou incompleta. Só foram escritos os livros referentes aos meses de Janeiro a Junho. Traduzida por Castilho, em 1862. — Cit. por: Elmano da Cunha, vol. I, p. 83; T. de Vasconcelos, vol. I, p. 282; Urbano Loureiro, vol. III, p. 17; Barreto e Noronha, vol. III, p. 49.
- FAUSTO** — 1808-1831 — De Goethe. Considerado por alguns como o maior poema dramático da história da Humanidade. Constituído por duas partes, a última acabada algumas semanas antes da sua morte. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 164; Camilo, vol. II, p. 137; Lisboeta Convertido, vol. IV, p. 178.
- FELICIDADE PELA AGRICULTURA** — 1849 — Reunião em volume dos artigos publicados em *O Agricultor Micaelense*, em que Castilho pregava as excelências da vida campestre e a ascensão económica e política das classes camponesas graças à organização do crédito mutualista e à difusão da instrução. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175.

FELICIDADE PELA INSTRUÇÃO — 1854 — Reunião em volume dos artigos publicados acerca da instrução e da introdução do *Método Repentino* em Portugal. Estes artigos têm a forma de cartas (15) dirigidas a António Rodrigues Sampaio, redactor da *Revolução de Setembro*, o que explica o subtítulo do livro: *Cartas a Um Jornal de Lisboa*. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175; Camilo, vol. II, p. 117.

FELIZ INDEPENDENTE DO MUNDO E DA FORTUNA — séc. XVIII — Romance do P. Teodoro de Almeida, que pelo seu tema romântico alcançou grande êxito não só entre nós como na Europa. Diz Fidelino que só com o advento do romance histórico de Herculano terminou a sua influência. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 193.

FÊNIX RENASCIDA — OU OBRAS POÉTICAS DOS MELHORES ENGENHOS PORTUGUESES — 1715-1728 — Reunião em 5 volumes de parte da poesia barroca do séc. XVII. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 29; Barreto e Noronha, vol. III, p. 83.

FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO (A) — 1807 — Obra que juntamente com a *Propedêutica Filosófica* (1812) constitui uma introdução ao sistema filosófico de Hegel. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 76.

FIAT LUX — 1863 — Este poemeto, datado de Buçaco, escandalizou os contemporâneos pelo arrojado herético das imagens. A primeira edição foi quase totalmente destruída por Antero, sendo raríssimos os seus exemplares. Tem havido controvérsia acerca das informações de Castilho sobre *Fiat Lux*. Na verdade parece não haver elementos para afirmar que Herculano ouvira sequer ler o poema, como este autor afirma numa carta a Filipe de Quental transcrita a pp. 451/3 do I vol. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 121; Castilho, vol. III, p. 173; Ermita do Chiado, vol. III, p. 197; Lisboeta Convertido, vol. IV, pp. 111, 124.

FLORA — séc. I — Um dos livros da *História Natural* de Plínio, o Velho. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 23.

FLOS SANCTORUM — 1674 — Colectânea de vidas de santos publicada por João Franco Barreto. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 61.

FOLHAS CAÍDAS — 1853 — O último livro de poesias de Garrett, inspirado pela paixão que sentiu nos derradeiros anos de vida pela viscondessa da Luz. É esta linha poética que vai influenciar alguns poetas brasileiros da geração seguinte. Em Portugal, infelizmente, os nossos românticos foram mais sensíveis à sombria retórica da *Harpa do Crente*, de Herculano, do que à poesia sensual e colorida do Garrett das *Folhas Caídas*. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 206; E. A. Vidal, vol. III, p. 239.

FOLHAS SOLTAS — 1865 — De Eduardo Vidal. Este livro de poesias líricas deu aso a que Castilho, de quem o poeta era um dos protegidos, escrevesse duas cartas, uma à mãe do autor, outra a Bulhão Pato, elogiando as qualidades líricas de Vidal e aludindo à Questão Coimbrã. As cartas vão publicadas nos Textos Adicionais, vol. I. — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 276; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 10.

FREI LUÍS DE SOUSA — 1844 — A melhor obra para teatro de Almeida Garrett, inspirada na vida de Frei Luís de Sousa. Este drama apareceu na 1.ª edição seguido de um *Juízo Crítico* escrito por Rebelo da Silva. Foi traduzido para italiano em 1852 e incluído no repertório de companhias italianas. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.

FRONTEIRO DE AFRICA — 1862 — De Alexandre Herculano. Este drama histórico, com o subtítulo *Ou Três Noites Aziagas*, foi representado em Lisboa no Teatro do Salitre em 1838, mas só saiu impresso no Rio de Janeiro na data por nós assinalada. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 150.

G

GALÁTEA — 1783 — Romance pastoril de Florian. O poema passa-se nas margens do Tejo e é uma imitação da *Galátea* de Cervantes (1584). Traduzido por Bocage em 1802. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62.

GÊNESIS — O primeiro livro da Bíblia. — Cit. por: Lisboaeta Convertido, vol. IV, pp. 147, 149.

- GEOGRAFIA — 1844** — De seu título completo, *Elementos de Geografia e Cronologia para Uso das Escolas*. Compêndio muito utilizado na segunda metade do século XIX e da autoria de Bernardino Joaquim da Silva Carneiro. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 74.
- GEÓRGICAS — 36-29 a. C.** — Um dos poemas de Virgílio cujo tema é de louvor à agricultura, à excelência da vida campestre. Este poema parece enquadrar-se dentro das directivas de Augusto, que pretendia a valorização do campesinato do ponto de vista económico e social, para obstar o despovoamento dos campos em favor dos centros urbanos e a conseqüente crise agrícola. Não podemos deixar de estabelecer um paralelo com o programa que se propunha Castilho com a publicação da sua *Felicidade pela Agricultura*. — Cit. por: Castilho, pp. 31, 51, 70; Ramalho, vol. II, p. 60; G. F., vol. II, p. 201; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 171.
- GIGANTOMAQUIA — séc. V** — De Claudiano, um dos últimos representantes da poesia latina. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.
- GONÇALVES DE CÓRDOVA — 1791** — Poema de Florian, que narra a vida acidentada e gloriosa do general espanhol Gonçalo Fernandes de Córdova (1453-1515), mais tarde vice-rei de Nápoles. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 61.
- GOTZ DE BERLICHINGEN — 1773** — O primeiro drama de Goethe, que lhe deu logo um enorme renome como dramaturgo. Trata o tema da liberdade e da defesa dos oprimidos. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 230.
- GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA — 1540** — De João de Barros, seguida do *Diálogo em louvor da Nossa Linguagem*, diálogo entre João de Barros e um seu filho. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 122.
- GRAZIELA — 1849** — Episódio das *Confidências* de Lamartine. Passado no ambiente de Nápoles, conta a triste história de Graziela, que, abandonada pelo seu amado, acaba por morrer de dor. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62.

- GUÉLFOS E GIBELINOS** — 1866 — De Eduardo Augusto Vidal. Opúsculo com que este protegido de Castilho interveio na Polémica. — Cit. por: Cunha Belém, vol. IV, p. 29.
- GUERRA DE NIZAN (A)** — 1843-1857 — Romance de Méry. — Cit. por: Castilho, p. 60.
- GUERRA PÚNICA** — séc. I — De Sílio Itálico. O mais longo poema latino que possuímos. O tema é a segunda guerra púnica. Foi traduzido por Filinto Elísio. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.
- GUERRA DAS RÂS e RATOS** — sec. V a. C. — Verão em grego: *Batracomioquia*. Paródia em hexâmetros contando um combate entre rãs e ratos. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.
- GUERRAS DO ALECRIM E MANJERONA** — 1737 — Comédia de António José da Silva, o Judeu. — Cit. por: E. A. Vidal, vol. III, p. 227.
- GUILHERME TELL** — séc. XVIII — Poema de Florian. — Cit. por: Castilho, p. 60.

H

- HARMONIAS POÉTICAS E RELIGIOSAS** — 1830 — Livro de poesias de Lamartine, de inspiração religiosa. — Cit. por: Antero, p. 230.
- HARPA DO CRENTE** — 1838 — De Alexandre Herculano. Este livro de poesias de gosto sombrio e grandiloquente, influenciado claramente pela poesia de Klopstock, vai alimentar toda a nossa poesia da segunda geração romântica. Era dedicado a Castilho. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 167; Antero, vol. I, p. 232.
- HENRIÁDA (A)** — 1723 — Poema épico de Voltaire sobre Henrique IV. — Cit. por: Cunha Belém, vol. IV, p. 26.
- HINO DO TRABALHO** — De Castilho. Incluído nas *Estreias Poético-Musicais para o Ano de 1853*. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 174.

HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO FRANCESA — 1824-1827 — De Thiers. Obra monumental em dez volumes. — Cit. por: Porto Carrero, vol. I, p. 252.

HISTÓRIA DE PORTUGAL — 1846-1853 — De Herculano. A sua obra de maior fôlego e que ficou incompleta; algumas das afirmações contidas neste seu trabalho, desmitificando a nossa História, deram aso a renhidas polémicas com a Igreja portuguesa. O V volume, embora Herculano o tenha acabado, continua ainda inédito. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 191; Porto Carrero, vol. II, p. 253; Ermita do Chiado, vol. III, p. 212.

I

IBIS — Não sabemos se se refere a algum poema de Ovídio. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 49.

IDEIAS SOBRE A HISTÓRIA DA HUMANIDADE — Supomos tratar-se de *Lições sobre a Filosofia da História* (1821), de Hegel. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 70.

ILÍADA — Um dos poemas de Homero, que nos conta algumas semanas do ano 9.º da guerra de Tróia e que tem como principal figura Aquiles. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56; E. A. Salgado, vol. III, p. 128; Peixoto do Amaral, vol. III, p. 148; E. A. Vidal, vol. III, p. 237; Cunha Belém, vol. IV, p. 26.

INFERNO — V. DIVINA COMÉDIA.

INTRIGAS DO BAIRRO — Paródia em verso às óperas cómicas de Luís António D'Araújo (1833-1908). — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 265.

INTRODUÇÃO — Prefácio de Antero aos *Cantos na Solidão*, de Ferreira Portela. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, pp. 33, 41, 49, 51, 79, 80.

INVENÇÃO DOS JARDINS — 1849 — Imitação de Gessner, de Castilho. Incluída no vol. II do *Outono*, tomo 22 das O. C., 1905. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 174.

INDICE DAS OBRAS CITADAS

INVOCACÃO À MOCIDADE — 1865 — Do *Poema da Mocidade*, de Pinheiro Chagas. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 55.

IRLANDA — (A) — Poema das *Odes Modernas*, de Antero. — Cit. por: E. A. Salgado, vol. III, p. 133.

ITÁLIA — V. CORINA.

J

JAIME (D.) — 1862 — De Tomás Ribeiro. Poema narrativo de intenções patrióticas. A *Conversação Preambular* de Castilho que antecedia o poema deu origem à polémica que referimos nas Notas e Textos Anexos. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 58, 60; Elmano da Cunha, vol. I, p. 118; Porto Carrero, vol. I, p. 254; A. M. Gaveta, vol. II, p. 32; Ramalho, vol. II, pp. 72, 96; Peixoto do Amaral, vol. III, p. 157; Carlos Borges, vol. III, p. 192; Cunha Belém, vol. IV, p. 25.

JARDINS (OS) OU A ARTE DE AFORMOSEAR AS PAISAGENS — O verso citado por Castilho vem na tradução desta obra de Delille feita por Bocage (1812). — Cit. por Castilho, vol. I, pp. 57, 58.

JERUSALÉM LIBERTADA — 1593 — Poema épico de Torcato Tasso em que este procura tratar um tema cristão sem recorrer à mitologia grega. Teve grande influência na poesia épica portuguesa posterior a Camões. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57; Cunha Belém, vol. IV, p. 26.

JOÃO (D.) — 1818 — Um dos grandes poemas de Byron, que exerceu grande influência nos românticos. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 65; Ramalho, vol. II, p. 49; G. F., vol. II, pp. 197, 203; A. do C., vol. II, p. 238.

JOVEM LÍLIA — Poema de Castilho. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 188; Diogo Bernardes, vol. II, p. 168; Urbano Loureiro, vol. II, p. 287.

JUAN (D.) — V. JOÃO (D.).

LECTURES ON METAPHYSICS — V. LIÇÕES DE METAFÍSICA.

- LENDA OU LEGENDA DOS SÉCULOS — 1859-1883** — Extenso poema de Victor Hugo que nos dá uma visão da história da Humanidade. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 127.
- LEPROSO DA CIDADE D'AOSTA (O) — 1811** — Romance de Xavier de Maistre, que nos dá a conhecer os sentimentos e angústias dum leproso moribundo. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.
- LIÇÕES DE METAFÍSICA — (Lectures on Metaphysics) — Do filósofo escocês Hamilton.** — Cit. por: Teófilo, p. 187.
- LISBOA DESTRUÍDA — séc. XVIII** — Poema épico do P. Teodoro de Almeida. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.
- LITERATURA DE AMANHÃ — 1866** — Opúsculo de Eduardo Augusto Salgado com que intervém na *Questão Coimbrã*. — Cit. por: Peixoto do Amaral, vol. III, p. 145.
- LITERATURA DE HOJE — 1866** — Opúsculo com que Ramalho Ortigão intervém na *Questão Coimbrã*. Foram as afirmações nele contidas que originaram o duelo entre este escritor e Antero de Quental. — Cit. por: A. do C., vol. II, pp. 235, 241, 245; Porto Carrero, vol. II, p. 258; Urbano Loureiro, vol. III, p. 8; E. A. Salgado, vol. III, p. 141; Peixoto do Amaral, vol. III, pp. 145, 152; Carlos Borges; vol. III, pp. 180, 182, 187.
- LITERATURA DE ONTEM — 1866** — Opúsculo de A. Peixoto do Amaral com que interveio na *Questão Coimbrã*. — Cit. por: Peixoto do Amaral, vol. III, pp. 145, 148.
- LIVRO DE JOB** — Um dos livros do *Antigo Testamento*. — Cit. por: E. A. Vidal, vol. III, p. 237.
- LUIS** — De Ernesto Cibrão. — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 223.
- LUSÍADAS (Os) — O maior poema épico português.** — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57; Antero, vol. I, p. 237; Ramalho, vol.

II, p. 93; Porto Carrero, vol. II, p. 253; Peixoto do Amaral, vol. III, pp. 148, 157; Sacristão, vol. III, p. 253; Cunha Belém, vol. IV, p. 26.

M

- MADALENEIDA** — Supomos tratar-se de MADALENEIDA, *ou o Triunfo da Graça*, (1669), poema épico de Desmarets de Saint-Sorlin. — Cit. por: E. A. Vidal, vol. III, p. 238.
- MÁRTIRES (Os)** — 1809 — Romance de Chateaubriand, passado em Roma entre cristãos. Foi traduzido por Filinto Elísio. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 61; Malheiro Dias, vol. II, p. 180.
- MASTODONTE** — Poema de Teófilo Braga que fez parte da *Visão dos Tempos*. — Cit. por: Lisboaeta Convertido, vol. IV, pp. 126, 127, 128, 129.
- MEDEA** — Tragédia de Ovídio que se perdeu (séc. I a. C.). — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 49.
- MEDITAÇÃO** — De Castilho. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175.
- MEDITAÇÕES DAS DOMINGAS DO ANO** — séc. XVII — De P. Bartolomeu de Quental. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 161.
- MEDITAÇÕES POÉTICAS** — 1820 — O primeiro livro de Lamartine e que imediatamente o consagrou como grande poeta. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 232; Camilo, vol. II, p. 140.
- MEMÓRIAS DE ALÉM-TÚMULO** — Obra póstuma de Chateaubriand. Cit. por: Porto Carrero, vol. II, p. 256.
- MÉROPE** — 1841 — Tragédia de Almeida Garrett de inspiração clássica. Sendo anterior ao *Catão*, só saiu na data referida, depois de reescrita pelo autor. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.
- METAMORFOSES** — 1561 — Tradução das *Metamorfoses* de Ovídio por Anguillara. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.

METAMORFOSES — séc. I — De Ovídio. Repositório de todos os mitos gregos em verso. Traduzido por Castilho. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 52, 56; Barreto e Noronha, vol. III, p. 49.

MÉTODO PORTUGUÊS — 1850 — Saiu na 1.^a edição com o título: *Leitura Repentina. Método Experimentado e Eficacíssimo para em Poucas Lições e com Muito Recreio Se Aprenderem a Ler Impressos e Numeração, Aprovado pelo Conselho Superior de Instrução Pública do Reino.* Foi baseado neste método que Castilho procurou difundir o ensino popular, o que lhe valeu violenta oposição e muitas sátiras, situação em que mais tarde se encontrou João de Deus quando publicou a sua *Cartilha Maternal*. — Cit. por: J. de Castilho, p. 173; Ramalho, vol. II, pp. 54, 55, 93.

MISERÁVEIS (Os) — 1862 — O mais extenso romance de Victor Hugo, onde se encontra integrado o *Idílio da Rua Plumet*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62.

MONASTICON (O) — 1844-1848 — Título geral que Alexandre Herculano atribuiu à obra constituída pelos romances históricos: *Eurico, O Monge de Cister*. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 214.

MONGE DE CISTER (O) — 1848 — Romance histórico de Alexandre Herculano. Constitua o 2.^o volume de *O Monasticon*. Tinha como subtítulo: *Ou a Época de D. João I*. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 150; Ermita do Chiado, vol. III, p. 213; Sacristão, vol. III, p. 247.

MONÓLOGO DE EMÍLIA NEVES — Extensa poesia de Castilho que se destinava a ser recitada pela actriz Emília Neves. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 174.

MORTE DE CATIMBAU — Comédia satírica de Francisco Palha (1826-1890). — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 270.

N

NAPOLEÃO NO KREMLIN — Poema de Mendes Leal. — Cit. por: Diogo Bernardes, vol. II, p. 163; Peixoto do Amaral, vol. III, p. 157.

INDICE DAS OBRAS CITADAS

- NARIZ** — Poema de Guadagnoli. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.
- NATAL DO POBREZINHO** — 1843 — De Castilho, incluído na obra *Outono*, tomo 22 das O. C., 1905. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175.
- NEFTALI** — séc. XVIII — De Florian. Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62.
- NOBREZA (A)** — Drama de Correia de Barros (1835-?). — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 202.
- NOÇÕES RUDIMENTARES PARA USO DAS ESCOLAS** — 1849 — De Castilho. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175.
- NOITE DO CASTELO (A)** — 1836 — Poema de Castilho de inspiração romântica e medieval. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, pp. 157, 175; Antero, vol. I, pp. 230, 237; T. de Vasconcelos, vol. I, p. 288; Camilo, vol. II, p. 150; Diogo Bernardes, vol. II, p. 164.
- NOIVA DE CORINTO (A)** — 1797 — Poema de Goethe. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 186.
- NOTRE-DAME DE PARIS** — 1831 — Romance de Victor Hugo. — Cit. por Teófilo, vol. I, p. 193; Antero, vol. I, p. 230.
- NOVELAS** — 1793 — De Castilho. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.
- NUMA POMPÍLIO** — 1736 — De Florian. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 61.

O

- OBERON** — 1802 — Tradução de Filinto Elísio do poema de Wieland. — Cit. por: Malheiro Dias, vol. II, p. 180.
- ODE ARCÁDICA A D. JOÃO VI** — 1818 — O verdadeiro título é: *A Faustíssima Exaltação de Sua Majestade o Senhor D. João VI ao Trono*, que Castilho compôs para um outeiro de exaltação absolutista, pressionado pelo pai. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 191.

ODE NA MORTE DE GOMES FREIRE — 1820 — De Castilho. Poema impresso juntamente com *O Tejo*. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175.

ODES MODERNAS — 1865 — De Antero de Quental. Com este livro se corporiza e define a tendência da poesia social e revolucionária que já se acentuava desde meados do século em Portugal. Juntamente com os poemas de Teófilo Braga deu origem a acentuada reacção dos poetas que então alinhavam numa concepção dramática do romantismo, de características sentimentais e reiterada afirmação de individualismo amoroso. Neste mesmo livro se anuncia uma nova inspiração poética, informada de anseios metafísicos a que não é alheia a influência de Hegel, Proudhon, Victor Hugo, Michelet. — Cit. por: Chagas, vol. I, pp. 91, 96; Roussado, vol. I, pp. 104, 106, 110; J. de Castilho, vol. I, pp. 135, 137, 143, 150, 161, 169, 171; Porto Carrero, vol. I, pp. 248, 250, 255; A. M. Gaveta, vol. II, p. 39; Ramalho, vol. II, pp. 74, 75, 76, 79, 83, 93; Camillo, vol. II, pp. 119, 136, 143; Diogo Bernardes, vol. II, p. 163; Malheiro Dias, vol. II, pp. 186, 190; Urbano Loureiro, vol. II, p. 291; vol. III, pp. 18, 19, 20; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 33, 34, 42, 65, 70; 84, 89, 90, 93; E. A. Salgado, vol. III, pp. 124, 126, 127, 128, 129, 131, 135, 136, 137, 138, 139, 140; Peixoto do Amaral, vol. III, pp. 151, 154, 157; Brito Aranha, vol. III, pp. 164, 165; Castilho, vol. III, p. 173; Carlos Borges, vol. III, p. 191; Ermita do Chiado, vol. III, p. 199; Romeu Soares J., vol. III, pp. 219, 220, 223, 224; E. A. Vidal, vol. III, p. 231; Sombra de Cícero, vol. III, p. 264; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 10; Lisboa Convertido, vol. IV, pp. 111, 115, 116, 117, 119, 122, 123, 126, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 159.

ODISSEIA — Este poema de Homero, que narra as aventuras de Ulisses no regresso à sua ilha de Ítaca, depois de haver participado na guerra de Tróia, é considerado fonte importante para o conhecimento histórico do período heróico da Grécia. O itinerário seguido pelo manhoso Ulisses tem sido origem de controvérsias para especialistas, pois tem-se aventado a hipótese de que as suas naus hajam ultrapassado as colunas de Hércules e navegado até à Grã-Bretanha. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56; Cunha Belém, vol. IV, p. 26.

- ORAÇÃO DE CÍCERO CONTRA VATÍNIO** — Não sabemos a qual oração de Cícero se refere Júlio de Castilho no seu folheto, pois a mais célebre oração de Cícero é, como se sabe, contra Catilina. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 125.
- ORESTIA** — 458 a. C. — Trilogia de Ésquilo que parece compor-se das peças *Agamémnon*, *Coéforas* e *Euménidas*. — Cit. por: E. A. Vidal, vol. III, p. 238.
- ORIENTAIS** — 1829 — Volume de poesias de Victor Hugo sobre temas de gosto oriental, tributo ao exotismo tão em moda entre os românticos franceses. — Cit. por: Chagas, vol. I, p. 91.
- ORIENTE** — 1814 — Poema épico de José Agostinho de Macedo, refundição do poema *Gama*, de 1811. Esta sua obra é construída dentro dos únicos moldes que considerava válidos e em virtude dos quais atacara *Os Lusíadas*: proscricção total da mitologia pagã, descrição racional dos acontecimentos históricos sem recorrer a habilidades poéticas. A falta de inspiração torna este poema praticamente ilegível. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.
- ORLANDO (OU ROLANDO) FURIOSO** — 1516 — Poema de Adioso, uma das obras representativas do Renascimento italiano. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.
- OTELO** — 1604 — Tragédia de Shakespeare, que inspirou a Rossini a sua ópera *Otelo*. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 230.
- OU EU OU ELES** — 1849 — Exposição dirigida por Castilho ao administrador do concelho de Ponta Delgada por causa duma questão levantada entre ele, Castilho, e o redactor dum jornal local *Cartista* que vinha organizando uma campanha contra a actividade do poeta na ilha. Este opúsculo, incluído no tomo 76 das O. C., 1910, é um modelo de panfleto polémico. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 180.
- OUTONO** — 1862 — Colectânea de poesias de Feliciano de Castilho. — Cit. por: Camilo, vol. II, pp. 126, 139; G. F., vol. II, p. 201; Carlos Borges, vol. III, p. 179.

- PAQUITA** — 1856 — Poema romanceado de Bulhão Pato, remodelado e aumentado nas edições de 1866 e 1894. Na linha do *Poema da Mocidade* e do *D. Jaime*, distingue-se destes pelo sensualismo erótico de algumas passagens. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 65; Ramalho, vol. II, p. 49; Sombra de Cícero, vol. III, p. 269; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 10.
- PARAÍSO PERDIDO (O)** — Epopeia escrita pelo poeta inglês Milton (1667-1674) que narra a queda do homem e a sua expulsão do paraíso. — Cit. por: Cunha Belém, vol. IV, p. 26.
- PARNASO LUSITANO** — 1827 — Colectânea de poesias portuguesas publicada em Paris, para o primeiro tomo da qual Garrett escreveu o *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa*, incluído no vol. 21 das O. C. de Garrett, 1904. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 132; E. A. Salgado, vol. III, p. 141; *Ermita do Chiado*, vol. III, p. 206.
- PASTOR** — Castilho cita-nos esta obra como sendo de Pelletan, mas a mais conhecida por este nome é do italiano Guarini. Trata-se de *Il Pastor Fido* (de seu nome original) e é um drama pastoril em cinco actos, inspirado na *Aminta*, de Tasso, publicado em 1590. De Pelletan não encontramos nenhuma obra com tal nome, que era muito vulgar nos romances pastoris do século XVI. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62; E. A. Vidal, vol. III, p. 239.
- PATER** — Poema que faz parte das *Odes Modernas*, de Antero de Quental. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 34.
- PAULO E VIRGÍNIA** — 1787 — De Bernardin de Saint-Pierre. Passada na paisagem estranha da ilha de França, esta novela romântica teve imenso sucesso. Inaugurou o género exótico tão de gosto entre os românticos da primeira época. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 61.
- PAX** — 1865 — Opúsculo com que A. Teixeira de Vasconcelos interveio na *Questão Coimbrã*. — Cit. por: A. M. Gaveta, vol. II, p. 36; Brito Aranha, vol. III, p. 166.

PEDREIRA — 1843 — Poema que pretendia ser épico, sobre a figura de D. Pedro V. Da autoria de José Martins Rua, foi satirizado por todos os jornais da época. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57; T. de Vasconcelos, vol. I, p. 288; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 116.

PÊRA DE SATANÁS — Peça de Eduardo Garrido — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 203; Sombra de Cícero, vol. III, p. 272.

POEMA DA MOCIDADE — 1865 — Poema do género narrativo, de qualidade mediocre, hiperbólicamente elogiado por Castilho. Como já sucedera com o *D. Jaime*, foi objecto de sátiras e paródias, o que, diga-se, alguns passos do poema estavam mesmo a solicitar. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 47, 53, 56, 58, 62, 67, 68; Antero, vol. I, p. 73; Roussado, vol. I, p. 108; Elmano da Cunha, vol. I, pp. 118, 121, 123; J. de Castilho, vol. I, pp. 137, 139, 179; Porto Carrero, vol. I, pp. 250, 253, 257; vol. II, p. 259; T. de Vasconcelos, vol. I, p. 281; A. M. Gaveta, vol. II, pp. 32, 33; Ramalho, vol. II, pp. 45, 49, 52, 53, 65, 67, 70, 72; Camilo, vol. II, p. 115; Malheiro Dias, vol. II, p. 175; G. F., vol. II, pp. 196, 203; Arqui-Zero, vol. II, p. 215; A. do C., vol. II, p. 238; Urbano Loureiro, vol. III, pp. 8, 9, 10, 11, 12; Barreto e Noronha, vol. III, p. 25; Peixoto do Amaral, vol. III, pp. 151, 159; Brito Aranha, vol. III, pp. 163, 164, 165; Carlos Borges, vol. III, pp. 179, 181, 182, 183; Romeu Soares J., vol. III, p. 220; E. A. Vidal, vol. III, p. 229; Sombra de Cícero, vol. III, pp. 261, 262; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 10; Cunha Belém, vol. IV, pp. 18, 24, 25.

POEMA DE RÉNARD — Poema anónimo da Idade Média conhecido pelo *Roman de Rénard*. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 205.

POEMA DE SANTA MARIA EGIPCÍACA — De Castilho. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175.

POEMAS BOTÂNICOS — V. JARDINS (OS) OU A ARTE DE AFORMOSEAR AS PAISAGENS.

POESIA DO DIREITO — 1865 — Opúsculo onde Teófilo Braga desenvolve a concepção hegeliana do Direito e da Arte. A lin-

- guagem que utilizava, desconhecida para os nossos ouvidos bárbaros, estranhos a terminologias filosóficas, valeu-lhe apreciações satíricas de Pinheiro Chagas nos folhetins do *Jornal do Comércio*. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 136; Diogo Bernardes, vol. II, p. 164; Castilho, vol. II, p. 280; vol. III, p. 173; Lisboeta Convertido, vol. IV, p. 111.
- POLIFEMO** — Poema de Góngora y Argote (1561-1627). — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 84.
- POLÓNIA (A)** — Poema de Antero de Quental que faz parte das *Odes Modernas*. — Cit. por: E. A. Salgado, vol. III, p. 133.
- PÔNTICAS** — Cartas em verso de Ovídio (séc. I). — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 49.
- PRATO DE ARROZ DOCE (O)** — 1862 — Romance histórico de A. Teixeira de Vasconcelos sobre a revolta da Maria da Fonte. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 201.
- PRÉCIEUSES RIDICULES (LES)** — 1659 — Peça de Molière que lhe valeu o seu primeiro successo como autor e actor. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 204.
- PRESBITÉRIO DA MONTANHA** — De Castilho. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175.
- PRIMAVERA** — 1822 — Colectânea de poesias de Castilho. — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 82, 227; Roussado, vol. I, p. 109; J. de Castilho, vol. I, pp. 136, 153, 174; Teófilo, vol. I, p. 193; Ramalho, vol. II, p. 55; Camilo, vol. II, pp. 127, 139; Diogo Bernardes, vol. II, pp. 163, 164; Malheiro Dias, vol. II, pp. 179, 186, 187, 190; G. F., vol. II, p. 201; Arqui-Zero, vol. II, p. 227; A. do C., vol. II, p. 243; Urbano Loureiro, vol. III, p. 8; E. A. Salgado, vol. III, p. 141; Carlos Borges, vol. III, p. 179; Cunha Belém, vol. IV, p. 19.
- PRIMAVERA NO MAR** — 1845 — De Castilho. Poesia incluída no *Outono*, vol. II, tomo 22 das O. C., 1905. — Cit. por J. de Castilho, p. 173.

- PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA DO DIREITO — 1818 — Supomos que Barreto e Noronha, ao citar a p. 76 do vol. III a *Ciência do Direito*, se refere a esta obra de Hegel.
- PRINCÍPIOS DE UMA CIÊNCIA NOVA — 1725 — Obra de Vico, de interesse fundamental para o estudo da filosofia da história. — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 104.
- PROFISSÃO DE FÉ DO SÉCULO XIX (A) — 1852 — Obra fundamental de Pelletan e que exerceu considerável influência nos literatos desta época. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62; Camilo, vol. II, p. 140.
- PSIQUE — Romance de La Fontaine (1621-1695) — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62.
- PUCELE (A) OU A FRANÇA LIBERTADA — 1656 — Poema épico de Chapelain, mais que mediocre e que levou vinte anos a compor. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 193.
- PYRAMO E THISEE — Poema de Gôngora y Argote. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 84.

Q

- QUADROS HISTÓRICOS — 1839 — Obra de divulgação histórica empreendida por Castilho com intenções patrióticas e moralizadoras. Começaram a ser publicados no *Panorama*. Esta iniciativa de Castilho mereceu acres censuras dos que consideravam que pôr a História ao serviço das virtudes cívicas, sem preocupações de objectividade crítica, era prestar um mau serviço à história nacional. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, pp. 153, 174; Teófilo, vol. I, pp. 191, 192; Antero, vol. I, pp. 232, 235; Camilo, vol. II, pp. 135, 139; Malheiro Dias, vol. II, p. 188; Barreto e Noronha, vol. III, p. 44; Peixoto do Amaral, vol. III, p. 152.
- QUEDA DAS FOLHAS (A) — 1811 — Em francês no texto (*La Chûte des Feuilles*), é uma elegia de Millevoeye. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 65.

- QUENTIN DURWARD — 1823 — Romance histórico de Walter Scott.
— Cit. por: Porto Carrero, vol. II, p. 257.
- QUESTÃO DE PALHEIRO — 1866 — Sátira de Urbano Loureiro que
faz parte dos opúsculos da *Questão Coimbrã*. — Cit. por:
Urbano Loureiro, vol. III, p. 7.

R

- RAFAEL — 1849 — Com o subtítulo *Páginas dos Vinte Anos*, é um
romance onde Lamartine narra os infelizes amores de Júlia
e Rafael. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62.
- RAPTO DE PROSORPINA — séc. V. — Do poeta latino Claudiano. —
Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.
- RENÉ (RENATO) — 1802 — Romance de Chateaubriand, que fazia
parte do *Génio do Cristianismo* e que só em 1805 foi pu-
blicado separadamente. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 61.
- RERUM NATURA (DE) — séc. I a. C. — De Lucrecio. Poema didác-
tico em que o autor expõe a filosofia epicurista. — Cit. por:
Castilho, vol. I, p. 56.
- REVOLUÇÃO FRANCESA — V. HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO FRANCESA.
- RICCIARDETTO — Não encontramos referência a este poema citado
por Castilho.
- ROLLA — 1833 — Poema de Alfred Musset. — Cit. por: Ramalho,
vol. II, p. 49; G. F., vol. II, pp. 196, 203.
- ROMANCEIRO — 1843 — Recolha de poesia popular tradicional. —
Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, pp. 205, 206.

S

- SACRIFÍCIO A CAMÕES — De Castilho. — Cit. por: J. de Castilho,
vol. I, p. 175.

INDICE DAS OBRAS CITADAS

- SALTEADORES (Os)** — 1782 — Drama de Schiller. O tema é a revolta dum jovem idealista contra a mediocridade e a maldade do mundo em que vive. Torna-se salteador para reencontrar a liberdade, mas acaba por sucumbir. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 230.
- SANTA COMBA DOS VALES** — séc. XVI — Poema em que se conta a história de Santa Comba dos Vales, da autoria de António Ferreira. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.
- SANTA ISABEL** — Da autoria de Soares Franco. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 203.
- SANTA MARIA EGIPCÍACA** — De Castilho. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175.
- SÃO PEDRO** — Da autoria de Pereira da Cunha (1819-1890). — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 56.
- SÁTIRAS** — séc. I a. C. — De Horácio. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 26, 56.
- SÁTIRAS** — séc. II — De Juvenal. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.
- SÁTIRAS** — séc. I — De Pérsio. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.
- SAVONAROLA** — Poema de Teófilo Braga. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 143; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 111.
- SECCHIA RAPITA** — 1622 — Poema burlesco do poeta italiano Alexandre Tassoni. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.
- SECOL SI RINUOVA** — Poema de Antero. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 35.
- SEGUNDA EPÍSTOLA À SENHORA D. TERESA, IMPERATRIZ DO BRASIL** — 1857 — De Castilho, agradecendo ter atendido o pedido de comutação de pena a um condenado, suplicada na Primeira Epístola. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 174.
- SENHOR ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO E O SENHOR ANTERO DE QUENTAL (O)** — 1865 — Opúsculo com que Júlio de Cas-

tilho, filho preferido do poeta, entra na polémica em defesa do pai. — Cit. por: Porto Carrero, vol. II, p. 254.

SERMÕES — séc. XVII — Do Padre António Vieira. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 30.

SILVAS — séc. I — De Stacio. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 56.

SOLAUS — De José Freire de Serpa Pimentel. — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 276.

SOLEDADES — De Góngora y Argote. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 84.

T

TERAIDA — séc. I — De Stacio. — Cit. por Castilho, vol. I, p. 56.

TELÉMACO — V. AVENTURAS DE TELÉMACO (AS).

TEMPESTADES SONORAS — 1864 — Livro publicado imediatamente após a *Visão dos Tempos*, confirma o programa da lírica de Teófilo: o canto dos grandes momentos da história da Humanidade. Foi saudado por toda a crítica como uma obra que confirmava a renovação do lirismo tentado pela *Visão dos Tempos*. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 144; Diogo Bernardes, vol. II, p. 163; Castilho, vol. III, p. 173; E. A. Vidal, vol. III, p. 229; Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 10; Lisboaeta Convertido, vol. IV, pp. 116, 137, 140.

TEOCRACIAS LITERÁRIAS (AS) — 1865 — Opúsculo com que Teófilo intervém na polémica. Apoiando Antero, resume em poucas páginas os seus pontos de vista acerca da missão da literatura e arruma Castilho em meia-dúzia de linhas de um cru desprezo que levantaram indignação e suscitaram as duas cartas dos filhos de Castilho que vêm transcritas nos Textos Adicionais. — Cit. por: Ramalho, vol. II, pp. 72, 76, 96; Camilo, vol. II, pp. 136, 137; Diogo Bernardes, vol. II, pp. 158, 162, 168; Urbano Loureiro, vol. II, p. 293; vol. III, p. 7; E. A. Salgado, vol. III, p. 141; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 177.

- TOIBOS (Os)** — 1796 — Reimpresso em 1825. Poema de António Joaquim de Carvalho. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.
- TOMÁS DOS PASSARINHOS** — séc. XIX — Conto incluso no volume *Contos do Tio Joaquim*, de Rodrigo Paganino. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 62.
- TOSQUIA DUM CAMELO** — 1853 — Opúsculo em que Castilho responde violentamente ao artigo publicado na *Revolução de Setembro* de Novembro de 53 contra o seu *Método Repentino*. O opúsculo tinha em subtítulo *Carta a Todos os Mestres das Aldeias e das Cidades*. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 180; Ramalho, vol. II, p. 55; Urbano Loureiro, vol. III, pp. 8, 9, 11, 15, 17.
- TRADIÇÕES ALEMÁS** — 1815 — De Jacob Grimm, é normalmente conhecido com o título de *Lendas Alemás*. É uma recolha de contos e lendas populares. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 191.
- TRÁNSITO DO SENHOR D. PEDRO V (No)** — V. TRIBUTO PORTUGUÊS NA MORTE DE D. PEDRO V.
- TRATADO DE METRIFICAÇÃO PORTUGUESA** — 1851 — Em subtítulo: *Para em Pouco Tempo e até sem Mestre Se Aprenderem a Fazer Versos de Todas as Medidas e Composições*. De Castilho — Cit. por: Antero, vol. I, p. 82; Roussado, vol. I, p. 109; J. de Castilho, vol. I, p. 175; Porto Carrero, vol. II, p. 254; Urbano Loureiro, vol. III, pp. 11, 13; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 114.
- TRATADO DE MNEMÓNICA** — 1851 — De Castilho. Com o subtítulo: *Para Aprender Muito em Pouco Tempo*. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 82; J. de Castilho, vol. I, p. 175.
- TRATADO DE POÉTICA** — De Castilho. Não sabemos se se trata da tradução da *Arte Poética*, de Horácio. — Cit. por: Júlio de Castilho, vol. I, p. 175.
- TRATADO DE VERSIFICAÇÃO** — V. TRATADO DE METRIFICAÇÃO PORTUGUESA.

TRIBUTO PORTUGUÊS A MORTE DO LIBERTADOR — 1836 — De Castilho. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, pp. 153, 175.

TRIBUTO PORTUGUÊS NA MORTE DE D. PEDRO V — 1861 — De Castilho. O título desta poesia publicada na *Revista Contemporânea* é: *No Trânsito do Senhor D. Pedro V.* — Cit. por: Antero, vol. I, p. 82; J. de Castilho, vol. I, pp. 153, 175.

TRISTEZAS — OU LAMENTAÇÕES — De Ovidio. Elegias escritas já no exílio. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 49.

U

ULISSEIA — OU LISBOA EDIFICADA — 1636 — Poema épico de Gabriel Pereira de Castro. Pertence à linha de poemas épicos da corrente contra-reformista, e o autor pretendia com ele a exaltação da Casa de Bragança. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.

ÚLTIMO DOS ABENCERRAGENS — V. AVENTURAS DO ÚLTIMO ABENCERRAGEM.

V

VAIDADES IRRITADAS E IRRITANTES — 1866 — Opúsculo com que Camilo Castelo Branco intervém na polémica a pedido de Castilho. — Cit. por: Diogo Bernardes, vol. II, p. 169; Castilho, vol. III, p. 172; Peixoto do Amaral, vol. III, p. 152; Cunha Belém, vol. IV, p. 29.

VIAGENS NA MINHA TERRA — 1846 — De Almeida Garrett. A mais significativa obra de indeterminação do género romântico. Considerada como uma das obras-primas da estilística portuguesa, em que o realismo e o sentimentalismo se aliam, por vezes, numa expressão quase clássica. — Cit. por: Ramalho, vol. II, pp. 51, 60; Ermita do Chiado, vol. III, p. 206.

VIAGENS NA TERRA ALHEIA — 1863 — De Teixeira de Vasconcelos. É um livro de viagens com o subtítulo *De Paris a Madrid.* — Cit. por: Carlos Borges, vol. III, p. 180.

VIDA DE JESUS (A) — 1863 — De Ernesto Renan. Trata-se do primeiro volume de uma *História das Origens do Cristianismo* terminada em 1883. Esta obra levantou grande celeuma nas fileiras clericais e perturbou as tranquilas consciências da burguesia ordeira. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 74.

VIRIATO TRÁGICO — 1699 — Poema épico de Brás Garcia de Mascarenhas que só foi publicado póstumamente. É depois de *Os Lustadas* o nosso melhor poema épico. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.

VISÃO DOS TEMPOS — 1864 — O primeiro livro de poesias de Teófilo, depois do seu volume juvenil *Folhas Verdes*. Com ele iniciava Teófilo o longo programa de renovação literária que se impusera. Tal como acontecerá com as *Tempestades Sonoras*, os críticos irão saudar com entusiasmo as poesias, manifestando completa incompreensão perante o prólogo que anunciava a viragem da doutrinação estética em Portugal. Dividia-se em: *Bacante*, *Harpa de Israel* e *Rosa Mística*. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 94; Camilo, vol. II, p. 144; Diogo Bernardes, vol. II, pp. 163, 168; Castilho, vol. III, p. 173; E. A. Vidal, p. 229; Lisboeta Convertido, vol. IV, pp. 111, 113, 124, 125, 137, 139, 167.

W

WERTHER — 1774 — Romance de Goethe que narra os amores dramáticos de Carlota e Werther. É um romance no género epistolar. — Cit. por: Malheiro Dias, vol. II, p. 181.

Z

ZARGUEIDA — 1806 — Poema épico de Medina e Vasconcelos. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 57.

ZEND-AVESTA — Nome dado ao conjunto dos livros sagrados dos antigos persas e atribuídos a Zaratustra.

3. ÍNDICE DAS PERSONAGENS MITOLÓGICAS

A

ADÃO — O primeiro homem do mito judaico-cristão. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 66.

ADÓNIS — Filho de Mirra e do pai desta, protegido de Afrodite, que o amava apaixonadamente. Foi morto por Marta. O culto de Adónis celebrou-se principalmente na Asia Menor. — Cit. por: Anónimo, vol. IV, p. 83.

AJAX — Um dos heróis da guerra de Tróia. — Cit. por: A. M. Gaveta, vol. II, p. 36.

ANFIÃO — Personagem da mitologia grega. Filho de Zeus e Antíope, possuía uma maravilhosa lira que até amansava as feras. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 31.

APOLO — Um dos principais deuses do Panteão romano. É o deus da luz e da inteligência, inspirador de poetas e músicos. — Cit. por: Roussado, vol. I, p. 106; J. de Castilho, vol. I, p. 153; Anónimo, vol. IV, pp. 83, 89; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 107.

AQUILES — Um dos mais famosos heróis gregos e o principal personagem da *Iliada*. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 179.

ARIANA — Filha de Minos e noiva de Teseu. Levada para Creta, no grupo de virgens sacrificadas ao terrível Minotauro,

combinou com o seu amado desenrolar um novelo de fio através do misterioso labirinto do monstro. Foi graças a esta habilidade que Teseu o conseguiu matar. Pouco agradecido se mostrou pela sua amada, pois a abandonou na ilha de Naxos. — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 106; Malheiro Dias, vol. II, p. 187.

ASHAVERO OU ASEVERO — Personagem lendária a que se refere o Evangelho de S. João. Também conhecido pelo *Judeu Errante*, pois fora condenado por Cristo a deambular eternamente pelo mundo. — Cit. por: Malheiro Dias, vol. II, pp. 178, 179.

ATLANTE ou ATLAS — Gigante que se allara aos Titãs contra Zeus. Para o castigar, este colocou-lhe aos ombros a abóbada celeste. Era o pai da ninfa Calipso. — Cit. por: Lisboaeta Convertido, vol. III, p. 100.

B

BACO — Nome dado pelos romanos ao Dionisius dos gregos, embora entre os latinos tenha perdido o significado que lhe davam os povos da Héliada. Em Roma era o deus do vinho e do divertimento. — Cit. por: Ferreira de Freitas, vol. I, p. 268; S. d'A. vol. II, p. 13.

BRIAREU — Um dos três gigantes que combateram ao lado de Zeus contra os Titãs. — Cit. por: E. A. Vidal, vol. III, p. 240.

C

CAMENAS — Ninfas dos bosques e das águas. — Cit. por: Anónimo, vol. IV, p. 83.

CENTÍMANO — Um dos gigantes que se revoltaram contra Zeus. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 72.

CUPIDO — Corresponde na mitologia grega a Eros. Deus do amor, filho de Afrodite (Vénus) e de Ares (Marte). — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 46.

D

DANAIDES — As 50 filhas de Danaus que por terem morto os maridos foram condenadas a encherem eternamente um tonel sem fundo. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 45.

DIABO — Personificação do princípio do mal na religião cristã. Também conhecido por Satã, Satanás ou Demo. — Cit. por: Anónimo, vol. IV, p. 80; Barreto e Noronha, vol. III, pp. 33, 89.

DIOMEDES — Rei de Argos, um dos heróis da guerra de Tróia. Foi ele que ao lutar com Eneas feriu Afrodite na mão, quando esta tentava proteger o seu filho bem amado. — Cit. por: Malheiro Dias, vol. II, p. 191.

E

ÉDIPO — Rei de Tebas, vencedor da Esfinge, simboliza a força da inteligência e da razão. A sua vida serviu de tema a várias tragédias gregas. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 63; E. A. Vidal, vol. III, p. 237.

EFIALTO — Um dos Aloidas. Filho de Posídon e Ifimedia, tentou com seu irmão Oto, escalar os céus dos Termópiles. — Cit. por: E. A. Vidal, vol. III, p. 240.

ENCÉLADO — Um dos gigantes que combateram os deuses do Olimpo. — Cit. por: Malheiro Dias, vol. II, p. 176; Barreto e Noronha, vol. III, p. 72.

ENEIAS — Filho de Afrodite, herói da *Eneida*, de Virgílio. Combateu a favor dos troianos. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 160; Teixeira de Vasconcelos, vol. I, p. 281; Ramalho, vol. II, p. 84.

ÉOLO — Rei das ilhas Eólicas, encarregado por Zeus de regular o curso dos ventos. — Cit. por: Teixeira de Vasconcelos, vol. I, p. 281.

ÉRATO — Uma das Musas, que presidia à poesia erótica. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 154.

ESCLÁPIO — Filho de Apolo, deus da medicina, educado pelo centauro Quíron. Homero considera-o um mortal, príncipe da Tessália. — Cit. por: Anónimo, vol. IV, p. 95; Lisboa Convertido, vol. IV, p. 107.

ESTENTOR — Arauto grego, cuja voz poderosíssima o tornou famoso durante o cerco de Tróia. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 143.

F

FAUNO — Divindade pastoril e profética, entre os latinos. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 160.

H

HELENA DE TRÓIA — Mulher de Menelau. A paixão que inspirou a Páris, filho de Priamo, foi a origem de guerra de Tróia. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 186.

HÉRCULES — O Heracles dos gregos. O mais famoso herói da mitologia. As suas extraordinárias proezas e a sua lendária força tornam-no um dos mais citados heróis. — Cit. por: Chagas, vol. I, p. 99; J. de Castilho, vol. I, p. 160; Porto Carrero, vol. I, p. 255; Ermita do Chiado, vol. III, p. 203.

I

ICARO — Filho de Dédalo, a quem este fabricou um par de asas de cera. Deslumbrado pela possibilidade de voar, icaro esqueceu as recomendações do pai e elevou-se tão alto que o sol derreteu a cera, afogando-se no mar. — Cit. por: Malheiro Dias, vol. II, p. 182.

IXION — Uma das eternas vítimas do inferno grego, castigado por Zeus por ter assassinado o sogro e ter tentado seduzir Hera. Zeus enganou-o, substituindo a deusa por uma nuvem. Daí a expressão «tomar a nuvem por Juno» (nome de Hera entre os romanos). — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 45.

J

JANO — Um dos mais antigos deuses de Roma. Deus bifronte, simbolizava o começo de tudo. Daí a designação do primeiro mês do ano derivar do seu nome: Janeiro. Presidia ao começo da guerra e o seu templo só se encontrava aberto durante as hostilidades. — Cit. por: Malheiro Dias, vol. II, p. 185.

JEOVÁ — O deus dos Hebreus. — Cit. por: Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 174.

JUNO — Esposa de Júpiter, rainha dos deuses. — Cit. por: Malheiro Dias, vol. II, p. 180.

JÚPITER — Soberano dos céus entre os romanos, corresponde ao Zeus grego. — Cit. por: Chagas, vol. I, p. 99; J. de Castilho, vol. I, p. 171; Barreto e Noronha, vol. III, p. 66.

L

LICURGO — Lendário legislador de Esparta, que recebeu como missão do oráculo de Delfos fazer a legislação espartana. — Cit. por: Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 147.

LINO — Filho de Apolo, célebre pelo seu talento musical. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 13.

M

MAERTE ou **MAVORTE** — Divindade dos povos da Itália Central, tornou-se entre os romanos o deus da guerra. — Cit. por: Elmano da Cunha, vol. I, p. 122.

MEFISTÓFELES — V. DIABO.

MERCÚRIO — O correio dos deuses romanos. Protector dos negociantes e ladrões. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 30.

MINERVA — Divindade romana que corresponde à Atena grega. Personifica a Inteligência e a Sabedoria. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 163.

- MINOTAURO** — Monstro mítico que vivia em Creta fechado no Labirinto e se alimentava de carne humana. Foi morto por Teseu, ajudado por Ariana, filha do rei Minos de Creta. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 45.
- MUSAS** — Divindades gregas protectoras das artes e das letras. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 153.

N

- NARCISO** — Figura mitológica, célebre pela sua beleza. Ao ver a sua imagem reflectida nas águas, apaixonou-se por si próprio. — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 269; Anónimo, vol. IV, p. 88.
- NIOBE** — Filha de Tântalo e mulher de Anfião, que tinha sete filhos e sete filhas. Tendo troçado de Leto, que só tinha dois, Apolo e Artemisa, estes, para vingarem a mãe, mataram a Niobe todos os seus filhos e filhas. Esta, paralisada pela dor, transformou-se num rochedo. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 207.

O

- ONFALE** — Rainha da Lídia que se casou com Hércules, depois de o obrigar a fiar como uma mulher. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. IV, p. 203.
- ORFEU** — Personagem mítica, considerada pelos gregos o maior poeta dos tempos heróicos, cujos canto e lira seduziam toda a natureza animada e inanimada. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 13.

P

- PARCA** — Divindade que entre os romanos presidia ao destino dos homens. — Cit. por: Sombra de Cícero, vol. III, p. 270.
- PÁTROCLO** — Um dos heróis do cerco de Tróia. Amigo de Aquiles, foi morto por Heitor. — Cit. por: E. A. Vidal, vol. III, p. 233.

INDICE DAS PERSONAGENS MITOLOGICAS

- PÉGASO** — Cavallo alado, montado pelo herói Perseu. Nascera do sangue de Medusa. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 50.
- PIGMALEÃO** — Rei de Chipre que se apaixonou pela estátua duma jovem que ele próprio esculpiu. Afrodite, ouvindo as suas súplicas, deu vida à estátua, com quem Pigmaleão se casou e de quem teve um filho. — Cit. por: T. de Vasconcelos, vol. I, p. 281.
- PROCUSTES** — Salteador da Ática que obrigava os viajantes a deitarem-se numa cama de ferro; se eram grandes cortava-lhes as pernas, se pequenos esticava-os com cordas até ficarem do tamanho do leito. Foi morto por Teseu. — Cit. por: Malheiro Dias, vol. II, p. 190; Barreto e Noronha, vol. III, p. 90.
- PROMETEU** — O titã que roubou o fogo aos deuses, dando aos homens a capacidade de ascenderem ao conhecimento. Zeus, para o castigar, prendeu-o no Cáucaso, onde uma águia lhe rói eternamente o fígado. Acabou por ser libertado, segundo algumas lendas, por Heracles. — Cit. por: Porto Carrero, vol. I, p. 255; Malheiro Dias, vol. II, p. 182.
- PROTEU** — Divindade marítima. É simbolizada por um velho sábio que adivinha o futuro. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 58.
- PSIQUE** — Lendária jovem de extraordinária beleza por quem se apaixonou Eros (o Amor). — Cit. por: Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 100.

Q

- QUÍRON** — Centauro conhecido pela sua sabedoria. Foi mestre de Aquiles, Asclépios e grande amigo de Heracles. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 189.

R

- RÓMULO** — Lendário fundador de Roma. Nasceu da união da vestal Rea Silvia com Marte. — Cit. por: A. M. Gaveta, vol. II, p. 34.

S

SATURNO — Originalmente o deus da vegetação entre os latinos, e pai de Júpiter, Neptuno e Plutão. — Cit. por: Elmano da Cunha, vol. I, pp. 115, 127; Barreto e Noronha, vol. III, p. 66.

SILENO — Companheiro inseparável de Dionísio. A sua sabedoria não se coaduna com o aspecto exterior: velho ventruado e calvo, com cauda de cavalo e orelhas de porco. Aparece geralmente montado num burro. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 160.

SÍSIFO — Rei de Corinto, manhoso e astuto, foi condenado por Zeus a içar por uma montanha acima um rochedo que constantemente cai pela montanha abaixo e ele de novo tem de carregar. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 45.

T

TALIA — Uma das Musas. Protectora da comédia. — Cit. por: Anónimo, vol. IV, pp. 81, 82, 93.

TANTALO — Rei da Lídia, sujeito por Zeus a um suplício infernal: mergulhado num lago e cercado de pomares, consome-se numa sede e numa fome que não pode saciar. O seu crime foi monstruoso: serviu aos deuses em sua casa o filho cortado em pedaços e cozinhado. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 45.

TÉLEFO — Herói grego ferido por Aquiles. Só conseguiu curar-se aplicando na ferida a arma que a tinha causado. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 23.

TÍMON de Atenas — Misanthropo lendário de origem grega. Foi mencionado por Aristóteles e Plutarco. — Cit. por: Anónimo, vol. IV, p. 87.

TITÃS — Filhos de Uranos e Gaia, governavam o mundo antes dos deuses de Olimpo, que lhes acabaram por arrancar o Poder. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 150; Malheiro Dias, vol. II, p. 179; Barreto e Noronha, vol. III, p. 38.

U

ULISSES—Um dos maiores heróis gregos, célebre pela sua inteligência, prudência e manha. É o herói da *Odisseia*, onde Homero conta o seu regresso da guerra de Tróia.—Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 84; Urbano Loureiro, vol. II, p. 296; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 175.

V

VESTA—Divindade primitiva romana, deusa do fogo, permanentemente aceso no templo circular do Fórum, vigiado pelas Vestais.—Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 43.

VIXNU ou **VICHNU**—Segundo deus da trindade bramânica, construtor do Mundo.—Cit. por: E. A. Vidal, vol. III, p. 238.

4. ÍNDICE DAS PERSONAGENS LITERÁRIAS

ANFITRIÃO — Marido de Alcmena é a principal personagem da comédia de Plauto *Anfitrião*. Foi sobre o mesmo tema que José da Silva, o Judeu, escreveu o seu *Anfitrião*. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 295.

ARTUR — Principal personagem do *Poema da Mocidade*, de Pinheiro Chagas. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 65, 69; S. d'A., vol. II, pp. 15, 18; G. F., vol. II, p. 196; Sombra de Cícero, vol. III, p. 262.

BEATRIZ — A personagem feminina da *Divina Comédia*, de Dante, — Cit. por: *Lisboeta Convertido*, vol. IV, p. 100.

CÂMARA (GONÇALVES) — Personagem do drama *Camões*, de Castilho. — Cit. por: Ramalho, vol. II, pp. 91, 92.

CARLOTA — Personagem feminina do romance de Goethe *Werther*. — Cit. por: E. A. Vidal, vol. III, p. 234.

CLÉLIA — Personagem dum romance de Madame de Scudéry. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 144.

CLITEMNESTRA — Mulher de Agamémnon, personagem central da tragédia *Agamémnon* de Esquilo, a primeira da trilogia *Oresna* (458). — Cit. por: E. A. Vidal, vol. III, p. 238.

DESDÊMONA — Da peça de Shakespeare *Hamlet*. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 127; E. A. Vidal, vol. III, p. 238.

- EMA** — Do *Poema da Mocidade*, de Pinheiro Chagas. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 65, 67; Antero, vol. I, p. 212.
- FALSTAFF** — Personagem das *Alegres Comadres de Windsor* e de *Henrique IV*, de Shakespeare. Simboliza o homem sem escrúpulos. — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 127.
- FAUSTO** — Do *Fausto*, de Goethe. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 186.
- FROILÃO** — Personagem do *Alfageme de Santarém*, de Garrett. — Cit. por: Ermita, vol. III, p. 206.
- HANS** — Personagem de um conto germânico. — Cit. por: E. A. Salgado, vol. III, p. 136.
- HELENA** — Personagem da *Ilíada*, que está na origem da guerra de Tróia. Mulher de Agamémnon, foi raptada por Priamo, príncipe trolano. — Cit. por: E. A. Vidal, vol. III, p. 238.
- HENRIQUE** — Personagem masculino do *Anjo do Lar*, de Pinheiro Chagas. — Cit. por: Castilho, vol. II, pp. 68, 69.
- HIPÓLITO** — Da tragédia *Fedra*, de Racine. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 67.
- JACQUES** — Personagem do poema *Rolda*, de Musset. — Cit. por: G. F., vol. II, p. 196.
- JOANINHA** — Personagem da novela integrada nas *Viagens na Minha Terra*. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 51.
- JOCASTA** — Mãe e mulher de Édipo. Principal personagem feminina da tragédia *Édipo*, de Sófocles. — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 63.
- JUAN (D.)** — Do *D. Juan*, de Byron. — Cit. por: G. F., vol. II, p. 196.
- JUDITE** — Da tragédia de Racine. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 68.
- JULIETA** — Do *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 51.

- LAURA** — Dos sonetos de Petrarca. — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 208.
- LÉLIA** — Do romance *Lélia*, de George Sand. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 212.
- MENECMA** — Personagem da comédia *Menecmas*, de Plauto. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 295.
- PAULO** — Do romance *Paulo e Virginia*, de Bernardin de Saint-Pierre. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 136; E. A. Vidal, vol. III, p. 239.
- PULQUÉRIA** — Do romance *Lélia*, de George Sand. — Cit. por: Antero, vol. I, p. 212.
- QUIXOTE (D.)** — Do *D. Quixote*, de Miguel de Cervantes. — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 102; Castilho, vol. III, p. 171; E. A. Vidal, vol. III, p. 239.
- ROMEU** — Do *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 51.
- ROWLEY** — Dos *Poemas de Rowley*, de Chatterton. — Cit. por: Teófilo, vol. I, p. 192.
- SANCHO PANÇA** — Do *D. Quixote*, de Miguel de Cervantes — Barreto e Noronha, vol. III, pp. 42, 47, 59; Castilho, vol. III, p. 171; E. A. Vidal, vol. III, p. 239.
- SÓSIA** — Da comédia de Plauto *Anfitrião*. — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 18, 295.
- TERAMENE** — Da tragédia *Fedra*, de Racine. — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 67.
- TESEU** — Da tragédia *Fedra*, de Racine. — Cit. por: Castilho, vol. II, p. 67.
- VIRGINIA** — Do romance *Paulo e Virginia*. — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 136; E. A. Vidal, vol. III, p. 239.

5. ÍNDICE DAS PERSONAGENS HISTÓRICAS

A

ABACUC — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 143.

ABRAÃO — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 60.

AFONSO IV — Cit. por: Chagas, vol. I, p. 94.

AFONSO DOMINGOS — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 60.

AFONSO HENRIQUES — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 135.

ALARICO — Cit. por: E. A. Vidal, vol. III, p. 239.

AUGUSTO — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 22, 27, 51; J. de Castilho, vol. I, p. 178; Antero, vol. I, p. 235; Ramalho, vol. II, p. 58; Malheiro Dias, vol. II, p. 177; Peixoto do Amaral, vol. III, p. 150.

B

BASTOS (Conselheiro) — Cit. por: Antero, vol. I, p. 230.

BELISÁRIO — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 102.

BONAPARTE — V. NAPOLEÃO I.

BRISSOT — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 80.

BRUTO — Cit. por: Antero, vol. I, p. 202.

- CAKIA-MOUNI — Cit. por: Antero, vol. I, p. 87.
- CALIGULA — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 175.
- CARLOS II — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. II, p. 47.
- CARLOS V — Cit. por: Antero, vol. I, p. 211.
- CÉSAR — Cit. por: Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 104.
- CHARLES LE TEMERAIRE — Cit. por: Porto Carrero, vol. II, p. 257.
- CID — Cit. por: Freitas Oliveira, vol. II, p. 276.
- CINCINATO — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 144; Anónimo, vol. IV, p. 87.
- CLEOPATRA — Cit. por: Freitas Oliveira, vol. II, p. 273.
- COLOMBO — Cit. por: Porto Carrero, vol. I, p. 258.
- CONDE ANDEIRO — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 141.
- CONFÚCIO — Cit. por: Antero, vol. I, p. 87; Barreto e Noronha, vol. II, p. 74.
- CORNÉLIO CIPLÃO — Cit. por: Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 178.
- CRISTO — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 85, 87; Chagas, vol. I, p. 97; Elmano da Cunha, vol. I, p. 121; J. de Castilho, vol. I, p. 111; Porto Carrero, vol. I, pp. 249, 250; A. M. Gaveta, vol. II, p. 26; Camilo, vol. II, p. 146; Malheiro Dias, vol. II, p. 177; Barreto e Noronha, vol. III, p. 81.
- CRISTÓVÃO DE MOURA — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 142.
- CROMWELL — Cit. por: Porto Carrero, vol. I, p. 260.

D

DANTON — Cit. por: Porto Carrero, vol. I, p. 260; Ramalho, vol. II, p. 80.

DAVID — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 144.

DUBARRY (Madame) — Cit. por: Antero, vol. I, p. 229.

E

EGAS MONIZ — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 144.

ERÓSTRATO — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 147; E. A. Salvado, vol. III, p. 133.

EU (Conde de) — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 106.

EZEQUIEL — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 143; Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 159.

F

FERNANDO (D.) — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 141.

FILIFE II — Cit. por: Antero, vol. I, p. 211.

FILIFE I — Cit. por: Ermita do Chiado, vol. III, p. 201.

FILIFE DA MACEDÓNIA — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 181.

FUAS ROUPINHO (D.) — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 135.

G

GLESSER — Cit. por: Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 11.

GUILHERME I — Cit. por: E. A. Salvado, vol. III, p. 127.

GUILHERME TELL — Cit. por: Luciano Cordeiro, vol. IV, p. 11.

H

HARMÓDIO — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 13.

I

INÉS DE CASTRO — Cit. por: Chagas, vol. I, p. 94.

ISAAC — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 60.

J

JOÃO (D.) — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 141.

JOÃO VI (D.) — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 154; Camilo, vol. II, p. 149.

JOÃO III (D.) — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 142.

JOSÉ (D.) — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 43.

JOSIAS — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 143.

JUDAS — Cit. por: Elmano da Cunha, vol. I, p. 123.

L

LEÃO X — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, pp. 152, 173; Camilo, vol. II, p. 143.

LENGLET-DUFRESNOY — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. II, p. 100.

LICURGO — Cit. por: Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 147.

LIGNE (Príncipe de) — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 58.

LUIS DE VALOIS — Cit. por: Porto Carrero, vol. II, p. 257.

LUIS I (D.) — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 125.

INDICE DAS PERSONAGENS HISTORICAS

LUI S XIV — Cit. por: Antero, vol. I, pp. 204, 241; Ramalho, vol. II, p. 58.

LUI S XV — Cit. por: Antero, vol. I, p. 229.

LUI S XVI — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 80.

LUTERO — Cit. por: J de Castilho, vol. I, pp. 151, 152.

M

MANLIO — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 144.

MANUEL I (D.) — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 142.

MAFOMA — V. MAOMÉ.

MAOMÉ — Cit. por: Antero, vol. I, p. 87; J. de Castilho, vol. I, p. 147; Porto Carrero, vol. I, p. 250; E. A. Salgado, vol. III, p. 133.

MARAT — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 81; E. A. Salgado, vol. III, p. 128.

MARIA ANTONIETA — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 80; Camilo, vol. II, p. 139.

MECENAS — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 27.

MÉDICIS — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 21; Camilo, vol. II, p. 143.

MESSALINA — Cit. por: Elmano da Cunha, vol. I, p. 122.

MOISÉS — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 20; Porto Carrero, vol. I, p. 251; Lisboaeta Convertido, vol. IV, pp. 107, 120, 149, 174.

N

NABUCODONOSOR — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. II, p. 38.

BOM SENSO E BOM GOSTO

NAPOLEÃO I — Cit. por: Chagas, vol. I, p. 91; J. de Castilho, vol. I, p. 150; T. de Vasconcelos, vol. I, p. 194; Ramalho, vol. II, p. 97; Malheiro Dias, vol. II, p. 179; E. A. Salgado, vol. II, p. 138.

NAPOLEÃO III — Cit. por: E. A. Salgado, vol. III, pp. 123, 124.

NEBO — Cit. por: T. de Vasconcelos, vol. I, p. 283; Freitas Oliveira, vol. III, p. 273; Barreto e Noronha, vol. III, p. 48.

NUNO ALVARES — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 141; Ermita do Chiado vol. III, p. 206.

O

OMAR — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 147; Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 103.

P

PEDRO II — Cit. por: Romeu Soares J., vol. III, p. 222.

PEDRO V (D.) — Cit. por: Castilho, vol. I, pp. 31, 46; J. de Castilho, vol. I, p. 155; Camilo, vol. II, p. 126.

PEDRO ERMITA — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 31.

PÉRICLES — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 143; Malheiro Dias, vol. II, p. 177.

R

RISTORI — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 68.

ROBESPIERRE — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 80.

S

SALDANHA — Cit. por: A. M. Gaveta, vol. II, p. 34.

SANTO ANTÓNIO — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 43.

SÃO JOÃO — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 294; Camilo, vol. II, p. 129.

SÃO PACÓMIO — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 140.

SÃO PAULO — Cit. por: Osório de Vasconcelos, vol. II, p. 103.

SÃO PEDRO — Cit. por: A. M. Gaveta, vol. II, p. 26.

SÃO TOMÉ — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 171.

SAUL — Cit. por: Chagas, vol. I, p. 97.

SEBASTIÃO (D.) — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 294.

SIMÃO DE ATENAS — Cit. por: Camilo, vol. II, p. 138.

T

TARQUÍNIO — Cit. por: Barreto e Noronha, vol. III, p. 33.

V

VALAZÉ — Cit. por: Ramalho, vol. II, p. 80.

VARRÃO — Cit. por: Lisboaeta Convertido, vol. IV, p. 108.

VIRIATO — Cit. por: Castilho, vol. I, p. 61.

VATÍNIO — Cit. por: J. de Castilho, vol. I, p. 181.

GLOSSÁRIO DE TERMOS EMPREGADOS POR CASTILHO NA POLÊMICA

Para a elaboração deste Glossário recorremos ao
Grande Dicionário de Moraes

A

ABORRIDA (de *aborrir*) — Aborrecida, enjoada, rabujenta. Utilizado por Camilo. O v. *aborrir* foi empregado por Franco Barreto na tradução da *Eneida*.

ABUSÃO (do latim *abusione*) — Mau uso das coisas, engano, ilusão. Empregado por Amador Arrais, Mendes Pinto, Sampaio Bruno. O homónimo *abusão* (grande abuso) é utilizado por Aquilino.

ACEIFA (do árabe *aç-çaiifar*) — O mesmo que ceifa.

ACURAR (do latim *accurare*) — Tratar com cuidado, com desvelo, esmerar-se em. O adv. *acuradamente* é utilizado por Camilo e o adj. *acurado* por Ricardo Jorge.

AFANADO (de *afanar*) — Cheio de afã, muito cansado. Usado por Camilo. O v. *afanar* por Gil Vicente, António Vieira e Filinto.

AGUARENTADO (de *aguarentar*) — Diminuído, cortado, empobrecido, aguado. O v. *aguarentar* é usado por Ferreira de Vasconcelos, Francisco Manuel de Melo.

BOM SENSO E BOM GOSTO

AMOUCO (de *amoq*) — Índio que se vota à morte por vingança. O termo é utilizado por Castanheda na sua História da Índia, explicando-lhe o sentido. Usado por Aquilino.

APEGADO (de *apegar*) — Pegado, unido, grudado. Usado por Camilo e Aquilino.

ASSAZOADO (de *assazoar*) — Maduro. Usado por João de Lucena e Paiva de Andrade.

ASSOMADA (de *assomar*) — Lugar alto, cume, cabeço de monte. Por Sá de Miranda, Camilo.

ATAFONA (do árabe *at tahuna*) — Engenho ou máquina de moer grão, moinho. Por Amador Arrais, Camilo.

AVENTAR (de *vento*) — Descobrir, encontrar. Por João de Lucena, Francisco de Andrade, Aquilino.

AVEZAR (de *a vezar*) — Acostumar, habituar. Por Frei Luís de Sousa, Ferreira de Vasconcelos. Na acepção de *ter, possuir*, foi usado por Aquilino.

B

BALANDRAU — Vestidura antiga usada pelos moiros; sobretudo; corpo largo mal talhado.

BANZO (do cast. *banzo*?) — Cada um dos dois paus compridos e paralelos da escada de mão. Por Aquilino. Como braços de andor é usado por Camilo.

C

CAMOEGA (pop.) — Bebedeira. Por Aquilino.

CATACEGO (Pop., de *catar cego*) — Pessoa que vê pouco, pessoa pouco atilada.

GLOSSARIO

CHANEZ — Emprega aqui o masculino da palavra *chaneza* (simplicidade), no sentido da ignorância.

CIRANDAGEM (de *cirandar*) — Acto de peneirar. Formas do verbo *cirandar* (na acepção de *peneirar*) são empregadas por Aquilino.

COCHE — Tabuleiro com rebordos para transportar cal.

E

EFUNDIR (do lat. *effundere*) — Tirar para fora, derramar. Por Aquilino.

EMENDAÇÃO (de *emendar*) — Acto de emendar.

ENSANCHA (de *ensanchar*) — Sobra acresceto. O v. *ensanchar* é utilizado por Latino Coelho.

ENTENEBRAR (do lat. *tenebra*) — Cobrir de trevas, o mesmo que entenebrecer. Usado por Camilo.

ENTENEBRECER (do lat. *tenebrescere*) — Cobrir de trevas, entristecer. Usado por Herculano, Camilo, Aquilino.

ENTREFIGURAR — Parecer.

ESCARMENTAR — Repreender, castigar, tornar-se prudente. Na última acepção é usado por Castanheda.

ESCURIDADE (do lat. *obscuritate*) — Ecuridão. Por António Vieira, Francisco de Moraes, Herculano, Camilo.

ESMARRIDO (de *esmarir*) — Seco, ressequido, triste.

ESMERILHADOR (de *esmerilhar*) — Que examina, investiga. Usado por Camilo.

ESPERDIÇAR — Desaproveitar, dissipar. Por Francisco Manuel de Melo, Odorico Mendes.

BOM SENSO E BOM GOSTO

ESTILAR (do lat. *stulare*) — O mesmo que destilar, gotejar. Por Camões, Camilo.

ESTREMAR (de *estremo*) — Dividir, separar. Usado com esta acepção por António Vieira, Camilo.

F

FILAUCIA (do grego *philaucia*) — Bazófia, jactância. Usado por Bocage, Aquilino.

FLORENTE (do lat. *florente*) — Que está em flor, próspero. Usado por Correia Garção, Amador Arrais, Camilo.

FUTURAÇÃO (de *futurar*) — Acto de futurar. O v. *futurar* é usado por Camilo, Aquilino.

I

IDEALIDADES (de *ideal*) — Fantasia, imaginação. Usado por Camilo.

INERRANCIA (de *in*, pref., *errância*) — Impossibilidade de errar.

INEXPERTO (do lat. *inexpertus*) — Inexperiente. Usado por Dinis da Cruz e Silva.

INSINUATIVA (de *insinuativo*) — Arte de insinuar. Usado por Machado de Assis.

M

MARASMADO (de *marasmar*) — Que calu em marasme, atonia. Usado por Correia Garção. O v. *marasmar* é usado por Camilo.

MÍSTICO (do lat. *mistu*) — Encravado, contíguo, anexo, perto.

GLOSSARIO

N

NÍMIO — Sobejo, exagerado. Usado por Manuel Bernardes, Oliveira Martins.

O

OBJURGADO (de *objurgar*) — Censurado, repreendido. O v. *objurgar* é usado por Camilo, o *subobjurgatória* é empregado por Camilo, Aquilino.

OURADO (de *ourar*) — Tonto, entontecido. Usado por D. Francisco Manuel de Melo, Camilo.

P

PECHOSO (de *pecha*) — Defeituoso. Usado por António Ferreira,

PERIMIDO (de *perimir*) — Terminado, sustado. O v. é usado por Aquilino.

POSTERGAR (do lat. *postergare*) — Deixar em atraso, preterir, desprezar. Usado por Camilo.

POUQUIDADE (de *pouco*) — Pequeno mérito, deficiência de aptidão ou préstimo. Usado por João de Barros, Herculano.

PRECITO (de lat. *praescitu*) — Condenado, maldito. Usado por António Vieira, Herculano, Aquilino.

PRESTADIO (de *prestar*) — Prestável, serviçal, útil. Usado por Camilo, Aquilino.

PROFICUIDADE (de *proficuo*) — Vantagem, utilidade. Usado por Fialho de Almeida,

R

RABUSCO — O mesmo que *rebusco*. Nome dado aos restos que ficam nas vinhas, soutos, etc., depois da colheita. Usado por Aquilino.

REBATINHAS (AS) — A porfia. Usado por Aquilino.

REDESCENDER (do lat. *re+descendere*) — Tornar a descer.

REESTAMPAR (de *re+estampar*) — Reeditar. Usado por Rui Barbosa.

REFOCILAR (do lat. *refocillare*) — Recrear, descansar. Na forma reflexa é usado por Camilo e Ramalho.

REMontADA (de *remontar*) — Elevado, alteado, distante, nobre sublime. Usado por Franco Barreto, Camilo, Aquilino.

S

SELVAJINHA (de *selvagem*) — Parvo, tolo, pateta.

SIMPLICE (do lat. *simplice*) — O mesmo que simples. Usado por Garrett.

SOBEJIDÃO (de *sobejo*) — Qualidade do que é sobejo, fartura, excesso. Usado por Rodrigues Lobo, Ferreira de Vasconcelos, Herculano.

T

TRANSMONTADO (de *transmontar*) — Embora não venha registado no Dicionário Moraes, parece-nos que o sentido aqui é de desviado, afastado.

TRIAGA (do greg. *theriaké*) — Veneno. Usada por Camões, Herculano.

TUGÚRIO (do latim *tuguriu*) — Casa rústica, pobre. Usado por Machado de Assis, Castro Alves.

TUMIDEZ (do *túmido*) — Que é tímido, inchação. Usado por Ramalho.

U

UDA — Graúda, colsa grande.

V

VENUSTADE (do lat. *venustate*) — Qualidade do que é venusto (gracioso). Usado por Fialho. O adj. *venusto* é empregado por Camões, Latino Coelho.

COLECCÃO PORTUGÁLIA

Biblioteca de Estudos sobre a Vida Portuguesa

1. AUGUSTO DA COSTA DIAS - *A Crise da Consciência Pequeno-Burguesa (I. O Nacionalismo Literário da Geração de 90)*.
2. CAMILO CASTELO BRANCO - *As Polémicas de Camilo*, 1.º vol.
3. JOSÉ ESTÉVÃO - *Obra Política*, 1.º vol.
4. JOSÉ ESTÉVÃO - *Obra Política*, 2.º vol.
5. JOEL SERRAIO - *Temas Otto-centistas - II (Para a História de Portugal no século passado)*.
6. MONIZ BARRETO - *Estudos Dispersos*.
7. VICTOR DE SÁ - *Perspectivas do Século XIX*.
8. ARMANDO CASTRO - *A Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV*, 1.º vol.
9. CAMILO CASTELO BRANCO - *As Polémicas de Camilo*, 2.º vol.
10. ARMANDO CASTRO - *A Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV*, 2.º vol.
11. CÉSAR NOGUEIRA - *Notas para a História do Socialismo em Portugal (1871-1910)*, 1.º vol.
12. A. H. DE OLIVEIRA MARQUES - *Ensaio de História Medieval Portuguesa*.
13. ARMANDO CASTRO - *A Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV*, 3.º vol.
14. ANTÓNIO BORGES COELHO - *A Revolução de 1383*.
15. JOSÉ TENGARRINHA - *História da Imprensa Periódica Portuguesa*.
16. AUGUSTO DA COSTA DIAS - *Discursos sobre a Liberdade de Imprensa (1821)*.
17. ARMANDO CASTRO - *A Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV*, 4.º vol.
18. ALBERTO FERREIRA - *Bom Senso e Bom Gosto - Questão Coimbrã (1865)*, 1.º vol.
19. CÉSAR NOGUEIRA - *Notas para a História do Socialismo em Portugal (1896-1925)*, 2.º vol.
20. ARMANDO CASTRO - *A Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV*, 5.º vol.
21. D. FRANCISCO MANUEL DE MELO - *Alterações de Évora (1637)*.
22. FLAUSINO TORRES - *Notas acerca da Geração de 70*.
23. ARMANDO CASTRO - *A Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV*, 6.º vol.
24. CAMILO CASTELO BRANCO - *As Polémicas de Camilo*, 3.º vol.
25. ALBERTO FERREIRA - *Bom Senso e Bom Gosto - Questão Coimbrã (1866)*, 2.º vol.
26. ARMANDO CASTRO - *A Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV*, 7.º vol.
27. ARMANDO CASTRO - *A Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV*, 8.º vol.
28. ALBERTO FERREIRA - *Bom Senso e Bom Gosto - Questão Coimbrã (1866)*, 3.º vol.
29. ARMANDO CASTRO - *A Evolução Económica de Portugal dos Séculos XII a XV*, 9.º vol.
30. CAMILO CASTELO BRANCO - *As Polémicas de Camilo*, 4.º vol.
31. ALBERTO FERREIRA - *Bom Senso e Bom Gosto - Questão Coimbrã (1866)*, 4.º vol.

**Este livro foi composto
e impresso para a
PORTUGALIA EDITORA
[Aven. da Liberdade, 13 - 3.º]
na SOCIEDADE ASTÓRIA, LDA.
Lisboa**

Novembro de 1970

1. *Estudos Dispersos*
por Moniz Barreto
Colectânea, prefácio e notas de
Castelo Branco Chaves.
2. *As Polémicas de Camilo—II*
Recolha, prefácio e notas de
Alexandre Cabral.
3. *Bom Senso e Bom Gosto.*
Questão Coimbrã—I
por Alberto Ferreira
Textos integrais da polémica.
Recolha, notas e bibliografia
por Maria José Marinho.
4. *As Polémicas de Camilo —*
III
Recolha, prefácio e notas de
Alexandre Cabral .
5. *Bom Senso e Bom Gosto.*
Questão Coimbrã—II
por Alberto Ferreira
6. *Bom Senso e Bom Gosto.*
Questão Coimbrã—III
por Alberto Ferreira
7. *As Polémicas de Camilo —*
IV
Recolha e notas de Alexandre
Cabral.
8. *Bom Senso e Bom Gosto.*
Questão Coimbrã—IV
por Alberto Ferreira

Série «Ciências Sociológicas e
Psicológicas»

1. *Perspectivas do Século XIX*
por Victor de Sá

Série «Economia e Técnica»

- 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9. *A Evo-*
lução Económica de Portu-
gal dos Séculos XII a XV
por Armando de Castro
No prelo o X volume.

Série «História»

1. *Ensaio de História Medie-*
val Portuguesa
por A. H. de Oliveira Mar-
ques
2. *A Revolução de 1383*
por António Borges Coelho
3. *História da Imprensa Periód-*
ica Portuguesa
por José Tengarrinha
2.ª edição
4. *Alterações de Évora / 1637*
por D. Francisco Manuel de
Melo

Introdução, fixação do texto.

Colecção Portugália

biblioteca de estudos sobre a vida portuguesa

a História

a Cultura

a Terra

os Homens

243734





